

# 11<sup>o</sup> Festival do Folclore

11 a 18 de agosto de 85



Olímpia-SP

Colaboração

**BRADESCO**

o banco brasileiro



## MAIORIDADE DO FESTIVAL

Quem continuamente faz tudo quanto as suas possibilidades lhe permitam, e pensa, ao fazê-lo, no bem que a sua obra trará à coletividade, achará que todas as coisas concorrem para facilitar o seu trabalho.

Em quaisquer circunstâncias, cada vicissitude que atravessamos, seja alegre, seja aflitiva ou até mesmo trágica, equivalerá a uma porta aberta para o desfrute de gozos mais deleitáveis e mais abundantes benefícios que os já conhecidos.

A iniciativa, quando acertada e conveniente, impele-nos para a frente e abre-nos as portas da prosperidade.

O hábito de trabalharmos só em conformidade com instruções recebidas, como se nos arrancassem da mão a caneta ou a enxada, ou à espera de que nos digam o que haveremos de fazer e de que maneira, é um obstáculo terrível no caminho do êxito.

Os que confiam na sorte ou esperam a ocasião, sem nada fazer a provocar, nunca podem avançar muito neste mundo, ao passo que as pessoas de iniciativa vão muito longe e atingem o termo de sua legítima aspiração.

Nosso Festival teve seu humilde início em agosto de 1965, em praça pública, e desde essa data nossos companheiros de ideais já estavam convencidos de que ninguém seria capaz de fazer grande trabalho, se não o empreendessem com disposição resoluta que não conhecesse a retirada e não lhe infundisse o entusiasmo que desfaz os obstáculos e remove todos os estorvos. De lá até nossos dias, fomos enérgicos e entusiastas e não nos deixamos arrastar pela paixão. Expandimos nosso entusiasmo até mesmo nos momentos de lazer.

Quando as circunstâncias nos foram adversas, conservamos o espírito desanuviado, apagando dele as recordações tristes, as memórias amargas e os infortúnios passados. Assim, soubemos expulsar todos os pensamentos de temor, de aflição, de ódio, de maledicência, para que não prejudicassem a simetria, nem manchassem a beleza do nosso Festival.

A maior parte do nosso trabalho pareceu, à primeira vista, ninharias; todavia, assim como as montanhas se formam de grãos de areia, os mares de gotas de água, a eternidade de breves instantes, assim também as ninharias cotidianas acumuladas acabaram por formar a estrutura de um Festival gigantesco.

Em consequência *Olimpia*, cidade brasileira, paulista, onde se realiza, anualmente, no mês de agosto, durante oito dias, um Festival devotado à preservação da cultura folclórica nacional, passou a ser considerada a Capital do Folclore, parodiando o esplendor de sua homônima *Olimpia*, cidade grega, onde se realizavam, de quatro em quatro anos (e acontece ainda hoje) as competições esportivas, chamadas olimpíadas, universalmente conhecidas.

Não temos necessidade de maior divulgação, glória ou fama, mas sim de um maior número de pessoas dominadas pelo desejo de melhor servir participando, efetivamente, do Festival, garantindo, desta forma, a preservação da cultura folclórica nacional.

Vinte e um anos de festa! Festa da emancipação! Que os olimpienses de boa vontade compreendam: o Festival jamais poderá sucumbir, porque se tornou em positiva realidade.

Haveremos todos nós, filhos da idolatrada *Olimpia*, de manter no nosso espírito pensamentos vigorosos, harmônicos e agradáveis, ainda que se levantem barreiras que digam não.

Nosso êxito não foi espontâneo, não foi concedido; conquistamo-lo. Requereu um trabalho organizado por meio da perseverança concentrada no senso comum, sob o auxílio de Deus.

*José Sant'anna*  
- Criador do Festival -

## SAMBA-LENÇO



Dentre as danças folclóricas introduzidas pelos negros, encontra-se, no Estado de São Paulo, o *Samba-lenço*. Aliás, um único grupo apenas, cujo chefe, Sr. João da Rocha, reside em Mauá.

As mulheres usam vestido comprido, com babado franizado na barra, nas mangas e nos decotes. O estampado é alegre, de cores vivas e variadas. Acompanha o traje anáguas também com babados na barra. Na cabeça, um lenço de qualquer cor. A ornamentação consta de colares, broches, pulseiras e brincos.

Os trajes são diversos e em todos eles entra o bom gosto da harmonização das cores. As mulheres evoluem-se, em agilidade, segurando um lenço branco na mão.

Também a fantasia dos homens é bem variada: calça de pernas fofas, camisas de mangas compridas, faixa na cintura, às vezes cinturão com revólver, lenço (turbante) na cabeça e um lenço no pescoço. O que muito varia na apresentação dos homens é a harmonização e combinação das cores. Todos do grupo usam tênis branco, alparcata ou sandália, mas lamentam não dançar descalços, como primitivamente dançavam. As cores vivas dos trajes, combinadas entre si, durante a dança, formam um espetáculo belíssimo que agrada a qualquer espectador.

Os instrumentos que marcam o ritmo do *samba-lenço* são os membranofones e os idiofones. Há muita riqueza rítmica e polirritmia das danças. São instrumentos do grupo: *Zabumba*, tambor grande, em geral de cedro, com couro de cabrito o qual é preso ao instrumento por meio de cordas. É tocado com o "maia", pedaço de pau com enchimento de pano em uma das pontas e ornamentado com flores e fitas coloridas. Há no grupo um *zabumbeiro*, João, que se entrega de corpo e alma ao seu instrumento, tocando-o e fazendo posições e movimentos difíceis e extravagantes. *Caixas* (grande e pequena) construídas de cedro e de couro de cabrito, amarradas por cordas grossas. São tocadas com dois "cambitos" que recebem também o nome de "baquetas ou vaquetas". Ambas são enfeitadas com flores e fitas coloridas. *Guiá*, do formato de um pião, é feito de folha-de-flandres. Instrumento oco e dentro colocam-se chumbo ou pedrinhas. *Reco-reco*, feito de bambu, tendo de um lado talhes e sobre estes, de uma ponta à outra, prende-se uma mola. Toca-se com um ferrinho sobre a mola. *Caracaxá*, de pinho, tem a forma de um retângulo aberto que termina por um cabo. Na abertura há cinco grupos de tampinhas de cerveja amassadas. Cada grupo contém oito tampinhas. *Pandeiro*, feito de arco de barril ou de madeira, com couro de cabrito. Possui soalhas de lata.

As melodias do *samba-lenço* são simples, curtas, em número variado e se repetem diversas vezes durante a dança. A música é agradável e fácil. As melodias entoadas são cantadas, em coro, por todos que assistem às apresentações do grupo, a partir da segunda vez que são ouvidas. Dançam em louvor a São Benedito.

*Samba-lenço* é um conjunto maravilhoso que, desde 1966, participa dos festivais de *Olimpia*. Graças à sua simpatia e beleza ímpar, ocupa um lugarzinho no coração de cada olimpiense, que não se cansa de aplaudi-lo. Foto da dança realizada em maio de 1985.

*José Sant'anna*  
Coordenador do FEFOL



# ANUÁRIO DO FOLCLORE

21.º FESTIVAL DO FOLCLORE

11 a 18 de agosto de 1985

Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia.

ANO XII

22 de agosto de  
1985

N.º 15

## SUMÁRIO

- 1 — O novo simbolismo do Curupira
  - 2 — Folclore Educacional
  - 3 — Moda da pinga
  - 4 — Seis contos folclóricos
  - 5 — Triscaidecafobia
  - 6 — Quadras-adivinhas
  - 7 — Folclore escatológico
  - 8 — Educação Moral e folclore
  - 9 — Fórmulas estereotipadas no conto popular
  - 10 — Retalhos — Artesanato fantástico
  - 11 — Medicina da tia Marcolina
  - 12 — O povo curando a bronquite
  - 13 — Ambrosia
  - 14 — Serenata — dos trovadores aos seresteiros
  - 15 — Arco-íris
  - 16 — Brinquedos de roda
  - 17 — Mãe-da-mula
  - 18 — Um punhado de adivinhas
  - 19 — Olhar de seca-pimenteira
- Departamento de História  
Noticiário  
Agradecimento ao Bradesco

## EXPEDIENTE

Rua Jorge Tibiriçá, n.º 420  
Caixa postal 60  
Telefone: (0172) 81-1929 — R. 14  
Patrimônio de São João Batista  
15 400 — Olímpia — SP

Diretor: José Sant'anna

Redatora: Iseh Bueno de Camargo

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva,  
Célio José Franzin e Sidney  
Carlos Schalch.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações deste Anuário podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.



# O novo simbolismo do Curupira

LUIZ BELTRÃO

Professor do Centro de Estudos  
Universitários — Brasília (DF)

“Longe de ser o livre animal imaginado pelos românticos, o selvagem da América, aqui surpreendido em plena nudez e nomadismo, vivia no meio de sombras de preconceito e medo; muitos dos quais nossa cultura mestiça absorveu, depurando-os de sua parte mais grosseira ou indigesta. É assim que a noção de caiporismo, tão ligada à vida psíquica do brasileiro deriva-se de crença ameríndia no gênio agourento do caipora; este era um caboclinho nu, andando de uma banda só, e que quando aparecia aos grandes era sinal certo de desgraça. Sumiu-se o caipora, deixando em seu lugar o caiporismo, do mesmo modo que desapareceram os pajés deixando atrás de si primeiro as “santidades” do século XVI, depois várias formas de terapêutica e de animismo, muitas delas hoje incorporadas, junto com sobrevivências de magia ou de religião africana, no baixo espiritismo, que tanta concorrência faz à medicina à européia e ao exorcismo dos padres, nas principais cidades e por todo o interior do Brasil.” — Gilberto Freyre.

O caçador ou viajante noturno que, ao atravessar a mata, ouve assobios poderá avistar o Caipora, um dos entes fantásticos da mitologia tupi-guarani, que se confunde e divide com o Curupira a faina de assombrar e trazer má sorte ao homem brasileiro que ousa infligir suas normas de controle da fauna florestal. O assobio, o fumo e a cachaça são indícios seguros da presença do Caipora, tanto que o povo pinta o duende com as expressões verbais — *fumar/beber* ou *assoviar como o Caipora*.

Assim, o caçador ou o viajor prevenido leva sempre consigo fumo e aguardente para satisfazer o pedido do Caipora. Outros preferem evitar o encontro e fazem como os índios: conduzem um tição flamejante, pois, como fantasma da noite, o Caipora foge da claridade.

De acordo com Câmara Cascudo, o Caipora (de Caá — mato — e pora — habitante, morador) é um gênio da selva: a sua representação originária e mais vulgarizada é a de “um pequeno indígena, escuro, ágil, nu ou usando tanga, fumando cachimbo, doido pela cachaça e pelo fumo, reinando sobre todos os animais e fazendo pactos com os caçadores, matando-os quando descobrem o segredo ou abatem maior número das peças combinadas”.

Em certas regiões do país, “agigantado pelo medo que espalhava no mistério da floresta”, o Caipora se apresenta “como um homem grande coberto de pêlos negros por todo o corpo e cara, montado sempre num porco de dimensões exageradas” (Couto de Magalhães). No Ceará, “aparece com a cabeleira hirta, olhos em brasa, cavalgando o corpo caítitu, e agitando um galho de japecanga. Engana os caçadores que não lhe trazem fumo e cachaça, surra impiedosamente os cachorros”. A mesma aparência agigantada, ele a toma no Rio Grande do Sul e no Paraná.

Para Cascudo, o Caipora pequenino e popular é o velho Curupira (de *Curu* — contração de *corumi*, e *pira*, corpo, corpo de menino, segundo Stradelli), representado como um anão, com os pés ao inverso, isto é, os calcanhares para a frente. O que faz a diferença é exatamente a normalidade dos pés do Caipora. Ambos os duendes residem no interior das matas, nos troncos de velhas árvores, cabendo-lhes o controle da caça e a guarda das

florestas e “exercendo uma espécie de função protetora, de modo a não permitir a sua devastação”, conforme Waldemar Valente.

Em alguns pontos do Nordeste, muda de sexo e surge como “uma indiazinha amiga do contato humano, mas ciumenta e feroz se traída. Quem a encontra fica infeliz nos negócios e em tudo quanto empreender”. Na Bahia, é “uma cabocla quase negra ou um negro velho, e também um negrinho em que *só se vê uma banda*” (Silva Campos), lembrando os *Ma-Tébélés* africanos (Blaise Cendrars) ou os *Nisnas* clássicos evocados por Gustave Flaubert na *Tentação de Santo Antônio*.

Parece que, ao mudar de sexo, o duende muda também de hábitos. Altamar Pimentel recolheu, de um tio de sua mãe, um caso em que intervém a *Caboquinha* que, encontrando-o numa caçada até então mal sucedida faz com ele um trato: dar-lhe-ia muitos bichos em troca de “uma cumbuca, um cabaço de mingau”. O caçador volta para casa com muito bicho e explica à mulher como os havia apanhado. A seu pedido, a esposa preparou o mingau mas, de propósito, carregou na pimenta. Quando o caçador entregou a cumbuca à *Caboquinha* e esta sentiu o ardor da pimenta ficou enraivecida, “quebrou um gaio de mato, puxou e meteu-lhe a peia. Lepo! Lepo! Lepo! . . . Deu-lhe uma surra, coitado, que o pobre do homem obrou-se todinho e nunca mais quis saber de caçada”!

Em Minas Gerais e na região do vale do São Francisco, o Caipora é um ente perigoso para aqueles que desobedecem suas ordens e recusam seus pedidos. Esses infelizes são mortos ou feridos gravemente. Em algumas regiões, como em Sergipe, o método usado pelo Caipora para liquidar suas vítimas é fazer-lhe cócegas.

Donald Pierson, conforme Cascudo, em pesquisa na Bahia, encontrou a versão “de que o caipora pode ser afastado mastigando-se alho” e recolheu um episódio comprovador da existência real do Caipora, ocorrido com um imigrante português, “homem honrado e digno de fé, que foi avisado para não caçar às sextas-feiras. Ele riu-se do aviso e foi ao mato procurar jacus: achou um e atirou. O jacu voou para ele com as garras estendidas e arranhou-o cruelmente. Ele atirou outra vez. O jacu voltou e arrancou-lhe os olhos. Então, ele ouviu uma voz dizer: “Você sabe que não deve caçar nas sextas-feiras”. Era o Caipora. O homem voltou cambaleando para casa e caiu sem sentidos na porta”.

Comenta Cascudo que a interdição da caça na sexta-feira, dia em que Nosso Senhor foi crucificado, identifica a influência da catequese católica. Aliás, deve-se a Anchieta a primeira referência aos entes fantásticos da selva brasileira, datada de São Vicente, 30 de maio de 1560: “É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios a que os brasis chamam *Corupira*, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos Curupiras que não lhe façam mal”.

O Curupira é, assim, segundo o mestre potiguar, o único fantasma brasileiro colonial que recebia oferenda



propiciatória. Se para o apóstolo do nosso índio o Curupira era um demônio, para o silvícola era o nome protetor das árvores e da caça, vingador terrível das quebras de promessas, punindo com a morte ou com o abandono aqueles que não lhe obedecem ou divulgam seus segredos.

Pequenino, com uma cabeleira rubra, às vezes calvo, longas orelhas, dentes azuis ou vermelhos, sem orifícios para as secreções, corpo peludo, um imenso pênis com o qual bate nas árvores para verificar sua resistência às tempestades, o Curupira tem os pés voltados para trás, deixando rastros mentirosos na areia, que fazem caçadores e viajantes perder o rumo certo, transviando-se dentro da floresta. Sua força física é prodigiosa e ninguém pode conter sua fúria se lhe servem alimentos com pimenta ou alho. Barbosa Rodrigues (*Poranduba Amazônica*) acredita que o mito do Curupira é asiático, vindo em migrações pré-colombianas. Dos nauás passara aos caríbas e destes aos tupis-guaranis.

A lenda da desmedida força e invencibilidade do Curupira é registrada pelos pesquisadores nas histórias recolhidas em diferentes tribos indígenas, como aquela traduzida da língua dos Tukano do alto rio Negro pelo padre Eduardo Lagório: "Um rapaz, para bancar o valente, começou a dizer que não tinha medo de ninguém, sequer do Curupira. — Se eu o encontrar, sou capaz de matá-lo! — vivia se gabando. Um belo dia, o valentão saiu para pescar, realmente disposto a enfrentar o Curupira. Ora, não precisou esperar muito. Mal tinha arpoado uns peixes, ele apareceu. O rapaz então pegou o arpão e atacou. Mas quando estava lutando e querendo pegá-lo, o bicho foi crescendo, crescendo de tamanho, e ficou enorme. Aí levantou o coitado por cima dos galhos de uma ingazeira que estava perto, deu-lhe uma pisa bem grande e foi embora. Só depois foi que o rapaz conseguiu recuperar a voz e chamar os parentes para acudi-lo. Foi encontrado quase morto".

Para as populações interioranas mais isoladas do País, altamente supersticiosas, o Curupira ou o Caipora, que se confundem, têm existência real. Suas manifestações figuram nos contos folclóricos e nos versos dos poetas de cordel, verdadeiros guardiões das tradições populares. Ainda em julho de 1980, Franklin Machado, baiano, radicado no Rio, advogado e jornalista, que edita seus folhetos em São Paulo, sob o pseudônimo de *Maxado Nordestino*, publicou uma história intitulada *O Cangaceiro Que Deu Para Beato Ao Fugir Da Caipora*, em que narra o acontecido com um cabra de Lampião, de nome *Medonho*, tão corajoso e cruel que metia medo até aos companheiros. O bandido entrava mato a dentro sem pedir licença ao duende, sem deixar-lhe o presente de fumo: caçava a seu bel-prazer e judiava dos animais. Não acreditava na Caipora e "até de Deus ele agoura". Uma noite porém, no mato fechado, encontrou o estranho ser:

"A Caipora ou Curupira  
É dona de todas plantas  
E dos animais dos campos  
Como as aves e as antas.  
.....

Ela tem os pés pra trás  
E anda sempre montada  
Em um caititu dentuço  
De uma cor anegrada  
Contam que esse porco espinho  
Foi uma alma penada.

A Caipora é pequena  
Mas também não é menino  
Não é preto como Saci  
Mas é um rapaz malino  
Tem os cabelos de fogo  
Que ondulam em desatino.  
.....

Quando Medonho olhou  
Aquele fogo em clarão  
Dos cabelos flamejantes  
E uma voz de trovão  
Um par de olhos em brasa  
E dentes alvos no carvão..."

curvou-se à realidade, virou penitente, conquistou a paz e a amizade de bichos e gentes. Bem velho, espera tranqüilo o seu dia desde que, tendo escapado à matança de Angicos, "entre a fé e o cangaço, seu coração não mais balança".

## AS METAMORFOSES DO CAIPORA

Não é surpreendente que o ente diabólico do registro de Anchieta, e que tem aparecido sob tão diversas formas, sobreviva transmigrado para certos animais, Caiporas zoomórficos, como o gato preto, sinônimo de azar; o sapo, que quando "salta na soleira da porta de uma casa o morador deve agarrar uma vassoura e dali depressa varrê-lo par fora, repetindo três vezes essas palavras — "creio em Deus Padre" (Saul Martins); e ainda o acauã, o anum, o jacamim, o morcego, a borboleta negra, a galinha quando imita o canto do galo, todos prenunciadores de desgraças.

Dão peso também a criação de pombos e a conservação de artefatos de chifres de boi dentro de casa, "ao contrário do próprio chifre ou da caveira de boi — antípoda, no caso, da caveira de burro — protetores das plantas e do comércio", como lembra Mauro Mota, na sua relação de animais azarentos, que inclui o urubu, evocado por Augusto dos Anjos no conhecido verso: "Ah! Um urubu pousou na minha sorte!", e no adagiário urubu quando está de azar, o de baixo caga no de cima; urubu quando está caipora não há galho que o agüente... atola até em lajedo. Ou ainda a coruja, como o próprio Caipora, "noturna e saturna, quando voa sobre as casas, com seu canto semelhante ora a um rasgar de pano, avisa a morte, corta a mortalha de alguém".

Há indivíduos, homens e mulheres, que incorporam os poderes maléficos do Caipora. São os *jettatori*, portadores de olhos maus (*olhos de coruja, olhos de seca-pimenteira*, pois transmitem o mal até às plantas), cuja presença, fala ou mesmo mensagem à distância provocam alteração na saúde de suas vítimas, retirando-lhes as forças, fazendo-as definharem, prostrar-se de tal modo que se tornam infensas a qualquer terapêutica, inexoravelmente condenadas à morte. Os médicos não conseguem diagnosticar a enfermidade, o quebranto provocado pelo mau-olhado.

Cascudo, em seu citado Dicionário, lembra que tradistas portugueses de até o século XVIII se ocupavam com seriedade da "Fascinação, quebranto ou mal de olho", como o fez F. da Fonseca Henriques, reportando-se ao famoso *Medicina Lusitana Socorro Dêlfico*, editado em 1731, considerando-o um "mal perigoso, por ser feito de uma qualidade venenosa, que subitamente ofende os fascinados a cujos danos ordinariamente não se acode com os remédios de que necessita, pela pouca lembrança que se tem do quebranto, e porque ele excita febres, dores de cabeça e outros sintomas que representarão uma doença de aspecto grave, tratando-se destes males com remédios evacuentes, maior o perigo, porque se debilitam as forças, e cresce o dano enquanto não se cura o olhado".

Os casos de mau-olhado se sucedem, mesmo nas classes cultas, toda vez que os médicos não diagnosticam logo uma enfermidade ou o tratamento não está dando certo. O doente, em geral, é acometido de repente pela estranha moléstia: "sente umas coisas que sobem e descem; às vezes dá-lhe para rir, outras vezes para chorar... tem um lado quente, outro frio; ora vê uns coriscos vermelhos e azuis diante dos olhos" — registra Viriato Padilha (*Os Roceiros*, cit. por Cascudo). E Her-



nani de Irajá (*Feitiços e Crendices*, idem) narra um caso: “Eu ia saindo do portão com o menino quando passou uma velha e, olhando para a criança, exclamou: Que lindo! É mesmo como o Menino Jesus! Uma semana depois a criança morria de varíola”. Com o tio José, de minha mulher, que tinha um olho vazado, acontecera fato semelhante: quando criança chamava a atenção pela beleza dos olhos. Uma velha passou, elogiou aquela boniteza; já à tardinha o olho direito do garoto ficou vermelho, resistiu ao colírio e terminou fora da órbita por toda a vida.

Os antidotos ao mau-olhado vão desde o ato de “cuspir logo fora” o elogio suspeito à beleza da pessoa visada, exclamando-se preventivamente “Deus o benza; Deus os prefaça”, até a aplicação de ervas medicinais ou de sementes da *Canvalaia gladiata*, que se colocam ao pescoço dos meninos mais expostos que são à perniciosa força dos olhos desses Caiporas disfarçados, sobretudo em mulheres. Contra as quais, já em 1690, nos advertia o Doutor Frei Manuel de Azevedo, no seu *Correção de Abusos Contra o Verdadeiro Método da Medicina*, citando por Cascudo:

“Que as mulheres sejam mais certas de dar olho, e fascinam, que os homens, se prova com elas serem de ordinário mais invejosas que os homens, mais fraudulentas, e mais cheias de humores fecais, os quais se a natureza não deita pelas evacuações menstruais, ficando repleto e cheio o corpo, se levantam fumos e vapores malignos, com os quais viciados mais os espíritos visivos, infeccionam, e matam a qualquer corpo que topam, e neste tempo se dá mais ordinariamente olho ou quebranto... E que as mulheres que com mais furiosa inveja dão olho, e quebranto, são as velhas; pois estas como já disformes, magras e no último de sua vida constituída, invejam qualquer olho e formosura, principalmente a que principia sua vida, desejando tornar à flor de sua idade e reverdecer nos costumes, e malícia”.

O sábio doutor frei falava de cátedra, pois confessa que fora alvo, por três vezes, de mau-olhado, e numa delas “já de bem dura idade”, valendo-se, para cura, “de pessoa que sabia e tirava, e tirando-me fiquei como dantes”. Ainda que defensor do “verdadeiro método” da medicina, ia ele buscar, longe dos esculápios e fora das boticas, a oculta ciência de benzedeadas, rezadeiras e curadores, como aquele “Dr. Raiz”, de que fala Mário Souto Maior, que vivia num subúrbio recifense, vendia ervas, fabricava garrafadas e, conforme cantou em folheto o poeta popular Delorme Monteiro Silva, tinha remédio para toda e qualquer doença, física ou não:

“Retirava o mau-olhado  
Com três folhas de pinhão.  
Também curava enxaqueca,  
Ventre caído, pulmão,  
Peito aberto e espinhela,  
Erisipela e sezoão”.

Souza Barros descreve o ritual da cura do mau-olhado: “Ao fazer a benção, comumente com um galho de arruda, acredita-se que por simpatia transfere-se o mau-olhado, e o galho da planta utilizada murcha imediatamente”. Há benzedores que terminam o processo curativo “levando o galho para as costas, para trás da pessoa, num sentido mágico de dar à doença uma porta de saída, simbólica, como a dos excrementos. Lança-se o galho para trás do corpo porque “a gente grande, às vezes, vem carregada de porcaria”. Em Viçosa, Minas Gerais, conforme Paniago, “a benzedeira pega um galho de arruda, molha-o na água e vai jogando na pessoa fazendo cruzeiros e rezando: “Bons olhos sejam os que o veja,

e os maus furados sejam. Em nome do Padre (†) do Filho (†) e do Espírito Santo (†). Vai para as ondas do mar salgado, onde não cante galo ou galinha”.

Mas não é só em animais e em indivíduos tomados pela inveja que o Caipora/Curupira se metamorfoseia: o gênio das florestas se aproveita dos atos dos incautos, dos modos com que usam os objetos mais diversos e até de sua profissão para fazer-se presente. Começamos pelos caçadores, suas vítimas preferenciais já que com ele têm maiores contatos: o caçador não deve rezar quando vai caçar, “pois Deus não gosta que se mate a criação”; pode desarmar a armadilha (mundéu) se nela encontrar um urubu morto; jamais deve usar espingarda sobre a qual uma mulher tenha saltado, e é melhor não perder tempo e voltar para casa, pois não vai pegar bicho nenhum, se no caminho encontrar mulher ou égua ou se, inadvertidamente, conduzir a espingarda de coice voltado para a frente (Saul Martins). Medo de malefícios tinham os índios da roupeta dos jesuítas, aos quais atribuíam doenças desconhecidas, o que os levava a esconjurá-los com a queima de pimenta e sal, como nos assegura o Pe. Simão de Vasconcelos, em sua *Crônica da Companhia de Jesus*, editado no Rio em 1864. Ainda hoje, muita gente se precavém, fazendo figa, se encontra um padre de batina, um rabino mata-galinha, um papa-defunto ou um coveiro em seu caminho.

E é interminável a lista dos *faz mal*: porque encaiporaram a pessoa não se deve enguiçar menino, matar gato ou urubu (sete anos de atraso), negar esmola quando se está comendo, dar roupa velha sem arrancar os botões, passar debaixo de escada, ter tapete com figura de dragão, pentear-se depois do pôr-do-sol, guardar vassoura de cabo para baixo, quebrar espelho, andar de costas, dormir com os pés voltados para a entrada da casa, levantar da cama ou atravessar uma porta com o pé esquerdo, deixar gamela emborcada ou chaleira com o bico para o lado da porta, queimar meia velha. Um sem-número de ações e gestos de que se vale o duende ameríndio para afirmar sua constância na vida dos homens que destruíram as matas em que o Curupira habitava e transformaram em deserto os verdes infundáveis da terra brasileira.

## UM NOVO SIMBOLISMO

A transformação do Curupira em *Patrono dos Festivais de Folclore de Olímpia*, reafirmando a força de um mito, confere novo simbolismo ao duende, cuja grande função de defensor da fauna selvagem e das florestas é apontada, em contraste com a supervalorização até bem pouco dada aos aspectos punitivos de suas manifestações, de que nos ocupamos neste estudo.

Aos que acaso estranhem que, em lugar de exaltar a figura de um Rondon ou de um Bernardo Saião, ou mesmo de um barão de Drummond, o criador do Jogo do Bicho para resguardar nos zoológicos espécimens da fauna em vias de desaparecimento, se haja escolhido essa entidade criada pela “mente pré-lógica, pré-científica”, com os objetivos de que nos fala Palmira Degásperi Rodrigues, poderemos responder que, nos nossos dias, talvez seja mais eficaz apelar para os gênios fantasiosos dotados de poderes sobrenaturais do que para o exemplo de heróis de carne-e-osso, sujeitos às fraquezas e à crítica humana.

O que se está fazendo na Amazônia com a maior reserva florestal do mundo, os atentados diariamente perpetrados contra a população selvagem do Pantanal matogrossense, as queimadas para a abertura das novas fronteiras agrícolas, as imensas crateras cavadas no solo desmatado para viabilizar a extração mineral, as áreas inundadas para a criação de lagos artificiais que garantam a produção de energia — tudo isso dentro de uma pasmosa indiscriminação de prioridades, tudo parece indicar que vivemos outra era de obscurantismo. As gerações que formam a população do nosso País, autoras de tais crimes, se constituem de mentes primitivas, que



perderam, sob o impacto de uma civilização consumista, o senso do equilíbrio que o silvícola (também objeto de uma verdadeira guerra de extermínio) detém.

Para gentes que põem sua fé no *Superman* e nos mísseis espaciais, não satisfazem explicações e exemplos reais: nesta época do "despertar dos magos", a evocação e a invocação do Curupira poderá ser melhor instrumen-

to para "operacionalizar as necessárias explicações sobre o universo natural" do que o frio e seco discurso científico. De Olímpia está partindo um exemplo a ser imitado por folcloristas de todo o País, em sua inestimável e imprescindível contribuição à educação e ao desenvolvimento nacional.

Brasília, maio de 1985

# Folclore educacional

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI  
Departamento de Folclore — Olímpia

Inicialmente, transcrevemos o que disse o respeitável escritor e renomado folclorista, Prof. Paulo de Carvalho Neto, em seu conceituado livro "Folclore e Educação", cuja primeira edição data de 1981, publicado pela Editora Forense-Universitária, Rio de Janeiro — RJ, nas páginas 11 e 12: "Os fatos utilizados pela escola, no momento em que passam a ser utilizados por ela já não são folclóricos propriamente dito, pois estão fora de seu habitat, ligados a situações distintas, num ambiente diferente e com outros portadores e outra motivação. Inevitavelmente, com outra forma, pois a uma mudança de motivação, de ambiente, de portador e de aprendizagem corresponde, necessariamente, uma mudança de forma. Se tais fatos deixam de ser Folclore, como chamá-los então? *Traslados*."

Os traslados folclóricos escolares, são, portanto, peças involuntariamente modificadas e que não interessam aos pesquisadores profissionais da Ciência do Folclore.

Ainda há outro tipo de utilização de peças que sofrem modificações mais a fundo: é chamada *projeção*. Podemos afirmar que as projeções são duplamente falsas devido às suas naturais condições de traslado e às deformações de projeção propriamente dita. Por mais fiel que seja o aproveitamento (casos de intercalação, de síntese, de fragmentação, de projeção completa) ele é sempre um traslado de fatos folclóricos. Em consequência, o projecionista não deve ser considerado folclorólogo; será dançarino, cantor, romancista, poeta, mas folclorólogo não, sempre e enquanto estiver praticando o aproveitamento. Uma coisa é trabalhar com fatos folclóricos e outra coisa é trabalhar com traslados de fatos folclóricos.

Concluindo, repetimos que há quatro diferenças básicas entre o mestre que aplica o Folclore Educacional e o folclorólogo: 1) Os pedagogos exercitam preconceitos diante dos fatos; os folclorólogos, não. 2) Os folclorólogos diagnosticam situações; os educadores se encarregam do saneamento. 3) O folclorólogo trabalha para o educador, mas este não trabalha para aquele e, nalguns casos, chega a ser-lhe adversário ao destruir-lhe o material. 4) Os fatos que o educador utiliza são traslados e projeções; os que estão ao alcance do folclorólogo são Folclore".

O Prof. José Sant'anna, nosso dedicado orientador, sugeriu-nos o emprego da palavra *parafolclore* para o que se aplica em Folclore Educacional e assim este termo vem sendo empregado por nós desde a criação do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia, em 1967.

O hibridismo *parafolclore* é formado do prefixo grego *pará* (perto de, ao lado de) e do vocábulo inglês *folclore* (ciência do povo). Realmente, folclore difere de parafolclore, pois este parodia aquele.

Pesquisando o folclore, em suas raízes, trazendo-o para o erudito realizar, é a forma de projetá-lo, e por que não conservá-lo. Esse elemento erudito vai-se habituando às formas pelas quais o folclore se apresenta em sua pureza e simplicidade, vai colocando nele sua cultura, sua personalidade, seu meio e assim a maneira de pensar, agir e sentir de um povo tem sua continuidade através de outras gerações, que mesmo não o criando, dá sua contribuição para preservá-lo.

Então o folclore nos dá numerosas formas e modos de infundir ao trabalho educacional maior caráter de funcionalidade, desenvolvendo capacidades de espírito crítico e invenção.

Todo folclore, ou melhor, todo o folclore aproveitável, representa rico manancial de temas educativos. Entretanto nos ativemos ao aproveitamento e aplicação de danças por representarem fonte inesgotável de temas educativos e por oferecerem elementos que atraem pela beleza a atenção. O mais difícil é compreendermos o folclore, mas depois que nele penetramos, vamos interessando-nos pelos assuntos e tornamos parte dele, pois o "folclore" somos nós; ele é um pouco de cada um de nós.

Além do fator educação, queremos colocar também o da preservação tendo em vista a ação dos meios de comunicação de massa, o corre-corre diário e a própria miscigenação que nos tem levado à perda de muita coisa que é nossa. Através do trabalho de projeção folclórica, temos oportunidade de fazer renascer e preservar danças já quase extintas. E este trabalho é exercido através do grupo de danças parafolclóricas, que criamos com jovens e crianças, estudantes dos diferentes graus de nossas escolas.

Ao adaptarmos as coreografias para o grupo, ressuscitamos danças que já estavam mortas ou quase extintas. Mas, para isso, há necessidade de um trabalho constante, organizado para preservar aquilo que ainda pode ser encontrado em nosso folclore. Ao enveredarmos pelo campo da projeção, fomos buscar ajuda e inspiração de outros grupos, também parafolclóricos, que poderiam nos servir de exemplos. Encontramos apoio primeiro do Rio Grande do Sul, que através de seus C.T.Gs. (Centros de Tradições Gaúchas) mantêm vivas suas tradições. Ali os pedagogos, especialmente nós de São Paulo, sofremos um impacto apaixonante, quando deparamos com jovens, crianças, velhos, homens, mulheres, de todas as camadas sociais, unidos em torno de suas tradições desde a alimentação até a indumentária. Isso leva os gaúchos a um grau de civismo e amor à terra, que nos impressiona e fascina. Um garotinho é capaz de dar-nos uma lição de Rio Grande, de brasilidade, que impressiona e causa inveja, enquanto convivemos com jovens que, às vezes,



têm que ser pressionados ou quase coagidos para cantarem o Hino Nacional.

Diante de tudo isso, nós nos propusemos a trabalhar para darmos uma pequena contribuição, trazendo aos paulistas esse carinho pela terra, pelo povo e por si mesmo, valorizando aquilo que é nosso, especialmente nos apossando de nossas coisas.

É mínima a nossa contribuição parafolclórica, mas é coisa concreta. Esperamos que esta pequena semente lançada à terra, germine e se faça uma grande árvore, que produzirá muito mais semente, produzindo bons frutos de nacionalidade.

E ao falarmos em nacionalidade, sentimos profunda tristeza ao avaliarmos a situação das tradições brasileiras. O afã pelo progresso, pelas posições sociais e financeiras, o estrangeirismo, a ação fortíssima dos meios de comunicação de massa visando interesses econômicos de empresas multinacionais, descarregam uma bateria de usos e costumes, músicas e danças que não têm nenhuma identificação com nosso povo e nossas origens. Dessa forma, massificados e manipulados, os nossos jovens vão perdendo a sensibilidade que os levaria a entender e valorizar o nosso folclore como fonte de cultura. Essa castração de nossos valores se acentua de forma sintomática no Estado de São Paulo, e também em outras regiões brasileiras onde nossos incipientes métodos educacionais são incapazes de educar nossos jovens, expostos à forte influência estrangeira, e por consequência, são transformados em esteriótipos de uma cultura sem pátria.

Diante dessa situação, apelamos para pais e educadores, no sentido de tomarmos uma posição, para que nossa dívida cultural não se perca em juros e correção monetária, porque a partir do momento em que cultura for direcionada para o brasileiro, teremos, um Brasil de brasileiros.

Dentre as danças pesquisadas e mantidas vivas por nosso grupo, descreveremos a *Chimarrita*.

Chimarrita é dança conhecida no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde foi introduzida por colonos, procedentes dos Açores, em 1741. Do Rio Grande do Sul expandiu-se para os demais Estados e para a Argentina. Era conhecida em Portugal, Açores e Madeira, diferindo a sua forma de uma para outra dessas regiões.

A Chimarrita provém de danças de roda do Continente. O seu nome focaliza uma personalidade feminina (Chama Rita).

No Brasil adquiriu características próprias e sofreu alterações em sua contextura. No início do século XIX passou a ser dançada no Rio Grande do Sul, por pares enlaçados, com aspecto de valsa e chote, enquanto no Paraná apresentava feição de polca e rancheira, sendo muitíssimo apreciada. Quando a tocavam, ninguém ficava sem dançar, razão pela qual era conhecida por "limpa-banco". É uma das mais antigas danças paranaenses.

No Rio Grande do Sul, em alguns locais é encontrada uma variante moderna da Chimarrita: a Chimarrita - Balão

A Chimarrita faz parte do Fandango gaúcho, como a faz do Fandango paulista do litoral. Neste, incluiu-se no Fandango-valsado, por não apresentar batidas de pés nem de mãos. É dançado em Cananéia (São Paulo) por pares enlaçados, guardando semelhança com o Samba de salão.

A Chimarrita era conhecida por Chimarrita nos Açores, Chama-Rita na Madeira. Chimarrita é o seu nome no Rio Grande do Sul e demais Estados, bem como na Argentina. Também é denominada Chimarrita em São Paulo.

Nos Açores e Madeira era acompanhada de canto, no qual se notava solo e coro. No Rio Grande do Sul, o canto se fazia em conjunto. Inicialmente era dança cantada, tendo sido encontrada também sem canto, embora seus versos sejam variados e bastante difundidos.

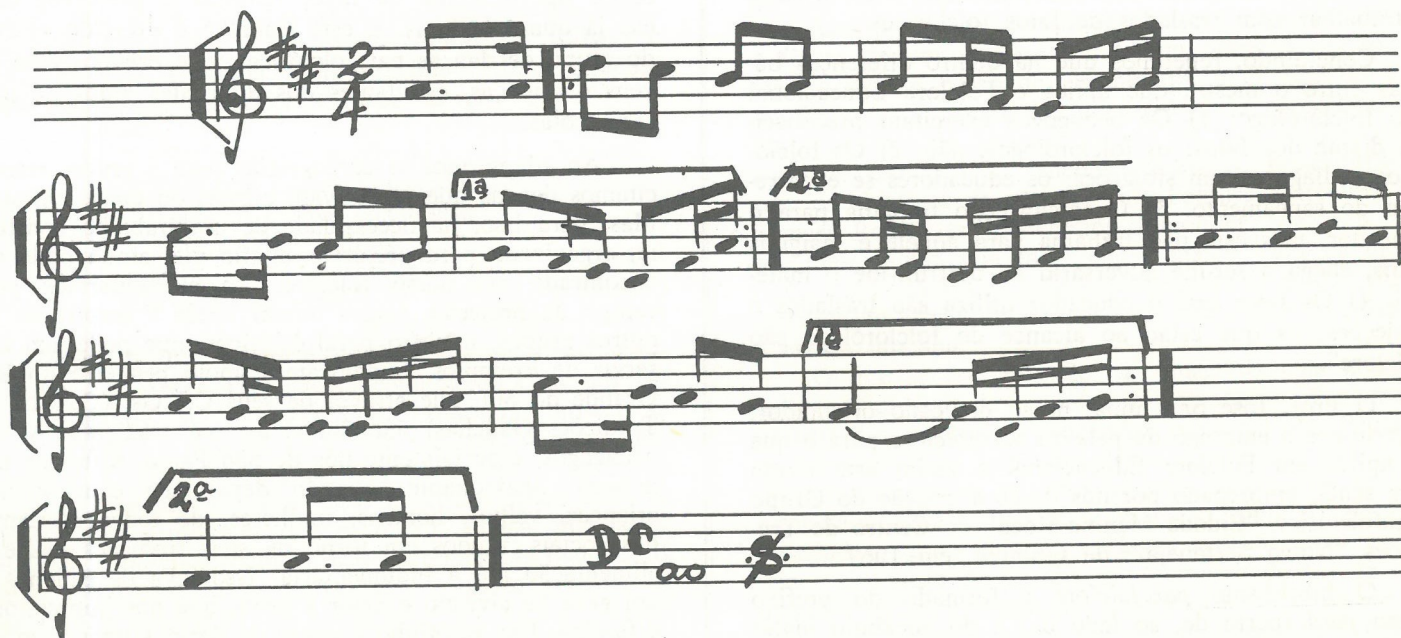
Tradicionais e muito interessantes são os que falam da pobreza da Chimarrita e ao mesmo tempo das vantagens por ela contadas.

Chimarrita é mulher pobre  
Não tem nada de seu,  
Só tem triste casaco velho  
Que sua sogra lhe deu.

Chimarrita diz que tem, diz que tem  
Sete saias de balão, de balão;  
É mentira ela não tem, ela não tem  
Nem dez réis para o sabão, pr'o sabão.

A Chimarrita, ora apresentada, é conservada pelo Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia.

A música é a mesma da Chimarrita gaúcha. Os movimentos coreográficos baseados em suas raízes trazem muito de criatividade do nosso grupo que já há alguns anos é o único a preservá-la.





## INDUMENTÁRIA

**Cavalheiros** — vestem-se à moda dos fazendeiros da época: chapéu, paletó, camisa de mangas compridas, calças listradas, botas e esporas.

**Damas** — vestem-se como a moçoila paulista: blusa de cor vibrante com babados, saia estampada ou xadrez, ampla, com boa roda.

## INSTRUMENTOS

São poucos os instrumentos. Apenas dois: acordeão e violão.

## NÚMERO DE PARTICIPANTES

Participam 4, 6 ou 8 pares.

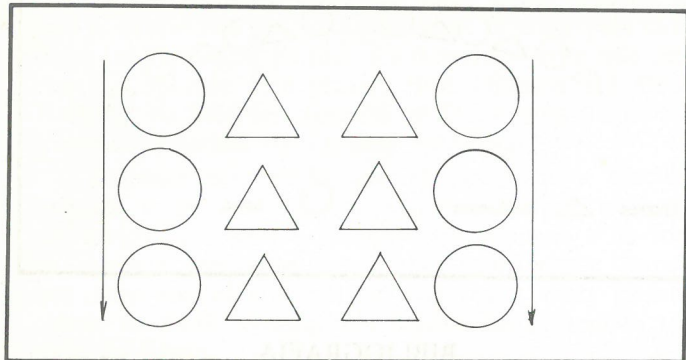


## COREOGRAFIA

### Formação inicial

Tomando por base 6 pares.

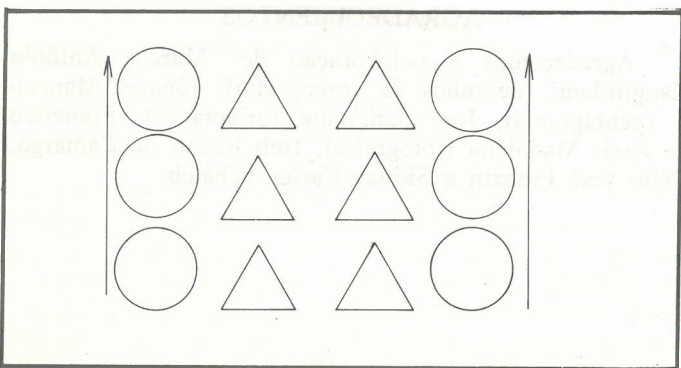
### 1.ª figura



As filas caminham em coluna de quatro para a frente.

Os passos: 1 lateral com o pé direito, 1 lateral com o pé esquerdo, 1 lateral com o pé direito e 1 lateral com o pé esquerdo.

### 2.ª figura



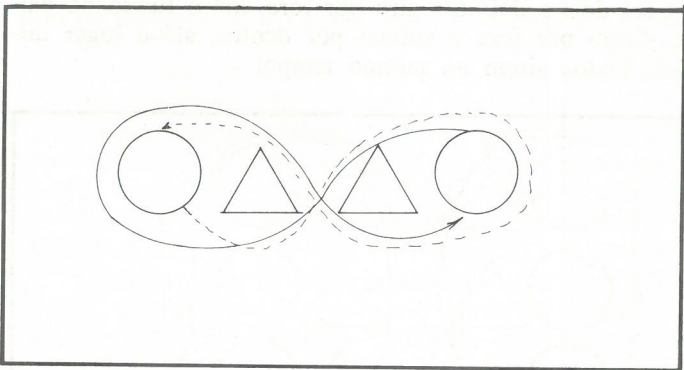
Retornam, voltando a face em sentido contrário.

Os passos: 2 laterais com o pé direito, 2 laterais com o pé esquerdo, 2 laterais com o pé direito e 2 laterais com o pé esquerdo.

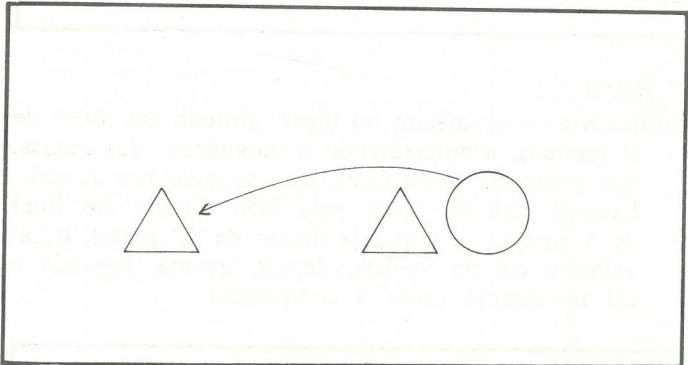
### 3.ª figura

**Cavalheiros** — sapateiam no lugar, girando para acompanhar o movimento da dama.

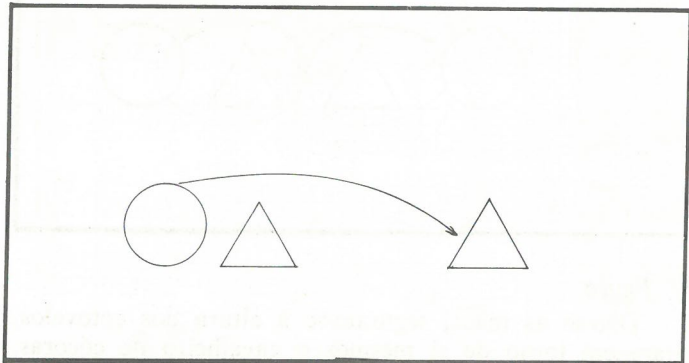
**Damas** — giram até ao par lateral e retornam ao seu par.



### Descrição do giro da Dama



Dois passos, girando em torno do próprio corpo; pára na frente do outro cavalheiro e bate duas palmas.



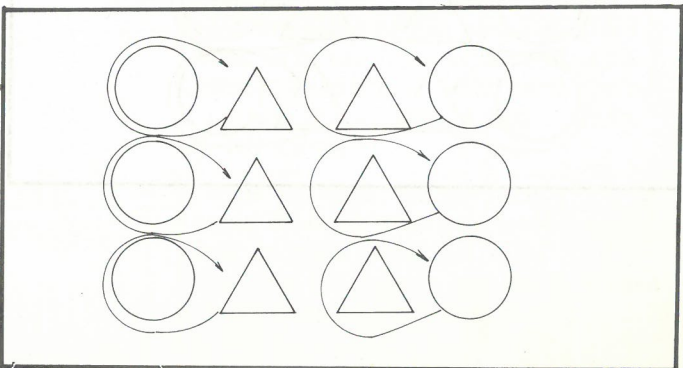
Mais dois passos, girando em torno do próprio corpo; retorna ao par e bate duas palmas.

### 4.ª figura

Ombro direito com ombro direito, faces voltadas em sentido contrário, giram no sentido dos ponteiros do relógio.

**Cavalheiros** — mãos às costas.

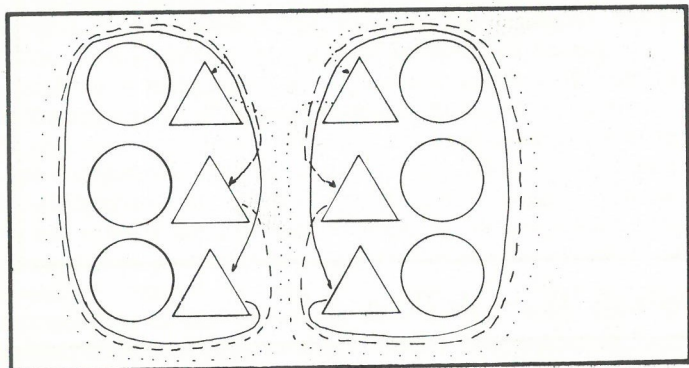
**Damas** — mãos à cintura.





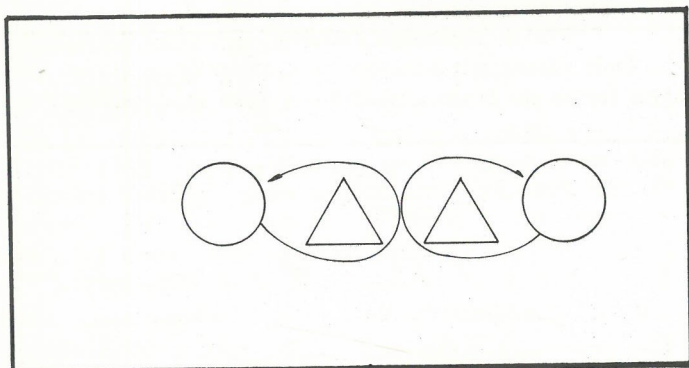
### 5.<sup>a</sup> figura

O par se dá os braços, segurando-se até os cotovelos, com passos laterais, girando em torno de si mesmos. Fazem dois a dois um giro por fora, até o fundo do palco. Saem por fora e voltam por dentro, até o lugar inicial. Todos giram ao mesmo tempo.



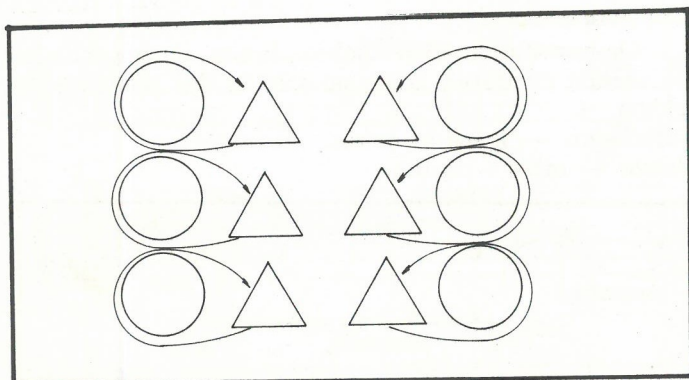
### 6.<sup>a</sup> figura

**Cavalheiros** — sapateiam no lugar, girando em torno de si mesmos, acompanhando o movimento das damas, que giram em torno deles, com as mãos nos quadris, batendo palmas. Saem pelo lado direito. Ao final de 3 compassos musicais (início da 2.<sup>a</sup> parte), o cavalheiro cai de joelhos, depois levanta, sapateia e cai novamente (mais 3 compassos).



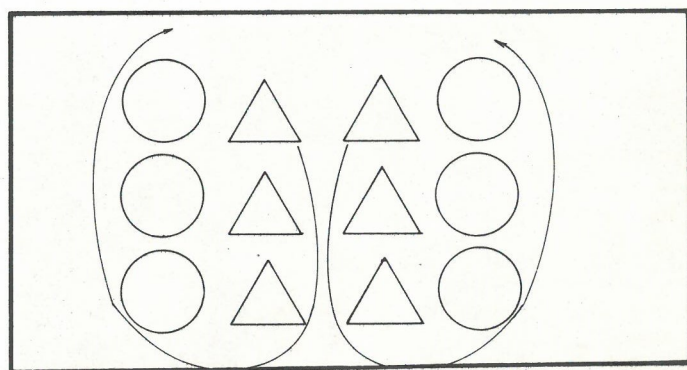
### 7.<sup>a</sup> figura

Dão-se as mãos, seguram-se à altura dos cotovelos, giram em torno de si mesmos o cavalheiro de cócoras, a dama de pé, depois mudam: a dama de cócoras, cavalheiro de pé, isto a cada 4 compassos.



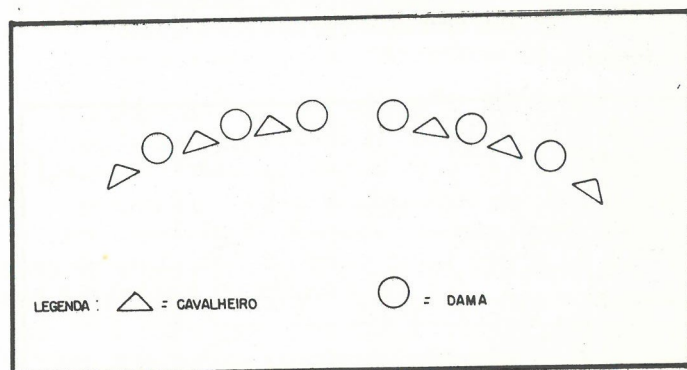
### 8.<sup>a</sup> figura

Os dois pares do final, realizam a 7.<sup>a</sup> figura: uma vez o cavalheiro, uma vez a dama, outra vez o cavalheiro e saem pelo centro enquanto os outros pares continuam o movimento, abaixando mais uma vez a dama, uma vez o cavalheiro; saem os dois pares do meio. Após abaixar uma vez a dama, uma vez o cavalheiro, saem os dois pares da frente. (Total 7 vezes).



### 9.<sup>a</sup> figura

Os pares saem dois a dois, vêm até a frente do palco, passam por fora, vão se colocando ao fundo, em semicírculo. Batem palmas ao ritmo da música. Saem do palco sem música.



### BIBLIOGRAFIA

Giffoni, Maria Amália Correa — “Danças Folclóricas Brasileiras”, 2.<sup>a</sup> edição, 1964, Edições Melhoramentos, Companhia Editora Melhoramentos, São Paulo — SP.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração de: Marcos Antônio Zangirolami (desenhos de coreografia), Jônatas Manzoli (pentagrama), José Sant’anna (orientação), Francisco de Assis Madalena (fotografia), Iseh Bueno de Camargo, Célio José Franzin e Sidney Carlos Schalch.



# Moda da Pinga

INEZITA BARROSO

Departamento de Folclore — Olímpia

A primeira vez que aparecemos em Olímpia foi para participarmos do Festival do Folclore, em 31 de agosto de 1965.

Era o primeiro Festival. Mas já sabíamos muito sobre a cidade, pois correspondíamos desde 1956 com o folclorista Professor Sant'anna. Assim mesmo à distância, acompanhávamos o progresso do trabalho em torno do folclore, trabalho digno e perfeito, o qual transformou a respeitável cidade menina-moça em Capital do Folclore.

A partir do início do Festival, que em 1984 completava o vigésimo aniversário, já havíamos comparecido 23 vezes à cidade, havendo ocasião de apresentarmos até dois espetáculos públicos por ano, sem contarmos as vezes que a ela comparecemos para participar de encontros, palestras, conferências, seminários, cursos e pesquisas de folclore, ora como ouvintes, ora como preletores.

Assim, amparada pelo carinho do povo olimpiense, pelo trabalho seríssimo realizado a favor do folclore nacional, pela simpatia de sua gente, principalmente da juventude alegre e hospitaleira, tornamo-nos, por conta própria, uma olimpiense de coração. E pusemo-nos a divulgar nas emissoras de rádio, de televisão, nas palestras, conferências e aulas de faculdades, a cidade de Olímpia e seu Folclore, pelo respeito que merecem. Chegam a ser indescritíveis as atividades relativas ao rico Folclore Brasileiro que os estudiosos e estudantes da ciência folclórica proporcionam a todos nós. Podemos afirmar que não há em nosso país uma outra cidade que sobrepuje o trabalho pioneiro de Olímpia, que a tornou conhecida e respeitada nacional e internacionalmente. Cidade arrojada e audaciosa!

O olimpiense é cheio de valor e de virtudes; por isso a cidade tem um coração amigo. O amor pela cidade natal satura a alma de toda a sua gente. Gente que canta, dança e aplaude com prazer. Hoje Olímpia é a Capital Nacional do Folclore, amanhã, se Deus quiser, será o Patrimônio Nacional da Cultura Folclórica.

Lutemos pelo título, participando com a mocidade inquieta e curiosa; travessa, enérgica e sagaz, e ao mesmo tempo eqüitativa e diligente, de bondade e de força, de saber e atividade, admirável, emocionante, excelsa, que abre caminho à cultura e povoa a mais badalada cidade do Brasil com grupos folclóricos de todo o território da Pátria.

Aqui, fazemos questão de abrir uma nota especial:

É amabilíssima a juventude de Olímpia. Como sabe dar valor ao folclore brasileiro! Os jovens, espontaneamente, organizam grupos, trajam-se especialmente com camisetas estampadas, na maioria, com a figura do Curupira. Elegem o nome das equipes (Podão, Feras, Esquinão e outras) e durante o Festival do Folclore (em agosto) aplaudem, vivendo com zelo e carinho as manifestações folclóricas. Respeitam os elementos folques. Sabem o nome da cada folguedo, de cada dança e de seus figurantes. Dão informações aos que solicitam, esclarecendo sabiamente a importância do folclore para a Cultura Brasileira. Cantam juntamente com os grupos suas melodias e conhecem os passos das danças. É incrível! Só participando de um festival é que se pode valorizar a mocidade olimpiense. Ela se orgulha da cultura nacional. Pode ser considerada um modelo da juventude brasileira.

A participação da Prefeitura Municipal na parte organizacional da Festa é outro exemplo a ser seguido e imitado por todas as prefeituras que queiram tributar respeito à cultura popular brasileira, a fim de evitar as

influências modificadoras impostas pelo avanço científico e tecnológico, que desfiguram nossos usos e costumes.

Em 1978 e 1980, anos em que gravamos os elepês "Jóia da Música Sertaneja", nos quais inserimos algumas melodias folclóricas, convidamos o ilustre folclorista e estudioso das páginas musicais caipiras, Dr. José Sant'anna, para selecionar as músicas que deveriam compor os referidos discos. E confessamos: foi um sucesso total!

E é por tudo isto que adotamos Olímpia como cidade querida.

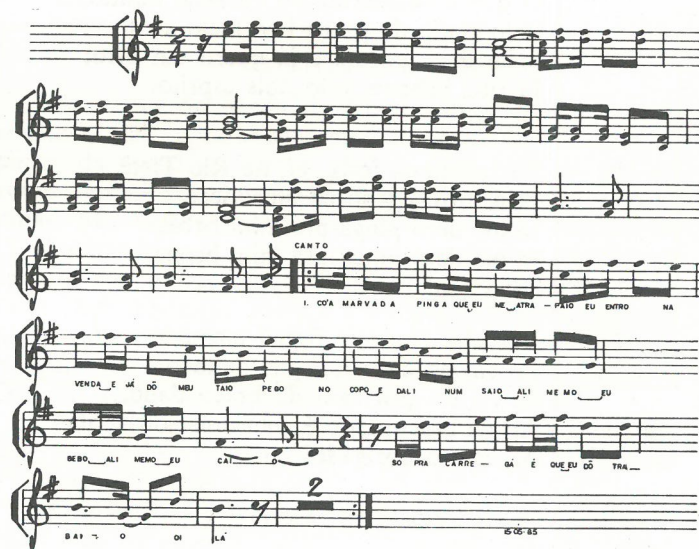
Desde a primeira vez que adentramos ao palco olimpiense, a platéia já aclamava: *A Moda da Pinga!* E o mais agradável é que todos cantavam conosco.

Aliás, não é só na Capital do Folclore esta predileção do povo, ela figura em todos os lugares por onde difundimos a música brasileira. Portanto, esta moda tornou-se obrigatória, pela insistência pública, em todos os espetáculos musicais que realizamos. Já está consagrada como um hino popular.

Inspirada nesta grande aceitação do povo é que teremos algumas considerações sobre a

## MODA DA PINGA

(apresentando o tema com estrofes recolhidas e adaptadas, como se fosse uma "colcha de retalhos".)



- 1 — Co'a marvada pinga é que eu me atrapaio  
Eu entro na venda e já dô o meu taio,  
Pego no copo e dali não saio,  
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio,  
Só pra carregá é que eu dô trabaio.  
Oi, lai!
- 2 — Venho da cidade e já venho cantano,  
Trago um garrafão que venho chupano,  
Venho pr'os caminho, venho tropicano,  
Chifrano os barranco venho cambetiano  
E no lugá que eu caio já fico roncano.  
Oi, lai!
- 3 — A muié me disse, ela me falô:  
Largue de bebê, peço por favô!  
Prosa de muié nunca dei valô,  
Bebo co'o sor quente pra esfriá o calô  
E bebo de noite é pra fazê suadô.  
Oi, lai!



- 4 — A muié me disse: largue de bebê!  
Eu disse pra ele: largue de trelê!  
Pois quem s'embriaga num é vassuncê  
Eu com a caninha hei de combatê,  
Só largo da pinga quando eu morrê.  
Oi, lai!
- 5 — Pinga temperada eu num modifico,  
Quem me dá no bule, eu chupo no bico,  
Vô rolá na poera que nem tico-tico,  
Vô de quatro pé, destripano o mico.  
Junta mosquitera, mas eu não imprico.  
Oi, lai!
- 6 — Cada veis que eu caio, caio deferente,  
Meaço pra trais e caio pra frente,  
Caio devagá, caio de repente,  
Vô de corrupio, vô deretamente,  
Mais seno de pinga, eu caio contente.  
Oi, lai!
- 7 — Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pra morde vê se tá memo cheio,  
Não bebo de veis, porque acho feio  
No primero gorpe chego intê no meio,  
No segundo trago é que eu desvazeio.  
Oi, lai!
- 8 — Eu bebo da pinga, porque gosto dela  
Eu bebo da branca, bebo da amarela,  
Bebo nos copo, bebo na tigela,  
E bebo temperada com cravo e canela  
Seja a quarqué tempo, vai pingá na goela.  
Oi, lai!
- 9 — Num largo da pinga nem que eu tome pito,  
O que é de incrinação eu acho bonito.  
Co'o chero da pinga fico meio afrito,  
Bebo uma garrafa e já quero um litro;  
Já fico babano, crio dois esprito.  
Oi, lai!
- 10 — Eu fui numa festa, ai, no Rio Tietê  
E lá fui chegano no amanhecê  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Tava sem fervê.
- 11 — Eu bebi demais e fiquei mamado,  
Eu caí no chão e fiquei deitado.  
Aí eu fui pra casa de braço dado,  
Aí, de braço dado é com dois sordado!  
Aí, muito obrigado!

## VOCABULÁRIO

- Afrito* (aflito), adj.: angustiado, ansiado, apoquentado.
- Babano* (babando) de babar, v.: deitando baba, sujando com baba, ababalhar.
- Cambetiano* (cambeteando) de cambetear, v.: manque-tear, coxear. Na linguagem caipira o segundo *e* de cambeteando passa a *i*.
- Chifrano* (chifrando), de chifrar, v.: dar chifradas em alguém ou em alguma coisa. Está empregada em sentido figurado: caindo aqui e acolá.
- Chupano* (chupando), de chupar, v.: bebendo, ingerindo bebidas alcoólicas. É brasileirismo.
- Corrupio*, s. m.: volta, rodopio, giro.
- Goela*, s. f.: garganta.
- Gorpe* (golpe), s. m.: Está empregado no sentido de gole, trago.
- Incrinação* (inclinação). s. f.: Em sentido figurado quer dizer simpatia, propensão, afeição.
- Imprico* (implico), de implicar, v.: envolver. Está na acepção de não dar importância, não se incomodar.

*Mamado*, de mamar, v.: Está empregado em sentido figurado: logrado, enganado. Na música, quer dizer bêbado.

*Prosa*, s. f., brasileirismo: conversa.

*Suadô* (suadouro). s. m.: ato ou efeito de suar; remédio para provocar a transpiração.

*Taio* (talho), s. m.: talhamento, golpe dado com instrumento cortante. Está empregado em sentido figurado: beber em golfadas.

*Trago*, s. m.: golpe, hausto.

*Trelê* (treler), v.: ser metediço, intrometido, implicante.

*Tropicano* (tropeçando) de tropeçar, v.: dar com o pé involuntariamente, esbarrar. Tropicar é forma popular de tropeçar.

*Venda*, s. f.: loja de secos e molhados, armazém.

## EXPRESSÕES

*Largue de trelê*: tem o sentido de largue de tagarelar; cale a boca.

*De quatro pé*: posição em que fica a pessoa altamente embriagada, que não pode sustentar-se em pé. É como se dissesse ficar de gatinho.

*Estripano o mico*: é brasileirismo muito empregado no Estado de São Paulo. Significa vomitar.

*Bebo na tigela*: tem o sentido de beber muito, em grande quantidade.

*Bebo da branca, bebo da amarela*: diz-se da aguardente incolor e da de cor amarela. No texto equivale a tomar cachaça de qualquer qualidade.

*Tome pito*: é corretivo correspondente à repreensão, cârão, carraspana, censura, ralho, raspança, raspe, reprimenda, reproche, reprovação.

*Bebo temperada com cravo e canela*: cravo e canela são condimentos odoríferos que associados à aguardente dão-lhe melhor sabor.

*Crio dois esprito*: refere-se ao espírito de Anjo e ao do Diabo: fico amável e esbravejo-me; fico bom e mau; faço palhaçadas e dou pauladas; canto e choro.

*Rio Tietê*: é o rio (rio das Bandeiras) que banha a cidade paulista do mesmo nome, Tietê. Cidade de policultura, na qual se destaca a cana-de-açúcar. No Rio Tietê se realizam as tradicionais festas do Divino Espírito Santo, anualmente em dezembro. O ponto alto dos festejos é o Encontro das Canoas, atraindo milhares de pessoas de todas as condições sociais.

*Que nem tico-tico*: além de atender a rima, significa dar passos disfarçados como o tico-tico quando se esboja num local de terra solta.

*De braço dado com dois sordado*: é o mesmo que ser conduzido à prisão, à cadeia.

*Ai, muito obrigado!*: fórmula de agradecimento. A mulher dirá: muito obrigada.

*Sor quente*: corresponde a durante o dia.

## PINGA

No Estado de São Paulo os nomes mais comuns dados à aguardente são pinga e cachaça. *Pinga* é brasileirismo que se originou do verbo pingar. *Cachaça* é nome trazido pelos africanos, provavelmente dos escravos vindos de Angola.

A sinonímia da cachaça é enorme em nosso país, chegando, segundo os pesquisadores do assunto, a ultrapassar a mais de mil nomes.

A verdade é que todos bebem. Até crianças e mulheres. A bem dizer a cachaça é tão ruim de ser ingerida que se rotulássemos um frasco dizendo tratar-se de remédio favorável à cura de alguma doença, o paciente sucumbiria, porque como remédio de laboratório ele não a aceitaria. Queimaria demais a goela.



Mas em se tratando de aperitivo, então ela muda de figura. Achrom-na uma delícia, embora façam careta para ingeri-la. Cada um procura uma justificativa para o seu vício: O pobre bebe para esquecer sua pobreza; o rico para esquecer os problemas advindos de sua riqueza. E assim todo mundo se defende, embriagando-se.

## COMENTÁRIOS

### A — QUANTO AO CONTEÚDO

A Moda da Pinga retrata o dia-a-dia da vida do pau-d'água, do bêbado contumaz. O pingunço narra o seu estado de embriaguez. Entra no boteco, pede a "marvada", joga um pouquinho no chão, oferecendo ao Santo para afugentar o Demônio; bebe o restante, fazendo uma boa careta para o Diabo sair mesmo, e dá uma cuspidinha a seguir. Repete a dosagem de pinga muitas vezes. Paga ou manda marcar. Embriaga-se. Aí ele apronta muito depois do pileque. Discute, diz palavrões, ou faz gracejos.

Fica com as pernas bambas e deita-se no chão. Geralmente é levado para casa ou para a cadeia, dependendo muito do estado de embriaguez, da macaquice ou da rudeza.

Na primeira estrofe fala do atrapalho que a pinga lhe traz. Entra na venda, bebe demais e diz que para ser tirado do local não é fácil. Dá trabalho.

Na segunda estrofe se refere à boa quantidade de pinga ingerida. Na volta para casa, leva um garrafão o qual vai sendo ingerido. Dá passos ziguezagueados, acaba caindo no chão e dorme um sono perturbador, cheio de roncos.

Na terceira e quarta estrofes ele discute com a mulher e justifica os motivos por que bebe. E promete deixar da bebida somente quando morrer.

Na quinta estrofe persiste em afirmar que toma pinga de qualquer qualidade, até mesmo temperada e em grande quantidade. Torna a cair, vomita, é atormentado por mosquitos, mas não dá importância a nada disso.

Na sexta estrofe retrata as maneiras diferentes como cai embriagado. Mas cairá sempre contente, se o motivo for a cachaça.

Na sétima estrofe se refere ingerir o conteúdo de pinga de um garrafão em dois goles apenas.

Na oitava estrofe confessa gostar da pinga e que a bebe de qualquer qualidade e com diferentes temperos, porque de qualquer forma ela irá parar na goela.

Na nona estrofe confirma não abandonar o vício de alcoólatra, mesmo que lhe chamem a atenção ou lhe apliquem sanções. E que depois de bêbado chega a ganhar dois espíritos: o do bem e o do mal.

Finalmente nas 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> estrofes narra ter ido a uma festa no Rio Tietê. Chegando de manhã, já lhe deram pinga. Bebeu demais e ficou muito embriagado, tendo como resultado a sonolência. E o resultado de tudo é que vai conduzido a casa, ou quem sabe ao "xadrez", por dois soldados.

### B — QUANTO ÀS PERSONAGENS

São personagens: o *pingunço* (narrador que ridiculariza o consumo da aguardente, pintando de maneira divertida o vício da bebida alcoólica; a *esposa* (que combate a embriaguez, considerando-a um terrível defeito, uma tolice) e *dois soldados* (que cumprem as funções de mantenedores da segurança pública).

### C — QUANTO À COMPOSIÇÃO POÉTICA

A composição poético-musical "Moda da Pinga", a mais longa que conhecemos, forma-se de 11 estrofes, as quais se constituem de 5 versos (quintilhas), que são sempre estrofes agradáveis, somando, portanto, 55 versos. Poucas são as estrofes isométricas; a maioria é heterométrica. Está assim: 30 versos de 10 sílabas poéticas

(decassílabos); presta-se à expressão de todas as idéias e é suscetível de maior variedade; 21 versos de 11 sílabas poéticas (hendecassílabos); 2 versos de 12 sílabas poéticas (dodecassílabos) e 2 versos de 5 sílabas poéticas (pentassílabos ou redondilhas menores), versos cuja maleabilidade métrica se presta para a doçura de manifestações de sentimentos. Em quase todas as estrofes, com exceção das duas últimas (10 e 11), aparece a cauda *Oi, lai!* (pequeno verso suplementar, dissílabo, no final de cada estrofe). É um capricho musical estrófico, alegrando ainda mais a música na passagem de uma estrofe à outra. Grande parte dos versos são compostos, pois podem ser reduzidos, ou seja, partido em dois. Às vezes até em mais.

### D — QUANTO AOS PROCESSOS FONÉTICOS

Observamos:

*Crise* (fusão de duas vogais iguais): s'embriaga (se embriaga) — estrofe 4. Ocorreu a figura de palavra (metaplasmo) denominada sinalefa, ou seja, a supressão da vogal átona e do pronome *se* diante da palavra embriaga. É forma contrata. A vogal *e* suprimida foi substituída pela notação léxica denominada apóstrofo.

*Eclipse* (supressão de um fonema nasal final para possibilitar a crise ou ditongação). Na linguagem do povo e na linguagem poética, a preposição *com* se encontra com as formas dos artigos (*definidos*: o, a, os, as; *indefinidos*: um, uma, uns, umas); a nasal desaparece e o fenômeno é representado pelo apóstrofo: *co'a* (com a), estrofe 1; *co'o* (com o), estrofes 3 e 9. Ocorre casos na linguagem popular em que a nasal desaparece juntamente com a vogal átona: *c'o* (com o), *c'a* (com a).

### E — QUANTO ÀS RIMAS

As rimas da Moda da Pinga são *soantes* (ou consoantes), pois apresentam igualdade total de fonemas a partir da vogal da sílaba tônica. Oito estrofes são de rimas femininas, elas se operam entre palavras paroxítonas. São versos *graves*. Três são de rimas *masculinas* (3, 4 e 10), isto é, rimam palavras oxítonas. São versos *agudos*. Os versos agudos não soam com muita suavidade. A composição poética é sempre monótona, quando não insuportável. Mas é a grande aceitação em composição de gênero burlesco, humorístico ou satírico. Quando cantadas as estrofes ficam mais alegres.

Predominam, na composição, as rimas *pobres*, ou seja, de palavras pertencentes à mesma classe gramatical e a participípios em -ado.

Sendo a rima considerada como condição indispensável para as estrofes, estão assim organizadas: 1.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *aio*), 2.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ano*), 3.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ô*), 4.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ê*), 5.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ico*), 6.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ente*), 7.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *eio*), 8.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ela*), 9.<sup>a</sup> estrofe (os versos rimam em *ito*, com exceção da palavra *litro* onde aparece um *r* formando encontro consonantal com o *l*, mas sem nenhum prejuízo à rima), 10.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ê*), 11.<sup>a</sup> estrofe (todos os versos rimam em *ado*. Se cantada por mulher, modifica-se para *ada/ado*).

Os versos são chamados *monorrimos*, pois em toda a estrofe a rima não varia.

### F — QUANTO À LINGUAGEM

Há na composição:

*Amanhecê* (amanhecer): No falar caipira, por influência africana, caem o -l e o -r das palavras monossílabas tônicas e das palavras oxítonas. Na Moda da Pinga



encontramos: amanhecê (amanhecer), bebê (beber), calô (calor), carregá (carregar), combatê (combater), devagá (devagar), esfriá (esfriar), favô (favor), fazê (fazer), fervê (ferver), lugá (lugar), morrê (morrer), pingá (pingar), quarqué (qualquer), rolá (rolar), tá (estar), trelê (treler), valô (valor). Daí a necessidade do acento gráfico nas palavras (agudo ou acento circunflexo), por serem as letras *l* e *r* finais consideradas consoantes fortes e carregam junto de si a sílaba tônica das palavras.

**Atrapaio** (atrapalho): Na linguagem do povo o dígrafo *lh* vocaliza-se na semivogal *i*, havendo, portanto, ditongação. Esta alteração se opera entre nosso povo por influência africana, visto serem os africanos incapazes de pronunciar este dígrafo. Esta influência é notada em *atrapaio* (atrapalho), *taio* (talho) e *trabao* (trabalho). Em situação idêntica: *muiê* (mulher). (*Mulher* — muiê).

**Babano** (babando): No Estado de São Paulo, principalmente, as pessoas analfabetas suprimem o *d* nas desinências verbais de gerúndio (síncope). Este fato é atribuído, por alguns, à influência africana, enquanto que para outros estudiosos é atribuído à influência tupi na linguagem popular. Na Moda da Pinga aparecem: *babano* (babando), *cambetiano* (cambeteando), *cantano* (cantando), *chegano* (chegando), *chifrano* (chifrando), *chupano* (chupando), *destripiano* (destripando, estripando), *roncano* (roncando), *seno* (sendo) e *tropicano* (tropicando, tropeçando).

**Chero** (cheiro): Também o ditongo *ei*, por influência africana, reduziu-se para *e*. Nas estâncias da Moda da Pinga encontramos: *chero* (cheiro), *mosquiteira* (mosquiteira), *primero* (primeiro) e *poera* (poeira).

**Deferente** (diferente): A forma *deferente* é fala do povo inculto, conservada, persistentemente, da linguagem dos colonizadores do Brasil e que se praticava em Portugal no século XV. (*Diferente* — deferente). Há, na Moda da Pinga, outro caso semelhante: *dere-tamente*. (*Diretamente* — deretamente).

**Dero** (deram): A terminação *am* (ã) da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do modo indicativo soa *o* na pronúncia do povo inculto, perdendo a nasalização. (*deram* — dero).

**Desvazeio** (esvazio): Em alguns verbos começados em *e* é costume do povo acrescer no início a letra *d*. É um caso de prótese popular. Quanto à terminação *-eio* em alguns verbos terminados em *-iar* é outro erro popular, que se opera em analogia com os verbos terminados em *-ear*. Aliás, dos verbos da primeira conjugação terminados em *-iar* somente cinco fazem a primeira pessoa do singular do presente do modo indicativo em *-eio*: *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*. Com as iniciais destes verbos forma-se a sigla MARIO. Os demais fazem a primeira pessoa em *-io*. Daí, existirem dois erros em *desvazeio*, impostos pelo povo. (*Esvazio* — desvazeio).

**Dô** (dou): O ditongo *ou*, por influência africana, reduziu-se na língua popular do Brasil para *o*. Na Moda da Pinga estão: *dô* (dou), *falô* (falou) e *vô* (vou).

**Esprito** (espírito): *Esprito* é forma arcaica e ainda hoje popular de espírito. O povo simples também diz *espirto* e *espirito*. O que leva as pessoas da camada popular a pronunciarem *esprito* é a aversão às proparoxítonas.

**Gorpe** (golpe): Na linguagem caipira, a tendência é passar *l* a *r*, quando o *l* sem apoio de vogal própria que com ela mesma soe como fonema acomoda-se à sílaba anterior, resultando em ditongo. No texto aparecem várias palavras: *gorpe* (golpe), *marvada* (malvada), *quarquê* (qualquer), *sor* (sol) e *sordado* (sol-

dado). Nos encontros consonantais *bl*, *cl*, *dl*, *fl*, *gl*, *pl*, *tl* pronunciados por pessoas simples, percebemos, também, a mudança do *l* a *r*: *afrito* (aflito), *incrinação* (inclinação) e *imprico* (implico).

**Inté** (até): A preposição *até*, antigamente *atees*, *atêes*, *atem*, *ataa*, *atá* (formas arcaicas), ainda hoje aparece vulgarmente modificada para *inté*.

**Mais** (mas): Entre falantes incultos os monossílabos tônicos (e mesmo alguns átonos) terminados em *-a*, *-e*, *-o*, seguidos de *s* ou *z*, alongam-se estas vogais em ditongo (*ai*, *ei*, *oi*). Na Moda da Pinga encontramos: *mais* (mas), *trais* (trás) e *veis* (vez).

**Meação** (ameaço): Houve aférese do *a*. É muito comum o povo abolir ou acrescentar um *a* em determinados verbos de nossa língua.

**Memo** (mesmo): Do acusativo “metipsimu” tivemos o vocábulo *mesmo*. O povo diz, com muita frequência, *memo*, fazendo a abolição do *s*. Também são ouvidas, entre o povo, as formas *mermo* e *meso*. (*Mesmo* — memo).

**Num** (não): O povo diz *num*, palavra denotativa de negação, em lugar de *não*, diante de certas palavras que não repugnam este emprego. Talvez o fato se explique tendo em vista a forma latina *nom*, forma arcaica em nossa língua, na qual o *o* se fechou em *u*. Não — num.

**Pra e pr'os** (para e para os): *Pra* é forma sincopada, e de sabor popular, da preposição *para*. *Pr'os* é a forma prolatada em lugar da forma plena *para os*. A preposição *para*, embora dissilábica, é atona. No caso de *pr'os* esta sofre síncope do *a*, ou seja, perde todos os sons vocálicos: *pr*.

**Pra morde** (por amor de): Resulta, na linguagem do povo inculto, da locução prepositiva *por amor de*. O primeiro elemento *por* (átono) perdeu a vogal e se uniu ao *a* (de amor). Os dois elementos seguintes *mor* (que restou de amor) e a preposição *de*, juntaram-se: *morde*, alternando-se o timbre da vogal *o* (tônica), nascendo, daí, *pra morde*. Entre falantes incultos esta expressão aparece com profundas alterações: *pra mode*, *mode*, ouvindo-se até a reduzi-díssima forma *mó*. Por amor de — Pra morde.

**Pr'os caminho** (pelos caminhos): O plural conservado pela linguagem dos caipiras e matutos, deixa o substantivo invariável, flexionando apenas os artigos e pronomes que o antecedem. É o vestígio mais notável na morfologia da Língua Portuguesa do Brasil, deixado pelo negro. Na Moda da Pinga são notados os plurais: *pr'os caminho* (pelos caminhos), *os barranco* (os barrancos), *nos copo* (nos copos), *dois esprito* (dois espíritos) e *dois sordado* (dois soldados).

**Suadô** (suadouro): É comum nos meios incultos a redução do sufixo *-douro* (oriundo do latim *d+ouro* e que indica lugar) a um simples *dô*, perdendo-se os elementos *-uro*. *Suadouro* é palavra proparoxítona, porém a forma popular torna-se oxítona: *suadô*. Nesta forma, em obediência à lei gramatical, a palavra é graficamente acentuada (acento circunflexo).

**Vassuncê** (você): O pronome da segunda pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor, quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o pronome *você*, que é a atual representante da antiga fórmula de tratamento *vossa mercê*, que por seu lado é a frase latina *vostra mercede*, nas quais a vogal tônica são *o* e *e*. A evolução deve ter sido a seguinte: *vossa mercê* — *vossemecê* — *vosmecê* — *você*. Por influência africana apareceram as formas populares: *vassuncê*, *uncê*, *oncê*, *vancê* e *mecê* (quase todas pouco usuais). O emprego de *ocê* é também criação do negro sob aférese violenta do *v*.



## G — QUANTO À CONCORDÂNCIA

Nas estrofes 3 e 4, a interpretação sendo feita por cantor, este dirá *a muiê*; se por cantora, o marido. Isto implicará na concordância nominal da 11.ª estrofe: *mamado / mamada, deitado / deitada* e muito obrigado / muito obrigada.

*Pra mim bebê* (para eu beber): Nas camadas populares, onde não se conhece a gramática, usa-se o pronome *mim* como sujeito de um infinitivo. *Pra eu beber* — pra mim bebê.

*Pr'os caminho* (pelos caminhos): Emprego errado da preposição *para*. A relação prepositiva neste caso é feita com a antiga preposição *per* que combinada com o artigo *o* deu-nos a forma *pelo*. *Pelos caminhos* — pr'os caminho.

*Quem me dá* em lugar de *quem me der*: Construção errada. Emprego do presente do modo indicativo em lugar do futuro do modo subjuntivo. *Quem me der*: Quem me dá. Nas variantes da Moda da Pinga a transmissão oral modificou-a também para *Quem mandar* e *Queimada*.

## H — OUTROS FATOS GRAMATICAI

*Ai!*: Interjeição que serve para exprimir dor moral, além de completar a rima do verso.

*Aí*: Não está empregado como advérbio de lugar, mas sim como advérbio de tempo.

*Que nem* (como): *Que nem* é locução empregada pelo povo e equivale a *como*, sendo pois uma locução conformativa.

## I — QUANTO À MÚSICA

Moda de viola de compasso binário, modo maior, tonalidade Sol Maior. Ritmo acéfalo. Começa na tônica e termina na terça maior ascendente.

*Quanto à estruturação*: A — A1 ... A10. A voz e a viola executam a melodia em terças menores e maiores, descendentes e ascendentes.

*Quanto à harmonia*: acordes da Tônica — Sol Maior, da Dominante — Ré com 7.ª e da Subdominante — Do Maior.

*Quanto à cadência*: Suspensivas (nos finais dos 4.ºs versos) e Conclusivas — da segunda metade dos penúltimos compassos para o primeiro tempo dos últimos compassos dos últimos versos das estrofes.

## J — DOCUMENTÁRIO MUSICAL GRAVADO

### 1 — Marvada Pinga

- 1 — C'a marvada pinga é que eu me atrapaio  
Eu entro na venda e já dô meu taio,  
Pego no copo e dali não saio  
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio  
Só pra carregá é que eu dô trabaio.  
Oi, lai!
- 2 — O marido me disse, ele me falô:  
Largue de bebê, peço por favô!  
Prosa de home nunca dei valô,  
Bebo c'o sor quente pa esfriá o calô  
E bebo de noite pa fazê suadô.  
Oi, lai!
- 3 — O marido me disse: largue de bebê!  
Eu disse pra ele: largue de trelê!  
Poi quem s'embriaga num é vassuncê  
Eu com a caninha hei de combatê,  
Só largo da pinga quando eu morrê.  
Oi, lai!

- 4 — Eu fui numa festa no Rio Tietê  
Eu lá fui chegano no amanhecê  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Já me dero pinga pra mim bebê  
Tava sem fervê!
- 5 — Eu bebi demais e fiquei mamada,  
Eu caí no chão e fiquei deitada,  
Aí eu fui pr casa de braço dado,  
Ai, de braço dado com dois sordado.  
Muito obrigado!

NOTA: Primeira versão gravada por Inezita Barroso.

### 2 — Moda da Pinga

- 1 — Co'a marvada pinga é que me atrapaio  
Eu entro na venda e já dô me taio,  
Pego no copo e dali não saio,  
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio,  
Só pra carregá é que eu dô trabaio,  
Oi, lai!
- 2 — Venho da cidade, já venho cantano,  
Trago um garrafão que venho chupano,  
Venho pr'os caminho, venho tropicano,  
Chifrano os barranco, venho cambetiano  
E no lugá que eu caio já fico roncano.  
Oi, lai!
- 3 — O marido me disse, ele me falô:  
Largue de bebê, peço por favô.  
Prosa de home nunca dei valô,  
Bebo c'o sor quente pa esfriá o calô  
E bebo de noite é pa fazê suadô.  
Oi, lai!
- 4 — Cada vez que eu caio, caio deferente  
Meaço pa trás e caio pa frente,  
Caio devagá, caio de repente,  
Vô de corrupio, vô deretamente,  
Mas seno de pinga eu caio contente.  
Oi, lai!
- 5 — Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pa morde vê se tá memo cheio.  
Num bebo de vez porque acho feio  
No primeiro gorpe chego inté no meio,  
No segundo trago é que eu desvazeio.  
Oi, lai!
- 6 — Eu bebo da pinga porque gosto dela,  
Eu bebo da branca, bebo da amarela;  
Bebo nos copo, bebo na tigela  
E bebo temperada com cravo e canela,  
Seja quarquê tempo vai pinga na goela.  
Oi, lai!  
Ei, marvada pinga! (falado)
- 7 — Eu fui numa festa, ai, no Rio Tietê,  
Eu lá fui chegano no amanhecê,  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
E tava sem fervê!
- 8 — Eu bebi demais e fiquei mamada,  
Eu caí no chão e fiquei deitada,  
Aí eu fui pra casa de braço dado,  
Ai, de braço dado é com dois sordado.  
Ai, muito obrigado!

NOTA: Segunda versão gravada por Inezita Barroso.

### 3 — Moda da Pinga

- 1 — É co'a marvada pinga que eu me atrapaio,  
Eu entro na venda e já dô meu taio,  
Agarro no copo e de lá não saio,  
Ali mermo eu bebo, ali mermo eu caio,  
Só pra carregá é que eu dô trabaio.  
Oi, lá!



2 — Venho da cidade, já venho cantano,  
Trago um garrafão que venho chupano,  
Venho devagar, venho tropicano,  
Chifrando os barranco, venho trambecano  
E no lugar que caio, já fico roncano.  
Oi, lá!

3 — A muié me disse, ela me falô:  
Largue de bebê, peço por favô!  
Prosa de muié nunca dei valô,  
Bebo c'o sor quente pra esfriá o calô,  
E bebo de noite pra fazê suadô.  
Oi, lá!

4 — Eu bebo da branca, bebo da amarela,  
Eu bebo da pinga porque gosto dela,  
Eu bebo nos copo, bebo nas tigela,  
Bebo temperada com cravo e canela  
E com quarqué tempo vai pinga na goela.  
Oi, lá!

5 — Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pra morde vê se tá mermo cheio,  
Não bebo de veis, porque acho feio,  
No primeiro gorpe chego inté o meio,  
Ai, no segundo trago é que eu desvazeio.  
Oi, lá!

6 — Cada veis que eu caio, caio deferente,  
Meaço pra trais e caio pra frente,  
Caio devagar, caio de repente,  
Vô de corrupio, vô deretamente,  
Mas sendo de pinga, eu caio contente.  
Oi, lá!

7 — Eu fui numa festa lá no Rio Tietê  
E lá fui chegando ao amanhecê.  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Já me dero pinga pra mim bebê,  
Tava sem fervê!

8 — Eu bebi demais e fiquei mamado,  
Eu caí no chão e fiquei deitado,  
Depois fui pra casa de braço dado,  
Ai, de braço dado é com dois sordado  
E muito obrigado!

Gravado por Carlos Augusto L. de Carvalho, componente do Grupo Folclórico da Guanabara (Conservatório Brasileiro de Música), no disco *Meu Brasil Canta* (número 2), da Academia Santa Cecília de Discos Ltda. — Rio de Janeiro — GB, face A, 2.<sup>a</sup> música, LPR — 05 — B, sem data da gravação. Folclore da Região de Tietê — SP.

#### 4 — *Moda da Pinga (Cateretê)* (*Marvada Pinga*)

1 — C'a marvada pinga é que eu me atrapaio,  
Eu entro na venda e já dô meu taio,  
Pego no copo e dali não saio,  
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio,  
Só pra carregá é que dô trabaio.  
Oi, lai! (Risada). Ô pinga boa! (falado). (Risada)

2 — Venho da cidade, já venho cantando  
Trago um garrafão que venho chupando.  
Venho pr'os caminho, venho tropicando,  
Chifrando os barranco, venho cambeteando,  
E no lugá que eu caio, já fico roncando.  
Oi, lai! (Risada).

3 — O marido me disse, ele me falô:  
Largue de bebê, peço por favô!  
Prosa de home nunca dei valô,  
Bebo com o sor quente é pra esfriá o calô  
E bebo de noite é pra fazê suadô.  
Oi, lai! (Risada).

4 — Cada veis que eu caio, caio deferente,  
Meaço pa trais e caio pa frente,  
Caio devagá, caio de repente,  
Vô de corrupio, vô deretamente,  
Mais sendo de pinga, eu caio contente,  
Oi, lai!

5 — Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pra morde vê se tá memo cheio,  
Não bebo de veis porque acho feio  
No primeiro gorpe, chego inté no meio,  
No segundo trago é que eu desvazeio.  
Oi, lai!

6 — Eu bebo a pinga porque gosto dela,  
Eu bebo da branca e bebo da amarela  
Bebo no copo, bebo na tigela,  
Bebo temperada, com cravo e canela  
Seja qualqué tempo, vai pinga na goela.  
Oi, lai! (Risada).

7 — Eu fui numa festa lá no Rio Tietê  
E lá fui chegando no amanhecê,  
Já me deram pinga pra mim bebê,  
Já me deram pinga pra mim bebê,  
Tava sem fervê!  
(Risada)

8 — Eu bebi demais e fiquei mamada,  
Eu caí no chão e fiquei deitada,  
Aí eu fui pra casa de braço dado,  
Ai, de braço dado com dois sordado.  
(Risada). Ai, pinga marvada! (falado). (Risada)

Gravada por Nhá Barbina no disco 1, lado B, 5.<sup>a</sup> música, da Coleção Círculo Sertanejo (Edição Especial), Discos Continental, São Paulo, 254.404.001), publicado em 1981. A autoria é atribuída a Laureano.

#### 5 — *Marvada Pinga (Cateretê)*

1 — Co'a marvada pinga é que eu me atrapaio,  
Eu pego no copo e já dô meu taio,  
Eu chego na venda e dali não saio,  
Ali memo eu bebo, ali memo eu caio,  
Só pra carregá nunca dei trabaio.  
Oi, lai!

2 — Sempre bebo a pinga, porque gosto dela  
Bebo da branquinha, bebo da amarela,  
Eu bebo no copo, bebo na tigela,  
Bebo temperado com cravo e canela,  
Seja em qualqué tempo vai pinga na goela.  
Oi, lai!

3 — Venho da cidade, já venho cantando,  
Trago um garrafão que venho chupando,  
Venho pr'o caminho, venho tropicando,  
Chifrando o barranco, venho cambetiando,  
No lugar que eu caio já fico roncando.  
Oi, lai!

4 — Não largo da pinga nem que eu tome pito.  
É de inclinação, eu acho bonito.  
C'o cheiro da pinga fico meio aflito,  
Bebo uma garrafa e já quero um litro,  
Já fico babando, crio dois esprito.  
Oi, lai!

5 — Pinga temperada eu não modifico.  
Quem mandar no bule, eu chupo no bico.  
Vou rolar na poeira que nem tico-tico,  
Vou de quatro pé, destripando o mico  
Junta mosquiteira, mas eu não implico.  
Oi, lai!



6 — A muié me disse, ela me falô:  
Largue desta pinga, peço por favô!  
Prosa de muié nunca dei valô,  
Bebo com o sor quente pra esfriá o calô,  
E bebo de noite pra fazê suadô.  
Oi, lai!

7 — A muié me disse: largue de bebê!  
Pois eu co'essa pinga hei de combatê,  
— Vancê fique quieta e largue de trelê,  
Pois quem s'embriaga não é vassuncê,  
Vou deixar da pinga só quando eu morrê.

Gravada por Pena Branca e Xavantinho — Som RGE Brasil — 306 — 6.027, em 1982, labo B, 4.<sup>a</sup> música, sob o título *Marvada Pinga* (Cateretê), cuja composição é atribuída a Laureano.

#### 6 — *Moda da Pinga*

1 — Oi, lá! oi, lá! Oi, lá (coral)  
Com a malvada pinga qu'eu me atrapalho  
Eu entro na venda e já dô meu taio,  
Eu pego no copo e dali não saio,  
Ali mesmo eu bebo, ali mesmo eu caio,  
Só pra carregá é qu'eu dô trabalho.

2 — Venho da cidade, já venho cantando  
Trago um garrafão que venho chupando,  
Venho pr'o caminho, vendo tropicando,  
Chifrando os barranco, venho cambetiando  
E no lugar qu'eu caio, já fico roncando.  
Oi, lá!, Oi, lá!, Oi, lá! (coral)

3 — A mulher me disse, ela me falou:  
Larga de bebê, peço por favor!  
Prosa de mulher nunca dei valor,  
Bebo com sol quente pra esfriá o calor  
E bebo de noite pra fazê suadô.

4 — Cada vez qu'eu caio, caio diferente  
Ameaço pra trás e caio pra frente.  
Caio devagá, caio de repente  
Vô de corrupio, vô diretamente,  
Mas sendo de pinga, eu caio contente.  
Oi, lá!, Oi, lá!, Oi, lá! (coral)

5 — Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pra mode vê que tá memo cheio  
Não bebo de vez, porque acho feio;  
No primeiro gole chego intê no meio,  
No segundo trago é qu'eu desvazeio.

6 — E eu bebo pinga, porque gosto dela,  
Eu bebo da branca, bebo da amarela;  
Eu bebo no copo, bebo na tigela,  
Bebo temperada com cravo e canela,  
Seja qualqué tempo, vai pinga na goela.  
Oi, lá!, Oi, lá!, Oi, lá! (coral)

7 — Eu fui numa festa no Rio Tietê  
Eu lá fui chegando ao amanhecê,  
Lá me dero pinga pra mim bebê,  
Lá me dero pinga pra mim bebê,  
Lá me dero pinga pra mim bebê,  
Tava sem fervê!

8 — Eu bebi demais e fiquei mamado  
Eu caí no chão e fiquei deitado,  
E eu fui pra casa de braço dado,  
E eu fui pra casa de braço dado,  
Eu fui arrastado por dois soldado,  
Muito obrigado.  
Oi, lá!, Oi, lá!, Oi, lá! (coral)

Gravado por Almir Rogério, Sertão Jovem, lado A, 1.<sup>a</sup> música, Discos Copacabana, São Paulo, COMLP 25.153, publicado em 1984. Registra como autor Ochél-sis Laureano.

#### HISTÓRIA DA MODA DA PINGA

Gostaríamos de poder informar exatamente quantas gravações de *Moda da Pinga* foram postas à venda pelas gravadoras da R.C.A. Víctor e pela Copacabana Discos, distribuídos em 78 rotações, compactos, longplays e fitas minicassetes, no decorrer dos trinta anos de carreira que possuímos. Mas, lamentavelmente, isto já não nos é possível. As datas das gravações também são prováveis, pois as primeiras foram em discos de 78 rotações e não registravam data.

O que sabemos a respeito da música é que a conhecemos desde criança e só não a cantávamos em programas infantis, porque diziam que a letra "não era própria para criança". Ouvimos, repetidas vezes, a música e letra em festas de fazenda. A letra variava e era bem longa, mas a música sempre foi a mesma. Porém, quando a ouvimos pela primeira vez nas vozes de Raul Torres e Serrinha, pelo rádio, se nos lembramos bem, trazia por título *Festanção no Tietê* (moda de viola), de autoria de Raul Torres, pelos idos de 1940, gravada pela R.C.A. Victor, que, apesar de longas buscas, não encontramos a letra e nem a música (nem em livreto, nem em disco), mas que parecia iniciar assim:

"Eu fui numa festa no Rio Tietê  
E lá fui chegando no amanhecê".

Ainda na década de 1940, a mesma dupla Raul Torres e Serrinha, grava também pela R.C.A. Victor outra moda de viola *Moda da Pinga*, de letra e música de Cunha Júnior, cujo conteúdo é muito pouco parecido, mas a música em nada se assemelha com a discutida *Moda da Pinga*.

Assim foi composta a *Moda da Pinga* de Cunha Júnior:

1 — Eu tô bem aborrecido  
De escuitá o povo falá  
Pra morde o decreto novo  
Que a pinga vai aumentá  
S'isso for acontecido  
Muita gente passa má.

2 — Pra mim que assuspenda tudo  
Só a pinga não pode sê  
Como é que vivo no mundo  
Sem a minha pinga bebê  
Dia que não bebo pinga  
Parece que vou morrê.

3 — Quando eu dô pra bebê pinga  
Eu varo a sumana intera  
Eu fico dentro da venda  
Fico falando bestera  
De noite vorto pra casa  
Sem um tostão na albigera.

4 — Eu quando vorto pra casa  
Venho dando cambalão  
Veja o que me aconteceu  
Na ponte do Arião  
Caí de riba da ponte  
Nem quebrei o garrafão.

5 — Nesse dia eu tava arto  
Fiquei no meio da estrada  
Muié me levô pra casa  
E me deu tanta pancada  
Amanheci notro dia  
Cu'a cara tudo amassada.

6 — Negócio de tomá tombo  
Já tô bem acostumado  
Já tô c'o dedão sem unha  
Coitado tá calejado  
Quebra toco no caminho  
Que parece intê machado.



- 7 — O cabra que bebe pinga  
Pisa bem arto no chão  
Ansim mesmo dá topada  
Quebra a unha do dedão  
O cabra quebra a cabeça  
Mais não quebra o garrafão.
- 8 — Eu notro dia alevanto  
Cabeça tudo amarrada  
Mais inda com tudo isso  
Eu acho que num é nada  
Só farta minha cabeça  
Acustumá com pancada.
- 9 — A pinga é bom alimento  
Assim me disse o dotô  
No tempo de frio esquentá  
E refresca no calô  
Pode me fartá cumida  
Mais pinga não, por favô.

Sob o nome *Marvada Pinga* gravamos em 1953, a 1.<sup>a</sup> versão, que registrava como autores Raul Torres e Laureano, o que também é objeto de discussão, pois para a maioria dos estudiosos desse assunto, somente é considerado como autor o professor Ochélsis de Aguiar Laureano.

No dia 12 de maio de 1985, a dupla Sá e Guarabira apresentou-se no Programa "Som Brasil", de Lima Duarte, na Rede Globo de Televisão, Canal 5 — São Paulo e interpretou *Marvada Pinga*, de Laureano, aparecendo no vídeo: sucesso de Laureano e Mariano.

Queremos esclarecer também que quando indagávamos sobre a autoria da música, éramos informados de que se tratava de melodia e letra sem autores conhecidos, recolhidas, aos pedaços, na região de Tietê, Tatuí e Itu, cidades paulistas.

Daí acreditarmos ter ocorrido o costume muito comum em Portugal, onde as músicas de agrado popular levam duas ou mais letras diferentes. No caso da *Moda da Pinga*, os cantadores improvisaram versos dentro da mesma música, como ainda ocorre em festas populares de todo o nosso interior.

Podemos citar dois exemplos de melodias portuguesas e também brasileiras, sem que isso seja considerado plágio. No caso estão: *A Rosinha dos Limões*, que traz como autor Artur Ribeiro, na gravação de Max, com cuja melodia foi gravado o *Fado Marujo*, de Artur Ribeiro e L. Barbosa, por Amália Rodrigues. *Fado Marujo* deve ter sido feito para a voz feminina. Porém, a mesma Amália Rodrigues gravou, mais tarde, *A Rosinha dos Limões*. O segundo exemplo é o de letra e música brasileiras *Mãe Preta*, de Caco Velho e Piratini, a qual Amália Rodrigues, com outra letra, gravou, sob o título de *Barco Negro* (Mãe Preta), de Caco Velho, Piratini e D. J. Ferreira.

Assim sendo, podemos crer que a *Moda da Pinga*, considerada pela maioria dos pesquisadores de música, como melodia e letra de autor desconhecido, tenha sofrido um processo semelhante, em tantos anos de execução. Em nossas gravações, o selo do disco foi mudado inúmeras vezes, registrando-se autores diferentes, conforme a reedição do disco. Pode ser que autores de estrofes da música estivessem reivindicando a autoria total da mesma. Não é raro o fato seguinte: Vamos fazer um espetáculo em cidade do interior, em cidade grande ou pequena, e sempre se apresenta o "autor" da *Moda da Pinga*. E alguns chegam a perguntar por que não incluíram seu nome no disco. Por que essa injustiça? Mas o mais curioso é que o cidadão geralmente não tem mais que 30 anos de idade.

A primeira gravação que fizemos da *Moda da Pinga* foi na R.C.A. Victor, em 1953, disco de 78 rotações (n.º 80 1217), em cujo selo se lê: *Marvada Pinga*, de Laureano, com Inezita Barroso e Conjunto Regional do Canhoto, gravado no Rio de Janeiro. A música está no lado A.

Conhecíamos diversas estrofes do tema, mas por falta de espaço, foram gravadas apenas 5 delas.

Logo após o lançamento de *Marvada Pinga*, deu-se início a uma polêmica sobre a autoria da música. Em 1953 e 1954, ela esteve na praça em discos de 78 rotações, combinada com diversos sucessos nossos, mas sempre "puxando" o disco. Foi, sem nenhuma sombra de dúvida, o maior sucesso daqueles tempos. Esteve em todas as paradas de sucesso do país. Os autores variavam e o selo era constantemente trocado. O nome de Cunha Júnior apareceu no selo durante um certo tempo e depois desapareceu. Em 1954, a R.C.A. Victor lançou um elepê de 10 polegadas, *Coisas do Meu Brasil* (n.º 3.016), cuja primeira faixa era *Marvada Pinga*, de Laureano (mesma matriz do 1.º disco).

Em 1955, depois de nossa mudança para a Copacabana Discos, a R.C.A. Victor lançou um elepê de 12 polegadas, com matrizes que lhe pertenciam, *Coisas do Meu Brasil* (n.º 5.020), onde reaparece a *Marvada Pinga*, de Laureano.

Nessa época viajávamos muito pelo interior de São Paulo recolhendo temas folclóricos, e nas regiões de Piracicaba, Mombuca e Capivari, tivemos a oportunidade de recolher outro tema sobre pinga, mas não o gravamos porque *Marvada Pinga* era muito recente e o assunto era quase o mesmo.

#### *Moda dos Pau-d'Água*

- 1 — Não quero que me dê consêio  
Para largá de bebê.  
Quem num bebe, quem num pita,  
Que alegria pode tê?
- 2 — O bebê me dá alegria,  
O fumá me dá prazê,  
Quero cumpri minha sina, ai,  
Na chuva quero morrê.
- 3 — Da garrafa faço vela,  
Da pipa faço o caxão,  
Do funil faço a mortalha,  
Dexa-me o copo na mão.
- 4 — Oi, debaxo de um lambique  
Quero a minha sepultura,  
Assim memo despois de morto  
Quero me achá na fatura.

Bem mais tarde, ou seja, em 1966, o Professor José Sant'anna, da cidade de Olímpia, coletou um tema semelhante a este, tendo como informante o Sr. Benedito Delfino Moreira, de 68 anos, e que foi publicado na página Folclorário do Semanário Voz do Povo, edição de 1.º/7/1967.

#### *O Pinguço*

- 1 — Lá no bairro onde eu moro  
É muito bom de vivê.  
O povo que mora lá  
Não passa um dia sem bebê,  
Garrafa, litro de lado  
Vai na venda, manda enchê.
- 2 — Vô deixá de bebê pinga  
Só pra mim podê casá.  
Depois qu'eu panhá casado  
Pois eu bebo até rolá.  
Compro um barril põe no canto  
Fala quem quisé falá.
- 3 — Compro barril e põe no canto  
Tenho pinga pra bebê.  
O dia qu'eu bebo pinga  
Não incomodo cum cumê,  
O dia qu'eu bebo pinga  
Por gosto pode-se vê.



4 — Vou deixá da garrafa e litro  
Vô pegá no garrafão.  
O dia qu'eu bebo pinga  
Tudo pra mim tá bão.  
Viro a danada na boca  
E bebo até caí no chão.

5 — Eu vou morá no lambique,  
Encostado na cartola  
Da tornera eu faço rédia  
Eu corro nela a espora,  
O dia que eu bebo pinga  
Si ocê vê até chora.

6 — Na bera do lambique  
Vô fazê minha sepultura,  
Proquê sei que morro mesmo,  
Quero morrê na fartura,  
O home que bebe pinga  
Não tem a vida segura.

Mas nossa interpretação de "*Marvada Pinga*" venceu muito e aconteceu o que acontece com artistas de novela, quando interpretam tipos malvados e são até agredidos na rua! Começamos a receber muitos cartazes da Liga Contra o Alcool e coisas semelhantes. Achamos a atitude muito engraçada, mas ficamos ainda mais orgulhosos de nossa interpretação. Sabe o que fizemos? Decoramos todo o bar de nossa casa com os referidos cartazes, ilustrados com fotografias de senhoras derramando lágrimas sobre taças de cristal. A despeito da decoração, confessamos não gostar de pinga, mas apreciamos muito a sua "moda". Há algum tempo depois, Vicente Leporace escreveu a contracapa para nosso elepê CLÁSSICOS DA MÚSICA CAIPIRA. Assim se manifestou:

"...Escrever esta contracapa foi fácil tarefa, porque, não há neste Brasil "velho-de-guerra" quem não conheça a *Inezita*, a moça da alta sociedade paulistana que introduziu o violão e a viola nos salões grã-finos, onde, até então, só se ouviam instrumentos nobres, como a harpa, o violoncelo, o violino e outros, além do piano de cauda! *Inezita* chegou, violão em punho, sorriu aquele sorriso de capa de revista e disse: "Vou cantar a *Moda da Pinga*!"

Os basbaques, que haviam aplaudido momentos antes, o "L'après-midi d'un faune", de Debussy, executado "magistralmente" por um grupo de debutantes, entreolharam-se, receosos, não acreditando no que ouviam, nem no que estavam vendo! (Houve, inclusive, quem insinuasse, em voz baixa, que a moça estava "piúca"...). *Inezita* não ligou, soltou aquela voz bonita que Deus lhe deu e... foi a conta! Desse momento em diante, as "moçoilas", os "mancebos" e os circunstantes, passaram a notar a existência da viola, do violão e "descobriram" que eram instrumentos dedilhados à moda da terra!!!

No início de 1955, como já afirmamos, transferimos para a Copacabana Discos, onde gravamos, inicialmente, diversos discos de 78 rotações, além de três elepês de 10 polegadas. Em 1958, gravamos nessa fábrica o nosso primeiro elepê de 12 polegadas, sob o título *Vamos Falar de Brasil* n.º 11.016, onde foi incluído, desta vez, a *Moda da Pinga*, aparecendo como autores, *Raul Torres* e *Laureano*. Nessa faixa acompanhamo-nos com viola caipira. Como as discussões sobre a autoria da música continuassem e mais acirradas, bem como o seu sucesso aumentava em todos os espetáculos, resolvemos realizar nova gravação pela Copacabana, incluindo outras estrofes que não tiveram espaço na primeira gravação. Em conversa com Paulo Vanzolini, recordamos outras estrofes que havíamos recolhido no interior paulista, ou seja:

Venho da cidade, já venho cantano,  
Trago um garrafão que venho chupano,  
Venho pr'os caminho, venho tropicano,  
Chifrano os barranco, venho cambetiano  
E no lugá que eu caio já fico roncano.  
Oi, lai!

Eu bebo da pinga, porque gosto dela,  
Eu bebo da branca, bebo da amarela;  
Bebo nos copo, bebo na tigela  
E bebo temperada com cravo e canela,  
Seja quarquê tempo vai pinga na goela.  
Oi, lai!

Pinga temperada eu num modifico,  
Queimada no bule eu bebo no bico,  
Vô rolá na poera feito tico-tico,  
Vô de quatro pé, destripano o mico.  
Junta mosquitera, mas eu não imprico.  
Oi, lai!

Destas, as duas primeiras estrofes incluímos na nova gravação. Como as polêmicas prosseguiram, então nós, preparamos um teste. Tratamos o seguinte: gravaríamos também duas ou três estrofes compostas por Paulo Vanzolini sobre a mesma melodia, para provarmos que é hábito, entre os cantadores, acrescentarem letras nas músicas de agrado popular. E estávamos certos de que não apareceria nenhum autor para a letra toda. Nossa experiência constou em anexar à letra duas estrofes criadas por Paulo Vanzolini, mas guardando absoluto sigilo de que elas eram dele. Foi o bastante! Apareceram muitos compositores para reclamar a autoria dos versos. Ficou então provado para nós que, sendo ou não folclore, nessas circunstâncias, sempre aparecerão os "donos".

As estrofes engenhadas por Paulo Vanzolini, que gravamos, são estas:

Cada veis que eu caio, caio deferente,  
Meaçô pra trais e caio pra frente,  
Caio devagá, caio de repente,  
Vô de corrupio, vô deretamente,  
Mais seno de pinga, eu caio contente.  
Oi, lai!

Pego o garrafão e já balanceio  
Que é pra morde vê se tá memo cheio,  
Não bebo de veis, porque acho feio,  
No primero gorpe chego inté no meio  
No segundo trago é que eu desvazeio.  
Oi, lai!

E esta outra, que não inserimos na faixa:

Eu bebo da pinga nem que tome pito,  
O que é de incrinação eu acho bonito.  
C'o chero da pinga eu já fico afrito,  
Bebo uma garrafa e já quero um litro;  
E é bebendo a pinga que eu crio esprito.  
Oi, lai!

Em 1968, quando visitávamos Olímpia, fomos homenageados pelo violeiro (tocador de viola caipira de 10 cordas) e bom cantador, Sr. Benedito Delfino Moreira, de 70 anos, que orgulhosamente, cantou a *Moda da Pinga*. Entre as estrofes costumeiras, entraram essas três com as seguintes variações da criação do espírito popular, a encantadora alma espontânea do povo. Aprendeu a melodia em 1920.

Eu bebo a pinguinha porque gosto dela  
Bebo misturada com cravo ou canela,  
Bebo na garrafa, bebo na tigela,  
Bebo da branquinha, bebo da amarela,  
Não importa a hora vai caí na goela.  
Eh, lá!

Quando bebo pinga fico brincaião,  
Basta uma copada, já rolo no chão.  
Pelejo co'as perna e também co'as mão,  
Parece que tô pisano em sabão,  
Mais se ri de mim, fico valentão.  
Eh, lá!



E mais esta estofe que diz ter lido no Suplemento "Melodias Sertanejas" — Palmeira e Biá — 9, onde havia a letra de 31 músicas, por nós interpretadas e, entre elas a *Moda da Pinga*, sem referência a qualquer autor, lançado pela Editora Prelúdio Ltda., de São Paulo, sem data da publicação. Mesmo tendo recebido informação escrita, os três últimos versos aparecem como variantes dos que estavam impressos no referido livreto.

Eu bebo pinga nem que leve pito,  
O que é de incrinação, eu acho bonito.  
Bebo uma garrafa, e já quero um litro,  
Ai, bebendo um litro eu já fico afrito;  
Garro a suá e ganho dois esprito.  
Eh, lá!

Segundo o depoimento do Sr. Alceu Clemêncio da Silva, olimpiense, a dupla Sebastião Dias e Antônio Cândido, de Tabapuã — SP, no ano de 1929, participava de festas nas fazendas e mesmo nas cidades, animando grupos de catira à cantoria da *Moda da Pinga*, principalmente se estas reuniões eram organizadas pelo grande cafeicultor do município — Capitão Horácio Antônio do Nascimento.

Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), outro violleiro, hoje residente no Bairro de São José, de Olímpia, contou-nos conhecer a *Moda da Pinga* aos 14 anos de idade, isto em 1925, quando a aprendeu com seus parentes no distrito de Ribeiro dos Santos, Município de Olímpia.

Outro informante de Olímpia, Sr. João Joaquim de Sant'Ana, já falecido, disse-nos conhecer a moda pelos idos de 1915 e que era muito apreciada pelos cantadores de viola da época.

Enfim, a *Moda da Pinga* é conhecida há muitos anos em todo o Estado de São Paulo, tendo adquirido foros de tradicionalidade. Criou raízes na memória coletiva paulista.

### CONCLUSÃO

A *Moda da Pinga* também conhecida por *Marvada Pinga* tem sua autoria controvertida e divergente. Para uns a autoria é de Ochélsis Laureano. Para outros, é de Ochélsis Laureano em parceria com Raul Torres. E ainda para outros, de Cunha Júnior. Mas, na verdade, o tema pertence ao folclore paulista, mais precisamente da região de Tietê, onde era cantado, constantemente, por negros alforriados. Tem-se notícia de que foi também muito difundida nas cidades de Tatuí e Itu.

O que aconteceu foi que os recolhedores da música, ao registrá-la, naturalmente, assinaram a coleta e isto deu-lhes "status" de autoria. Prova maior de que a música é de domínio público são as variantes registradas. Numa gravação recente (1982) a dupla Pena-Branca e Xavantinho gravou-a sob o tema *Marvada Pinga* (Som Brasil), em cujas estrofes os versos aparecem invertidos. Não há uma seqüência na colocação das estrofes e mesmo grande parte das palavras empregadas são substituídas por sinônimos perfeitos ou análogos. Outro fato que normalmente ocorreu foi a adaptação de novas estrofes à música, até por compositor ilustre que preferiu o anonimato.

A gravação original foi feita por Raul Torres e Serrinha, em 1940, a qual não obteve muita repercussão.

Treze anos depois, ou seja, em 1953, gravamo-la com o registro de *Marvada Pinga*, fazendo grande sucesso nas paradas. Em 1958, lançamos sua segunda versão sob o nome de *Moda da Pinga* e o sucesso multiplicou-se.

É certo que o tema musical foi inicialmente divulgado no rádio pela dupla Torres e Serrinha, mas solidificou-se essa expansão quando passamos a divulgá-la em discos e programas musicais que realizamos em todo o Brasil.

Quanto à autoria ora atribuída a este ou àquele compositor, queremos afirmar que o que é de muitos acaba não pertencendo a ninguém. Face às pesquisas que realizamos, o tema é de domínio público, portanto, do Folclore Brasileiro, tendo sua origem no Estado de São Paulo.

É uma sátira sobre a cachaça, provavelmente criação de negros alforriados que trabalhavam em engenhos de açúcar na região de Tietê. O homem do povo tem costumes mais despojados e mais simples o que o leva a divertir-se habitualmente em grupo, nas suas festas.

Na composição da *Moda da Pinga* há combinações de idéias, pensamentos que se ajustam e dão o verso cantante, com todos os requisitos exigidos pela música.

O que pode ter ocorrido sobre o tema coletado foram as variantes das estrofes (próprias da transmissão oral) e adaptações realizadas por alguns coletores. Mesmo assim, as próprias modificações e adaptações foram folclorizando-se e se sujeitaram ao fenômeno das variantes.

A *Moda da Pinga* quanto mais cantada, mais preferida se torna, ao contrário dos temas populares que quando muito repetidos passam a ter vida efêmera, chegando a ser considerados "carne de vaca".

Maiores provas de que a *Moda da Pinga* é generalizada no Estado de São Paulo é a dublagem que sobre ela vem sendo feita em programas de televisão. No dia 28 de outubro de 1984, uma moça dublou-a, imitando-nos no Programa Sílvio Santos, alcançando sucesso total; o que não ocorreu a um moço, que tentando realizar a mesma dublagem no Programa Barros de Alencar, no dia 3 de novembro de 1984, não logrou êxito.

### DISCOGRAFIA DA MODA

Em muitos discos que gravamos foi incluída a música ora sob o título *Moda da Pinga*, ora como *Marvada Pinga*. Embora não possuamos todas as gravações, é-nos possível relacioná-las.

Na R.C.A. Victor, com o nome de *Marvada Pinga*: 1) Disco 78 rotações (n.º 801.217), 1953; 2) Elepê, 10 polegadas, "Coisas do Meu Brasil" (n.º 3.016), 1954; 3) Elepê, 12 polegadas, "Coisas do Meu Brasil" (n.º 5.020), 1954; Compacto duplo "Estatutos da Gafieira" (R.C.A. CAMDEN n.º 5.020), 1958; 5) Elepê, 12 polegadas, "Jóias Sertanejas" (2.º volume — R.C.A. CAMDEN), 1971.

Na Copacabana Discos, com o nome *Moda da Pinga*: 6) Compacto duplo "Inezita n.º 1" (n.º 4.527), 1956; 7) Elepê, 12 polegadas, "Vamos Falar do Brasil" (n.º 11.016); 8) Compacto duplo "Inezita Barroso n.º 3" (n.º 3.339), 1959; 9) Elepê, 12 polegadas, "Inezita Barroso — colagem" (n.º 40.401), 1972; 10) Elepê, 12 polegadas, "O Melhor de Inezita", 1974; 11) Compacto duplo "Inezita Barroso" (n.º 3.777), 1977; 12) Elepê, 12 polegadas, "Seleção de Ouro" (n.º 25.008).

Em outras gravadoras — *Moda da Pinga*: 13) Elepê, 12 polegadas, "História da Música Popular Brasileira", gênero: Música Sertaneja, da Editora Abril Cultural S.A., 1983; 14) Elepê, 12 polegadas, "Seleção de Ouro da Música Sertaneja", Seta Fonograma Ltda., 1985.

Somam 14 gravações, se não ficaram algumas tremalhadas da relação.

Além das gravações, impossível se torna calcularmos, nem mesmo aproximadamente, o número de vezes que interpretamos a "embriagadora" música, por todo o território nacional e no exterior, em 30 anos de atividades artísticas.

Se a cada interpretação, vivêssemos mais um ano, atravessaríamos muitos séculos.

Afora nossas gravações, temos conhecimento de outras, por diversos intérpretes.

Produzimos este pequeno trabalho com a finalidade de registrarmos o que sabemos sobre a *Moda da Pinga*, porque "verba volant, scripta manent".



Por último, cabe-nos agradecer ao distinto amigo e dedicado colaborador, Prof. José Sant'anna, pelo incentivo e participação ativa na realização deste trabalho. Nossos agradecimentos se estendem ao maestro José Carlos Antonelli (organografia — estudo da escrita musical), ao respeitável compositor paulista de músicas caipiras,

João Pacífico, à senhora Adelina Aurora Barreira Torres (viúva de Raul Torres), pelas informações prestadas. E, aos moços olimpienses, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Jônatas Manzolli, Luís Antônio Julião, Marcos Antônio Zangirólami e Valdemar Balbo, dignos colaboradores.

# Seis contos folclóricos recolhidos em Olímpia

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore — Olímpia

Publicamos, neste trabalho, apenas seis contos folclóricos, integrantes de um acervo de duzentos, que resultaram de entrevistas com pessoas que vivem no Município de Olímpia, para não mantê-los preservados no silêncio, guardados apenas em nossos arquivos ou na memória dos contadores de estórias, que aos poucos estão desaparecendo.

Nossa intenção não é outra senão publicá-los, para não caírem no desaparecimento. Por isso, não estão classificados nem analisados. As estórias são muito antigas, mas não esquecidas. Futuramente, aparecerão em livro.

## 1 — MARIA DE PAU — I

Era uma vez uma moça muito linda de família nobre chamada Maria. Um dia a mãe dela morreu e ela passou a morar sozinha com o pai, no palácio.

O pai não se conformando com a viuvez, passou a gastar quase toda a fortuna que possuía. A moça era prestimosa. Tomava conta do palácio tão bem e era muito querida dos criados. Com o passar do tempo o pai dela teve uma atitude esquisita e, aproximando da filha, disse:

— Minha filha, já que sua mãe faleceu e você é bastante ajuizada, eu vou me casar com você. Assim você passará de princesa a rainha e nós ainda podemos salvar muita coisa que já perdemos neste palácio.

A moça ficou horrorizada, nervosa, com muita vergonha, mas não disse nada ao pai. Nem sim, nem não. Trancou-se num quarto para chorar e pensou assim:

— Papai deve estar ficando louco. Onde se viu querer casar comigo, que sou sua filha legítima?

Depois que chorou bastante, ela se lembrou de Santo Antônio que era o padroeiro dos casamentos. E pensou:

— Se Santo Antônio é santo casamenteiro, ele há de ajudar a impedir o meu casamento com o meu próprio pai, porque isto não é certo.

Saiu pelos campos, sentou-se sobre uma grande pedra e lá mesmo ela pediu pra Santo Antônio que protegesse ela e tirasse o pai daquela ilusão de casamento.

E assim, durante três dias ela ia sentar naquela pedra com fé de que Santo Antônio pudesse realizar um milagre.

No terceiro dia, depois que a moça sentou sobre a pedra e pediu a proteção de Santo Antônio, ele apareceu e disse pra ela:

— Minha filha, eu vou te ajudar para livrar você desse casamento proibido, mas você vai ter que ir tapeando o teu pai. Eu vou te ensinar.

Aí, Santo Antônio com muita calma e bondade falou pra ela dizer pr'o pai que se casaria com ele, mas era preciso que ele atendesse os pedidos que ela ia fazer. E continuou:

— No primeiro pedido você peça um vestido da cor do céu e com todas as estrelas. Se ela conseguir esse vestido, então, você peça um outro da cor do mar e com todos os peixes. Se ele conseguir esse vestido, daí você peça um outro da cor do campo com todas as flores.

A moça agradeceu muito a orientação que Santo Antônio deu pra ela e assim que chegou em casa já disse para seu pai:

— Papai, para o nosso casamento o senhor tem que comprar um vestido para mim, mas que tenha a cor do céu com todas as estrelas.

O pai concordou com o pedido e por isso teve que viajar muito até encontrar o vestido que a filha pediu.

Quando ele voltou com o vestido, a moça disse pra ele:

— Está bom, papai. É este vestido mesmo, mas eu vou precisar de um outro que tenha a cor do mar com todos os peixes.

O pai, então, recomeçou a viagem e andou até encontrar esse vestido.

Voltou para casa e entregou pra filha o vestido do jeitinho que ela encomendou.

E a moça então falou pra ele:

— Agora, papai, é o último pedido antes do casamento. Eu quero que o senhor me compre um vestido da cor do campo com todas as flores.

O pai, na certeza de que ia casar com a filha, enfrentou nova viagem à procura do terceiro vestido. Encontrou, comprou e trouxe pra filha.

A moça disse ao pai que aguardasse mais uns três dias para o casamento pra dar tempo pra ela arrumar toda sua roupa, suas jóias, seus sapatos. O pai consentiu.

Nisto, ela já estava pensando, novamente, em Santo Antônio que tinha dito pra ela:

— Se o teu pai conseguir comprar os três vestidos que você pediu, você volte aqui que eu vou te dar outros recursos.

Então ela voltou no campo, com os três vestidos, sentou-se na pedra, rezou e chamou a presença de Santo Antônio.

Santo Antônio apareceu outra vez para ela. Ela, então, falou:

— Meu querido Santo Antônio, o papai conseguiu encontrar os três vestidos que eu pedi. Eles estão aqui. E agora, o que eu ainda posso fazer?

Santo Antônio disse:

— Eu vou te dar uma maleta de couro cru. Nela você vai guardar estes três vestidos e os três anéis que têm a tua fotografia: uma com cada vestido que o seu pai comprou. E também uma varinha de condão. Quando você



estiver em situação difícil é só bater a varinha e fazer o pedido que você será atendida. Mas você não volte mais para a sua casa. Eu vou te dar um vestuário feito de pau e daqui mesmo você vai sair pelo mundo em busca de tua sorte.

Ela saiu naquela armação de madeira e seguiu pela estrada à procura de um lugarzinho onde ela pudesse ficar. Já estava bem cansada, com sede, com fome e com muito sono quando avistou uma casa muito pobre, na beira da estrada.

Ela parou e pediu que dessem acomodação pra ela, porque estava muito cansada e com fome.

Naquela casinha vivia um casal de velhos pobrezinhos e se assustaram quando viram aquela enorme mulher toda de pau, andando e falando.

Depois que conversaram um pouco com ela, acabaram deixando ela ficar lá e repartiram um pouco de comida com ela.

Naquela casinha Maria ficou alguns dias descansando e comendo muito mal, pois os donos eram pobres demais.

Depois ela agradeceu muito o casal de velhos e continuou sua viagem, a pé, à procura de um serviço. Andou, andou, andou, passando fome, sede e frio até que avistou, num belo dia, um palácio muito bonito. Parou naquele reinado e mandou oferecer seus serviços para ser uma das criadas da rainha. Pediu também um quartinho onde ela pudesse pousar e guardar seus trenzinhos.

A rainha quando viu aquela mulher que mais parecia árvore do que gente, quase que não aceitou ela no palácio. Por fim, achou tanta graça naquela coisa estranha que acabou ajustando ela pra trabalhar. Nesse palácio moravam o rei, a rainha e quatro filhos, sendo um príncipe e três princesas.

A rainha depois de conversar muito com aquela mulher feita de madeira, perguntou:

— Qual o seu nome, senhora.

— Meu nome é Maria.

E a rainha acrescentou:

— Daqui pra frente será Maria de Pau.

Maria era muito quieta, educada e trabalhadeira. Mesmo com toda a armação de pau, ela fazia muito bem os serviços do palácio.

Mas a única coisa que passou a entristecer Maria de Pau foram os maus tratos do príncipe, filho do rei. O rei, a rainha, as três princesas trataram bem a empregada, mas o príncipe tinha verdadeiro horror e nojo da Maria de Pau. Mas a coitada, com muita paciência, enfrentava os serviços de casa e continuou no palácio.

Naquela ocasião ia haver uma grande festa em outro reinado, um pouco distante dali e que ia durar três dias. Todas as noites haveria bailes para as pessoas mais importantes daquela região.

No primeiro dia de festa as princesas estavam arrumando seus lindos trajes para o baile e perguntaram pra criada:

— Vamos ao baile, Maria de Pau?

— Vê lá! Eu, uma pessoa feita de madeira, não posso nem pensar em sair de casa. Só serviria de crítica e zombaria.

A noite, enquanto o príncipe se preparava para a grande noite, ele pediu pra Maria de Pau uma toalha de banho. Na hora que a pobrezinha entregou a toalha pra ele, o agradecimento foi uma toalha no rosto dela.

Maria de Pau ficou tristonha, mas ficou calada.

Depois que a família toda estava pronta, entraram no trole e foram para a festa tão esperada.

Maria de Pau deixou passar um bom tempo da saída deles e batendo a varinha misteriosa que Santo Antônio tinha dado, ela pediu proteção:

— Ó meu Santo Antônio, manda para mim uma carruagem muito chique, bem enfeitada, com cavalos bem fortes e bonitos. E também sapatos, jóias e pinturas.

Ela fez o pedido já trajada com vestido da cor do céu com todas as estrelas e não se esqueceu de pôr o anel com a fotografia dela vestida no mesmo traje.

Quando ela chegou na festa, chamou a atenção de todos e o príncipe do reinado onde ela morava foi quem veio pra receber ela. Dançou com ele todo o tempo e ele teve a oportunidade de ver aquele anel tão lindo. O príncipe ficou tão caído por ela que perguntou:

— Onde você mora?

E ela respondeu:

— Moro no reino onde se bate com a toalha.

O príncipe pegou sua caderneta e anotou a resposta dela.

Quando ela percebeu que estava para acabar o baile, chamou a carruagem e foi correndo para o palácio onde morava. Chegando, guardou o seu maravilhoso vestido e vestiu sua triste armação de pau.

No outro dia, as princesas comentaram com Maria de Pau sobre a moça maravilhosa que tinha ido ao baile e procuraram caprichar nos vestidos delas para não ficarem tão por baixo.

O príncipe, então, estava inquieto só pensando na moça com quem dançou a noite toda.

Quando foi chegando a hora de se aprontarem para o segundo dia da festa, o príncipe pediu pra criada Maria de Pau ir levar um sabonete pra ele. Assim que ela entregou o sabonete ele, maldosamente, deu com o pente no rosto dela. Ela fingiu não se importar.

Depois, já na hora de irem pra festa, as moças ainda convidaram Maria de Pau para ir junto. Mas ela, com tanta humildade, se desculpou. Passado um bom tempinho da saída deles, Maria vestiu o vestido da cor do mar com todos os peixes e colocou o anel com a fotografia dela no mesmo traje. E batendo a varinha mágica de Santo Antônio, chamou a carruagem. Naquela noite a carruagem foi mais bonita ainda e dentro dela vinham até sapatos de ouro, de prata, de brilhante pra Maria de Pau escolher. Maria de Pau ficou mais encantadora ainda. Quando chegou na festa já estava o príncipe, inquieto, à espera dela. Logo começaram a dançar. O príncipe se admirou da fotografia do anel ser tão igual ao traje dela. Ai, então, ele insistiu com ela pra dizer onde morava. E a resposta foi esta:

— Moro no reino onde se bate com o pente.

O príncipe tirou do bolso sua caderneta de apontamentos e tornou a anotar o que a linda moça disse.

Ao findar o baile, ela pediu a carruagem e voltou apressada para o palácio para não ser percebida.

No dia seguinte as princesas, que eram moças muito boas e educadas, contaram para a Maria de Pau que ninguém podia ganhar em beleza e riqueza daquela moça que aparecia no baile, mas que elas iam tentar fazer um traje muito bonito para a última noite. O príncipe, apaixonado, já não sabia mais o que fazer. Só pensava naquela moça encantadora. A ansiedade dele era tanta que quando Maria de Pau passou perto dele, ele deu uma cuspidinha na face dela.

A tardinha, a família já estava preparada para o último dia de festa, no reino vizinho, e as princesas, mais uma vez, por delicadeza, convidaram a pobre Maria de Pau para ir junto para conhecer a moça encantadora que aparecia no baile e ninguém sabia quem era. Maria de Pau agradeceu o convite, mas não aceitou ir à festa.

A noitinha, ela se trajou com o vestido da cor dos campos com todas as flores e pediu a proteção de Santo Antônio. Apareceu uma carruagem mais bonita que as outras duas. Maria de Pau brilhava naquele traje e o anel que ela colocou no dedo tinha sua fotografia no mesmo traje.

Quando ela chegou na festa, o príncipe todo ansioso correu e deu a mão pra ela descer da carruagem. Ele estava tão apaixonado que até parecia um bobo. Dançaram todas as músicas que a orquestra tocou. O príncipe estava



com muito medo de nunca mais ver aquela moça tão encantada, que tornou a perguntar:

— Onde você mora?

E ela, desta vez, respondeu:

— Moro no reino onde se cospe na face.

Mais uma vez ele fez a anotação da resposta dela.

Faltando alguns minutos para terminar a festa, ela se despediu e o príncipe relutou pra ir embora com ela.

Mas ela entrou na carruagem e a carruagem saiu tão depressa que parecia que voava.

A família do rei voltou para casa, mas no outro dia o coitado do príncipe nem se levantou, porque estava doente por causa da moça que ele namorou três noites sem saber quem ela era e onde morava.

Então, Maria de Pau falou pra rainha:

— Se a senhora permitir eu vou fazer uns bolinhos pr'o príncipe comer.

A rainha respondeu:

— Pode fazer, mas ele não pode ficar sabendo que foi você, senão ele não come. Ele tem muito nojo de você.

Maria de Pau fez os bolinhos e dentro de um deles colocou o anel que ela usou no primeiro dia do baile.

A rainha levou os bolinhos para ele e insistiu pra que ele comesse. E o príncipe, desconfiado, perguntou pra mãe:

— Mas foi a senhora mesmo que fez os bolinhos? Ou foi esta empregada nojenta, feita de pau?

A mãe, com muita delicadeza, disse:

— Fui eu mesma, meu filho. Pode comer sem medo.

Quando o príncipe pegou um bolinho pra comer, encontrou dentro um anel maravilhoso. Limpou num guardanapo, guardou na gaveta do criado-mudo e comeu todos os outros bolinhos. Ele achou que o anel tivesse aparecido ali por um milagre.

Depois que ele comeu, ele pediu um copo d'água.

Maria de Pau pôs a água num copo de cristal e dentro colocou uma estrelinha do vestido que ela se trajou na primeira noite e deu pra rainha ir levar pra ele. Ele tirou aquela estrelinha, tomou a água e pensou em milagre mais uma vez.

No segundo dia, o príncipe disse pra mãe que queria comer um mingauzinho de fubá.

Mais que depressa Maria de Pau preparou um gostoso mingau e colocou dentro do prato o anel que ela tinha usado no segundo dia do baile.

A mãe levou o mingau pr'o príncipe, ele começou a comer e logo achou aquele anel maravilhoso. Tirou do prato, limpou e guardou. Depois ele pediu um copo d'água. Maria de Pau já tinha posto a água no copo e junto um dos peixinhos tirado do vestido que ela usou no segundo dia da festa.

Aí o príncipe chamou a mãe e falou pra ela:

— Quem fez esse mingau?

A rainha respondeu:

— Fui eu, meu filho.

Ele retrucou:

— Não, não foi a senhora não.

E a rainha afirmava:

— Fui eu sim. Eu não deixo ninguém preparar as coisas pra você comer ou beber. Nem as suas próprias irmãs.

O príncipe, então, acreditou ser realmente um mistério o aparecimento do anel no mingauzinho e do peixinho no copo d'água.

No terceiro dia o príncipe disse pra mãe:

— Mamãe, hoje eu quero que a senhora faça outro mingau igualzinho ao de ontem.

Maria de Pau, com muita esperteza, fez um mingau de fubá mais gostoso ainda e dentro do prato colocou o anel que ela usou no terceiro dia do baile. A rainha levou para o príncipe comer.

Quando ele pediu água, Maria de Pau já tinha colocado uma florzinha tirada do vestido que ela trajou no último dia de festa e a rainha levou a água para o filho beber.

O príncipe ficou tão surpreso com o aparecimento misterioso dos anéis da moça amada e com os enfeites dos seus vestidos que chamou a mãe e falou:

— Mamãe, eu não agüento mais de saudade da moça com quem eu passei os três dias da festa no reino vizinho. Prepare uma valisa com minhas roupas que eu vou sair à procura do reino onde ela mora.

Ela disse ser o reino onde se bate com a toalha, onde se bate com o pente e onde se cospe na face. Eu vou buscar essa moça, custe o que custar.

Nessa altura quem estava arrumando a roupa dele na valisa era a mesma criada Maria de Pau, de quem ele tinha tanto nojo.

Antes de ela colocar a primeira peça de roupa na valisa, ela escreveu assim: Atrás de quem você vai em sua casa fica.

O príncipe chamou um criado, pegou a valisa de roupas, entrou num trole e saiu à procura do tal palácio. Viajou muito, indagou demais e nada de ter nenhuma notícia. Já estava mais nervoso ainda.

A roupa já estava ficando toda suja e ele, então, já estava pra usar a última peça, quando viu aquela escrita num papel.

Ordenou ao criado que voltasse, imediatamente, para o palácio dele.

Quando ele chegou, cansado demais, disse pra mãe assim:

— Mamãe, chame a Maria de Pau que eu preciso falar com ela.

— Pra que, meu filho? Você tem tanto ódio dela. Não vou chamar não. Depois você vai acabar batendo nela e isto não é certo. Não vou chamar.

— Chama sim, mamãe. Maria de Pau não é isto que ela parece. Maria de Pau é a moça mais encantadora do mundo. Chama ela lá pra mim.

A rainha pela insistência do filho chamou Maria de Pau pra ir atender o príncipe. Ela foi. Quando ela chegou perto dele, ele já foi dizendo:

— Você não é Maria de Pau coisa nenhuma. Você é uma pessoa normal de carne e osso como eu também sou.

E ela:

— Não, príncipe, eu sou todinha feita de madeira.

E o príncipe continuou.

— Foi você que andou fazendo aquelas comidas nos dias em que eu estava doente? E também preparando a água pra mim?

E Maria de Pau continuava negando tudo quanto ele dizia. Então, o príncipe teve uma idéia. E disse pra Maria de Pau:

— Já que você é toda de madeira, então eu vou ferir o seu corpo com um punhal, pra ver se isto é verdade.

Maria de Pau aceitou a proposta. Aí o príncipe no primeiro dia feriu a palma da mão direita. Ela fingiu suportar a dor. No segundo dia ele feriu a palma da mão esquerda. Maria de Pau viu estrelas, mas não demonstrou estar sentindo dor. No terceiro dia, então, o príncipe resolveu enfiar o punhal na sola do pé. Foi aí que não suportando, ela gritou, cheia de dor:

— Ai!

O príncipe, convencido e vitorioso, disse pra ela:

— Não falei que você era gente de verdade!

Por que você faz isso comigo?

Daí Maria de Pau disse ao príncipe:

— Amanhã eu venho falar com você.

No dia seguinte ela procurou num terreno próximo ao palácio o local onde havia uma pedra onde Santo Antônio pediu para ela enterrar a varinha de condão. Em seguida ela foi para o quarto, tirou aquela roupagem de madeira e vestiu o vestido da cor do céu com todas as estrelas e se apresentou ao príncipe. Tudo ficou confirmado. O príncipe de tão alegre ficou sem fala por alguns minutos. Fizeram o casamento naquele mesmo dia. Houve uma festa que ninguém até hoje viu igual.



Quando já bem tarde da noite, à hora que os noivos foram dormir, a noiva apenas disse:

— Valei-me, ó varinha mágica. Eu quero o mais lindo palácio que pode existir neste mundo e, sem que o noivo percebesse, já estava dormindo no maravilhoso palácio. No outro dia, o sol já estava alto, quando ele acordou e quase morreu de susto de ver tanta beleza dentro do seu palácio. Ai, então, ele chamou a esposa, a criada Maria de Pau, que foi tão desprezada por ele. E ali, juntinhos, ela contou toda a sua vida e os seus sofrimentos.

Narrado por Sebastiana Miranda Silva, casada, pouca instrução, 59 anos (1983), residente na Rua Manuel Loureiro, n.º 119, no distrito de Ribeiro dos Santos, Município de Olímpia.

## 2 — MARIA DE PAU — II

Era um senhor viúvo. Tinha só uma filha chamada Maria. Num dia ele encafifô que tinha que casá com a filha. Maria ficô muito triste, porque achava que uma filha não podia casar com o pai. Ela era moça nova, pois só tinha dezoito anos, mas nunca tinha ouvido falar em casamento da filha com o pai. O pai falô uma, falô duas e falô três vez com a filha sobre o casamento. Na de três ela resorveu i na casa da madrinha pra perguntá pra ela se uma filha podia casá com o pai. Chegô na casa da madrinha chorando e a madrinha perguntô por que ela chorava.

— Madrinha, eu estô chorando porque meu pai qué casá comigo. O que a senhora acha disso? Há casamento de filha com pai? O que a senhora acha nisso, madrinha?

A madrinha disse:

— Não Maria, mas por isso não precisa chorá. Vou dá um sacrifício pr'o meu compadre. Você chega lá e fala pra ele que sua madrinha falô que eu posso casá com o senhor. Mas o senhor tem que i na cidade e comprá um vestido da cor da mata com o desenho de arves e todos os pássaro. É o vestido do cartório. E vai sê difíce pra ele achá.

Chegando em casa contô ao pai que a madrinha tinha falado que ela podia casá com ele, mas que ele precisava comprá o vestido da cor das matas com desenho de arve e todos os pássaro.

— Vô, minha filha! E saiu pra cidade, depressa. Logo na entrada da cidade ele encontrô um caxerinho que perguntô pra ele:

— O senhor quer comprar um vestido da cor das matas com o desenho das arve e todos os pássaro?

— Estô à caça disso mesmo. Quanto vale?

— Tanto.

Pagô e o troxe o vestido. Voltô todo aceso.

— Tá aqui, minha filha. Leva pra tua madrinha fazê. Maria pegô o pano e levô pra madrinha.

— Madrinha, o papai achô o vestido!

— Maria, você fala pr'o compadre que pra casá com você precisa de outro vestido. É o vestido da igreja. Ele tem que comprá um pano da cor do mar com o desenho de todos os peixe e areia.

E voltô e disse pr'o pai:

— Papai, a madrinha disse que eu posso casá com o senhor, mas o senhor vai tê que comprá um vestido da cor do mar com o desenho de todos os peixes e areia. É o vestido pra igreja.

O velho já se aprontô e foi doido pra cidade. Já na entrada encontrô o caxerinho:

— O senhor qué comprá um vestido da cor do mar com o desenho de todos os peixe e areia?

— É disto mesmo, moço, que eu estô à procura. Quanto vale?

— Tanto.

Pagô e voltô pra casa.

— Tá aqui, minha filha. Leva pra sua madrinha fazê. Maria foi pra casa da madrinha.

— Tá aqui o pano, madrinha. O papai encontrô, meu Deus do céu, o que que eu vô fazê?

— Não tem nada, minha filha. Volta pra sua casa e fala pr'o teu pai que pra casá com você, ele precisa encontrá um vestido da cor do céu com o desenho da lua, das estrela e todos os anjinho. É o vestido da viagem.

O velho recebeu o recado da comadre e saiu que nem um pé de vento pra cidade pra comprá o vestido encomendado

Já que chegô na cidade, no mesmo lugá de sempre, encontrô o caxerinho.

— O senhor qué comprá um pano da cor do céu com o desenho da lua, das estrelas e todos anjinho?

— Estô à procura deste vestido, mocinho. Qual o preço?

— É tanto.

Pagô, pegô o vestido, e vortô pra casa.

— Achei o pano do vestido, minha filha. Vai levá pra sua madrinha fazê o terceiro vestido do nosso casamento.

Maria saiu desesperada e chorando, com o pacote na mão, pra levá para madrinha.

— Madrinha, é o úrtimo vestido. O papai achô, madrinha. Agora, madrinha, o que que eu vô fazê? Não tem mais solução!

— Maria, este vestido é bonito demais, a gente vai costurá muito bem costurado. E pra engabelá teu pai, você fala que eu vô gastá três dia pra aprontá este vestido, por que ele é muito trabalhado. Quanto passá os três, você vem aqui cedo. Fala pr'o teu pai que você vem aqui pra mim te aprontá.

Naqueles três dia, enquanto a madrinha aprontava o vestido, ela tava muito triste e de vez em quando chorava escondida pelos cantos, pr'o pai dela não vê.

Passô os três dias. Quando foi no dia do casamento ela avisô o pai que ia na madrinha se vesti, pra nós segui pra cidade.

Chegando na casa da madrinha, a madrinha disse pra ela:

— Maria, veste este vestido da cor do céu com o desenho da lua, as estrelas e todos os anjinhos. Por cima dele você veste o da cor do mar com o desenho de todos peixe e areia. E, por cima de todos você veste aquele da cor das matas com o desenho de todos os pássaro. Mas antes, minha afilhada, você vai ao mato e corta uns pedaços de pau, nenhum deles torto. Traga aqui, porque com eles eu vô fazê um vestuário de pau pra você vesti por cima destes vestido

Maria saiu chorando, com o machado na mão, cortô as varas bem retinha e troxe pra madrinha fazê o vestido de pau pra ela.

— Pronto, madrinha, aqui estão os pedaços de pau com aqueles galho certinho. A madrinha da Maria fez uma armação de pau.

— Agora, Maria, veste os vestido conforme eu te falei e depois entra nesta armação. Pega este rosário que vai te ajudar muito.

Maria obedeceu as orde da madrinha.

— Agora minha afilhada, você vai pr'o meio do mato e fica em cima de uma arve.

Lá você vai tomá cuidado pra não dormi, se não você cai da arve e algum bicho pode te comê. Sobee na arve mais arta que tivê no mato, num galho bem firme. Você vai levá comida e uma cabaça d'água, porque você vai ficar lá três dias. Guarda a comida dentro deste borná, depois você dependura nos galho da arve e a cabaça de água também, que é pra não passá fome nem sede. No fim de três dia vai tê a solução do seu caminho. Você não chora, não fica triste, porque tudo vai dá certo. Pode confiá neste rosário que a madrinha tá te dando.

Quem vai te achá é um caçadô. Quando ele te perguntá:

— Pauzera, como você chama?

Você responde:

— Maria.



- Maria do quê?  
— Maria de Pau!

Nunca dê o seu nome correto.

Maria pediu a bença pra madrinha e saiu: plam! plam! plam!, estralando os pau da armação. Chegando na mata, subiu na arve, acomodô a comida e a água. Passô um dia, dois dia. No terceiro dia dois irmão, José e Joãozinho, tava caçando. Eles era filho de uma fazendeira muito rica. Eles tinha dois cachorro muito bonito, de estimação. Eram cachorro caçadô, perdiguero.

Chegaro na mata esses dois caçadô, passaro o dia todo caçando, mas não conseguio nenhuma caça, nem um passarinho sequer.

Na hora que o sol estava escondendo, já desanimado, José falô pr'o Joãozinho:

— Joãozinho, não pegamo nada hoje aqui. Nem um passarinho. Vamo pra casa, porque eu já tô com sono.

Quando José e Joãozinho pegava as coisas pra i embora, escutaro os dois cachorro latindo locamente. Parecia que eles tinha visto algum animal grande, uma anta ou capivara. Então Joãozinho falô pr'o José:

— José, vamo lá vê o que tá acontecendo que os cachorro não pára de lati.

— Eu não vô não, disse José. Eu tô muito cansado e quero i pra casa. Os cachorro sabe i pra casa e eles vão sozinho.

Joãozinho, então disse:

— Pois eu vô. Pode sê que os cachorro tão em apuro. As vez um porco-espinho é que tá enfrentando os cachorro e pode até machucá os focinho deles. Eu vô lá vê porque eu estimo muito meus cachorro. Preparô a espingarda e foi.

José saiu da mata e seguiu pra casa e Joãozinho foi, com a espingarda preparada, pr'o lado aonde os cachorro latia. Quando chegô percebeu que os cachorro latia debaixo de uma arve. Joãozinho olhô desconfiado e os cachorro continuaro: au, au, au, au!... Ele falô consigo:

— Estes cachorro são bobo demais. Tão latindo à toa. Aqui não tem nada.

Mas quando ele olhô pra cima da arve pareceu vê uma coisa muito esquisita. Coçô a cabeça, meio encabulado. Depois arranjo uma vara, afastô uns galho e daí ele viu uma armação de madeira que tinha a forma de gente. Então ele perguntô:

— Ó pausera! Que tá fazendo aí. Desce daí! Larga de assombrá os meus cachorro. Como é que você chama, pausera?

— Maria.

— Maria do quê?

— Maria de Pau!

— Então desce daí. Eu vô te levá pra casa. Você deve tá com muita fome.

— Faz três dia que eu não como, não bebo e não durmo, aqui em cima desta arve.

Nesta hora, Maria de Pau mentiu pr'o caçadô pra ele tê pena dela e tirá ela da mata. Fome e sede ela não tinha passado, porque a madrinha dela tinha arrumado uma boa matula de comida que dava pra ela passá, forgado, aqueles três dia.

Então Maria de Pau resorveu descê da arve, e desceu com muita dificurdade. Desceu devagarzinho pr'o caçadô não vê os pé dela.

Então Joãozinho disse:

— Sobe aqui na garupa do meu cavalo.

— Será que ele não assusta?, disse Maria.

— Não assusta não. Pode montá.

Depois que ela se ajeitô na garupa, Joãozinho tocô o cavalo bem devagarzinho pra ela não caí. Quando foi chegando na fazenda, perto de uma mangueira, José avistô Joãozinho co'aquele monstro sentado na garupa. E disse assustado:

— Mamãe, corre aqui! Vem vê uma coisa! Joãozinho tá chegando e trazendo um monte de pau na garupa do cavalo.

A mãe falô:

— Ele tá ficando é loco. Trazendo no cavalo mais de um metro de pau na garupa dele.

Quando Joãozinho chegô, a mãe foi perguntando:

— Escuta aqui, meu filho, o que é isso, afinal de contas?

— Ah! mamãe, essa pausera tava no meio da mata, em cima de uma arve, sozinha. Os cachorro garraro a lati, mas José me dexô sozinho. Eu pensei que era algum bicho lutando contra os cachorro. Fui pra lá e vi esse monte de pau em cima da arve. Eu, então, perguntei o que ela tava fazendo lá, sozinha. E ela me respondeu:

— Faz três dias que tô aqui sem comê, sem bebe e sem dormi.

Perguntei o nome dela e ela disse que é Maria de Pau.

Agora, mamãe, a senhora vai dá comida pra ela, água e uma cama pra ela dormi. E a senhora ajusta ela pra ficá aqui fazendo algum serviço pra ajudá a senhora.

A velha respondeu, com estupidez:

— Eu não acho que gente de pau vai podê trabalhá. Não tem mão, não tem pé, é só madeira!

— Não faz isso, mamãe. A senhora sempre foi uma mulher tão boa, tão caridosa. Sempre deu esmola. Só porque ela é feita de pau, a senhora não qué ficá com ela? Arruma aquele quartinho lá de fora e deixa ela ficá morando aqui. Maria é de pau, mas é gente também.

A velha, pra não contrariá o filho, acabô consentindo que Maria de Pau ficasse morando na fazenda, mas com a condição de Joãozinho i tratá dela, porque ela não ia perdê tempo co'aquele monstro todo feito de pau. Então Joãozinho deu uma arrumada no quarto, fez um colchão de palha, levô comida e água e pediu pra Maria ficá morando lá. Nos primeiro dia, Maria ficô só dentro do quartinho. Tinha medo de i ajudá nos serviço de casa e sê descoberta pelas parma da mão ou sola dos pé. Depois de uns dias, Joãozinho falô com Maria se ela sabia fazê os serviço casero e ela disse que sim.

Então ele foi falá pra mãe dele, que era ao mesmo tempo uma mulher caridosa e orgulhosa, que a Maria de Pau ia ajudá a fazê os serviço de casa: varrê, arrumá cama e otros servicinho.

A mãe respondeu:

— O que esse trem pode fazê? Nada! Tudo o que qué fazê esses pedaço de pau atrapalha. Mas vai lá. Deixa, então, ela fazê alguma coisa.

Só que a tua cama e a do José eu não dexo ela arrumá, porque vocês são muito enjoado. Mas a minha ela pode arrumá.

Maria de Pau começô a fazê os serviço e fazia muito bem, mas ninguém via as mão dela.

Um dia Joãozinho teve uma febre muito forte e caiu de cama. A mãe dele estava atarefada de costura quando ele falô:

— Mamãe, eu queria que a senhora fizesse um chá pra mim.

— Fala pra Maria fazê.

— Eu não quero que essa pausera faça nada pra mim. As mãos dela é de pau e eu tenho nojo. É a senhora que vai tê que fazê.

— Eu não vô fazê. Tenho muito serviço. E além do mais você tem que dexá de sê enjoado. Vai Maria, faz um chazinho pra ele.

Maria de Pau foi no fogão e fez o chá pr'o Joãozinho. Quando ela chegô no quarto e deu o chá pra ele bebê, ele bebeu um gole e deu uma encarada nela. E viu um pedaço da manga do vestido por debaixo daquele pedaço de madeira. E aí, então, ele falô:

— Mamãe, fala pra Maria fazê um mingau pra mim. Hoje eu não quero comida forte. Me deu vontade de comê mingau feito pelas mãos dela.

— Então agora tá acabando o teu enjoamento?

— Não, mamãe! Ela fez um chá bem feitinho, tão gostoso.

— Vai Maria, fazê um mingau pra ele.



Ela fez um prato de mingau. Quando ela chegou na beira da cama e deu o prato de mingau pra ele, ele começou a comê e não tirava os olhos dela. Ele descobriu que até na cintura dela já não tinha mais nem um pedaço de pau e começou a aparecer aquele vestido brilhante.

Aí ficou muito admirado e olhando firme pra ela, o restante dos paus desapareceu e ela era a moça mais linda trajada de vestido da cor das mata com arves e todos os pássaro. Quando ele encarou mais firme, ela já tava com outro vestido da cor do mar com peixes e areia. Nesse momento ele já tava se sentindo bem e já não tinha nem dor de cabeça. De repente aquele vestido se transformou em outro mais bonito ainda, da cor do céu com a lua, as estrelas e todos os anjinho. Então, ele falou pra Maria de Pau, corre pro teu quarto e esconde da mamãe. E daí, ele gritou:

— Mamãe, mamãe, venha aqui!

— Não vô não, tô muito ocupada. Tô arrematando um vestido.

— Vem sim, mamãe. Eu preciso contar um segredo pra senhora!

A mãe, meio contra a vontade, foi. E ele confessou:

— Mamãe, eu quero casar com a Maria de Pau.

— Deus me livre! Com tanta moça sadia, bonita, você quer casar com esse monte de pau? Tudo pode ser, mas casar com ela não. Tá vendo o que você fez, trazendo essa paupera pra dentro de casa? Tira isso da ideia.

— Mas mamãe, a senhora não sabe quem é a Maria de Pau. É a moça mais encantadora que existe. Ela é maravilhosa. A senhora precisa ver o vestido que ela tem. Nunca vi coisa igual. Aquela armação de pau que ela usava, desapareceu.

— Você tá ficando louco e deu até pra menti.

— Não é mentira, mamãe. É a pura verdade.

— Então vai chamá-la.

E a mãe disse:

— José, vai lá no quartinho de fora e fala pra Maria de Pau vim aqui.

Quando José chegou na porta do quartinho quase caiu de costas. Era a moça mais linda do mundo. Os cabelos loiros, longo e cacheado, aquele olho que parecia jabuticaba e o vestido de tanta beleza. Então ele falou:

— Ué, Maria! Mas você não era de pau? E agora é a moça mais linda que eu já vi. A mamãe nem vai acreditar que é você. Vamo lá junto da mamãe.

Quando ela chegou perto da mãe dele disse:

— Boa tarde, minha patroa.

— Boa tarde, Maria. Você agora é uma princesa, a moça mais linda e encantadora. Cadê aquela armação de pau?

— Aquela armação de pau desapareceu.

— Mas como pode isso acontecer? Você era feita de pau e se apresentou com tanto vestido lindo e diferente que o Joãozinho ficou apaxionado por você. Ele quer casar com você. Você quer casar com ele?

— Quero casar com ele sim. Se for do gosto dele e da senhora, eu me caso.

— Então vamo lá no quarto. Joãozinho já está só de ver você se apresentar com aquele vestido tão lindo. Que mistério! Nós precisamos descobrir este mistério teu.

Chegando lá no quarto, Joãozinho logo disse:

— Então mamãe, não é pra casar com uma moça dessa?

— É sim meu filho. Vamo fazer esse casamento. Vamo convidar toda a redondeza e fazer uma festa tão importante que nenhum outro fazendeiro já fez, porque não existe no mundo outra moça mais bonita e mais bem trajada do que Maria. E agora, Maria, eu quero que você veste os outros vestidos que você apresentou pro Joãozinho.

Maria de Pau pediu licença, foi ao quartinho e trocou o vestido pelo da cor do mar. Depois vestiu o vestido da cor do céu. A mãe de Joãozinho não sabia escolher qual o mais bonito. Mas falou pra ela assim:

— Minha filha! Você não é minha nora. É minha filha! Os teus vestidos são de cá água na boca, mas eu quero que você se case com aquele que tem a cor do céu, a lua, as estrelas e os anjinho.

Convidaram pra animar o casamento os sanfoneros, bandas de música e até violero.

Maria de Pau e Joãozinho saíram da igreja numa carruagem muito linda, puxada por doze cavalos brancos e os convidados todos seguiram montados em cavalos muito bonitos também. A festa durou três dias. Mas o que não agradou muito foi a situação de José, irmão de Joãozinho, que ficou doente de tanta inveja.

Narrado por Rosa Pereira dos Santos, casada, sem instrução, 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

### 3 — OS TRÊS IRMÃOS

Era uma vez três irmãos que namoravam a mesma moça. Essa moça, depois de ter consentido o namoro com os três irmãos ao mesmo tempo, ficou sem saída, sem saber o que fazer. Um dia, muito aborrecida, ela pensou, pensou e depois teve uma ideia que podia resolver o problema e ficar namorando um só deles.

Quando foi a hora do namoro, chegaram os três e aí ela aproveitou a ocasião para explicar a eles que poderia namorar um só. Que não era certo continuar naquela situação de namorar os três. E pra resolver o caso, ela propôs:

— Vocês saem de casa e procurem um presente para mim. Aquele que me trouxer o melhor presente eu me caso com ele.

Os três irmãos saíram. Andaram, andaram e chegaram numa encruzilhada e de lá um seguiu pela estrada da direita, outro pela estrada da esquerda e o terceiro seguiu reto. Mas antes eles combinaram que três dias depois, naquela mesma hora eles se encontrariam ali, novamente, para chegarem juntos em casa.

O moço que seguiu a estrada da direita, depois de muito andar encontrou uma loja que vendia espelho. Era um espelho que mostrava, na hora, a pessoa que a gente quisesse ver e o que ela estava fazendo. Podia estar muito longe, em outro país até.

Comprou o espelho, já se sentindo ser o preferido da namorada.

O outro moço, aquele que seguiu pela estrada da esquerda, depois de muito andar, encontrou um homem que estava vendendo uma rede que transportava, num átimo, a pessoa de um lugar para o outro. Era só abrir e a rede levava a pessoa para onde ela quisesse. O moço gostou muito do poder da rede e comprou ela para a namorada.

O terceiro moço, aquele que seguiu reto, comprou uma vela que tinha o poder de ressuscitar as pessoas. Se uma pessoa morresse e alguém quisesse que ela vivesse era só acender a vela e pingar um pingote dela nas mãos da pessoa morta, que ela viveria de novo.

Pegaram o presente e voltaram para a encruzilhada, que era o ponto de encontro deles. Lá eles foram ver os presentes e falar sobre o poder que tinham. Pegaram o espelho para ver como estava passando a namorada deles e viram ela morta, sobre uma mesa. Abriam a rede, entraram dentro dela e no mesmo instante estavam na casa da namorada.

Chegando na casa da namorada, a primeira coisa que fizeram foram acender a vela e deixar cair um pingote na mão da moça. Ela viveu. Levantou da mesa, toda comovida, olhou para os namorados e continuou indecisa sobre o namoro. E os moços ficaram aguardando a resposta. Foi aí que a namorada disse:

— Vocês três me trouxeram presentes bons. Um comprou o espelho onde me viram morta. Outro comprou uma rede que trouxe, rapidamente, vocês para cá. E o outro comprou uma vela que me fez viver novamente. Com os



três eu não posso me casar. Então não me caso com nem um.

Narrado por Odécima Aparecida Batista de Carvalho, solteira, pouca instrução, 49 anos (1983), residente na Avenida Eugênio Storto, n.º 1, Vila Mouco, Olímpia.

#### 4 — O MORTO E OS LADRÕES

Era uma vez um sapateiro que possuía pouco dinheiro mas devia muito pr'os amigos.

Um dia ele disse:

— Ó mulher, como nós vamos fazer? Temos um dinheirinho, mas devemos pra todo mundo. Se pagamos uns, ficamos devendo pr'os outros. Se pagamos todo mundo, nós ficamos na lona outra vez. Essa vida não dá. Mas aqui tem uma lei que quando um sujeito morre, ele não paga ninguém. A dívida é perdoada. E só depois de perdoado é que se pode enterrar o morto. E todos os credores vêm no velório para perdoar o defunto. Aquele que não perdoar é obrigado a ir passar a noite no velório dele, lá na igreja que fica perto de uma floresta. E quem vai querer fazer isto?

— Mas quer me enganar que você vai morrer, perguntou a mulher. Vai morrer só pra não pagar ninguém?

— Não, eu vou fazer que morro.

— Esse negócio não vai dar certo!

— Vai, vai dar certo. Eu me jogo no chão, me faço de morto e você grita, grita. A turma vem, você pede pra ajudar. Dá banho em mim. Põe eu na mesa. Acende velas. Depois manda comprar o caixão e manda me levar pra igreja, perto da mata. A turma vai chegando, fica triste e vai perdoando as minhas dívidas. Ninguém vai deixar de me perdoar, porque ninguém vai querer ficar, fazendo meu velório na igreja, a noite inteirinha. Só quem não me perdoar que é obrigado a passar a noite comigo.

— Mas isto não vai dar certo, marido. É muito perigoso fingir que está morto.

— Não é perigoso não. É a solução que temos. Então ele se jogou no chão e a mulher aprontou aquele berreiro.

— Me acuda, me acuda. Ai, quanta tristeza! Fiquei viúva! O meu marido morreu! E chorava tão alto que de longe se ouvia.

Não demorou nada, chegaram os vizinhos, os parentes, os amigos e todos os comprados do morto que moravam no povoado. Num instante o defunto já estava esticado numa mesa, coberto com um lençol branco. A notícia já estava esparramada por todos os cantos do povoado.

Aí, então, começaram a chegar as pessoas pra quem ele devia.

— O compadre morreu? Coitado! Me devia quinhentos réis! Deus perdoa ele que eu também perdôo.

O defunto por baixo do pano contava: Um já me perdoou. Já está pago.

Não demorou muito era outro que dizia:

— Coitado! Ele me devia um dinheiro, mas já está perdoado.

O defunto vibrava, quietinho, de satisfação. E assim foi até que chegou um português a quem ele devia também quinhentos réis.

— Coitado! Morreu! Mas ficou me devendo quinhentos réis. Não pode me pagar, porque morreu. Mas já que não me pode pagar a mulher dele paga.

Aí, o povo que estava na sala guardando o morto, disse para o português:

— Todo mundo já perdoou a dívida, só o senhor que não. Então é o senhor que vai passar a noite com ele lá na igreja, perto da mata.

— Raios! Ele era meu colega. Era sapateiro e eu também sou sapateiro. E eu não vou passar a noite com ele. Não posso perder estas horas de trabalho, a menos que possa trabalhar lá, no coro da igreja.

Aí o pessoal deu a autorização:

— Pode. O senhor pode trabalhar lá.

Puseram o defunto dentro do caixão e levaram lá pra igreja. Na igreja, puseram o caixão em cima dos bancos e as velas em volta. E deixaram o caixão aberto. O português subiu no coro com todos os apetrechos de consertar seus sapatos. Em baixo o defunto pensava: Na hora que o português dormir lá no coro eu pulo deste caixão e vou-me embora. E ele nem sonha qual o mistério que me tirou daqui.

Mas o sapateiro lá de cima trabalhava vigiando o defunto. E o defunto, no caixão, disfarçadamente, olhava o sapateiro. Era esse o papel dos dois, um sondando o outro.

Quando foi uma certa hora da noite chegou um bando de ladrões para roubar a igreja. E o sapateiro, lá em cima, no coro, ficou muito quieto e com medo. O defunto fechou os olhos e prendeu bastante a respiração. Estava com muito medo também. Um dos ladrões disse:

— Um morto aqui? que coisa esquisita! E não tem ninguém passando a noite com ele. Está sozinho. Mas não tem problemas. Foram nos cofres, raparam a grana. Reuniram todos perto do caixão pra aproveitar a luz das velas e contar o dinheiro.

O chefe do bando separou o dinheiro, em montinhos, um para cada ladrão e deixou um montinho sem dono.

Um dos ladrões perguntou:

— Para quem é esse montinho que sobrou?

— É para quem tiver coragem de enfiar essa faca na barriga deste defunto, respondeu o chefe, tirando uma enorme faca que levava na cintura.

O defunto abriu um pouquinho os olhos e viu aquela enorme faca na mão do chefe dos bandidos. Suava frio de tanto pavor.

O sapateiro, do alto, pensava:

— Coitado do compadre, depois de morto ainda vai ser sangrado.

Os ladrões, por sua vez, recusavam dar a facada no morto, apesar de todos estarem cobiçando o montinho do dinheiro separado.

— Eu não, eu não vou dar uma facada no morto. Era a resposta de quase todos. E o chefe está que espera a decisão dos companheiros.

Nisto um de sangue mais frio, disse:

— Dá aqui essa faca. Dá aqui que eu furo a barriga deste miserável. Está morto mesmo.

O defunto, percebendo que o bandido era corajoso, na hora agá, deu um salto do caixão e gritou:

— Acudam o defunto!

O lá de cima gritou:

— Poucos ou muitos?

O defunto respondeu:

— Venham todos juntos!

E o sapateiro jogou o caixão de ferramentas lá do alto, provocando um barulhão e pondo os ladrões em corrida pavorosa. Os maldosos saíram tão assustados que acabaram deixando todos os montinhos de dinheiro sobre os bancos da igreja.

Depois que os ladrões desocuparam a igreja, o homem de baixo olhou para o de cima. O sapateiro desceu lá do coro e perguntou pr'o compadre:

— Você não é defunto?

— Sou.

— Você não tinha morrido?

— Tinha.

— Mas está em pé, vivo?

— Eu tinha que voltar a viver depois de tudo isto. Qual o defunto que agüenta uma facada? Então ressuscitei. Daí o sapateiro muito interessado em dinheiro, falou pr'o ressuscitado:

— Já que estamos somente os dois aqui, vamos repartir este dinheiro. Metade pra cada um. Repartiram o dinheiro. Mas, do lado de fora estava um do bando de ladrões esperando acalmar a situação lá dentro pra ir avisar os outros e eles voltarem pra pegar o dinheiro deixado.



Ele, do lado de fora, só escutava a conversa, mas não via as pessoas.

O sapateiro, depois de receber a parte dele, disse pr'o ressuscitado:

— Agora eu quero os meus quinhentos réis, o di-nheiro que você está me devendo.

— Pra que você quer os quinhentos réis? Você já ficou com a metade de todo esse dinheiro.

E o sapateiro, muito nervoso, falava em voz bem alta, dando um escarcéu:

— Eu quero os meus quinhentos réis! Eu quero os meus quinhentos réis!

Nessa hora, o espião dos ladrões saiu apressado, foi ao lugar do esconderijo do bando e disse:

— Podemos perder as esperanças. É grande quantia de dinheiro que deixamos. Mas dentro da igreja há tanta gente que o dinheiro que ficou lá não toca quinhentos réis pra cada um.

Narrado por Antônio de Sousa, casado, pouca instrução, 53 anos (1983), residente na Rua Júlio Ferrânti, n.º 243, Bairro de São José, Olímpia.

## 5 — JOÃO DA MATA

Era uma vez um rei que tinha uma mulher. Ela estava esperando um filho. O rei não queria que a criança nascesse, porque achava que não era filho dele. Então o rei expulsou a mulher de casa. Ela embrenhò pelas mata e lá deu à luz a um menino e ela pôs o nome de João da Mata. Aí, então, a mulher mandô pedi pr'o rei pra deixá ela vortá pr'o palácio. O rei permitiu que a rainha vortasse, mas disse pra ela que odiava a criança. O tempo foi passando e logo aquele menino tornô um moço forte e muito bonito. E cada dia que passava mais aumentava o ódio do rei contra o moço. A rainha como amava muito o marido, teve que arranjà um jeito de fazê o filho sumi do palácio, porque o rei, o próprio pai do moço, queria matá o João da Mata. A situação chegô a tal ponto que a mãe do moço fingia de doente e mandava que João da Mata fosse na floresta, montado a cavalo, pra buscá um remédio que estava na boca de um leão. Assim o leão engolia o moço e acabava a história. O moço obedeceu as orde dos pais, mas era muito esperto que conseguia tirá o remédio da boca do leão sem que o leão prendesse a mão dele. Mas quando o João da Mata vortava, ele parava na casa de uma boa velhinha, que vivia numa choupana, na beira da estrada. Esta velhinha era Nossa Senhora, mas sem dizê quem ela era, trocava o remédio. Quer dizê, ela ficava com o remédio bom tirado da boca do leão e dava pr'o João da Mata levá um remédio comum, que não fazia nenhum efeito.

Assim João obedecia todos os dias as orde da mãe, mas nunca dava certo o remédio.

João da Mata era um moço muito forte, tinha uma força que nenhum home tinha igual. E o segredo da força era que ele possuía sete vorta de cabelo no peito que ninguém podia co'ele. Então a mãe dele decidiu que para João da Mata morrê era preciso que cortasse o cabelo do peito pra tirá a força dele e depois picá ele em pedacinho e jogá na mata.

Pra fazê essa mardade, o rei e a rainha chamaro arguns carrasco que à traição amarro o pobre João da Mata com cordas e corrente pra podê rapá as sete vorta de cabelo que ele tinha no peito. Depois que João tinha perdido o poder da força que possuía, aí os carrasco começaro a cortá ele em pedacinho e jogá dentro de um saco. Depois que retaiaro o corpo interinho dele, foro no pasto e pegaro o cavalo que ele gostava de andá, amarraro muito bem o saco com os pedacinhos dele, pusero sobre o lombo do cavalo e sortaro pela floresta. Aquele cavalo tinha o costume de passá pela estrada por onde João da Mata passava e de dá uma parada na casa daquela senhora pobrezinha.

O cavalo, então, fez o trajeto de sempre. Quando ele parô na porta da casa da velhinha, que era N. Senhora, ela não se assustô, porque já sabia do que se tratava.

Nossa Senhora arrumô uma mesa, cobriu com uma toalha limpinha, ajuntô todos os pedacinhos de João da Mata e formô o corpo dele certinho. Todos os dias Nossa Senhora passava sobre o corpo de João da Mata aquele remédio que ele mesmo tinha tirado da boca do leão. Com o passá de arguns dias, o corpo foi ganhando vida novamente. E João da Mata, com boa vontade, fazia exercício todos os dias e acabô ficando interamente são.

João possuía uma espada muito bonita que ele levava quando saía montado em seu cavalo. Começo a trená a luta de espada até se senti com a força capaz de vencê os inimigo.

As sete vortas de cabelo nascerô novamente no peito dele. A força que ele tinha apareceu de novo.

Enquanto isso o rei e a rainha, qué dizê, o pai e a mãe de João da Mata pensava que com o gorpe que eles dero nem sinal de vida do moço havia mais. E foi aí que João da Mata pra vingá da mardade que sempre recebeu, matô, de espada, o pai e a mãe, porque não tivero o amor de pais.

Com a morte do rei e da rainha, o príncipe João da Mata foi o herdero do palácio e de toda a riqueza.

Acabô a história e morreu a vitória.

Narrado por Fátima Aparecido Provásio de Miranda, casada, pouca instrução, 29 anos (1983), Rua Marreto, n.º 191, Vila Nova, em Olímpia. Aprendeu-o com a irmã mais velha.

## 6 — O AFILHADO DO DIABO

Era uma vez um homem que tinha muitos filho. Todas as pessoa da redondeza já era padrinho dos filho dele.

Um dia nasceu mais uma criança e ele perguntô pra mulher:

— Mulher, quem vai batizá esse nosso filho? Todas as pessoa daqui já são nossos compadre. Agora nós temo que arrumá um padrinho pr'o menininho. E tá tão difíce!

Todo dia o homem arreava o cavalo e saía procurando um padrinho para o filho. Não encontrava ninguém. Então ele pensô assim:

— Quarquê pessoa que eu encontrá eu convido pra batizá o menino. Pode sê até um estranho.

Num dia o homem levantô nervoso, dizendo que de quarqué manera ele arrumava o padrinho pr'o filho. E disse:

— Nem que seja o Diabo eu chamo pra batizá a criança.

A mulher ovuiu aquilo, mas não contrariô o marido. Ficô quieta.

O home arreô o cavalo e saiu. Chegando numa encruzilhada avistô um senhor bem vestido, montado numa mula preta, numa arreata muito chique que até brilhava.

Logo ele pensô:

— Puxa! Tô encontrando com um fazenderão. Todos os meus compadre são pobre. Este senhor parece ser rico. Vô convidá ele pra sê meu compadre também.

Quando os cavalo se emparearo, o estranho disse:

— Bom dia, meu senhor! Pra onde o senhor tá indo?

— Eu tô andando pela estrada procurando um padrinho pra batizá o meu filho.

O senhor qué sê o padrinho dele?

— Pois não.

— Então o senhor pode marcá o dia que quisé: sábado, domingo, ou otro dia, pra mim avisá o padre.

— Não! Não precisa padre e nem igreja. Vamo batizá o menino lá no campo, debaxo daqueles coquero. Mas só batizo o menino com um trato: quando ele tivê sete ano de idade, eu venho buscá ele. O senhor consente em me dá o menino?



O pai do menino não percebeu nada de mal e disse pr'o ricaço que daria, sem dúvida, o menino.

E o home rico ainda falô:

— Com sete ano de idade ele já tá no ponto de i pra escola e eu quero dá escola pra ele.

— Posso, então, avisá minha mulher que o. batizado será domingo?

— Pode, mas vai tê que sê, conforme disse, debaixo dos coquero, neste campo aqui. Não precisa de padre. Não precisa de igreja.

— Tá tudo bom. Domingo, às nove hora, nós se encontra lá nos coquero.

Combinaro e se despediro. Chegando em casa o home avisô pra mulher que o batizado era no domingo, às nove hora, não na igreja, mas debaixo de uns coquerão e o padrinho é um home muito rico e com os dente todos de oro.

A mulher não quis insisti com o marido pr'o batismo sê na igreja, porque ele era muito brabo e ficô por isso mesmo.

Domingo, bem de manhã, a mulher vestiu o menino com a ropinha de batismo, montaro a cavalo e foro. Chegaro lá no campo dos coquero já viro uma mula preta bem arreada, amarrada num toco. E, em pé, o senhor rico, de dentes todos de oro, vestido num trajo muito grã-fino que esperava a criança e os compadre.

Antes de se aproximá, a mulher perguntô pr'o marido:

— Esse nosso compadre é muito rico mesmo. A arreata da mula dele parece que tem brilhante.

O marido respondeu:

— É rico, muito rico mesmo. Só que tem uma coisa: quando o menino compretá sete ano ele vem buscá, porque qué dá escola pra ele.

— Não faz mal. Nós temo muito filho e ele ajuda a acabá de criá este.

Batizaro o menino. O tempo passô muito depressa. No dia que o menino compretava os sete ano, às quatro hora da manhã, a mulher disse pr'o marido:

— Vamo viajá? Hoje o menino compreta sete ano e é dia do compadre vim buscá ele. Pra onde nós deve i?

O marido respondeu:

— Vamo lá pr'o sertão, na casa do meu pai. É longe daqui. Nós não avisa nem os vizinho e quando o compadre chegá, não encontra ninguém aqui e vai embora.

Enquanto o marido ajeitava o trole, ela preparô uma boa matula de virado de frango, encheu as cabaça de água, se prepararo e seguio viagem.

Quando chegaro na casa do avô do menino, foi aquela festa. Já estavam pegando frango pra fazê a janta, quando avistaro um cavaleiro montado numa mula preta: teique-teique, teique-teique!

O marido, encabulado, disse:

— Mulher, o compadre já vem vindo lá.

— Uai, mas quem contô pra ele que nós tava aqui?

— Não sei, às vezes ele é adivinhão.

O cavaleiro chegô, disse boa tarde pra todos e falô:

— Compadre, o senhor tá me conhecendo? Eu sô o padrinho do seu menino mais novo.

— Eu sei, compadre. Vamo apeá?

— Não! Eu vim buscá o menino e tô com um poco de pressa.

O marido olhô pra mulher e os dois saíro pra busca o menino. O marido ordenô:

— Chama todos os nossos filho e manda o afilhado dele se escondê lá no chiquero, perto do corgo.

Quando eles separaro o afilhado, levaro os otros filho pr'o compadre vê. A molecada foi toda contente, pensando que era arguém que tivesse trazido doce pra eles.

Assim que o cavaleiro bateu os olhos naqueles menino foi logo dizendo:

— Compadre e comadre não é nenhum desses menino que eu batizei. O que eu batizei é otro e deve está sumido lá pr'o meio do pasto. Vai buscá senão vocês vão se arrependê, porque trato é trato.

O marido e a mulher ficaro com medo e foro campeá o menino. Trouxero ele. E dissero pr'o compadre.

— É este aqui. Mas vamo passá lá em casa pra pegá a ropa dele.

— Não precisa ropa. Lá em casa tem muita ropa que eu já mandei fazê pra ele.

Pôs o menino na garupa da mula, mandô ele fechá os olho e não abri enquanto ele não desse orde, e desapareceu. Quando ele disse pr'o menino abrir os olhos, já tinham chegado.

Entraro. O padrinho naquele dia tratô muito bem o menino.

No otro dia, o padrinho disse pr'o afilhado:

— Ó menino, eu vô viajá. Aqui tem cinco quarto. Nesse primeiro você pode entrá, mas nos otro quatro quarto, não. A chave está na porta de cada um, mas não se atreva em entrá.

— Tá bom, padrinho, eu não vô desobedecê o senhor. Mal o padrinho montô no cavalo, o afilhado disse pra ele mesmo:

— Quá! Meu padrinho pediu pra não entrá nos quarto, mas eu vô entrá neste daqui.

Quando ele entrô no quarto, viu uma fomalha com um fogaréu enorme e um tacho de água que estava fervendo.

O menino pensô:

— Aqui está fervendo água pura. Eu vô enfiá o dedo dentro dela.

Enfiô o dedinho e ele saiu amarelinho de oro. Ele ficô assustado, correu e amarrô um paninho.

À tarde o padrinho chegô:

— O que você tem no dedo, menino?

— Cortei co'a faca.

Onde é que você arrumô faca?

— Eu tava brincando por aí, achei uma faquinha, comecei a cortá um pauzinho e deu um tainho no dedo.

— Deixa eu vê. Desamarre.

O dedo tava amarelinho de oro. E o padrinho disse:

— Eu não falei pra você que não fosse mexê no quarto?

— Sim, o senhor falô, mas eu quis dar uma olhada, pra vê o que tinha.

E o coitado do menino fico muito trstinho.

O padrinho falô pra ele:

— Hoje eu não vô te batê nem te dá castigo. Amanhã eu vô fazê otra viagem. Não mexa nos otro quarto, ouviu?

No dia seguinte, o padrinho arreô a mulona e saiu. O menino pensô:

— Quem faz uma, faz duas.

Destrancô o quarto, entrô e viu uma velhinha com um chale preto na cabeça, tão comprido que ia até nos pé.

— Meu filho, o que que você está fazendo aqui?

— Ah! vovozinha eu tô aqui porque meu pai convidô este home rico daqui pra sê meu padrinho e ele aceitô, mas quando eu tivesse sete ano ele ia me buscá pra morá co'ele. E foi.

— Mas meu filho, aqui é o Inferno! E este home que é teu padrinho é o Diabo!

— Eu não sabia de nada, respondeu o menino.

— Então, meu filho, confesse a Deus tudo o que tá acontecendo e peça a ajuda de Nossa Senhora, pra nada de mal te acontecê. Meu filho, tem algum lugá que ele falô pra você não mexe?

— Tem vovozinha, tem ainda dois quarto, que eu não entrei, mas ainda vô entrá.

— Eu te aconselho pra não desobedecê as orde dele. Pode ficá pió pra você. Matá você eu sei que ele não mata, mas pode acabá te cozinhando num dos tachos do Inferno. Amanhã ou depois você vai tê uma solução pra saí daqui. Se te acontecê alguma coisa, você volta aqui pra falá comigo que eu vô dá uma guia pra você saí do Inferno, só uma coisa eu te digo: você pode ser castigado, mas morrê você não morre.



Aquela velhinha era Nossa Senhora que apareceu ali no quarto pra ajudá aquele menino, mas o Diabo não tinha nenhum poder de entrá nele quando ela aparecia lá dentro.

À tarde o Diabo voltô, mas não falô nada pr'o menino. O menino também não falô nada que entrô no quarto e conversô com uma velhinha que deu umas exprição pra ele.

No otro dia, bem de manhã, o Diabo ajeitô a mula pra viagem que fazia todos os dias e falô pr'o menino assim:

— Menino, você ontem andô dando uns pulo errado por aqui. Eu vô viajá outra vez. Se mexê naquele quarto ali é a pior coisa pra você. Você não mexe?

— Não, padrinho, não mexo não.

Mas foi só o Diabo sair e dobrá a serra a fora, o menino, que era meio teimosinho, falô com ele mesmo:

— Aquela velhinha pediu pra não entrá no quarto que podia ser perigoso. Meu padrinho também me ameaçou, mas já entrei em dois quartos, o que tem entrá no terceiro. Aqui é o Inferno mesmo, então, eu quero revirar esse Inferno de pernas pra cima, até eu achar um diabinho pra brincar comigo.

Abriu a porta do quarto, entrô e viu outra fogueira com muito fogo e outro tacho com água que tava fervendo. Ele pensô:

— Sabe de uma coisa? Eu vô enfiar este outro dedo.

Pôs o dedo e percebeu que a água que tava dentro do tacho era fria, mas quando retirô o dedo ele tava da cor de prata.

O menino achô bonito ficou com um dedo banhado de ouro e outro de prata, mas ficou assombrado e com muito medo do padrinho.

Tornô a amarrar um paninho no dedo pra tentar enganar ele.

Quando o Diabo chegou e viu o menino com o dedo embrulhado num pedaço de pano, disse:

— Menino, você fez outra arte, você me desobedeceu outra vez.

— Não padrinho, eu cortei o dedo.

— Cortô coisa nenhuma, você entrô no terceiro quarto. E eu tinha te avisado pra não entrá lá.

— Eu entrei sim, padrinho, mas o senhor não me bate não.

— Eu não vô te bater, mas venha cá comigo.

O menino já foi tremendo. O Diabo abriu a porta do primeiro quarto e jogô o menino dentro do tacho que estava fervendo e depois tirô. O menino saiu todo banhado de ouro e de prata.

Agora vamos lá no terceiro quarto. Virô a chave, abriu a porta e jogô o menino dentro do outro tacho que fervia. Jogô e tirô. O menino saiu todo pintadinho de brilhante. Ficô de três cores. Depois o Diabo disse pra ele.

— Não vô te matar, menino. Mas vô viajar amanhã novamente. Esta é a última viagem e a tua vida vai entrá em perigo. Você não vai mexê naquele quarto quarto. Eu não vô te avisar mais. Pai e mãe você não tem aqui pra te salvar. Arreô a mulona e foi embora.

O menino falou:

— Quê o quê! Eu vô ali naquele quarto ver o que tem. É o último mesmo.

Ele abriu o quarto e encontrô um preto velho, bem pretinho, sentado numa cadeira, que disse pra ele:

— Ó meu filho, o que que você está fazendo aqui?

— Ah! meu avozinho, eu não sabia que aqui era o Inferno, mas por causa do meu batismo eu vim parar aqui.

— Você está muito bonito, meu filho. Você andô fazendo arte. Você mexeu onde o homem falou pra não mexê. Ele é o capataz daqui.

Olha, meu filho, vorta lá no segundo quarto e conversa, outra vez, com aquela velhinha que você viu, depois você vem aqui.

O menino saiu, entrô no segundo quarto, e a velhinha já foi dizendo:

— Meu filho, toma este terço, este rosário, pede graça a Deus, e esconde ele bem escondido dentro da tua roupa. Meu filho, eu sou a Nossa Senhora. Aqui é o quarto onde apareço para ajudá os que estão em apuro. Eu vô te dar este rosário pra sua salvação, porque co'ele você vai ter a solução de sair aqui do Inferno. Vorta a falar co'aquele preto velhinho lá no quarto quarto.

O menino pediu benção, agradeceu muito o rosário que Nossa Senhora deu pra ele e vortô pr'o quarto daquele preto velho. Chegando disse:

— Avozinho está aqui! Hoje é um dia muito perigoso pra mim, conforme disse o meu padrinho. Então eu preciso sair daqui.

— Não tem nada não, meu filho. Espera um pouquinho.

O preto pegô dois facões e amolô. O menino quando viu aquilo ficou assustado, com muito medo. E pensô:

— Por que será que ele está fazendo isto?

Depois que os facões pegaram bom corte, o preto disse:

— Um facão é pra mim e o outro é pra você. Agora nós vamos lutar. Eu vô deitar com o facão em você e você vai deitar com o facão em mim.

O menino disse pr'o velhinho:

— Assim não, avozinho. Eu quero sair do Inferno, mas não quero machucar o senhor. O facão tá muito amolado.

— Menino, bate o facão e ranque cor. Vamo, vamo e vamo logo, porque senão ele vai chegar e você corre perigo de nunca mais poder sair daqui. Bate o facão e ranque cor, sem piedade.

Começaram a lutar. O negro batia o facão no menino, mas o facão nem triscava, porque o corpo dele tava coberto de muito ouro, prata e brilhante. E o menino batia o facão e tirava o cor do preto. Quanto mais ele batia o facão no preto, mais ele dizia:

— Tira o meu cor, menino, e veste. É uma defesa que você tem pra sair daqui do Inferno.

O menino acabou co'a vida do preto velhinho. Arrancô o cor, deu uma boa lavada pra tirar o sangue, e vestiu o cor. Ficô um preto velho legítimo.

Mas isto tudo foi graça daquele rosário que Nossa Senhora tinha dado pr'o menino. Ela, ainda, quando entregô o rosário pr'o menino ensinô por qual caminho ele devia fugir pra não encontrá com o Fulano, Maior do Inferno. E fica sabendo que esses poucos dias que você passou aqui, você aumentô dez anos na sua vida.

O menino, vestido de preto velho, saiu de lá e deu com o pé na estrada. Saiu fora do Inferno, e graças a Deus, o padrinho ele não encontrô mais.

Mas vindo naquela situação, ele dizia:

— E agora? Eu sou um negro. Ninguém sabe que eu sou um menino de ouro, de prata e de brilhante. Mas tenho que seguir os ensinamentos daquele negro velho que me deu o seu próprio cor. Eu já sou um moço. Vô procurar serviço na primeira fazenda que eu encontrá.

A primeira fazenda que ele encontrô tinha muito gado. Era de criação. Ele chegou, bateu palma. O fazendeiro saiu, viu que era um preto já de idade, voltô e falou pra um dos criados, assim:

— Vai lá, pergunta o que que aquele negro quer.

Eu não vô conversar co'aquele mendigo.

O criado foi atendê o homem no portão, mas um pouco resabiado, porque o velho era feio demais.

Chegou perto dele, cumprimentô e perguntô o que desejava. E o preto velhinho respondeu.

— Eu sou sozinho. Nem sei mais onde mora minha família. Então eu estou procurando serviço por uns tempos até que um dia posso sair à procura da casa dos meus pais.

— Você sabe trabalhar em fazenda?

— Sei, sei sim. Sei lidar muito bem com o gado: apartar, tirar leite, dar comida, marcar. Eu sei qualquer serviço que se diz de gado.

O criado disse pra ele:



— Espera aqui um pouco que eu vô falá com o meu senhor. Ele é rei. Vô falá pra ele que você é bom empregado e com muita prática de mexê com gado.

Chegou pr'o rei e disse:

— É um pobre senhor que está à procura de serviço e pelo que me falô, ele sabe cuidá bem de gado.

O rei respondeu:

— Então ele me serve. Vorte lá e ajuste ele. Ele vai ficá morando naquele quartinho junto do paiol. Arrume uma cama lá. Ensina tudo pra ele: onde fica a ração, os remédio, a traia dos animal. Ensina tudo.

— Pode deixá, majestade. Eu ensino tudo pra ele.

Este rei era casado, enérgico, muito rico, e pai de três linda princesa. A caçulinha, muito viva, curiosa, era levada à breca. Quando ela viu aquele home sê ajustado pra trabalhá na fazenda, ela achô ele tão feio que começô a rondá o preto pra admirá a feiúra dele.

Numa tarde, quando ela percebeu que o preto ia tomá banho, que já tinha levado água e enchido uma baciona, a princesinha esperô ele fechá a porta. Foi só ele fechá a porta ela foi espiá por um buraquinho que tinha na parede. O preto velho nem em sonho podia imaginá que arguém tivesse espiando ele. Então, com jeito, ele tirô aquela armação de coró preto, pôs do lado da bacia e tomô o seu banho. A menina quando viu que ele era um moço novo, todo feito de oro, prata e brilhante, achô a coisa mais maravilhosa do mundo. E disse com ela mesma:

— Eu não vô contá pra ninguém, nem pr'o meu pai, nem pra minha mãe e nem pr'as minhas irmã. Vai ficá só pra mim o segredo. E eu vô namorá esse preto. Vô dá confiança pra ele. E vô pedi ele em namoro.

Eu sei que vai ser um absurdo pra minha família, mas não tem importância nenhuma.

E todos os dias a menina ia ver ele, na hora do banho. O cuidado que ele tinha em tomá o banho e depois lavá aquele coró pra depois entrá nele novamente, enchia a menina de admiração.

Num dia as duas filha mais velha do rei se casaro. Fizeram uma bela festa. Convidados muito importante. Muita música, flores e até carruagem. Mas a preocupação das duas princesa, moças cheia de nove hora, cheia de pouco caso era não deixá o pai convidá aquele empregado preto, da fazenda, porque ele podia até espantá os convidado de tão feio que ele era.

O pai, então, falô pra elas:

— Deus me livre, minhas filha, vocês acha que eu vô convidá ele. Ele fica lá no paiol e é de lá pra fora.

O casamento das duas se realizô e foi a coisa mais bonita que houve.

Três dias depois era o aniversário da princesa caçulinha, a única que estava sorteira. Aí o rei resolveu fazê uma festa no palácio. Convidô otros reis, rainhas, princesas, pessoas muito importante. Mandô matá carnero, novilha, leitoa, peru, frango pra festa da princesinha. Contratô banda de música e comprô muitos fogos. Mandô enfeitá com muitas flores o último andar do palácio. Ficô a coisa mais bonita que se pode imaginá. Mas a princesinha, não agüentando segurá só pra ela o segredo de que o preto velho era um rapaz diferente, pintado de oro, prata e brilhante, contô isso pra um cunhado e pediu pra ele guardá segredo. O cunhado disse que não acreditava, só se ele visse.

Aí o cunhado disse pra princesinha:

— Você pede pra ele, então, uma listinha de oro, uma de prata e uma de brilhante pra mim. E eu vô contá só pr'o otro cunhado seu, porque ele também vai querê.

Ele contô pr'o otro cunhado e ele disse.

— Pede pra nós dois e nós pagamo o que ele quisé.

Os dois genro do rei estavam morrendo de inveja só de sabê que o preto trazia debaixo do coró horroroso tanta riqueza e mandô a princesinha ir lá no quartinho dele pra comprá as listinhas que queria.

Quando a menina conversô com o preto sobre o assunto, ele ficô tão surpreso e perguntô pra ela como ela sabia que o corpo dele era revestido de oro, prata e brilhante. A menina, meio envergonhada, contô a história pra ele, dizendo que todos os dias ela via ele tomá banho.

O preto disse:

Você guarda segredo e pede pra eles também guardá. Eu cedo as três listinha, não quero nenhum dinheiro. Só quero que eles deixe eu marcá a coxa esquerda de cada um com a marca que o rei marca os bois.

A menina vortô, contô pr'os cunhado o trato que o preto queria e os dois cunhado, muito invejoso, aceitaram a proposta. Foram lá no paiol e o preto marcô a coxa esquerda de cada um com as iniciais do rei e depois deu três listinhas de cada cor pra eles. Eles ficaram até contente. E para o corpo do rapaz não fez nenhuma diferença, porque ele era inteirinho coberto daquilo.

Quando os convidado começaram a chegá, as carruagens já tavam na frente do palácio, a princesinha falô pr'o pai:

— Papai, eu quero que o senhor manda chamá aquele empregado, o preto velho, pra participá da festa.

— Você está loca, minha filha? Aonde se viu misturá aquele empregado tão feio, tão sujo, tão pobre no meio de gente tão importante? Deixa mão disso. E até desprezo pra essa gente importante que tá chegando aqui.

— Não papai, não é. Eu gosto dele e não quero que ele fica lá sozinho no paiol sendo que aqui tem a festa dos meus anos. Ele parece ser muito bom, educado. Manda chamá ele.

O pai tentô convencê a filha, mas nada adiantava. E a menina respondeu pra ele:

— Se o senhor não convidá, eu não vô ficá aqui. Eu desço e vô ficá lá com ele. E aqui no salão eu vô ficá pertinho dele, porque eu gosto dele e não tenho nenhum poquinho de nojo e nem de vergonha dele.

O pai não queria contrariá a menina, porque além de sê dengosa, cheia de querê, era o dia do aniversário dela. Chamô um dos criado e mandô que ele fosse lá no paiol buscá o preto velho pra participá da festa.

O criado obedeceu a orde. Quando o preto velho entrou no salão, as duas irmã dela disseram pr'o pai.

— Papai, o que é isso? O senhor permite um home desse no meio de nós. O senhor está desfazendo de nós e dos convidado. Mande esse home ir embora.

— Mas filhas, a sua irmãzinha disse que até morreria se não trouxesse este empregado para a festa.

Assim que o preto chegô, todo envergonhado, sentô numa cadeira no canto do salão e a princesinha imediatamente foi sentá pertinho dele.

Não demorô muito, as irmãs disseram pra princesinha:

— Você não tem vergonha de ficá perto deste empregado mais feio do mundo? Idiota!

A princesinha, nervosa e revoltada, respondeu pra elas:

— Mais vale este preto velho, feio, pobre, que vocês têm tanto nojo do que o marido de vocês: branco, grãfino, cheiroso, rico, mas que têm na coxa esquerda a marca das iniciais do papai marcá os boi.

Quando a princesinha acabô de falá, o coró preto do home caiu no chão e aquele moço bonito brilhô no meio dos convidado. O povo todo bateu palma e os dois genros do rei, envergonhado, com a cara no chão, subiram na janela do andar onde estavam, se pincharo no chão e caíram esborrachado sobre uma pedra, com vergonha da situação.

O rei, dias depois, fez o casamento da princesinha com o rapaz brilhante que se fingia de preto velho.

E estão feliz até hoje.

Narrado por Rosa Pereira dos Santos, casada, pouca instrução, 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.



# Triscaidecafobia

JOSÉ CARLOS ROSSATO

Departamento de Folclore — Olímpia

1985 ou simplesmente 85 do século XX, ano do treze, pois resulta da soma dos algarismos oito com cinco. Diante disso, resolvemos estudar a TRISCAIDECAFOBIA, ou seja, mau presságio, medo ou até pavor ao treze.

Por coincidência há seis anos e meio — metade de treze — estamos coletando dados sobre a superstição relativa a esse numeral cardinal.

Também não poderíamos deixar por menos. Somos estudiosos da Folclorística e viemos ao mundo no dia 13, do mês quatro (que é naturalmente a adição desses dois algarismos) e no decorrer da quarta década deste século, ou seja, o resultado da mesma soma. Esses números — não só o treze — estão ligados à noção de “renascimento espiritual”. Muita coincidência!... Não!... Simplesmente folclore.

O treze é um número folclórico por excelência. Ocupa lugar de destaque na superstição. É consideravelmente respeitado e até temido. O povo cultua-o, daí ser muito conhecido e utilizado na Cultura Popular. Sabemos que a superstição é parte integrante da grande maioria das pessoas. No dizer de Câmara Cascudo, “a superstição é sempre de caráter defensivo, respeitada para evitar mal maior ou distanciar sua efetivação. Os sinais exteriores são os amuletos que, incontáveis, transformam-se em adornos e jóias, vivendo na elegância universal dos nossos dias”. Prossegue o mestre potiguar: “Participa da própria essência intelectual e não há momento da história do mundo sem sua inevitável presença”.

Sendo respeitado e até abusado, o treze passou a ser cultuado e valorizado no mais alto grau. É bem verdade que se uns dão a esse número o atributo de azar, outros, por outro lado, o sentido oposto. Assim, foi o treze colocado num pedestal bem alto. Daí, veio o abuso excessivo. Passou a ser utilizado para atrair atenções. Ele é utilizado como um talismã, um amuleto para atrair a confiança, a admiração dos populares. É, sem dúvida, um dos números mais respeitados pelo povo.

Na Cabala — comentários da Bíblia realizados pelos judeus — o treze é o extremo da explosão, desgraças, tempestades, fatalidades, decadência e grandes acidentes, pois representa a soma dos algarismos um e três.

Exatamente ao completar doze anos de idade, ou seja, no início do 13.º, principia novo ciclo. É a mudança. Muitos raspam até o couro cabeludo sempre que começa novo período. Este sistema cíclico é repetitivo pela vida inteira, de todos nós. Assim é que se o indivíduo nasceu, em 42, por exemplo, terá em 54, 66, 78... o início de novo ciclo de vida.

O treze marca a passagem de um plano para o superior da existência do homem, isto é, a morte da matéria e a vivência do espírito.

## ORIGEM HISTÓRICA

Embora esse mau agouro esteja associado diretamente com a última ceia de Cristo, um dos pontos culminantes da História Evangélica, não está aí a origem, conforme muitos erroneamente apregoam. É bem mais antiga.

Um terremoto atingiu todas as habitações egípcias, não ficando sequer uma casa sem morto. Isto aconteceu na Páscoa, época de passagem (Êxodo 12:6 e 13:4). “Como a catástrofe ocorreu à meia-noite, para os israelitas era o décimo-quarto dia do mês (Aviv, o primeiro do ano, pode ser conferido em Êxodo 12:18) e para os egípcios, o décimo-terceiro”, consoante Max Müller na

obra *Egyptian Mythology* (1918). A festa dos primeiros transformou-se em tristeza para os outros.

O Faraó Ramsés II tinha 13 filhos e apenas um sobreviveu à catástrofe que antecedeu ao Êxodo.

Recorda-se que no Egito, o início do dia é dado pelo nascer, enquanto que os hebreus, pelo poente do sol. Aliás, todos os povos ocidentais contam tal qual os egípcios. Portanto, ficou explícito que para os judeus, treze é veneração, venturas, tudo de bom, ao passo que no mundo cristão, o contrário.

No antigo Egito qualquer ocorrência de treze era sinal de tragédia. O mesmo acontecia na Inglaterra e outros países europeus.

Historicamente está explicada a gênese do fenômeno superstição em relação ao folclórico número. Também ficou claro que muitos supersticiosos, naturalmente os cristãos e os ocidentais, conservam esta crença nascida no Nordeste do continente africano, no lendário Egito.

## RETROSPECTO HISTÓRICO E POLÍTICO

É de conhecimento público que no convento de Santa Maria das Graças, em Milão, Itália, encontra-se a tela “A Ceia Sagrada”, de Leonardo da Vinci (1452-1519). Nela 13 pessoas, o Messias e uma dúzia de apóstolos rodeavam a mesa. Para a inabalável superstição, a morte de Cristo estaria ligada ao fatídico número.

Sendo o treze fantasticamente respeitado quase como um mito pelo povo de todo o ecúmeno, nada mais natural que ele seja gravado como luzes resplandecentes no cotidiano da vida humana. Está sempre lembrado, até mesmo quando o lado positivo aparece. Se o mesmo fato tivesse ocorrido na véspera ou no dia posterior, via de regra, não teria certamente a mesma repercussão. Seria menos evidenciado.

Note a presença do treze neste lance de olhos para o passado, nesta síntese que fizemos em todos os meses do ano civil.

### Janeiro

- 1750 — assinado o Tratado de Madri entre Portugal e Espanha, firmando limites do Brasil.
- 1825 — fuzilado Frei Caneca, no Recife.
- 1838 — nasce André Rebouças, engenheiro, músico, sociólogo e literato, em Cachoeira — BA.
- 1842 — nasce Franklin Távora, em Baturité — CE.
- 1852 — nasce o mito, tipo legendário e fantástico personagem Gumerindo Saraiva, em Arroio Grande — RS.
- 1937 — criado o Museu Nacional de Belas-Artes.
- 1945 — fundada a Associação dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (APEOESP).
- 1954 — criação do Instituto de Cardiologia da Secretaria de Estado da Saúde — São Paulo.
- 1964 — tem início a Conferência Pan-Árabe, no Cairo.
- 1972 — deposto o presidente de Ghana, Kofi Busia, por golpe militar, quando se encontrava em tratamento médico em Londres. É o dia da Redenção Nacional daquele país africano.
- 1974 — o Governo Federal decide reduzir de dez para cinco anos o prazo mínimo exigido para a permanência, no País, de recursos financeiros provenientes do exterior.
- 1985 — entra em vigor o novo Código Penal Brasileiro.



## Fevereiro

- 1829 — morre no Rio de Janeiro o Barão de Cotegipe.
- 1913 — nasce Frei Orlando, Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército Nacional.
- 1942 — morre em Petrópolis — RJ, Eptácio Pessoa.
- 1960 — explode a primeira bomba atômica francesa.

## Março

- 1531 — Martim Afonso de Sousa chega à Bahia.
- 1831 — aconteceu a Noite das Garrafadas.
- 1838 — levada à cena, pela primeira vez, a tragédia escrita por brasileiro (Gonçalves de Magalhães) de assunto nosso, no Rio de Janeiro.
- 1894 — duas fragatas portuguesas, na baía da Guanabara, dão asilo a revoltosos brasileiros.
- 1895 — revolta na Escola Militar do Rio de Janeiro.
- 1906 — inicia a circulação do jornal "Correio de Araçá" — SE.
- 1924 — inaugurada em Salvador — BA, a Rádio Sociedade da Bahia.
- 1931 — começa a circular o Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro.
- 1964 — comício defronte a Central do Brasil, no Rio de Janeiro, com assinatura de dois importantes decretos (encampar refinarias particulares e resolver o problema fundiário), determinando o fim de Jango e o início da Revolução.

## Abril

- 1831 — D. Pedro I segue para a Europa. Oficialização do Hino Nacional Brasileiro.
- 1846 — falece o famoso historiador mineiro Xavier da Veiga, autor da obra, em quatro volumes: Efemérides Mineiras.
- 1934 — o historiador e filólogo João Ribeiro, falece no Rio de Janeiro, deixando obras de real valor.
- 1936 — criado o Ministério da Educação e Saúde no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- 1975 — início do conflito no Líbano.
- 1976 — denúncia de enriquecimento ilícito do prefeito de Piracicaba — SP.
- 1977 — pedido de intervenção na Universidade de São Paulo.

## Maio

- 1699 — nasce em Lisboa, Marquês de Pombal.
- 1767 — vem ao mundo, em Lisboa, o príncipe D. João, mais tarde D. João VI.
- 1808 — criada a Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro.
- 1811 — inauguração da Real Biblioteca do Rio de Janeiro, atualmente Biblioteca Nacional.
- 1817 — realiza-se em Viena, o casamento do príncipe D. Pedro com a princesa D. Maria Leopoldina.
- 1822 — povo, tropa e Câmara proclamam o príncipe D. Pedro, "Defensor Perpétuo do Brasil". Pediu-se a convocação de uma Constituinte.
- 1860 — nasce Raimundo Correia, autor de diversas obras.
- 1881 — no Rio de Janeiro, nasce Lima Barreto, um dos bons romancistas brasileiros.
- 1888 — é sancionada a Lei Áurea (ou João Alfredo) que declara livres os escravos.
- 1968 — início da revolta de universitários que se estendeu por toda a França.
- 1974 — Geisel e Bánzer assinam operação baseada no ferro e gás.
- 1977 — descoberta valiosa de moedas de ouro, em Pernambuco.

## Junho

- 1645 — inicia a Insurreição Pernambucana mostrando o espírito de nacionalidade no anseio de liberdade e autonomia.
- 1763 — nasce José Bonifácio de Andrade e Silva, em Santos.
- 1842 — falece no Rio de Janeiro, Marquês de Barbacena.
- 1945 — instalada a Comarca de Votuporanga — SP.
- 1971 — O "New York Times" inicia a publicação de documentos secretos relacionados com a guerra do Vietnã.
- 1978 — em nota oficial o deputado Áureo Ferreira, publicada na imprensa de Votuporanga — SP, desiste da reeleição e explica as causas à população.
- Dia de Santo Antônio, o casamenteiro.

## Julho

- 1553 — Duarte da Costa chega ao Brasil com os missionários Luís da Grã e José de Anchieta.
- 1811 — falece Frei Veloso, o botânico que escreveu Flora Fluminense.
- 1868 — Joaquim Cândido, conselheiro do Imperador, médico da Câmara, cirurgião-mor, chefe do Corpo de Saúde da Armada, deputado à Assembléia Provincial é deportado por motivos políticos.
- Dia do Engenheiro de Saneamento.

## Agosto

- 1774 — nasce Hipólito José da Costa, na Colônia do Sacramento — RS.
- 1759 — criada a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba.
- 1811 — falece o poeta, diplomata e dramaturgo, Gonçalves de Magalhães, no Rio de Janeiro, deixando diversas obras.
- 1868 — Rui Barbosa entra para a vida política.
- 1923 — ocupada a ilha grega de Corfu pela Itália.
- 1927 — morre Capistrado de Abreu, no Rio de Janeiro.
- 1954 — Luthero Vargas é acusado de mandante do crime da rua dos Toneleros.
- 1976 — inicia o movimento de cassação do presidente da Assembléia Legislativa Paulista, Leonel Júlio.
- Dia do Economista.
- Dia do Encarcerado.
- Data comemorativa da Independência da República Centro-Africana.

## Setembro

- 1830 — no Rio de Janeiro morre Frei Sampaio, um dos maiores oradores sacros do Brasil.
- 1858 — falece o poeta, jornalista e político Múcio Teixeira, em Porto Alegre — RS, legando-nos diversas obras.
- 1911 — morre Raimundo Correia, em Paris.
- 1979 — decreto estadual dispensa certidão negativa de IPESP e IAMSPE.
- Dia Nacional da Etiópia (Revolução Popular).

## Outubro

- 1751 — alvará cria o Tribunal de Relação do Rio de Janeiro.
- 1767 — nasce Visconde de Congonhas do Campo, na cidade de mesmo nome, em Minas Gerais.
- 1823 — aparece o primeiro jornal de Minas, o Compilador Mineiro, em Ouro Preto.
- 1965 — deposto Moisés Tschombe, no Congo.



— Dia da Imprensa Mineira.

## Novembro

- 1711 — Duguay-Trouin deixa o Rio de Janeiro para regressar à sua Pátria.
- 1804 — nasce Barão de Vassouras, em São João Del-Rei — MG.
- 1823 — promulga D. Pedro I um decreto criando o Conselho de Estado.
- 1862 — nasce em Alcântara — MA, Viveiros de Castro.
- 1864 — o Paraguai declara guerra ao Brasil.
- 1920 — Ernesto Carneiro Ribeiro morre em Salvador — BA.
- 1942 — morre Irineu Machado, político que granjeou estima na questão do Amapá.
- 1973 — Médici inaugura o corredor de exportação do Paraná, no porto de Paranaguá.

## Dezembro

- 1519 — Fernão de Magalhães chega ao Rio de Janeiro e depois continuou a célebre viagem de circunavegação.
  - 1802 — nasce em Itaboraí — RJ, o futuro Visconde que recebeu o nome do povoado em que veio ao mundo.
  - 1807 — Marquês de Tamandaré nasce em Rio Grande — RS.
  - 1814 — nasce em Cachoeira — BA, Ana Néri.
  - 1838 — inicia a Revolução Balaiada, no Maranhão.
  - 1868 — morre von Martius, em Munique, que muito contribuiu para a Cultura Brasileira.
  - 1896 — fundado no Rio o Clube de Natação e Regatas.
  - 1899 — Almeida Júnior morre em Piracicaba — SP.
  - 1937 — nipônicos ocupam Nanquim.
  - 1948 — reconhecida de utilidade pública a APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo).
  - 1968 — promulgado o Ato Institucional n.º 5. Ocorrem novas cassações e o Congresso é fechado.
  - 1968 — Rei Constantino da Grécia, deposto em abril, tenta um contragolpe e exila-se em Roma.
  - 1973 — a Assembléia Geral da ONU aprova projeto da Argentina propondo normas internacionais para os recursos comuns a dois ou mais países.
- Dia de Santa Luzia, a protetora dos olhos.  
— Dia do Marinheiro.

## LITERATURA

Há escritores que não deixaram de especular o folclórico número. Seguem, à guisa de justificativa, alguns títulos que lembramos no momento:

A Vela Número 13, de Lobsang Rampa. 13 Anos em Brasília, de Plínio Salgado. 13 Pontos, de Maurício Kubrusly. Jesus dos 13 aos 30 Anos, de Francisco Kloro Werneck. O Homem dos 13 Pontos, de Maurício Kubrusly. O Décimo Terceiro, de Melita Maschmann. Os 13 Pontos Infalíveis, de Antônio Francisco Ferreira. Sexta-Feira, 13, de Abelardo Jurema. Treze Mulheres Azuis, de Lea Matt.

Isto sem contar Paulo Mendes Campos que publicou na Revista Manchete, um interessante conto: "13 maneiras de olhar um canário"; Guilherme de Almeida reverencia a Bandeira Paulista com o notável poema de igual nome no qual se refere às 13 listas; "13", peça de Sérgio Jockmann, que esteve em cartaz nas principais cidades do País; "Dia Treze", poema de nossa autoria, no livro Palavras ao Vento, com duas edições esgotadas; e outras para o leitor descobrir.

## PROPAGANDA

Não só os comerciais (escritos, falados e televisados), mas até os vendedores ambulantes chamados “camelôs” se utilizam do treze para incitar e informar os populares. Eis alguns exemplos:

“Estas ofertas são por 13 dias”. “Na festa dos pais, 13 de agosto, dê a camisa...”. “Até às 13 horas, desse sábado, você compra tudo sem entrada”. “Dê rosas no dia 13: tua mãe merece”. “13 roteiros levam você pelo Brasil”. “Noiva, no dia de Santo Antônio, 13 de junho, compre aqui e ganhe...”. “No nosso 13.º aniversário você recebe o presente”. “O ... faz 13 km com um litro de gasolina”. “Com 13 pagamentos iguais você compra qualquer...”. “O chá desta raiz serve para curar 13 doenças: rim, fígado, enxaqueca...”. “VII Exposição Agropecuária e Industrial de 5 a 13 de agosto de 78”. “13 roteiros do plano tempo de viver...”

Neste tópico temos que considerar a propaganda musicada, mais conhecida por "Pregões". Eis alguns que ouvimos:

Vai dar borboleta  
Com 13... com 13...  
Tem poucos pedaços  
Está acabando...

De outro cambista recolhemos:

Com 13, borboleta,  
Com 17, cachorro,  
Veja a tabuleta,  
Do Velho Socorro.

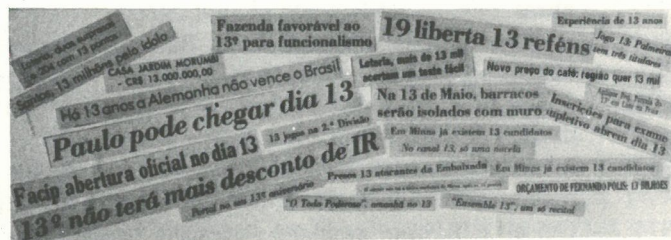
## IMPRENDA

Muitos fatos são apontados como verídicos prendendo o ser humano à credence do 13. São casos estranhos, mas merecem atenção.

Vamos relembrar algumas frases, muitas vezes, até manchetes dos meios de comunicação, sem evidentemente colocar em qualquer ordem cronológica:

“13.º Batalhão da PM em festa”. “Incêndio fere 13 operários”. “13 vítimas nas últimas horas de férias”. “Sem zebras, muitos fizeram os 13”. “Iniciada a criação do 13.º salário para os funcionários municipais”. “13 pessoas mordidas por cães: um mistério”. “Por 13 pessoas Aldo Moro desapareceu”. “Mais 13 municípios aderiram à SABESP”. “Paulo Egídio seguiu às 13 horas para Brasília”. “Um Caravele espanhol com 85 ocupantes explode em La Coruña, não deixando sobreviventes, em 13/8/1973”. “Quando da visita do presidente da República a Bauru, em 13/8/1976, aconteceu grave acidente”. “Avião da FAB matou 13 num acidente aéreo”. “Dia 13: confraternização entre empregados e empregadores”. “Nas primeiras horas de férias, treze vítimas fatais”. “No Rio, ônibus tomba e fere 13”.

A seguir os *clichês* servem para evidenciar o aproveitamento do folclore por parte dos profissionais da imprensa em exemplos recolhidos aleatoriamente:









A Lei n.º 4.090, de 13/7/72, instituiu a gratificação de Natal (13.º mês) ao funcionário público do Estado de São Paulo. A Câmara dos Deputados ratifica em 13/4/70, um decreto-lei restabelecendo a censura prévia. É de 13/11/74 a Lei Complementar 114 (Estatuto do Magistério do Estado de São Paulo). Demorou 13 anos para o Congresso Nacional aprovar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei n.º 500 (Caráter Temporário para Funcionário do Estado de São Paulo) foi promulgada em 13 de novembro. O artigo 13 do Estatuto Social do Assary Clube de Campo (Votuporanga — SP) é trágico para o adquirente de título de terceiros no que tange à taxa de transferência. Não se encontrou em Roma um só decreto do dia 13 e nem com esse número. O artigo de número 13 não figura na antiga Constituição do Estado do Espírito Santo. O Troféu Curupira foi instituído pelo Decreto 1.313 da Prefeitura Municipal de Olímpia — SP e visa distinguir pessoas que vêm colaborando na concretização dos Festivais do Folclore. Foi promulgada em 1983, emenda constitucional aprovada pelo Congresso, do Senador Calmon (observe as 13 letras), que obriga a União destinar nunca menos de 13%, e os Estados e Municípios nunca menos de 25% da arrecadação dos impostos à manutenção e desenvolvimento do ensino.

O número 13, na Declaração dos Direitos Humanos expressa: "Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego". É óbvio que todos os artigos são importantes, porém, parece-nos que este sintetiza bem as aspirações do ser humano.

#### DENOMINAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS

Encontramos os seguintes com o fantástico treze: Cantina Treze. Pensão Treze Familiar. Bazar Treze. Bar 13 Estrelas. Canal 13. Posto 13.

#### LOGRADOUROS PÚBLICOS

É altamente considerável o número de vias públicas que recebem a denominação do mais folclórico dos números. Eis algumas exemplificações:

Avenida 13 (Barretos — SP). Largo 13 de Maio (São Paulo, bairro Santo Amaro). Travessa 13 de Maio (São Paulo, Vila Campestre). Rua 13 de Janeiro (São Paulo, Bairro Americanópolis). Rua 13 (Jales — SP).

Muito embora, no que tange a este tópico, o número é uma mera ordem seqüencial ou uma homenagem a um fato histórico, é sempre lembrado pela população para justificar algo de anormal que eventualmente possa ocorrer.

#### O TREZE NA LINGUAGEM

##### Anedotas

Uma das modalidades de lazer do nosso povo é o compartimento das piadas, também conhecidas como anedotas.

Encontramos alguns exemplos desse relato rápido de um fato jocoso, inserindo o respeitado e até temido 13. Ei-las:

"O pai encontrou o filho de 13 anos fumando e bebendo na sala.

Disse-lhe:

— Posso saber desde quando está autorizado a fazer isto em minha frente?

De imediato responde o adolescente:

— Desde o dia que você começou a transar com a Maísa, minha colega.

Volta o coroa:

— Quando foi isto?

Depois de pequeno hiato, responde:

— Ah!... não me lembro... eu tava num porre danado... mas acho que foi naquela festa do dia 13 de agosto, naquela noite de sexta-feira em que eu trombei o carro..."

oOo

"— Alô doutor Toninho, o senhor imagina que minha mulher sai de casa todas as noites e só volta às 13 horas do dia seguinte, depois do almoço. Diz que fica trabalhando..."

— O senhor discou número errado. Não sou delegado! Sou gerente de banco!...

— Não disquei número errado. É com o gerente do banco mesmo que eu pretendo falar. Quero investir os lucros!"

oOo

"Uma família de Londres foi passar um fim-de-semana na Alemanha. Em um dos passeios, os ingleses perceberam em uma bonita casa de campo que lhes pareceu ideal para o próximo período de férias. Conversaram com o proprietário, um pastor protestante, e após combinarem o aluguel, fecharam o negócio.

De volta à Inglaterra, a senhora lembrou-se de não ter visto, na casa, o WC. Resolveu escrever ao pastor solicitando explicações. Assim foi redigida a missiva:

Gentil pastor:

Sou membro da família que o visitou a fim de alugar sua propriedade, como aliás foi combinado. Porém, um detalhe importante foi esquecido. Agradeço se informasse onde fica o WC.

O alemão, não compreendendo a abreviatura, julgou tratar-se da Capela da Seita Inglesa White Chapel, e assim respondeu:

Gentil senhora:

Recebi sua carta e tenho prazer em comunicar-lhe que o local que se refere fica a treze quilômetros da casa. Isto é cômodo, principalmente se tem o hábito de ir lá freqüentemente. Nesse caso, é preferível levar comida para ficar lá o dia todo. Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e cem em pé. O ar é condicionado para evitar os inconvenientes de aglomeração. Os assentos são de veludo. Aliás, recomenda-se chegar cedo para conseguir lugar para sentar-se. As crianças permanecem do lado dos adultos quando todos cantam em coro. Na entrada é fornecida uma folha de papel para cada pessoa, mas se alguém chegar depois da distribuição, pode usar a do vizinho do lado. Recomenda-se devolver a folha na saída para que a mesma seja utilizada no resto do mês. Tudo o que se recolhe é para as crianças pobres da região e fotografos especiais tiram flagrantes para os jornais da cidade, para que todos possam ver seus semelhantes no cumprimento de um dever tão edificante do ser humano".

oOo

Diz o coroa à garota:

"— Ah, menina, tenho 58 anos! Fiz igual número de tolices.

Imediatamente ela responde:

— Grande coisa! Tenho 13 e já fiz mais de mil só este ano".

#### VOCÁBULOS E EXPRESSÕES

São usuais os seguintes:

Chapa Treze — disparo intencional apenas do flash, dando a impressão de que se bateu mais uma chapa fotográfica.



Dúzia de Treze — ver treze-doze.

Treze-Doze — ação de entregar treze unidades por uma dúzia. É artifício publicitário, tal qual a divulgação feita em torno do 13.º salário. É a gratificação de uma unidade para o adquirente de dúzia.

Treze-de-Maio — expressão depreciativa para fazer alusão ao negro ou à data da abolição da escravidão brasileira.

### AS IDADES DA MULHER

Dos 13 aos 15, é admirada por todos, como se fosse a lua.

Dos 15 aos 20, é como a África: meio virgem, meio explorada.

Dos 20 aos 30, como a Ásia: cheia de mistérios.

Dos 30 aos 40, como a América do Norte: eficiente e cooperadora.

Dos 40 aos 50, como a Europa, meio cansada, mas em condição aproveitável.

Depois dos 50, como a Oceania: todos sabem onde está, mas ninguém procura.

### OS 13 MANDAMENTOS DOS PAIS

1 — Procurar não discutir e muito menos brigar diante dos filhos.

2 — Impedir qualquer diferença no tratamento entre eles.

3 — Os cuidados, quanto aos deslizes do casal devem ser maiores, se não evitados, até aos cinco anos, pois nesse período as impressões se gravam mais profundamente.

4 — Evitar ao máximo o filho único que, em geral, será adulto-problema.

5 — Nunca mentir para a criança.

6 — Todas as perguntas devem ser respondidas com afeto e bom humor.

7 — Responder às perguntas conforme às exigências da idade.

8 — Salientar as virtudes e omitir os defeitos, sempre que possível.

9 — Incutir senso de responsabilidade para a vida, dando-lhes atenção, amizade e segurança.

10 — Quando castigar não se deve exagerar e o motivo precisa ficar claro.

11 — Não permitir gastos exagerados e muito menos comparações.

12 — Demonstrar equilíbrio em tudo.

13 — Jamais deve demonstrar qualquer tipo de preocupação.

### OS 13 MANDAMENTOS DA PINGA

1 — Lucro para quem vende. 2 — Prejuízo para quem bebe. 3 — Trabalho para a polícia. 4 — Despesas para o governo. 5 — Vergonha para os amigos. 6 — Desgostos para os parentes. 7 — Desajuste para a sociedade. 8 — Aumento de criminalidade. 9 — Perda da personalidade. 10 — Saúde destruída. 11 — Moral abalada. 12 — Alegria para o Diabo. 13 — Tristeza para Deus.

### 13 MALES QUE O BEBERRÃO CAUSA A SI, PERDENDO

1 — a saúde. 2 — a família. 3 — a vida. 4 — a alma. 5 — a honra. 6 — a vergonha. 7 — a alegria. 8 — a posição social. 9 — o trabalho. 10 — o juízo. 11 — o dinheiro. 12 — os vizinhos. 13 — os amigos.

### 13 REGRAS PARA CRIAR EM CASA UM MARGINAL

1 — Comece por dar a seu filho o que ele desejar. Quando crescido, ele irá pensar que deve ser mantido de graça.

2 — Se, aos dois ou três anos, ele começar a falar palavrões, dê risadas e diga que é muito inteligente. Ele se empolgará com isso e irá em frente, sempre para o pior.

3 — Não lhe dê nenhuma educação religiosa para não lhe tirar a liberdade de consciência. Quando crescido, ele será um perfeito ateu.

4 — Não lhe ensine a distinguir o bem do mal, para não criar nele complexo de culpa. Quando crescido, ele pensará que tanto faz roubar como não.

5 — Deixe que ele leia tudo o que encontrar, e que faça tudo o que quiser, nunca se meta na vida dele. Quando crescido, ele brilhará pela falta de moralidade.

6 — Faça você tudo o que ele deveria fazer, inclusive as tarefas da escola. Quando crescido ele será um perfeito vagabundo.

7 — Satisfazer todas as exigências e os gostos dele. Quando crescido, ele será um perfeito egoísta.

8 — Dê-lhe todo o dinheiro que quiser. Não lhe ensine que o vil metal é fruto do trabalho honesto. Quando crescido, ele saberá onde roubá-lo.

9 — Defenda-o sempre, mesmo que esteja errado especialmente diante de seus professores. Quando crescido ele será um perfeito prepotente.

10 — Nunca passe uma bronca nele, nem lhe aplique um pequeno castigo. Quando crescido, ele pensará que pode fazer tudo o que quiser.

11 — Se um dia tiver um problema com a polícia, diga que a culpa não é dele e sim das más companhias. Sua consciência ficará bem tranqüila.

12 — Acostume seu filho a uma vida de prazeres e diversões. É possível que, quando crescido, ele possa viver a maior parte do tempo dentro de um presídio.

13 — Brigue com seu cônjuge na presença dele, ameace separação e o fim do casamento. Ele ficará convencido de que a união conjugal é uma guerra.

### QUADRINHAS

A quadra anônima está presente na vida e na existência do número treze.

Quadra é o conjunto de versos, em número de quatro, onde há, pelo menos, uma rima: do segundo com o último.

Veja o exemplo recolhido pelo especialista do gênero, José Sant'anna, em Olímpia. O emérito pesquisador, autor da obra ainda inédita "Quadras Anônimas", e respeitado no assunto pelas incursões realizadas há nada menos de três décadas ininterruptas:

Treze, número de azar,  
É o número do desgosto,  
Principalmente se for  
Sexta-feira, mês de agosto.

Note outra que recolhemos no Distrito de Simon-sen, Município de Votuporanga — SP.

Escrevi na pedra branca  
Treze letras sem apagar  
Treze letras que diziam  
Eu nasci para te amar.

Já no outro distrito, batizado por Parisi, encontramos a variante:

Escrevi na pedra preta  
Treze letras sem apagar  
E todas elas dizendo  
Que nasci para te amar.



Na sede do mesmo Município, recolhemos:

No céu tem *treze* estrelas  
Todas elas são de prata  
Neste dia de quermesse  
Vi dois olhos que me mata.

### FATOS PITORESCOS

Em toda a União Soviética procura-se evitar os maus presságios inerentes ao místico *treze*.

O mesmo ocorre em toda a Europa. Hotéis localizados na França, Alemanha, Itália, Inglaterra e em outros países não incluem o *treze* na numeração dos aposentos. Na numeração das poltronas de cinemas, teatros e congêneres, esse número não é usado. Nessas casas de diversões, as poltronas normalmente passam do 12 para o 12A ou 12 bis.

Existem cidades inteiras, como Paris, em que não há sequer uma casa com o número em estudo. Raramente ele é encontrado em estabelecimentos comerciais e industriais. Será que a numeração 14-Bis, a fenomenal invenção de Santos Dumont, na França, não estaria ligada à superstição do *treze*?

Uma senhora, na capital da Inglaterra, foi acometida de fulminante síncope cardíaca ao ver que o número da nova residência era o *treze*.

Nos Estados Unidos da América do Norte, os edifícios tiveram abolido o andar de número *treze*, passando do 12.º diretamente para o 14.º, quando não do 12 para o 12A. Consequentemente os elevadores estão isentos do *treze*. Também não se encontra poltrona com o 13 em nenhum local, nem em avião.

A tragédia da nave espacial Apolo 13 não estaria ligada à concepção popular do nefasto número?

Tucídides (471-395 a.C.), o mais famoso historiador grego, autor da obra-prima da Antiguidade "História da Guerra do Peloponeso" era um triscaidecáforo. Dizia que o 13 era sinal de luto, calamidade e tudo de ruim. Era dia que pescadores recolhiam seus barcos e caravaneiros fechavam suas tendas. Ninguém deveria tomar parte, em nada, nesse dia. Também escada com 13 degraus; casa com 13 janelas ou portas; roupa com 13 botões; caravana com 13 camelos; carta com 13 linhas; frase com 13 palavras; horta com 13 variedades de hortaliças; árvores com 13 frutas; quintal com 13 árvores; pomar com 13 diferentes vegetais frutíferos; enfim, tudo que somasse treze, era evitado.

Célebre é o caso da rainha Artemísia, de Halicarnasso, símbolo da fidelidade conjugal, que tomou parte na guerra de Xerxes contra os gregos e combateu em Salamina (480 a.C.). Conta-se que percebeu, certa vez, a existência de 13 pessoas reunidas. Imediatamente chamou o mordomo para sanar o problema, isto é, passar para 14.

Bem mais tarde, semelhante situação ocorreu na cabeça do nosso magistral escultor Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa) que viveu de 1730 a 1814 em Congonhas do Campo — MG. O fenomenal artista imaginou uma personagem a mais: soldado romano. Assim, procurou afastar, de sua monumental obra, a nefasta influência do 13.

Marcos Trajano, imperador romano de 98 a 117, era extremamente supersticioso em relação ao *treze*. Apesar de ser assim conhecido, rejeitava o nome porque continha 13 letras.

O rei Carlos IX, terceiro filho de Gustavo Vasa e pai de Gustavo Adolfo (1550-1611), foi rei da Suécia em 1604. Dotado de absoluto pavor ao 13, dormia toda a décima-terceira hora do dia. Parava no décimo-terceiro minuto de todas as horas. No dia 13 não atendia ninguém, por mais importante que fosse o compromisso. Enfim, era extremamente meticuloso em relação ao *treze*.

Há mais de dois séculos, na Inglaterra, um soldado foi acusado de ter dormido em serviço e permitido a entrada de estranho no Castelo de Windson. Daí foi condenado à morte. Negando sua omissão ele afirmou, para provar que não dormiu, ter ouvido 13 badaladas de um relógio. Como os sons produzidos pelas pancadas do badalo não vão além de uma dúzia, todos riram. Todavia, três dias antes da execução, diversas testemunhas apresentaram-se para confirmar que o relógio, com defeito, estava dando, de fato, *treze* badaladas. Assim, o fatídico número salvou a vida de "Hatfield".

O cientista Nils Anderson (1821-1880), autor de várias obras de Biogeografia da Escandinávia, era inimigo mortal do *treze*. Tanto é que tendo esse número de letras no nome, era considerado azarado. Dizem que só se tornou famoso depois que acrescentou Johann.

O rei Pedro I (1844-1921), chamado de "Príncipe Vermelho" administrou a Iugoslávia de 1919-21. Pelas idéias extremamente progressistas e liberais tinha aversão total pelo 13 e até por algo que pudesse ter conotação com esse número. Dizia que a ação maléfica do azarento 13 atraía desgraças, doenças graves, desastres e mortes. Não tomava decisão nenhuma naquele dia ou no seu múltiplo 26 e em nada que aparecesse a conotação do número: 13 horas (ou metade que é submúltiplo, evidentemente).

Por nada sentava-se em mesa em que houvesse esse calamitoso número. Contudo, como sempre precisa ter a primeira vez, foi ludibriado pelo sogro, Nicolau de Montenegro. Pedro I, antes de entrar numa recepção com a esposa prenhe, contou as pessoas presentes. Com o casal totalizaria uma dúzia. Daí a pouco chegou seu cunhado. Ficou amarelo. Seu sogro satirizou a situação. Porém, não demorou para o azar chegar. Sua esposa faleceu no parto. A partir daí, Nicolau, o pai da finada, até o seu último minuto de vida, tornou-se mais supersticioso que o próprio genro.

Como para cada veneno há um antídoto, existe um modo de se defender do 13. Ao perceber que há esse número de pessoas à mesa, todos devem levantar-se de uma só vez.

Joaquim Rossini que faleceu a 13/01/1868, escreveu a obra-prima "Guilherme Tell" (nome que totaliza 13 letras) o que o levou praticamente a abandonar o caminho artístico.

O compositor inglês Arthur Sullivan (com 13 letras no nome) nasceu a 13/5/1842, deixando diversas páginas musicais apreciadas universalmente.

Giuseppe Verdi (13 letras no nome), nascido em 1813, é autor de numerosas óperas que o imortalizaram: A Traviata, Aída, Otelo e outras.

Nansen, o explorador do Ártico, iniciou viagem em 13/3/1893 voltando à sua civilização em 13/8/1896. Foi homenageado no 13.º jantar da Sociedade Geográfica Escocesa no dia 13 de fevereiro do ano seguinte. O treze esteve sempre presente em sua vida.

Victor Hugo (1802-1885), o mais ilustre escritor francês do último século, nos legou, dentre outras, "Os Miseráveis", não sentava em mesa se o número de pessoas fosse 13. Caso chegassem mais pessoas e atingisse esse número, ainda que estivesse alimentando-se, levantava-se, incontinente, até mesmo sem pedir licença.

Napoleão Bonaparte (1769-1821) lamentou ter saído de Saint Cloud para a desastrosa campanha na Rússia, num dia *treze*. Foi a sua derrocada.

Ricardo Wagner, músico e compositor alemão de fama internacional, foi regido pelo *treze*. São 13 as letras do nome, tanto em português, como em espanhol e em alemão. Observa-se que não se escreve do mesmo modo nos três idiomas. Nascido em 1813, cujos algarismos somados dão 13, terminou quatro de suas 13 obras musicais no dia 13 de diferentes meses.



Tinha 13 anos quando morreu Weber. Este fato influiu na sua carreira profissional. Iniciou-se na música em 13/9/1837, como diretor de orquestra, em Riga. No mesmo local que foi vaiado em 13/3/1861 foi delirantemente aplaudido em 13/5/1865. Ficou deportado durante 13 anos. No regresso estreou a 13/8/1876 num famoso teatro. Em 13/9/1882, emigrou para a Itália. Faleceu em 13/2/1883, ou seja, 13 anos após a reconstrução do Império Alemão.

Euclides da Cunha (1866-1909), imortal autor de "Os Sertões", como repórter, deixou Juazeiro na noite de 12 de novembro para não ter que partir dia *treze* rumo ao reduto de Antônio Conselheiro. Este fanático, dizendo-se protegido de poderes sobrenaturais, pregando o Evangelho, propunha a volta do Império, o que resultou, no interior baiano, na Guerra de Canudos. Seus fiéis venceram três expedições organizadas pelo governo. Mas como tudo tem fim, Conselheiro foi morto num aziago *treze*.

O célebre pintor inglês John Millais ofereceu um banquete, em homenagem a um amigo: Mathew Arnould. Isto ocorreu em 1885, no mês de agosto.

No decorrer do ágape, um dos presentes percebeu que havia *treze* à mesa. O afamado artista riu do supersticioso. Não foi nada. Meio ano depois, o incrédulo morria de ataque cardíaco. Os outros que riram também pagaram com a vida: um suicidando-se e outro naufragando. Portanto, os ímpios que o endossaram também foram tragados pela presença do temível *treze*.

O 13 esteve presente na vida de Cornélio Pires (1884-1958). Contando-se as 13 letras existentes no seu nome, conta-se que num dia 13, às 13 horas, na capital paulista, ele encontrou-se com um amigo. Surgiu o assunto da superstição quando o folclorista fez uma glosa. Afirmou: Nasci num dia 13; século passado; eu sou paulista; sou brasileiro; nasci no Brasil; sul de São Paulo; cidade de Tietê; D. Anna Joaquina (minha mãe); Raimundo Pires (meu pai); sou um bom filho; conferencista; escrevo livros; sou muito pobre; sou muito feliz; eu sou solteiro; poeta-viajante; e, amei *treze* emes (o "m" é a 13.<sup>a</sup> letra do alfabeto). O amigo não percebeu. Com um largo sorriso, antes de repetir a lista, enfatizou: todas as expressões possuem *treze* letras. Foi uma diversão.

Em 13 de agosto de 76 (observe que a soma desses dois também resulta *treze*) exatamente às 13 horas, o relógio da Igreja da Matriz de São João Batista de Olímpia, deixou de funcionar. Essa parada foi conseqüência da mais violenta chuva de granizo de que a História registrou até hoje na Capital do Folclore. O terrível temporal foi responsável por muros desabados, vitrões estilhaçados, vidraças quebradas, árvores arrebentadas, arbustos arrancados, telhas danificadas, casas semidestruídas, trânsito interrompido, veículos amassados, postes semitombados e outros prejuízos análogos e de grande monta.

Se isto não bastasse, no ano seguinte, pouco antes do início do 13.<sup>o</sup> FEFOL, Olímpia presenciou a existência da credence do povo de que o *treze* é aziago. Naquela oportunidade, a Comissão Executiva do Festival do Folclore foi atacada por ciumentos e invejosos de outras plagas que nunca fizeram nada e nem tampouco aceitam o que outros fazem. Como os fortes não sucumbem, e sofrem estoicamente com altivez as injúrias, aí está o 21.<sup>o</sup> Festival de Folclore para desmascarar os neófobos.

Eram 13 as colônias que deram origem aos Estados Unidos da América do Norte.

A antiga bandeira dos EUA possuía 13 estrelas e 13 listras vermelhas e brancas.

Cerca de 13 mil quilômetros é o diâmetro da Terra.

A abelha-europa voa 13 quilômetros por hora. Bodas de renda são a comemoração do 13.<sup>o</sup> aniversário de casamento. Julieta conheceu e se apaixonou por Romeu

aos 13 anos de idade. O cineasta Melville, depois de ter produzido *treze* filmes, morreu. Nos 13 livros que formam a obra "Os Elementos", do matemático Euclides, de Alexandria, estão as bases da geometria. A Ford, unidade de São Bernardo do Campo — SP, possui 13 mil metalúrgicos. Como foram disputados os 13 votos do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) ao Colégio Eleitoral, na eleição para o Presidente da República, deste ano! Quando se trata de lua-de-mel, utiliza-se o 13 para desafiar os nubentes, cedendo-lhes os aposentos de hotel e tudo o que se pode imaginar, com esse mesmo número. Paulo de Frontin, quando prefeito do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, determinou que o número da casa em que morava, na rua Barão do Flamengo, deixasse de ser o 13 para ser o 11-A. O efetivo das nossas Forças Armadas, em 1889, estava na casa dos 13 mil. A única vez que nevou no deserto do Saara foi no ano 13 deste século, ficando camadas de até 13 cm de espessura. São 13 as estâncias hidrominerais controladas pela FUMEST, no Estado de São Paulo. A OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) tem 13 filiados. Nas escadarias do Monumento da Independência, na capital paulista, há lances de doze e quatorze degraus, nunca com 13. São 13 os países da América do Sul. A Pontifícia Universidade Católica (PUC) é composta de 13 unidades espalhadas em diversos Estados da federação. Na antiga numeração hebraica, os números eram representados por letras. O sinal que representa o 13 era, também, o símbolo da morte.

O cartomante ao ler a carta 13 do antiquíssimo baralho Tarô encontra a figura que simboliza a morte: esqueleto com foice. Sem dúvida, foi a superstição que inspirou a simbologia dessa carta.

No circuito da Gávea — RJ, em 1953, nenhum concorrente aceitou correr portando o 13, no automóvel. O povo diz que o professor é igual doméstica. Não ganha o 13.<sup>o</sup> salário, cuida dos filhos dos outros e só falta dormir no emprego. Acreditamos que a idade mais bela do ser humano é por volta dos 13 anos, por óbvios motivos.

Nos EUA, a Comissão Nacional dos *Treze* contra a superstição e o medo, afirmou que o prejuízo causado pelo horror a esse número é enorme pela suspensão de muitas atividades.

## SUPERSTIÇÕES POSITIVAS

A antítese está presente na cultura espontânea. É de longa data que o povo promove ambigüidade em torno desse número.

Hesíodo, em princípios do século VII antes da Era Cristã, na obra "Os trabalhos e os Dias", aconselha:

"Evita para semear o décimo-terceiro dia; escolhe-o, de preferência, para plantar".

É a dicotomia presente.

Se por um lado é funesto e condenado para uns, é benéfico para outros. Enquanto é temido por uma parte do povo é usado como amuleto em medalha por outra parcela da população. Enquanto é funesto, é dia de pé esquerdo, dia do contra, dia em que tudo dá às avessas, dia que atrai infortúnio, enfim representa o azar; há no extremo oposto, a sorte, o otimismo e a predileção de muitos. Enquanto é condenado por tantos, é considerado benéfico para outros, sobretudo por aqueles que nasceram num *treze*. Ficou claro que enquanto há os que comungam a aversão e o medo, há no outro extremo, os que estão no signo da sorte e da esperança.

São muitos os casos levantados de superstição positiva, em nossa pesquisa de campo, onde ele aparece como número da sorte. Na apresentação não procuramos, absolutamente, seguir a cronologia.

Gustavo Zerbino, grande expressão da seleção uruguaia de rúgbi, pertenceu à equipe do Old Christians (13 letras). Integrou a comitiva que jogaria no Chile, naquele célebre acidente aéreo ocorrido numa sexta-feira, 13, nos



Andes. Esse desastre, tema explorado pela literatura e cinema, chocou o mundo. Como sobrevivente, o antropólogo comentou a mística do *treze* em sua vida.

O avião Fairchild F227 (são 13 caracteres gráficos), em 72, da Força Aérea Uruguaia era o 571. Somando-se os três algarismos, temos o número 13.

Também era *treze* a soma dos algarismos do ônibus que trazia a comitiva para disputar, em São Paulo, o Sul-Americano, em 73. Houve um acidente, na estrada. Morreram dois brasileiros do outro veículo. No entanto nada aconteceu com os ocupantes do coletivo.

Quando Clóvis, o rei dos franceses, esposou Clotilde que o converteu ao cristianismo, então, ofereceu à nova rainha 13 moedas de ouro, desejando-lhe felicidade. Este costume de trezena foi por muito tempo cultivado na França. Tanto é que quando o futuro Luís XVI desposou a arquiduquesa da Áustria, Maria Antonieta, recebeu também 13 moedas de ouro das mãos do arqueduke de Reims para presentear a pretendente juntamente com a aliança.

Comerciantes franceses praticam ainda a trezena. Eles procedem assim para terem e desejarem felicidade à clientela.

Para muitos, o *treze* é escolhido para tudo, desde o dia marcado para viajar até o horário de jogar nas loterias. Na Loto, joga-se sempre no final *treze* ou, quando não na soma dos algarismos que perfazem esse número. Loteca!... Só jogam os defensores do *treze* em jogo simples!... 13 furos!... Viagens e negócios importantes... só em dia 13. A poltrona 13 é muito preferida entre nós. Carregar no pescoço, como amuleto, uma ferradura com 13 dá sorte, ou então ter um anel com igual número de pedrinhas é predileção do sexo frágil.

Na Romênia, o Natal é festejado com 13 pratos à base de peixe, enquanto que na Provença (Itália) com 13 sobremesas.

Os astecas acreditam em 13 céus e uma semana com igual número de dias.

No Japão a harpa com 13 cordas, chamada "Koto", faz sucesso.

Depois de 13 anos da Revolução de 30, surgiu o Manifesto dos Mineiros.

Cerca de 13 anos depois da nossa Revolução Constitucionalista, Vargas é destronado.

A Legislação do Trabalho teve início, no Brasil, não em 1930, como muitos propalam, mas sim 13 anos antes.

A Declaração dos Direitos do Homem foi iniciada a partir dos 13 primeiros países, originados das 13 colônias norte-americanas.

Em Votuporanga — SP, existe o Clube dos *Treze* para defender e preservar o nosso Folclore. A diretoria é composta de 13 elementos, com reuniões ordinárias sempre no *décimo-terceiro* dia de todos os meses. Ele está aberto a todos, desde que seja em grupo de *treze*. O volume máximo de extraordinárias não deve ultrapassar, no ano civil, o número 13. É interessantíssimo o Estatuto do Clube, centrado no escolhido numeral.

Na capital inglesa existe também uma associação semelhante. Porém, o Clube dos *Treze*, londrino, é para combater as superstições. Nas reuniões ficam 13 convidados em cada mesa e são servidos igual número de pratos.

Acaso, coincidência ou acidental, muitos nomes famosos são grafados com *treze* letras. Citamos: Adolpho

Hitler (estadista); Amaral Peixoto (político); Câmara Cascudo (folclorólogo); Carlos Lacerda (político); Carvalho Pinto (político); Castelo Branco (político); Castro Barreto (demógrafo); Cornélio Pires (folclorista); D. Helder Câmara (arcebispo); Donald Pierson (sociólogo); Ernesto Geisel (político); Fernando Costa (político); Franco Montoro (político); Getúlio Vargas (político); Guimarães Rosa (escritor); José Bonifácio (político); Josué de Castro (cientista); Lourenço Filho (pedagogo); Maynard Araújo (folclorólogo); Padre Donisete (sacerdote); Padre Maurício (musicólogo); Paulo Brossard (político); Renato Almeida (folclorólogo) e Silveira Bueno (filólogo).

Observa-se que nem sempre corresponde ao nome que receberam no batismo, mas sim o que celebrou a personalidade.

Certo ou errado, a Numeralogia afirma que as pessoas que possuem nomes com *treze* letras progredem rapidamente e podem sofrer terríveis quedas.

## CONCLUSÃO

Existe a generalizada superstição universal, em relação ao *treze*. Mas essa é, como todas, simplesmente superstição. Isto vale dizer que devemos pôr de lado, porque não tem fundamento científico. O *treze*, a bem da verdade, não difere dos demais. Nada tem de fatídico, nem tampouco traz sorte. É apenas e tão somente um número neutro, em relação a esses atributos.

No entanto, há muitos casos que não sabemos se o problema é coincidência, acaso ou intencional. Pode até ter sido premeditado, em alguns casos, o que demonstra superstição.

Sendo incontestável a importância dada pelo povo à superstição do *treze*, tanto positiva (sorte) como negativa (azar) cabe ao leitor optar pelo ponto de vista próprio, depois de analisar os fatos. Deixamos o leitor raciocinar e extrair sua própria conclusão. De qualquer maneira o *treze* é uma incógnita. O homem, não obstante, a evolução da tecnologia, não continua preso ao inexplicável? O homem não continua preso às superstições seculares que o prendem na redoma do 13?

Finalmente destacamos que a situação agravará, se o *treze* coincidir numa sexta-feira. Pior ainda quando isto ocorre em agosto, mês do Folclore. É o tripé: mau-agouro, azar e pavor. É a cultura espontânea da nossa gente.

Um matemático da Inglaterra, Brown, concluiu depois de pesquisar que o dia *treze* tende a cair em sexta-feira, pois de quatro em quatro séculos, o calendário repete-se. São... 20.871 semanas. São 97 anos.

Nesse intervalo de 400 anos, o dia 13 aparece 688 vezes em sexta-feira. Uma a menos em domingo e quarta. Cerca de 685 em segunda e terça. A seguir, aparecem sábado e quinta com quatro a menos que sexta-feira.

Essa predileção do 13 pela sexta-feira acontece, nada mais, nada menos, que 172 vezes em um espaço de cem anos.

Pelo que se vê, a sabedoria do povo não distancia das conclusões do saxão.

Concluindo, não podemos deixar de reafirmar que ficamos durante seis anos e meio coletando dados para a redação desta matéria. Utilizamos todos os órgãos de comunicação de massa: do rádio ao jornal; da televisão ao almanaque, e, dos livros de curiosidade às opiniões levantadas com pessoas. Assim sendo, não enumeramos todo o rol por ser enorme e tomaria um longo espaço.



**NADA COMO  
UMA  
BOA AÇÃO  
PARA  
CRESCER**

**Seja um dos  
nossos acionistas**

**Compre Ações**

**BRADESCO**



# Quadras-adivinhas

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore — Olímpia

Quadra é a estrofe constituída de quatro versos. Consta de combinações rítmicas, encerrando o último verso a conclusão do pensamento do trovador. Uma quadra por si só é auto-suficiente, é a síntese de um pensamento completo.

Aproveitamos neste trabalho as quadrinhas brotadas da alma do povo, cujos versos se apresentam com sete sílabas (redondilhas maiores ou medidas velhas). São versos preferidos pelo povo, o qual não sabe improvisar de outra forma as suas cantigas. Seleccionamos somente quadras heptassilábicas (setessilábicas), nas quais o segundo verso rima com o quarto, ficando soltos o primeiro e terceiro versos, formando o esquema rimático: abcb. A rima é que auxilia na memorização da estrofe. Por causa disso, os trovadores, intencionadamente, provocam coincidências sonoras em seus versos, formando um jogo de sons. Consiste a rima numa parcial coincidência sonora: vocábulos diferentes com os mesmos fonemas nas mesmas posições. Mostra a força do significante no processo da comunicação, agradando ao povo.

A quadra popular tem caráter sintético, isto é, brevidade, concentração intensa de pensamentos, em apenas quatro versos.

As adivinhas são um bom divertimento, que tem a vantagem de exercitar e estimular o cérebro da gente. Muitas delas são difíceis de decifrar; o adivinhador tem que queimar as pestanas. É recreação mental. Propõe a decifração de enigmas.

Nos exemplos que colhemos, as soluções estão logo abaixo das quadrinhas-perguntas. Antes de procurar ver as respostas anexas, cada leitor deve esforçar-se por solucionar, por si, com recursos da própria inteligência (é sempre um prazer a pessoa averiguar como e quanto é inteligente, embora muita gente goste de desistir de saída, para não ter trabalho nem de pensar).

As adivinhas que relacionamos — versificadas — são de natureza matemática. Exigem raciocínio. É o folclore-teste em ação. São as quadras-adivinhas.

Vamos aos exemplos:

1 — Fininha como um cabelo,  
Brilhante como uma espada,  
Brinca na mão da mocinha,  
Mas pelo pé amarrada.  
(Agulha)

2 — Operária, em seu trabalho  
Maravilhas ela faz,  
Mas só trabalha se for  
De cabeça para trás.  
(Agulha)

3 — Se São Luís tem na frente,  
São Miguel só tem atrás,  
Santa Isolina no meio  
E as casadas não têm mais.  
(A letra ele)

4 — Nesta vida há de tudo  
Nisto nem é bom pensar,  
Qual a letra do alfabeto  
Que nos ensina a errar?  
(A letra erre)

5 — Tem cabeça e não pensa,  
Tem os dentes e não come,  
Tem o pé e não caminha,  
Tem barba e não é “home”.  
(Alho)

6 — Tem barbas e não tem queixo  
Este bicho montanhês;  
Tem dentes e não tem boca,  
Tem cabeça e não tem pés.  
(Alho)

7 — Estou preso pra prender  
A quem me vier pegar,  
Sou torto por natureza,  
Não me posso endireitar.  
(Anzol)

8 — Meu direito é ser torto,  
Não prendo sem ser prendido,  
Visto-me em trajes de morto  
Pra buscar o que está vivo.  
(Anzol)

9 — Tenho uma capa de carne  
E aos vivos vou prender,  
Sou torto e dentro da água  
Todos me querem comer.  
(Anzol)

10 — Sou uma ave imponente,  
Tente meu nome escrever;  
Leia de trás para a frente  
E o mesmo nome irão ver.  
(Arara)

11 — Sou pássaro colorido,  
Sou da mata brasileira;  
Sempre no mesmo sentido  
Lido de qualquer maneira.  
(Arara)

12 — Seis mortos bem espichados,  
Cinco vivos trabalhando;  
Os vivos estão calados,  
Os mortos estão chorando.  
(As cordas, os dedos no violão)

13 — Mais de vinte senhoritas  
São mudas quando isoladas,  
Mas dizem todas as coisas  
Se acaso estão de mãos dadas.  
(As letras do alfabeto)

14 — Esta pergunta, pergunta  
Vem menino, decifrar:  
Qual é a ave que é mulher  
Vai ao céu sem “avovar”?  
(Ave-Maria)

15 — Sou ave, não sei voar,  
Tenho lã, não sou carneiro.  
Com estas duas palavras  
Disse o meu nome inteiro.  
(Avelã)



- 16 — Sabe voar, não é ave  
Levanta e corta o espaço,  
Tem asas e não tem penas,  
Parece ave de aço.  
(Avião)
- 17 — Sou o choque entre dois carros,  
Um aperitivo fino,  
Sou sondagem de polícia  
E até tanger do sino.  
(Batida)
- 18 — Tem chifres e não é boi,  
É preto e não é carvão;  
Tem asas e não é pássaro,  
Ronca e não é avião.  
(Besouro)
- 19 — Quartel cheio de soldados  
Sejam doentes ou sãos,  
Junto à bandeira vermelha  
Eles brigam sendo irmãos.  
(Boca com dentes)
- 20 — Masculino, vou à mesa  
De qualquer rei ou sultão;  
Feminino, vou ao campo,  
Quantos castigos me dão.  
(Bolo e Bola)
- 21 — Tem casa muito bem feita  
Mas nem sempre nela mora,  
Mesmo estando numa linha  
É posto sempre pra fora.  
(Botão)
- 22 — Nós somos todos irmãos,  
Moramos na mesma rua;  
Se um de nós errar a casa,  
Todos vão errar a sua.  
(Botões da camisa)
- 23 — Na ponta deste teu braço  
Estou sempre a segurar,  
Quatros buracos furei  
Para estar no meu lugar.  
(Braço do cavaquinho)
- 24 — Tenho asa e tenho bico,  
Sou cego, surdo e calado,  
Só ando se me levarem  
De um para outro lado.  
(Bule)
- 25 — Branco fui de nascimento,  
De encarnado fui trajado,  
Hei de me vestir de luto  
Para ser mais estimado.  
(Café)
- 26 — Nessa pergunta que faço  
Não há segredo profundo:  
Quem matou a quarta parte  
Da população do mundo?  
(Caim)
- 27 — Quem o compra não o usa,  
Quem o usa não o vê,  
Mas não quer usá-lo nunca  
Aquele que a ele vê.  
(Caixão mortuário)
- 28 — Diz bem rápido o que é:  
Tem pé, mas nunca andou;  
Tem olho, mas nunca viu,  
Tem barba e nunca cortou.  
(Cana)
- 29 — Sou nascida em verdes campos  
Faço o mal e faço bem,  
Ponho o açúcar na vida  
Mas tiro o juízo também.  
(Cana)
- 30 — Sou caule cheio de gomos  
Que você pode chupar,  
Do caldo sai a bebida  
Que só mal pode causar.  
(Cana-de-açúcar)
- 31 — Tem pescoço, não tem cabeça,  
Tem braços e não tem mãos,  
Tem corpo e não tem pernas,  
Tem peito, não tem coração.  
(Camisa)
- 32 — Sendo mansos ou ferozes  
Guardam a casa do dono,  
Uns vivem muito felizes,  
Outros vivem no abandono.  
(Cão)
- 33 — É cão, não morde, nem late,  
Mas ele pode matar.  
Sem dizer com disparate,  
Cuidado se disparar.  
(Cão de espingarda)
- 34 — São os dois irmãos no nome  
Desiguais no parecer,  
Um nasce embaixo da terra,  
Outro em água quer viver.  
(Cará: raiz e peixe)
- 35 — Eu vinha pelo caminho,  
Rezando um Padre-nosso;  
Coisa que eu nunca vi:  
Carne por dentro dos osso (s).  
(Caranguejo)
- 36 — Responda esta pergunta  
Que parece brincadeira:  
Qual o cara mais antigo  
Da História Brasileira?  
(Caramuru)
- 37 — Ele é festa de alegria  
Deixa o povo tão contente,  
Sepultando por três dias  
Toda a tristeza da gente.  
(Carnaval)
- 38 — Que coisa é esta, responda:  
Preto, raiz de guiné,  
Pois fala sem ter a boca  
E caminha sem ter pé.  
(Carta)
- 39 — Sou branca de nascimento,  
Coberta de verdes laços  
E todos choram por mim,  
Se me cortam em pedaços.  
(Cebola)
- 40 — Sou mulher muito vistosa  
Uso roupa transparente,  
Tenho cabelo no pé  
E comovo muita gente.  
(Cebola)
- 41 — Quem me fez tem asa e voa,  
Não posso ter melhor sorte;  
Perto do fogo sou água,  
Perto da água sou forte.  
(Cera)



- 42 — Se o inseto a fabrica  
Merece nosso louvor,  
Mas se o empregado faz  
Não é bom trabalhador.  
(Cera)
- 43 — Assim reza a pergunta:  
Cai em pé e corre deitada  
Se não souber a resposta,  
Lembre de terra molhada.  
(Chuva)
- 44 — Seja adivinhador  
E me diga o que é:  
Corre e corre deitada,  
Embora caia de pé.  
(Chuva)
- 45 — Eu sou fêmea perigosa,  
Rápida e bem decidida,  
Mesmo que eu seja macho,  
Sou fêmea toda a vida.  
(Cobra)
- 46 — Ele é regaço amoroso,  
Ela serve pra grudar,  
Ele faz parte da gente,  
No seco ela quer lidar.  
(Colo e Cola)
- 47 — Linda flor, especiaria,  
Instrumento musical,  
Pode estar em nossa pele  
Ou nos pés de um animal.  
(Cravo)
- 48 — É linda flor perfumada,  
É mal da pele e do pé,  
Se você é muito ativo,  
Diga-me já o que é?  
(Cravo)
- 49 — Tem braço e não tem mão,  
Tem perna e não tem pé,  
Tem pescoço, não tem cabeça,  
Mas é símbolo da fé.  
(Cruz)
- 50 — Pense e diga a resposta  
Duas vezes Deus nos dá;  
A terceira, se quisermos  
Temos, então, que pagar.  
(Dentes)
- 51 — Mais poderoso que o mar,  
Mais forte que o vendaval,  
É ser que nunca foi visto  
E acalma até temporal.  
(Deus)
- 52 — Ziguezague vai voando,  
Tem dentes para comer,  
Mastiga, mas joga fora,  
Engolir não pode ser.  
(Engenho)
- 53 — Telhas bem arrumadinhas  
E geralmente prateadas,  
Não apanham sol nem chuva  
Porém, sempre estão molhadas.  
(Escamas de peixe)
- 54 — Muito amigo das mulheres,  
Que o fitam de espaço a espaço;  
Tudo vê, mas tudo esquece,  
Mau grado a memória de aço.  
(Espelho)

- 55 — Tem pés, tem mãos e tem olhos,  
Orelhas, boca também;  
Não anda, não vê, não ouve  
E nem fala com ninguém.  
(Estátua)
- 56 — Mais de cem damas formosas  
Vi de pais pretos nascer,  
Encarnadas como rosas  
E num momento morrer.  
(Fagulhas)
- 57 — Pequena e trabalhadeira  
Não gosta de vida mansa,  
Trabalha todo o tempo  
E no inverno descansa.  
(Formiga)
- 58 — Sou branca de nascimento  
Sou preta de geração,  
Delgadinha de cintura  
E vivo na escuridão.  
(Formiga)
- 59 — Quando eu perco a cabeça  
Eu fico muito espantado,  
Mas eu não tenho mais força,  
Quando já estou queimado.  
(Fósforo)
- 60 — De cor verde fui nascido,  
Cantando minha alegria,  
Mas o homem me queimando  
Me consome todo dia.  
(Fumo)
- 61 — Meus princípios foram verdes  
De luto me fui cobrindo;  
Para dar gosto aos amigos,  
Nos ares vou-me sumindo.  
(Fumo)
- 62 — Qual o nome de uma ave  
Que às vezes nós criamos,  
E com ela na cabeça  
Muitas vezes nós ficamos?  
(Galo)
- 63 — É de tapa, é de fussa  
E é de pulos em pino,  
O vivo dentro do morto  
Alegre, cantando fino.  
(Grilo)
- 64 — Veste roupa de viúva,  
E quase sempre num canto,  
Depois que trabalha um pouco  
Desata em copioso pranto.  
(Guarda-chuva)
- 65 — Verde é meu nascimento,  
Branco é o meu estado,  
Mas eu me visto de luto  
Pra morrer arreventada.  
(Jabuticaba)
- 66 — Vim ao mundo na pobreza,  
O mundo me castigou;  
Morri pelo mesmo mundo,  
Responda, agora, quem sou?  
(Jesus Cristo)
- 67 — Juro e juro por ti,  
Por quantas penas "tive"  
Quem não sabe a pergunta,  
Cabeça de burro é.  
(Juriti)



- 68 — Eu sou feito de madeira,  
E sou grande ao nascer,  
Mas depois de escrever verso  
Bem pequeno vou morrer.  
(Lápis)
- 69 — Vivo no meio dos mares,  
Mas no Sol não estou não,  
Quando passo para a Terra  
Levo sempre meu irmão.  
(Letra erre)
- 70 — É nome familiar,  
É fruta para chupar,  
Sendo de aço ou de ferro  
É pra polir ou raspar.  
(Lima)
- 71 — Tem folhas e não é planta,  
Tem lombo e anda de capa,  
O escolar que o abandona  
Da nota má não escapa.  
(Livro)
- 72 — Sou mulher, passeio à noite,  
Em noite quente ou fria,  
Tenho um irmão abrasado  
Que só passeia de dia.  
(Lua)
- 73 — Verde foi meu nascimento  
E de luto me cobri;  
Para clarear o mundo,  
Mil tormentos padeci.  
(Mamona)
- 74 — Vê se responda depressa,  
Não dê uma de bocó:  
Está em nosso pomar  
E também no paletó.  
(Manga)
- 75 — Ela é fruta gostosa,  
Parte da roupa também;  
É chuva forte e breve,  
E até zomba de alguém.  
(Manga)
- 76 — De nome bem perigoso  
Constante no devorar,  
Em pequenos acidentes  
Ele vem para auxiliar.  
(Mata-borrão)
- 77 — Qual o nome de bebida  
Tão gostosa de tomar,  
Mas de nome perigoso  
Que dá ordem pra matar.  
(Mate)
- 78 — Por um ponto me começam,  
Por outro vão me acabar,  
O que disser o meu nome,  
Só a metade dirá.  
(Meia)
- 79 — É verde e não é capim,  
É branco e não é algodão,  
É vermelho e não é sangue,  
É preto e não é carvão.  
(Melancia)
- 80 — Menina, minha menina,  
Vô fazê o que Deus mandô:  
Encostá pêlo com pêlo  
Debaixo do cobertô.  
(Meninas dos olhos)
- 81 — Estou quieto em um canto  
Um ou outro vem me ver,  
Eu mastigo e jogo fora,  
Porque não posso comer.  
(Moinho)
- 82 — É uma igreja de ferro  
Com um sacristão de pau;  
Bastantes negrinhos dentro,  
Tocando o berimbau.  
(Moinho de café)
- 83 — Tenho asas, mas não penas,  
Mamífero e sei voar;  
De dia, durmo e descanso,  
De noite, vou passear.  
(Morcego)
- 84 — É maior que este mundo  
E bem menor que um grão,  
Os mortos podem comer  
Mas se os vivos, morrerão.  
(Nada)
- 85 — Bem no centro da carranca,  
Levanta-se a chaminé,  
Na base duas janelas  
Por onde toma rapé.  
(Nariz)
- 86 — Uma coisa muito estranha,  
Parece incrível que exista;  
Tem boca só quando nasce  
Nunca no claro foi vista.  
(Noite)
- 87 — Quando Deus criou o mundo,  
De barro foi feito Adão;  
Agora vem a pergunta:  
Onde Deus lhe pôs as mãos.  
(Nos braços)
- 88 — Há um pau de doze galhos,  
Cada galho tem seu ninho,  
Cada ninho tem seu ovo,  
Cada ovo um passarinho.  
(O ano)
- 89 — São duas lindas portinhas,  
Duas bonitas janelas,  
Elas abrem e se fecham  
Sem que ninguém toque nelas.  
(Olhos)
- 90 — Duas gaiolas de arame  
Sobre um espelho sombrio  
Com duas meninas dentro,  
Tremendo sempre de frio.  
(Os olhos)
- 91 — Uma igreja branca  
Sem porta e sem tranca,  
Com duas pessoas dentro:  
Uma amarela, outra branca.  
(Ovo)
- 92 — É uma casa branquinha  
Sem porta e sem janela,  
Apesar de fechadinha  
Dona Clara mora nela.  
(Ovo)
- 93 — Como planta que é, tem tronco,  
E de grande comprimento;  
Vive, embora sem ter mãos,  
Batendo palmas ao vento.  
(Palmeira)



- 94 — Sou brinquedo de criança,  
Sou ave de estimação,  
Sou título promissório,  
Sou até interjeição.  
(Papagaio)
- 95 — Sou papa e não sou de Roma  
Em gaio termino o nome;  
Como com o rei à mesa,  
Eu falo mas não sou "home".  
(Papagaio — ave)
- 96 — Tenho rabo, não sou cão,  
Sem asas eu sei voar,  
Se me larga eu não subo,  
Saio ao vento pra brincar.  
(Papagaio — brinquedo)
- 97 — — de-vento me atrapalha  
— de-alferes, dá casamento  
— de-moleque, adoça a boca,  
Quando frio, azarento.  
(Pé)
- 98 — É de supor que o malandro  
Leve vida regalada;  
Ninguém sabe o que ele faz,  
Todos, porém dizem: nada!  
(Peixe)
- 99 — Sirvo de bom agasalho  
E também para escrever,  
Sou dor e sou sofrimento  
Afinal o que venho a ser?  
(Pena)
- 100 — Ando sempre na gaveta,  
Sou cumprida na prisão,  
Revisto o corpo das aves  
Sou o mesmo que compaixão.  
(Pena)
- 101 — Ele tem cintura fina  
E perninhas alongadas,  
Vive tocando corneta  
E levando bofetadas.  
(Pernilongo)
- 102 — Abre a boca e mostra os dentes,  
De cor clara e cor escura,  
Só fala se acaso alguém  
Lhe bulir na dentadura.  
(Piano)
- 103 — Ele, com capa, não anda,  
Sem capa não pode andar,  
Para andar, bota-se a capa,  
Tira-se a capa para andar.  
  
Variante:  
Ele com capa não anda  
Sem capa não pode "andá"  
Para formar o brinquedo,  
Sacode a capa pra lá.  
(Pião)
- 104 — Uma igreja pequenina,  
Sem porta e sem janela  
Com gente muito miúda,  
Fechadinha dentro dela.  
(Pimentão)
- 105 — Quero que você responda  
Sem que você enlouqueça  
Qual o animal que anda  
Com os pés sobre a cabeça?  
(Piolho)
- 106 — Meus começos foram cinzas,  
Disto ninguém se espanta,  
De sete irmãs que eu tive,  
A derradeira foi santa.  
(Quaresma)
- 107 — A sala tem quatro cantos  
Cada canto tem um cão  
Cada cão vê três cãezinhos,  
Adivinhe quantos são.  
(Quatro cães)
- 108 — Se tu a tens eu te dou,  
Não te dou quando não tens.  
Será que sabes quem sou?  
Se sabes meus parabéns.  
(Razão)
- 109 — Tem quartos e não tem sala,  
Tem meias e não tem pés,  
Anda com corda, parado,  
Desperta fazendo crés.  
(Relógio)
- 110 — Trabalha só com dois dedos,  
Anda, não sai do lugar;  
Usa corda, muito embora  
Não pretenda se enforcar.  
(Relógio)
- 111 — Casinha com doze moças  
Cada uma tem seu quarto,  
Todas elas usam meia  
E nenhuma tem sapato.  
(Relógio)
- 112 — Você, menino sabido,  
Vê se pode adivinhar:  
O que é que anda, anda  
E nunca sai do lugar?  
(Relógio)
- 113 — Pendurado na parede,  
Utilíssimo tu és,  
Pois das sem teres as mãos  
E andas sem teres os pés.  
(Relógio)
- 114 — Pensa e logo me responde  
E me prova quem tu és:  
Quem tem quartos sem ter sala,  
E tem meias sem ter pés?  
(Relógio)
- 115 — Esta palavrinha Amor  
É tão grande, minha mana,  
Se for lida ao contrário  
É cidade italiana.  
(Roma)
- 116 — Com meu nome pequenino  
Sirvo à flor ou à mulher,  
Também à ave que palra,  
Adivinha, se puder.  
(Rosa)
- 117 — Sou sempre a mesma palavra  
Mas tenho som diferente;  
Sou ave e tempo verbal  
Ou mulher inteligente.  
(Sabiá, sabia, sábia)
- 118 — Você que é adiantado,  
Diga rápido, rapaz;  
O que é que é molhado  
E ao sol se molha mais?  
(Sal)



119 — Venho nas ondas do mar  
Nascido da fresquidão,  
Não sou água e nem peixe,  
Mas sou tempero na mão.  
(Sal)

120 — É bom em alguns instantes  
Ficarmos com ele a sós,  
Segue os nossos pensamentos  
Sem emitir uma voz.  
(Silêncio)

121 — Quem é que tem o poder,  
Não deixe que vire teima:  
Na água ela não se molha,  
No fogo ela não se queima.  
(Sombra)

122 — Minha comadre espertinha,  
Ela come e ela caça;  
Tem os braços na cintura  
E a bunda de cabaça.  
(Tanajura)

123 — Eu sou fina, eu sou grossa,  
Sou pesada, sou maneira,  
Eu sou filha do algodão,  
Eu sou feita em carreira.  
(Tarrafa)

124 — Cinqüenta e cinco soldados  
Todos cabem numa mão,  
Os cinqüenta pedem ave,  
Mas os cinco pedem pão.  
(Terço de oração)

125 — Uma meia, meia feita,  
Outra meia por fazer,  
Diga-me, minha menina:  
Quantas meias vem a ser?  
(Uma meia)

126 — Sou branco de nascimento,  
Mas preto por natureza,  
Os mortos me dão a vida  
E os vivos me dão tristeza.  
(Urubu)

127 — Ele é preto que nem cão,  
Devora "as criação",  
Quanto mais o ano seco  
Mais alegre o coração.  
(Urubu)

128 — Vê no escuro, não é gato,  
Leva a vida a voar,  
Tem lanterna e não é guarda  
E todos o querem pegar.  
(Vaga-lume)

129 — Usada em qualquer casa  
O que vê joga adiante,  
É também um bom recurso  
Pra despachar visitante.  
(Vassoura)

130 — Se vive em casa de pobre  
Também na rica é achada,  
Trabalha muito de dia  
E à noite dorme encostada.  
(Vassoura)

131 — Dama vestida de branco  
Quanto mais alegre está  
Tanto mais chora sentida,  
Pergunto eu: quem será?  
(Vela)

132 — Uma cova bem cavada  
Com seis mortos estendidos  
Cinco vivos passeando,  
Mas mostrando-se sentidos.  
(Violão)

Até aqui tudo pareceu muito fácil, pois juntamente com as perguntas vieram as respostas. Mas, para não parecer tão fácil assim e provar que você raciocina bem, procure decifrar a quadrinha abaixo:

133 — Uns me juntam, outros me partem,  
Passando de mão em mão;  
Entre caneca e caneca  
Sou a grande distração.  
(?)

#### NOTAS:

- 1.<sup>a</sup>) Com exceção de sete quadras-adivinhas, todas as demais são isométricas, ou seja, todas são constituídas de versos heptassílabos. São heterométricas: 90 (o 2.<sup>o</sup> verso é hexassílabo); 31 (o 1.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> versos são octossílabos); 49 (o 3.<sup>o</sup> verso é octossílabo); 99, 100, 103 e 128 (o 4.<sup>o</sup> verso é octossílabo).
- 2.<sup>a</sup>) Quadras recolhidas em Olímpia com a colaboração de estudantes do Colégio e Escola Normal Estadual "Capitão Narciso Bertolino" — 1970.
- 3.<sup>a</sup>) Este trabalho é fragmento do livro "Quadras Anônimas", ainda inédito, de José Sant'anna.



# Educação Moral e folclore

MARA SÍLVIA CORREIA FUSO

Departamento de Folclore — Olímpia

Sabemos que o desenvolvimento da personalidade humana depende de dois grupos básicos de fatores: os fatores hereditários e os fatores educacionais.

Na espécie humana, os fatores educacionais assumem papel fundamental na constituição da maior parte dos comportamentos do indivíduo, já que a criança aprende através da educação, da experiência e dos conhecimentos do seu grupo.

A relevância do fator educacional para o desenvolvimento da personalidade torna-se evidente pelo fato de ser indispensável à aquisição de dois ramos de conhecimentos essenciais à adaptação do indivíduo ao meio: a aquisição do conhecimento lógico e do conhecimento moral.

Mesmo sem deixar de lado certas condições inatas que permitem ao ser humano a construção de regras e de sentimentos morais, parece não haver dúvidas sobre a função decisiva da Educação Moral na formação efetiva do caráter.

A questão da liberdade humana ocupa posição central no ensino de Educação Moral e Cívica no mundo moderno. É fundamental o uso que devemos fazer de nosso livre arbítrio, equacionando o ímpeto de liberdade, imprescindível à autonomia do indivíduo, com uma conduta ponderada e respeito pelos semelhantes.

A importância do ensino da cadeira de Educação Moral e Cívica é capital e acreditamos, sim, que se deva iniciar, desde as primeiras séries do curso de primeiro grau, com noções gerais, em que se incluam as idéias da sabedoria popular, de maneira que o menino possa adquirir noções exatas através do que vê, num aprendizado prático e eficiente, bem orientado pelo professor.

Nas escolas rurais onde, pelas circunstâncias do meio, os alunos sofrem um retardamento, cabe ao professor, partindo daquilo que o meio oferece transmitir a eles os conceitos básicos essenciais à formação do adolescente.

Uma grande atenção deve ser dada às fábulas. O aluno rural tem uma idéia justa e esclarecida da vida dos animais, de sorte que são capazes de uma compreensão maior do que faz o cachorro, o gato ou a galinha. As fábulas apresentam conteúdo de alta importância, à medida que permitem aos alunos conhecerem o valor da formiga trabalhadora, do cão fiel, do João-de-barro arquiteto. Não só os animais, mas as plantas e os minerais devem ser mostrados aos alunos, exaltando suas funções.

Revelar-se-ão através de histórias, de provérbios, de cantigas, as idéias de amizade, de coleguismo, de boa companhia, que deverão ser ministrados com muita atenção, mostrando como até os bichos são amigos entre si, como o homem deve fazer o bem pelo bem, como deve ajudar seu semelhante, como evitar brigas.

Para a criança da cidade certos conceitos lhe escapam facilmente, já que o contato com animais, plantas, etc. é mais difícil.

Com relação aos brinquedos, os meninos do campo e os da periferia já participam de folguedos e de danças, já tomam parte em folias de Reis, folia do Divino, dança-de-são-gonçalo, cateretê, etc., enquanto que para os meninos do centro da cidade tudo isto ainda está muito distante. Um menino de situação privilegiada terá carrinhos, animais, estrada-de-ferro, etc. e o menos favorecido se contentará em fazer parte de um grupo folclórico. Mas o que é necessário é que ambos aprendam a

lidar com o brinquedo. Um com a parte mecanizada, outro com as intenções do folguedo. Aí, então, o folclore aparece como um campo imenso de civismo a ser aproveitado. Enquanto o garoto que brinca com os folguedos do povo, conhece as grandes qualidades humanas, a coragem, a ousadia, o valor pessoal através das figuras lendárias que constituem parte das suas brincadeiras, o outro adquire noções industriais mais avançadas, conhece o romance de Carlos Magno, o valor das pastorinhas, os ensinamentos das congadas, dos moçambiques, etc.

E ambos gostam e se divertem com trava-línguas, criptofonia, adivinhas, quadras, provérbios, etc.

Sabemos que provérbio é uma pequena composição que encerra uma verdade sob o véu da ficção. Temos observado essa sabedoria entre os alunos que estudam na Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Silva Melo. Essa escola é construída, pode-se dizer, dentro de uma fazenda, tendo sua frente voltada para uma rua do Jardim Silva Melo. Nela estudam alunos da cidade e também alunos da zona rural. Com relação aos *provérbios*, podemos coletar uma série deles, bem conhecidos de nossos alunos: Quem conta um conto lhe acrescenta um ponto. Quem diz o que quer, ouve o que não quer. Tanto morre o papa, como o que não tem capa. Filho de peixe sabe nadar. Mais fere a má palavra, que espada afiada. Amigo de bom tempo, muda-se com o vento. Homem honrado, antes morto que injuriado. Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. Quem boa cama fizer, nela se deitará. A fome é a melhor cozinheira. Não há pior cego que aquele que não quer ver. De grão em grão a galinha enche o papo. Há males que vêm para bem. Quando a esmola é demais o santo desconfia. Casa de ferreiro, espeto de pau. Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. Quem desdenha quer comprar. Santo de casa não faz milagre. Deus escreve direito por linhas tortas. A corda rebenta sempre do lado mais fraco. A ocasião faz o ladrão. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Amor com amor se paga. Só se atiram pedras em árvores que dão fruto. Quem vê cara não vê coração. Ri o roto do esfarrapado. Cada um puxa a brasa para sua sardinha. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Quem dá o que tem a pedir vem. Cria fama e deita-te na cama. Quem ri por último, ri melhor. Não faças a outro o que não queres que te façam, etc.

Mas o mais curioso é que muitos alunos empregam *antiprovérbios*. Por exemplo: *A fome é a maior desgraça*. (A fome é a melhor cozinheira); *De grão em grão a galinha se cansa*. (De grão em grão a galinha enche o papo); *Quando a esmola é demais, o santo gosta*. (Quando a esmola é demais, o santo desconfia); *Cesteiro que faz um cesto é preguiçoso*. (Cesteiro que faz um cesto, faz um cento); *Quem dá aos pobres cai na miséria*. (Quem dá aos pobres empresta a Deus); *Quem ri por último é retardado*. (Quem ri por último, ri melhor); *Quem cedo madruga, fica com sono*. (Quem cedo madruga, Deus ajuda); *Após a tempestade vem os estragos*. (Após a tempestade vem a bonança); *Quem o feio ama não tem bom gosto*. (Quem o feio ama, bonito lhe parece); *Mais vale um pássaro na panela que dois na mão*. (Mais vale um pássaro na mão que dois voando); *Em boca fechada não entra comida*. (Em boca fechada não entra mosquito).

Interessante é também este provérbio mais extenso, que retrata a perspicácia da mulher:



O rico e o pobre são dois iguais:  
O soldado protege os dois,  
O operário trabalha pelos três,  
O vagabundo come pelos quatro,  
O advogado defende os cinco,  
O confessor condena os seis,  
O médico examina os sete,  
O coveiro enterra os oito,  
O Diabo carrega os nove,  
A mulher engana os dez.

Como diz Piaget: "A evolução interna do indivíduo (ligada aos fatores hereditários) fornece apenas um número considerável de esboços suscetíveis de serem desenvolvidos, anulados ou deixados em estado inacabado". Compete portanto à educação influir nesses esboços endógenos, através de um trabalho de complementação, transformação e burilamento, segundo os interesses e necessidades socialmente desejáveis.

Assim podemos concluir que a educação, quer no sentido lógico quer no sentido moral é, para o indivíduo, fator de realização de suas potencialidades naturais, representando a condição essencial à sua integração na vida coletiva e o pleno desenvolvimento no seio da comunidade.

#### Bibliografia

Tradições Populares no Programa de Educação Moral e Cívica, de Renato Almeida, Caderno de Folclore n.º 12, da C.D.F.B. do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1972.

#### Agradecimento

Agradecemos a gentileza do Prof. José Sant'anna, nosso ex-professor e atual colega, por haver solicitado nossa colaboração.

# Fórmulas estereotipadas no conto popular brasileiro

ÁTICO VILAS-BOAS DA MOTA(\*)

## INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, quero agradecer à Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, na pessoa de seu dinâmico titular Deputado Antônio Henrique Cunha Bueno, a oportunidade de poder participar deste Simpósio constituído de numerosos expoentes da Folclórica brasileira e estrangeira. (1)

Aos meus agradecimentos venho juntar a declaração do prazer de conhecer novos companheiros de labor científico, e reencontrar velhos amigos, além de ter a honra de testemunhar pessoalmente as homenagens que se prestam ao "carvalho do folclore brasileiro" — Mestre Luís da Câmara Cascudo — um dos mais fecundos estudiosos de nosso folclore e incansável incentivador de várias gerações.

A minha condição de estudioso de Folclorística voltado para os problemas de Literatura Oral contribuiu, de certa forma, para a escolha do tema de minha comunicação: *Fórmulas estereotipadas no conto popular brasileiro*.

Geralmente tal assunto é examinado sumariamente nos tratados gerais de Literatura Oral e, de maneira persistente, nos estudos especializados do conto popular (estória).

As fórmulas estereotipadas para iniciar e concluir um conto popular já foram examinadas à saciedade no folclore de diversos países. A elas farei alusão, posteriormente, quando for necessário compará-las às de nossa literatura folclórica.

Campo vasto, vastíssimo é aquele constituído pelos valores literários orais. Não podemos examinar, em tão curto tempo, todos os aspectos da Literatura Oral. Deixaremos de lado as divergências metodológicas e as discrepâncias terminológicas referentes aos diversos setores dessa modalidade de Literatura.

Contudo, convém seja lembrada a questão da grafia da palavra *estória*. Se já não se dedica mais espaço ao conceito de *estória*, haja vista a riqueza de estudos de que se ocuparam eminentes estudiosos, o mesmo não se pode dizer da relutância quanto ao uso do termo. Quem

propôs, entre nós, a palavra *estória* foi o arauto dos estudos de Folclorística Brasileira — João Ribeiro — posteriormente retomada por Gustavo Barroso.

Alguns teóricos tentaram aproximar o neologismo *estória* da forma inglesa *story* (narração fantástica ou simples relato sem documentação histórica) que, por sua vez se opõe a *history* (história por excelência, isto é, devidamente comprovada através de referentes *históricos* que vão dos dados arqueológicos ao papel escrito ou equivalente). Tal aproximação é de duvidoso valor científico. Melhor seria lembrar o fato de que, na própria história da língua portuguesa, durante o período de oscilação ortográfica, lêem-se nos textos remotos: *história* e *estória*, ambas palavras utilizadas para exprimir o mesmo conceito (cf., por exemplo, *Booso Deleitoso*, *Santo Graal* e outros). Não se trata de questão relevante, de vez que a decodificação do termo vai depender do contexto.

Luís da Câmara Cascudo em seu trabalho — *Literatura Oral* (2) apresenta a primeira classificação das fórmulas estereotipadas em contos populares brasileiros:

- Fórmulas iniciais,
- Fórmulas finais.

Dando prosseguimento a sua orientação comparatista, o ilustre folclorista apresenta-nos um painel de exemplos apoiados em expressiva bibliografia com predominância de autores e textos românicos.

Outros exegetas de estórias incluem nos estudos das *fórmulas estereotipadas*, aquelas que foram chamadas de *fórmulas mediais*. Assunto bastante controvertido, uma vez que os exemplos apontados geralmente não passam de ocorrências do estilo do *narrador*, ou, quem sabe, recursos utilizados por ele no decurso da narração, para

(\*) Professor titular de Folclore Ibero-americano da Universidade Federal de Goiás. Conferencista. Especializou-se em Letras na Argentina e na Europa. Premiado em diversos concursos literários e folclóricos de âmbito nacional. Membro de várias instituições científicas nacionais e estrangeiras. Diretor-executivo da Comissão Nacional de Folclore (IBICC-UNESCO) sediada no Rio de Janeiro. Endereço: Caixa Postal 518 — 74000 — Goiânia — GO.



retomar o fio da meada, talvez perdido por deficiência da sua memória. É muito comum o registro de cacoetes narrativos deste tipo: *não é? E daí... Depois... Então, né?*, etc.

### FÓRMULAS INICIAIS

Quando o narrador popular inicia o seu discurso oral, lança mão de diversas fórmulas estereotipadas cujo número *não é infinito*. Utiliza aquilo que os escolásticos denominavam: "*incipit*", ou seja a *abertura*, o *preâmbulo*, o *intróito* às vezes seguido de um *captatio benevolentiae*. Apesar da limitação quantitativa das fórmulas iniciais, registra-se certa variação quanto ao emprego dessas fórmulas, porque variando a situação, isto é, a cadeia de fatores que envolvem a figura do narrador e de sua audiência, há de variar também o uso das referidas fórmulas. Mais alto fala, em tais circunstâncias, a expressividade dos referentes culturais. Há culturas cujos "incipits" se referem aos elementos do meio ambiente, por exemplo, nas sibilinas russas, nos contos populares romenos e em outras manifestações literárias populares da Europa, o bosque faz-se presente, sendo tratado — no caso da Romênia — como um verdadeiro irmão: *Codrule, Codrutule, ce mai faci, dragutule* [Bosque, bosquinho, como vai meu queridinho?]. Outras, contudo, preocupam-se muito mais com o fator tempo, daí a predominância da fórmula: *Era uma vez...* Neste caso, abre-se a porta do tempo, esboçando-lhe uma moldura para que nela se realize a substância narrada, através da montagem dos blocos narrativos que vão preenchendo, aos poucos, o espaço literário oral. Há, portanto, em português: "*Era uma vez*"... ao lado de "*Diz que era uma vez*"... em que se acoplam o valor temporal (*uma vez*) ao da chancela da oralidade (*diz que...*) (3)

Os "corpora" narrativos populares portugueses que, de maneira irrefutável, constituem grande parte das matrizes responsáveis pelos clichês brasileiros, são fontes inesgotáveis para a comparação com as literaturas orais da Europa e da América. Destacamos as coletâneas *Contos Populares* e *Contos Populares e Lendas* de Adolpho Coelho e J. Leite de Vasconcelos, respectivamente. (4) Na impossibilidade de consultar e fazer levantamentos estatísticos de todos os "corpora" narrativos populares portugueses, utilizei, a título de amostragem, o volume I da referida obra de J. Leite de Vasconcelos e, através dele, pude apresentar algumas conclusões quanto à frequência e ao valor das fórmulas estereotipadas iniciais. A fórmula predominante é a seguinte: *Era uma vez* (78 ocorrências) que se alterna com: *Uma vez* (14 ocorrências). Com o referente *vez* aparecem fórmulas menos frequentes: *Era duma vez* (4 ocorrências), *Foi uma vez* (2 ocorrências).

Ao lado desta fórmula, observam-se outras de menor frequência: *De uma vez*, *Conta-se que...* *Diz(em) que...*

Não deixarei de chamar a atenção deste ilustre auditório para o uso do verbo *haver*, no pretérito imperfeito do indicativo (*havia*) como "*incipit*".

Para configurar o alto teor de fantasia e distância no tempo, pode-se verificar, quer no Brasil, quer em Portugal, fórmulas iniciais como a seguinte:

"No tempo em que os seres se entendiam..."

Não é preciso ressaltar que diversas narrativas populares em língua portuguesa dispensam as fórmulas estereotipadas iniciais. O narrador prefere iniciar o seu discurso introduzindo diretamente os protagonistas da história ou a ação que indica o ponto de partida da narração. Não podemos afirmar até que ponto a não utilização deste recurso seria apenas uma ocorrência esporádica, ou, quem sabe, os organizadores das referidas coletâneas teriam suprimido aquelas fórmulas a fim de evitar a monotonia do discurso. Se prevalecer a última hipótese, pode-se acrescentar que tal procedimento prejudicou o caráter folclórico do *corpus*, traduzido pela fide-

dade que deve presidir todo e qualquer trabalho de transcrição de discursos orais.

Rastreei algumas fórmulas registradas em coletâneas brasileiras e, através delas, posso apresentar algumas conclusões.

Em primeiro lugar, cumpre destacar, ou melhor, separar, na análise das fórmulas estereotipadas, os textos nos quais predominam temas profanos (A) daqueles de caráter religioso (B):

A — Lindolfo Gomes (1965) — *Contos Populares Brasileiros*.

Aluísio de Almeida (1973) — *50 Contos Populares de São Paulo*.

Theo Brandão (Década de 1970) — *Seis Contos Populares no Brasil*.

B — Oswaldo Elias Xedieh (1967) — *Narrativas Pias Populares*.

Nos textos profanos, predomina a fórmula *Era uma vez* (80% de ocorrências), coincidindo com as formas portuguesas: *Havia, Havia uma vez*. Não faltam exemplos da concorrência do verbo *ter* (em relação ao *haver*) em exemplos como os seguintes: "*Tinha um*" (moço, um camarada, etc.), "*Tinha uma vez, diz que tinha um...*" "*Diz que tinha uma vez*" (cf. Waldemar Iglesias Fernandes, op. cit., passim). Foram encontradas formas iniciais mais raras: "*Vai uma vez*", "*Vai um dia...*", "*Foi de uma feita...*" (cf. Lindolfo Gomes, op. cit., pág. 124).

Como expressiva concorrente de *Era uma vez*, registra-se: *Foi um dia* (cf. Lindolfo Gomes, op. cit.).

Evidentemente os registros que acabamos de fazer devem ser levados em conta como simples amostragens. As fórmulas iniciais são ricas, apesar de não serem infinitas: "*Diz que um*", "*Diz que uma vez...*" "*Uma ocasião...*", "*Havia uma vez...*", "*Havia antigamente...*", "*Contam que num certo lugar...*", "*Conta-se que...*", "*Certo dia...*", "*Certa vez...*", etc.

A marca da tradicionalidade das histórias é assinada graças ao uso de fórmulas desta natureza: "*Contam os antigos que...*", "*Era uma vez, contam os antigos...*" (cf. Lindolfo Gomes, *Contos Populares Brasileiros...*).

A invocação de um provérbio constitui prova evidente de que ele exprime a irrefutável voz da experiência. Lindolfo Gomes, na sua coletânea, consigna dois contos cuja estrutura inicial baseia-se em refrão:

I — "*O que há de ser tem muita força, como lá dizem... Pois é como lhe conto, meu patrão e sou intê capaz de jurar...*"

II — "*Quem cai na dança não se alembra de mais nada: Assim se costuma dizer e é bem certo.*"

Dentre os referentes históricos brasileiros, destaca-se o período da escravidão negra. A simples referência, no preâmbulo da história, aos dolorosos tempos do cativo, indica que se trata de histórias denunciadoras da problemática social: *branco x negro, senhor x escravo, rico x pobre*. Aluísio de Almeida e Waldemar Iglesias Fernandes registram em suas coletâneas: "No tempo da escravidão..."

O distanciamento do tempo consegue-se através de referentes que, por si mesmos, já são indicadores de etapas recuadas, inclusive por precederem a revolução industrial. Observemo-los: "*Dantes, os homens andavam...*" "*Antes de haver trem de ferro...*" "*No tempo dos gigantes...*" (Estas formas foram registradas também por Aluísio de Almeida, op. cit., passim).

O nível de fala do narrador pode reduzir palavra como: *dantes/dante*:

"*Dantes, os homens andavam...*" (Aluísio de Almeida, op. cit., pág. 32) e

"*No tempo de "dante"* (idem, ibidem, pág. 38).

Não faltam exemplos nos quais o narrador popular transfere a fala ao personagem central da narração: "*O Pedro Malazarte diz que uma vez...*" Tal exemplo ilustra a contento a possibilidade de o narrador re-



forçar o *discurso indireto* (cf. Waldemar Iglesias Fernandes, op. cit., pág. 130).

Nas estórias encontram-se documentos vivos da atualização das “formas simples”, se levar em conta o pensamento de André Jolles. (5) A remissão a um fato superado no tempo testemunha-nos a capacidade de o narrador delimitar a temporalidade de ação narrada, contrastando-a com as circunstâncias sincrônicas. O exemplo que recolhi é muito ilustrativo:

“No tempo em que se usava fazer nas noites de sextas-feiras de quaresma...” (cf. Aluísio de Almeida, op. cit.).

As formas iniciais poderão ser reavaliadas, à medida em que as pesquisas de campo se ampliam.

Quanto às formas iniciais encontradas nas narrativas populares religiosas, podemos adiantar que nelas não predominam referentes que possam induzir os ouvintes à dúvida ou à descrença. A maioria delas é iniciada pelo advérbio de tempo — quando — que, por sua vez, se junta a construções deste tipo: “No tempo em que...” “Foi uma vez”, que evidenciam de pronto a indubitável ocorrência histórica, se comparadas com outras muito menos freqüentes: “Diz que era uma vez...” “Era uma vez...” “Certa vez...” que se fazem mais presentes nas estórias de conteúdo fantástico (cf. Oswaldo Elias Xidieh, *Narrativas Pias Populares*, passim).

### FÓRMULAS FINAIS

As fórmulas finais na Literatura Oral do Brasil foram também registradas nas coletâneas folclóricas e estudadas por alguns pesquisadores patricios. Quem mais atentou para esta ocorrência literária popular foi o mestre Câmara Cascudo, no seu tratado sobre a Literatura Oral, como já sabemos. No estrangeiro, contamos com várias obras. (6)

Nunca é demasiado insistir na importância de se redescobrir as raízes ibéricas de nossos modelos narrativos populares. Mais uma vez, lancei mão da referida coletânea de J. Leite de Vasconcelos (7) que me possibilitou algumas conclusões. Em primeiro lugar, gostaria de lembrar a existência de grande variedade de *fórmulas finais* em comparação com as iniciais. (8) As *fórmulas finais* correspondem aos escolásticos “*explicits*”.

Os contos portugueses, como os brasileiros, são narrados horizontalmente. Seguem o modelo tradicional: *começo/meio/fim*. O desfecho está condicionado à natureza do próprio conto. Contudo, bom seria relembrar que praticamente nenhum fica sem solução, isto é, o conto popular não pode e não deve ser inacabado. As exceções são raríssimas.

As estórias de “happy end” vêm se juntar as de “unhappy end”, cuja funcionalidade pode ser estudada sob vários ângulos, inclusive aqueles que são considerados como belos exemplos de correção das injustiças sociais.

O narrador pode transferir a tarefa de encerrar a estória a um dos personagens, como se pode observar no seguinte exemplo: “E o lobo perguntou: *Que vai a dizer, comadre?* E ela: *É um continho que já se acabou*” (J. L. Vasconcelos, op. cit., pág. 33).

Não contente apenas com a matéria narrada, o contador de estória, ao concluir a narração, dá testemunho público de haver participado do desfecho do conto. O exemplo que se registra em Portugal constitui um belo exemplo de cruzamento de *testemunho participacional* e de uso de fórmulas estereotipadas:

“E o catraeiro e o moleiro também vieram para os palácios dos filhos e viveram muito contentes.

*Está minha história acabada:*

*Seja Deus louvado!*

*E eu fui lá, não me deram nada”*

(J. Leite de Vasconcelos, op. cit., pág. 217)

A fórmula final mais curta que se surpreende na oralidade portuguesa é a seguinte:

“E acabou [a história], concorrente de: “E assim aconteceu”.

Em Portugal, como no Brasil, o narrador, finda a sua missão de contar estórias mandando seu recado indireto, no qual pede que lhe dêem algo de comer ou beber:

“*Stá a minha história acabada, minha boca cheia de marmelada*”.

Não poderia concluir sem chamar a atenção deste auditório para algumas fórmulas finais que dão nome à estória:

“*Passados alguns dias casou-se com ela, ficando princesa. A princesa depois contou-lhe toda a história, convencendo-se ficar com o nome de conto das três nozes*”. (J. Leite de Vasconcelos, op. cit., pág. 575).

Provérbios ou frases proverbiais são incluídas no fim das estórias, funcionando, na maioria das vezes, como arremate moralizador, ou seja, aquilo que o próprio povo denomina de “moral da estória” (cf. em espanhol o termo: “*moraleja*”).

Exemplos: 1 — “*Tolo é quem se faz cego e o não é*”. 2 — “*Foi buscar lenha e ficou toqueado*”. Na coleta de J. Leite de Vasconcelos encontram-se variantes de fórmulas finais em que o narrador desincumbe-se do *ofício de contar estória* mediante uma fórmula reduzida:

1 — “*Seja louvado  
Meu canto acabado*”.

2 — “*Bendito e louvado  
— o meu conto cabado!*”

O reiterado uso da invocação ao Senhor Jesus Cristo, leva-nos à conclusão de que as fórmulas anteriormente mencionadas não se referem ao narrador nem ao conteúdo do conto, mas à figura central de Cristo que marca a cultura e a civilização portuguesas.

Nos contos etiológicos portugueses o narrador costuma explicar, ao concluir, o objetivo de sua mensagem: 1 — “*Se calhar, ... respondeu o sapo mui 'tente por se julgar temido. E é esta a voz com que o imitam*”. (J. Leite de Vasconcelos, op. cit., pág. 105). 2 — “*O sapo obedeceu, mas a codorniz aterrou-se tanto com a sua figura que se retirou bradando: 'tem-te lá! ... Daqui acreditam que veio a forma do seu canto*”. (Idem, ibidem, pág. 105).

O ponto final na estória pode ser anunciado, em Portugal ou no Brasil, pelo próprio narrador, por exemplo: “*E aqui está a história do macaco*”. (J. Leite de Vasconcelos, op. cit., pág. 93).

As fórmulas finais brasileiras são ricas em valores humorísticos, recurso de que se serve às vezes o narrador para atenuar o enredo sangrento, guerreiro ou odioso.

Não seria demasiado reafirmar o *mister de contar* também como uma modalidade de dramatização cujos recursos provêm da capacidade criadora do próprio narrador: inflexão da voz, expressão corporal e linguagem gestual que acompanham os blocos narrativos como complementação da narração ou como realce de determinados episódios.

Nas conclusões felizes — “happy end” — o narrador, que até então se vinha mantendo fora do espaço narrativo, de repente nele se insere mediante fórmulas que bem poderiam ser chamadas de *testemunhos de participação*. Em várias coletâneas, encontramos fórmulas encerrando estórias com *happy end*:

1 — “*Casaram-se e houve muitas festas, adonde eu trouxe um potinho de doce para vocês, mas quebrou no caminho, eu peguei um tatu [= escorregar no chão liso e molhado, diz-se em Itu, São Paulo]*”. Outra, também de São Paulo: “*E fizeram o casório, todos muito contentes, e o banquete esteve supimpa. E eu quebrei o pote de doce que vinha trazendo*” (cf. Aluísio de Almeida, op. cit., pág. 89).



2 — “Houve muitas festas e os velhos guardaram essa história para os meninos” (idem, ibidem, pág. 81). (8)

A estereotipia no final dos contos populares brasileiros não atinge o nível de estratificação absoluta. As fórmulas finais apresentam, por isso mesmo, um bom número de variantes que atestam a plasticidade da própria língua do Brasil.

No Nordeste é muito conhecida a fórmula conclusiva:

“Entrou no bico do pinto,  
Saiu no bico do pato,  
Nosso Senhor mandou contar  
Mais [três ou] quatro.”

Nicolae Rosianu despertou a nossa atenção para o estudo do ritmo e da rima (soante ou toante) que, segundo ele, ajudam no processo de memorização. A persistência de algumas fórmulas finais estaria diretamente ligada ao fato de serem rimadas.

Eis aqui alguns exemplos recolhidos por Aluísio de Almeida:

- 1 — “Entrou por esse ouvido e saiu por outro”. (pág. 58)
- 2 — “Entrou por uma porta, quem souber melhor que conte outra”. (pág. 57) (rima toante)
- 3 — “E aí acaba esse caso pitoco, sem rabo, sem toco”. (rima soante)
- 4 — “Entrou por uma porta,  
Saiu por um canivete  
Quem souber, que conte sete”. (rima soante ou consoante).

Como nas fórmulas iniciais, recorre-se, esporadicamente, à paremiologia quando se pretende fazer do *mister de contar* um veículo de manutenção dos padrões e valores que fazem parte da cosmovisão popular:

- 1 — “Adeus! Antes magricela solto, do que gordo no bucho do gato”.
- 2 — “Mais pode Deus”.

Como bem se pode observar, também nas fórmulas finais de caráter religioso, cabe ao narrador cuidadosa seleção de fórmulas no ato de narrar. Nessas histórias não se dão preferência às fórmulas finais de caráter jocoso. As coisas de Deus, acreditam, merecem respeito e, portanto, o narrador não pode confundi-las com as profanas, em que a fantasia e os sentimentos não têm limites nem condicionamentos.

Na coletânea de Osvaldo Elias Xidieh — *Narrativas Pias Populares* — é inútil a tentativa de se achar alguma fórmula final humorística.

Ao concluir, devo declarar que os estudos de estereotipia nos contos populares do Brasil são ainda incipientes dada a vastidão dos *corpora* que ainda não cobrem todo o território nacional.

Esta comunicação não teve outra finalidade, senão a de chamar a atenção dos estudiosos que estiverem dispostos a reinterpretar a Cultura Brasileira, a partir das inesgotáveis fontes populares.

#### NOTAS

(1) Acredito que já se pode denominar de *Folclorística* a ciência que estuda o *folclore*. Binômio indispensável — a ciência e o seu objeto — será, doravante questionado de maneira exaustiva e indagadora, na certeza de que os seus resultados constituirão as bases essenciais à interpretação de todo o legado folclórico que, por sua vez, servirá de apoio aos trabalhos de interpretação da própria Cultura Brasileira, cujo caráter surgente exige, de todos nós, a devida postura científica isenta de pre-

conceitos, recusando sempre o apanágio de certezas eternas.

O termo *Folclorística*, já empregado em diversos países, foi cunhado segundo os modelos já consagrados: *Linguística*, *Romanística*, *Germanística*, *Novelística*, *Contística*, etc.

(2) Das coletas realizadas por Sílvio Romero até a publicação desta obra do mestre Câmara Cascudo, “muita água passou debaixo da ponte”. As coletâneas de outros autores que vieram depois dos pioneiros, ainda não são suficientes para se apresentar conclusões definitivas sobre a matéria. O Brasil é muito vasto e os obreiros desta área científica ainda são poucos.

(3) Em outros idiomas utilizam-se fórmulas que se aproximam do nosso *Era uma vez*. Vejamos o elenco. Em espanhol antigo: *Érase que se era...* Em francês: *C’était une fois...* Câmara Cascudo que tão bem soube coletar e interpretar comparativamente a literatura oral do Brasil, chama-nos a atenção para um diálogo entre o narrador e seu público, ao informar que os marinheiros de França começam suas histórias gritando.

— *Cric!*

Enquanto o auditório responde bastante interessado:

— *Crac!* A história poderá iniciar-se a partir da ressonância que obtiver. Se o narrador for espirituoso, dirá uma frase cheia de humor: *Une vieille morue dans ton sac, belle fille dans mon hamac...* Em inglês a fórmula mais usada é *Once upon a time there...* que se alterna no discurso dos velhos narradores de histórias com a seguinte: *“Onde day a man...”* (apud Luís da Câmara Cascudo, op. cit., pág. 242).

Em romeno registram-se diversas, sendo a mais frequente a seguinte: *A fost odata*. A plasticidade da língua romena, somada ao tradicional espírito de fina verve do narrador, apresenta fórmulas desta natureza: *A fost odata cînd o prinde mîta peste* (= Era uma vez quando o gato pescava). Aliás, as formas iniciais romenas constituem verdadeiras metáforas, cuja expressividade foi bem examinada por E. Slave na sua tese de doutoramento — *Expresivitatea lingvistică/cu aplicare la metaforele și expresiile limbi române* [A expressividade/linguística/com aplicação nas metáforas e as expressões da língua romena (Universidade de Bucareste, 1965, páginas 279-281, 346). Em macedo romano, um dos dialetos românicos, registram-se algumas formas que se aproximam das demais romenas, além de outras de identidade própria: *“Era uma vez ou não era, pois se não fosse, eu não falaria...”* ou simplesmente: *“Era ou não era um...”* Apud Nicolae Roșianu, *Stereotipia Basmului* (A estereotipia da história, pág. 23). Esta fórmula romena aproxima-se da búlgara: *“Se não tivesse acontecido, não se falava. Houve um tempo...”* “Em italiano: *C’era una volta...*”

Valiosas são as indicações que o mestre Câmara Cascudo faz em sua obra *Literatura Oral*: “Na Costa dos Escravos diz ele ou seja, na Costa do Ouro o Akpalô (Contador de histórias) desperta a atenção num súbito:

— “Alô!” “Dizem imediatamente: Alô!” E acrescenta: “O akpalô explica o enredo do conto: Meu alô é sobre o elefante e o camaleão” (op. cit., pág. 241). Não nos falta a informação sobre a participação do auditório africano. O narrador começa: *“Era... era...”* e os ouvintes respondem: *“Era uma verdadeira história...”* Câmara Cascudo recolheu este exemplo em José Osório de Oliveira e mostra, de forma clara, o entrosamento entre emissor e receptor da narração. Realidade e Fantasia cruzam-se mediante a autenticação do auditório. Aliás, o mesmo ocorre nas Guianas, segundo Saint-Quentin, quando o narrador dos negros costuma exclamar:

— *Masak!*

E o auditório responde jubiloso, aos gritos:

— *Kam!*



Os Peles Vermelhas costumam dizer:

— “Há muitos anos...”

Nas Antilhas registrou também Clews Parsons um punhado de fórmulas iniciais, destacando: “Cric! Crac!”

“Pour être bon menteur, il faut avoir bon’ mémoire”. Em Madagascar, L. da Câmara Cascudo, louvando-se em Paul Sébillot registrava: “Os malgaches, como os bretões dizem: “Aqui está um conto muito velho” (pág. 242). Quanto aos Bretões, registra outra forma que coincide algumas vezes com algumas estórias em português: “Quando as galinhas tiverem dentes...” Os russos, por seu turno, dizem: “Quando as gatas usavam sandálias ou as rãs punham barrete para dormir”, apud L. C. Cascudo, op. cit., pág. 242. Na Armênia: “Antes de nós, num país longínquo, ainda mais distante que o Monte Ararat...” Na Turquia: “Quando o rato era barbeiro” (apud Nicolae Roşianu, op. cit., pág. 30) ou: Quando eu embalava minha mãe e meu pai (idem). As fórmulas que se usam na Turquia, sugerem-nos o estudo de um tema pouco explorado na Folclorística Brasileira: O mundo às avessas. Na Pérsia, segundo o registro de Nicolae Roşianu vamos encontrar um dos raros exemplos de duvidade inserido numa fórmula estereotipada inicial: “Foi assim, ou não teria sido assim... Certa vez vivia...” “Donde se conclui que a incerteza pode também ser utilizada como recurso estilístico oral, ampliando os limites do tempo e do espaço.

Na Austrália o referente antroponímico adquire relevante importância: “No tempo de Alcheringa...”, enquanto que na cosmogonia dos Ainos como a gênese é o que prevalece: “Nos primeiros dias do começo do mundo”, (apud. Câmara Cascudo, op. cit., pág. 242).

(4) J. Leite de Vasconcelos, um dos primeiros a estudar as fórmulas estereotipadas em Portugal, incluiu em sua obra — *Ensaio Etnográfico* (1910), II, pág. 215-222 — um artigo intitulado “Fórmulas iniciais e finais dos contos” arrolando diversas fórmulas finais de se concluir uma estória, inclusive algumas que se incorporam a diversas rimas ou parlendas infantis:

1 — “Era uma vez  
Um rei e um bispo:  
Acabou-se o conto,  
Não sei mais do que isto”

2 — “Era uma vez  
Um gato maltês:  
Alça-lhe a perna,  
Bebe-lhe a vez  
Quer que lho conte outra vez, senhora D.  
[Inês?”

3 — “Era uma vez  
Uma vaquinha chamada Vitória  
Morreu a vaquinha,  
Acabou-se a história”.

(5) O processo de atualização de algumas formas simples, no caso, as estórias, pode ser flagrado no “corpus” das próprias variantes.

(6) Nicolae Roşianu, na obra anteriormente citada, estudou minuciosamente as fórmulas estereotipadas nos contos populares romenos, segundo os postulados científicos de V. I. Propp. Curiosa a lista de fórmulas finais com “negação direta” da matéria anteriormente apresentada pelo narrador: Em romeno: *Musca alba pe perete, Mai mincinos cine nu crede*. [Mosca branca na parede, Mais mentiroso (é) quem não acredita]. (Candrea-Densuşianu: *Poveşti din diferite tinuturi locuite de români* [Estórias de diferentes lugares habitados por romenos], Bucareste, 1909. Em sérvio: “Em honra dos senhores eu lhes contei uma mentira.”

As fórmulas finais que testemunham a participação fantástica do narrador foram também registradas em outras línguas:

Italiano:

“E me deram bombons  
Um, eu dei ao galo  
Para me servir de cavalo;  
Outro dei a uma galinha  
para que me mostrasse o caminho;  
O terceiro, a um porco  
para que me mostrasse a porta”.  
(N. Roşianu, op. cit., pág. 73.)

Francês: “Eu também estive lá...”

Mas o diabo de um cozinheiro me deu uma compeiteira que se derramou justamente no monte Bré, de onde eu vim até aqui para lhes contar a estória...” (Idem, ibidem, pág. 73).

Muito conhecida é a fórmula espanhola: *Colarín, colarao, que el cuento se ha terminado, y a mí me dió un hueso en las narices; y aquí se acabó mi cuento con sal y pimienta*.”

(7) Muitas das fórmulas finais recolhidas por J. Leite de Vasconcelos são contraditórias no folclore brasileiro. Elas foram lembradas por um dos coordenadores da obra do ilustre filólogo lusitano. Trata-se de Paulo Caratão Soromenho que, no prefácio da obra de Leite de Vasconcelos, registra muitas fórmulas de que trata esta comunicação (cf. *Contos Populares e Lendas*, pp. XIX-XXIX).

(8) Alguns autores incluem em seus trabalhos a classificação tripartite: 1) fórmulas iniciais; 2) fórmulas mediais; 3) fórmulas finais (ou conclusivas). Paul Sébillot denominou as fórmulas mediais, em substancial artigo, de *fórmulas intercalares* (cf. referência bibliográfica). O mesmo se diga de Nicolae Roşianu na sua excelente monografia — *A estereotipia da estória* — que as batizou de “*fórmule mediane*” [fórmulas mediais].

(9) Esta fórmula final nos indica a quem cabe, na comunidade, a tarefa de manter os elos da tradicionalidade, transmitindo às futuras gerações o respectivo patrimônio literário oral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Aluísio de (pseudônimo) — *50 Contos Populares de São Paulo*, 2.<sup>a</sup> edição, 1973, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura.
- Basset, R. — *Formules dans les contes, Revue Des Traditions Populaires*, XVIII, 1902-1903.
- Bolte, J. e Polívka, J. — *Anmerkungen zu den Kinder-u. Hausmärchen der Brüder Grimm*, volume IV, Leipzig, 1932.
- Brandão, Theo — *Seis Contos Populares no Brasil* (inédito).
- Cascudo, Luís da Câmara — *Literatura Oral, in História da Literatura Brasileira*, sob a direção de Álvaro Lins, volume V, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1952, 465 p. — *Coleção Documentos Brasileiros* 63-A.
- Fernandes, Waldemar Iglesias — *82 Estórias Populares Colhidas em Piracicaba*, São Paulo, 1971, Conselho Estadual de Cultura.
- Gomes, Lindolfo — *Contos Populares Brasileiros*, 3.<sup>a</sup> edição, 1965, São Paulo — Edições Melhoramentos.
- Jolles, André — *Formas simples*, tradução de Álvaro Cabral, São Paulo, Cultrix, 1976.
- Luzel, F. M. — *Formules initiales et finales des conteurs em Basse — Bretagne. Revue Celtique*, III, 1878: 336-341.
- Oesch, W. A. — *Preámbulos y Cometetas. Tradición, revista peruana de Cultura*, Cuzco, año V — volume VII, Enero 1954, Junio 1955, nrs 16-18: 51-53.
- Oliveira, José Osório de — *Literatura Africana*, Lisboa, 1944.
- Parsons, Clews — *Folk-lore of the Antilles, French and English*, New York, 1933, 1936, 1943.
- Petsch, R. — *Formelhafte Schlüsse im Volksmärchen*, Berlin, 1900.



- Polívka, J. — Uvodní a závěrečné formule slovanských pohádek [Fórmulas iniciais e finais dos contos eslavos], Narodopisný Věstník Československy (Praga) XXX-XX, 1926-1927.
- Roşianu, Nicolae — Stereotipia basmului [A estereotipia da estória], Bucureste, Editora Universo, 1973.
- Saineanu, L. — *Basmale române în comparaţiune cu legendele antice clasice şi în legatura cu basmele popoarelor învecinate şi ale tuturor popoarelor românice* [Estórias romenas em comparação com as lendas antigas clássicas em ligação com as estórias dos povos civilizados e de todos os povos românicos], Bucureste, 1895.
- Saint-Quentin — *Introduction à l'Histoire de Cayenne*, Antibes (France), 1872.
- Sébillot, Paul — Formules initiales, intercalaires et finales des conteurs en Haute-Bretagne, *Revue Celtique*, VI, 1884:62-66.

- Thompson, Stith — *The folktale*, New York, 1951.
- Vasconcelos, J. Leite de — *Contos Populares e Lendas, coligidos por...* Coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, Coimbra, por ordem da Universidade, 1964.
- Xedieh, Oswaldo Elias — *Narrativas Pias Populares*, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1967, São Paulo.

NOTA: Este trabalho constitui o fruto de uma comunicação apresentada no IV Simpósio "Pesquisa de Folclore", organizado pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo (1979), gestão do deputado Antônio Henrique Cunha Bueno, cujas sessões se realizaram no Museu da Imagem e do Som (MIS). Infelizmente, por motivo que desconhecemos, não se publicaram ainda os Anais do respectivo encontro. A divulgação tardia do presente texto visa, tão-somente, evitar que a matéria perca a sua motivação científica.

# Retalhos - Artesanato fantástico

ISEH BUENO DE CAMARGO  
Departamento de Folclore — Olímpia

No porão dos casarões antigos, nos sótãos das casas estilo europeu, em quartos de "despejo" de qualquer residência, encontramos sempre um baú, mala, caixa esquecida, gaveta desconjuntada, móvel desprezado, repletos de mensagens coloridas do passado, mensagens recendendo a sândalo, naftalina ou bolor, arco-iris, calidoscópio de mil cores, trapos, restos de tecido — retalhos, enfim.

Que estranha sensação nos invade quando penetramos nesse mundo que recende a passado, a "ontem", a coisas já vistas e vividas. Em costureiros de alto nível, em costureiras humildes, mesmo nos lares mais pobres, onde o costurar é necessidade cotidiana, o mundo dos retalhos é convite a sonhos, a recordação de canções de acalanto, melodias repletas de saudade, a um retorno ao passado des preocupado de nossa mocidade e infância.

Quem pensou, pela primeira vez, em utilizar esses restos de tecido, a fim de dar-lhes funções decorativas ou utilitárias? Quero crer que, antes mesmo de o homem haver fabricado a primeira agulha, já o "retalho" encontrara utilização.

Será que nossos ancestrais, na penumbra das cavernas, não "ligaram" pedaços de pele de animais ou couro para esconder sua nudez ou aquecer-se contra o frio inclemente? Desenhos rupestres mostram o uso de "remendos". Trabalhos artísticos assírios, egípcios, gregos e de outros povos anteriores ao advento do cristianismo demonstram que o homem já usava o tecido com emendas diversificadas, no sentido que damos ao que chamamos retalhos.

Podemos ter certeza de que o uso abrangente do retalho é proveniente de uma necessidade — o remendar, encobrir rasgos ou partes esgarçadas da roupa. Desde esse momento, a caixa de retalhos entrou em funcionamento e, passem os séculos, evolua a humanidade, progridam os povos, o retalho fará parte da vida familiar, o retalho estará presente em muitos recantos do lar como autêntica matéria de consumo caseiro.

Que se faz com os retalhos, além dos remendos?

Não teríamos espaço para especificar tudo.

Com eles remendam-se roupas de uso pessoal, peças de uso doméstico, fazem-se bonecas de trapos que são brinquedos amados e inesquecíveis de número infinito de crianças, ricas ou pobres, confeccionam-se colchas, tapetes, toalhas de mesa, de banho, capas de cadeira, saias, chapéus, coletes, casacos, calças de palhaços, fantasias, túnicas e calções de Folias de Reis, capacetes (chapéus) de foliões,

"encostos" para motoristas de caminhão (coxonilhos), almofadas, panos-de-prato, cobertura para bules, liquidificadores, botijões, painéis decorativos, cobertores, flores, bandejas plastificadas, cortinas — é infinito o seu uso, esta é a verdade. Basta que se tenha imaginação, coloca-se a criatividade a funcionar e miríades de retalhos transformam-se, de meros trapos, em multicoloridas obras de arte, imperecíveis e sem fronteiras.



Os tecidos mais usados são o algodão, a laicra, o náilon, o feltro, a seda, a renda, a lã e, em menor escala, o linho e a casimira. O algodão, por ser mais colorido, mais rico em nuances de estamparia, mais resistente e barato é o mais procurado e usado como retalho, especialmente no lar. A utilização do algodão, sempre envolvido em mitos e credences, parte importante da vida cultural do indígena americano, desde remotas eras é muito conhecida dos estudiosos de povos primitivos e de leigos interessados em motivos do artesanato nativos.

Sobre o algodão, vejamos duas lendas:

## A LENDA DO ALGODÃO (colhida pelo Prof. José Sant'anna)

Quando o Brasil foi descoberto, a fibra do algodão já era usada pelos nossos selvagens.



Conta-se sobre o aparecimento do algodão entre os nossos índios, uma lenda interessante.

Dizem que há muitos anos viviam os selvagens em grande atraso, não sabiam fiar nem tecer, e moravam em cavernas, em plena floresta. Um dia, porém, Sacaibu, que era o chefe de grande tribo, resolveu mudar-se com ela para um planalto onde havia fartura e bom clima. Aí Sacaibu plantou uma semente, que lhe oferecera seu deus e ensinou os filhos a construírem as primeiras ocas.

Perto da montanha onde passou a morar, abria-se um grande abismo, os índios ali ficavam horas e horas, no desejo de conhecer o vale misterioso, ao qual não podiam descer. Foi quando, certo dia, notaram que as flores da planta semeada por Sacaibu se abriram, mostrando belos tufo branco. Tiveram então uma idéia: tomaram os tufo branco, desfiaram, trançaram e formaram cordas, com as quais desceram ao abismo. E lá viram que o vale era habitado por gente ativa e forte que, de boa vontade, subiu pelas mesmas cordas e foi auxiliar os índios no cultivo das terras.

Assim, floresceram os primeiros algodoados do Brasil.

### COMO SURTIU O ALGODÃO

(Conforme contava meu avô, Antônio Benedito Cazé, que veio da Bahia, a pé e nos educou à moda do bom baiano)

A tribo do seu avô vivia despreocupada pelas praias da Bahia, gente feliz naquele calor constante do Nordeste, "nuzinhos da silva", livres filhos da terra quente abençoada por Tupã.

Um dia, triste dia, sempre lembrado pelos índios, tribo feroz apareceu, inimigos que tudo destruíam. E a sua gente, para não desaparecer, embrenhou-se pelas florestas, ganhou as montanhas, distanciou-se da orla marítima. Depois de muito caminhar, o cacique julgou chegado o momento da reconstrução da taba, pois o lugar era bom. E assim se fez.

Porém, quando o Sol afastou-se da Terra e o inverno chegou, os índios sentiram o frio penetrar-lhes o corpo nu e quase morreram de fome por se verem compelidos a passar o tempo todo ao redor das fogueiras em grutas e cavernas, a fim de se aquecerem. O cacique estava triste. O pajé desconsolado. Um dia, sentados ao sol, começaram a despertar da letargia do frio para o som das matas, para o colorido das flores, para o canto das aves e do rio. E perceberam algo estranho.

Uns pássaros diferentes colhiam, com seus bicos afiados, fios de uma planta alta, com belos tufo branco. Esses fios, trançadinhos, formavam ninhos alvos e fortes, onde ovos eram botados, chocados e fofos filhotes gritavam ao mundo sua alegria de viver.

O cacique, o pajé e as mulheres da tribo colheram o algodão nativo, conhecido como algodão mocó ou seridó, comum até hoje em regiões nordestinas, planta que pede pouca água e bastante calor para florescer. Desfiaram, trançaram rudemente e, pouco a pouco, descobriram como fiar e tecer. Tiravam o algodão do capulho, retiravam o caroço e fiavam em fuso rústico, tear primitivo mas funcional. Cobriram sua nudez, o frio não mais os maltratou e, dessa tribo "industrializada" surgiram os homens que fizeram e fazem a história da Bahia de São Salvador. E a história do meu avô. E a minha, é claro.

OBS.: O tear manual, embora peça de museu no mundo todo, ainda é usado em algumas casas, especialmente em regiões brasileiras — Goiás, Minas Gerais, Ceará, Bahia... As peças que saem desses rudes instrumentos têm valor inestimável nos dias atuais e os turistas valorizam não só o colorido dos trabalhos como a confecção cuidadosa e rica de peças artísticas. E as tecelãs vão caprichando em seus pontos xadrez, cruz, rosinha, riscado, malha, trancinha, escama, olhinhos, grão de areia, arroz, peninha, galho, rococó, torrinha, vai-e-vem..., conseguindo cores fortes — vermelha, azul, preta, marrom, sem coran-

tes industrializados, isto é, só corantes extraídos de plantas (folhas, flores, caule ou raiz), de ferrugem ou de barro especial.

### A LENDA DO ARLEQUIM (Colhida pelo Prof. José Sant'anna)

Conta-se que freqüentava certa escola um menino pobre, porém, muito inteligente e vivo, assim como delicado e gentil para com os seus colegas, sendo por isso muito estimado por todos.

Aproximava-se o Carnaval e todas as crianças se animavam para tomar parte no baile infantil que se realizaria em uma das tardes dos dias consagrados a Momo, figura mitológica que preside as festas carnavalescas.

Durante o recreio não se falava de outra coisa que não fosse o baile à fantasia, no qual todos os alunos daquela escola tomariam parte, fantasiados. E diziam eles:

— Eu irei ao baile fantasiado de Gondoleiro veneziano, com uma linda capa azul, da cor das águas do grande canal, quando refletem o céu sereno.

— Eu irei fantasiado de Doge, com um manto vermelho.

— Eu escolhi uma fantasia de Salteador da Calábria, com uma longa capa preta.

— Pois eu irei fantasiado de Pastor, com um manto verde, da cor das campinas, onde pastam os rebanhos.

— Eu me fantasiarei de Rei de Ouro, todo de amarelo brilhante.

— Eu mandei fazer uma fantasia de Violeta de cetim roxo, disse uma modesta menina.

— Eu irei de túnica branca, explicou um outro, fantasiado de "candidato à tribuna do povo" na antiga Roma, onde eles se vestiam assim para mostrarem a pureza, a candidez, mesmo, de suas intenções...

Somente o menino pobre nada revelava quanto à sua fantasia, e quando, afinal, lhe perguntaram como pretendia ele se apresentar no baile, respondeu simplesmente.

— Não irei ao baile porque meus pais são muito pobres; tenho outros irmãos pequeninos e não é justo que peça uma fantasia, quando às vezes, em nossa casa, não há o dinheiro suficiente para se comprar uma roupa nova... pelo Natal. Nem por isso, entretanto, me mostro pesaroso, para que meus pais não fiquem tristes por não poderem dar uma fantasia para o baile carnavalesco.

Os colegas admiraram a bondade daquele menino que acrescentou:

— Desde que não poderei ir ao baile, para os ver fantasiados desejava, ao menos, que cada um me trouxesse um retalho da fazenda com que serão feitas as suas fantasias.

Todos prometeram trazer e, no dia seguinte, o menino pobre recebia centenas de retalhos de fazenda das mais variadas cores. Levou-os para casa e, pacientemente, os emendou, um a um, formando um pano muito vistoso e original. Com esse pano sua mãe, que era habilidosa, lhe fez uma nova calça apertadinha e um jaleco curto, pois o pano não dava para mais... No dia do baile ele vestiu sua fantasia, pôs uma pequena máscara preta no rosto e foi à festa. Ninguém o reconheceu, a princípio, embora lhe achassem a fantasia original e linda.

Somente no meio do baile ele tirou a máscara e, reunindo seus colegas, lhes disse que desejava agradecer a todos por lhe haverem proporcionado a alegria de poder estar ali, no meio deles, dançando.

— Como assim? — perguntaram surpresos.

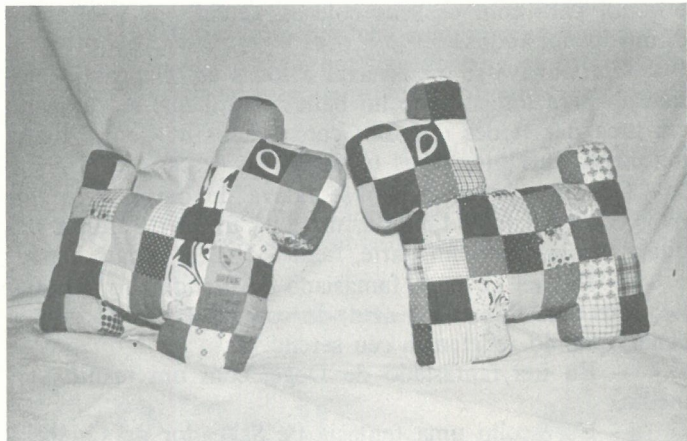
— É que, graças a vossa generosidade, dando-me, cada um, um pequeno retalho da fazenda da fantasia que iriei vestir, pude emendá-los e fazer a fantasia com que estou.

Todos acharam muita graça na lembrança do inteligente colega e na sua franqueza, elogiando ainda seus sentimentos de gratidão, e cada vez o estimavam mais.

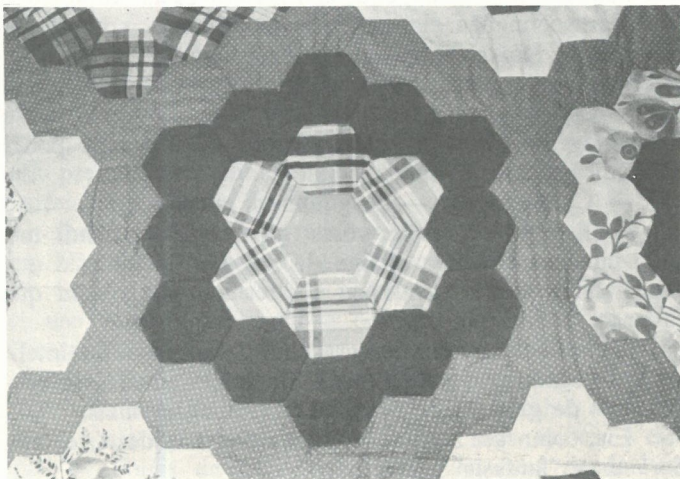
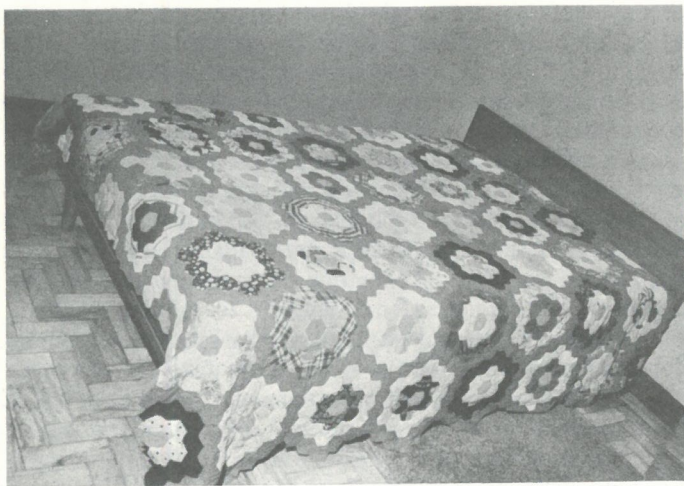
Eis, como diz a lenda, nasceu a fantasia de Arlequim. Será uma "fantasia"? Talvez...



Vejamos, agora, alguns trabalhos feitos com retalhos. Para simplificar, vamos supor que todos foram executados com retalhos de algodão. Cortemos pequenas rodela de algodão com estamparia variada e colorido quente, com agulha e linha grossa façamos um "chuleado", puxemos a linha e teremos bolinha gorda, início da colcha, ou tapete, ou almofada que vamos fazer.



Colchas de retalhos! Cantam-nas, com acompanhamento de violão, viola, acordeão, guitarra elétrica... E ao ouvir essas singelas melodias muitas senhoras, algumas já bem velhas, outras nem tanto, lembrar-se-ão daquela colcha que fez parte do seu enxoval de noiva ou de recém-casada. Raras noivas do início do século ficaram sem sua colcha de retalhos. Retalhos grandes, formando desenhos exóticos ou geométricos, costurados a máquina, durante o dia ou a mão, à luz de lamparinas ou lampionos, retalhos recortados em círculos, em quadradinhos, triângulos, losangos, colchas que enfeitaram camas nupciais, emolduraram janelões na limpeza dos sábados, embrulharam velhos em seu reumatismo crônico.



Cantemos, pois, com:

- Inezita Barroso, Disco Copacabana, 1978, Disco — "Jóia da Música Sertaneja", lado A, SOLP — 40831;
- Duo Seriema, Estúdios da R.C.A., São Paulo, 1979, Disco — "As Mais Belas Canções Sertanejas", vol. 2;
- Os Grandes Sucessos do Duo Seriema, lado 1, CALB — 5298, R.C.A. — CAMDEN, 1970;
- Cascatinha e Inhana, lado B, Disco 2-26-411-081, Chantecler, 1981;
- Silveira e Silveirinha;
- Cláudio Fontana;
- Anísio Silva — Compacto Duplo — 7 BD — 1100, Odeon SA...

Cantemos com todos esses gênios da música sertaneja, da música que vem da terra, do chão mesmo, cantemos a sós, recordemos, choremos, se quisermos, se precisarmos.

### COLCHA DE RETALHOS

(Guarânia de Raul Torres e João Pacífico)

Aquela colcha de retalhos  
Que tu fizeste,  
Juntando pedaço em pedaço  
Foi costurada,  
Serviu para nosso abrigo  
Em nossa pobreza,  
Aquela colcha de retalhos  
Está bem guardada.

(Estrilho)

Agora, na vida rica  
Que estás levando  
Terás como agasalho  
Colcha de cetim,  
Mas quando chegar o frio  
No teu corpo enfermo  
Tu hás de lembrar da colcha  
E também de mim.

Eu sei que hoje não te lembras  
Dos dias amargos  
E que junto de mim fizeste  
O lindo trabalho  
E nesta tua vida alegre  
Tens o que queres,  
Eu sei que esqueceste agora  
Colcha de retalhos.

(Estrilho)

E outra que lembra retalhos:

### PEDAÇO DE CORAÇÃO

(Guarânia, por Moreno e Moreninho)

Disco "Vinte Anos" — Moreno e Moreninho, lado 2, CLP — 9095, Caboclo Continental — 1970.

Eu bem sei que você guarda ainda  
A colcha de retalho  
Que durante nossa pobreza  
Serviu como agasalho  
Cada pedaço tem  
O pedaço do meu coração



Juntos fizemos um lindo trabalho  
Que será sempre uma recordação.

(Estribilho)

É bem verdade que tem agora  
Colcha de cetim  
Mas o que vale tanta riqueza  
Se penso em você e você em mim

bis

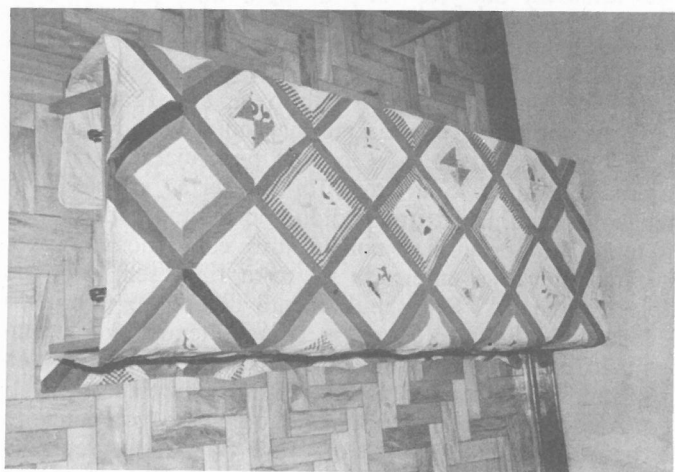
Em nosso amor  
Houve dias de aventura, de alegria  
E depois de tanta amargura  
Desesperado te deixei  
Triste a chorar  
E você com o seu orgulho  
Não quis pedir para mim voltar.

(Estribilho)

OBS.: Carlos César e Cristiano em Disco de 1981 —  
“Os Cowboys Andarilhos” em “Menina da Favela”, cantam  
“O seu vestido de pedaços de retalhos  
É o simples agasalho que o mundo recusou”...

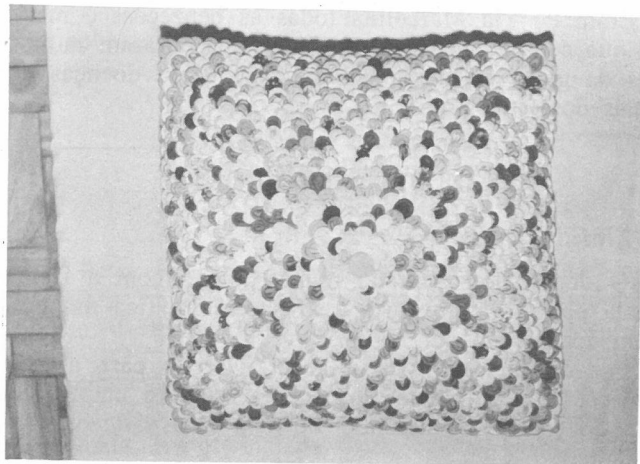
Em número muito grande de gravações, discos e fitas,  
o retalho está presente, sob o nome de trapos coloridos,  
de pedaços de pano, de farrapos, de outras denominações.

E assim continuaríamos, além do horizonte, se fôssemos  
falar tudo o que sabemos sobre retalhos. Se quiserem



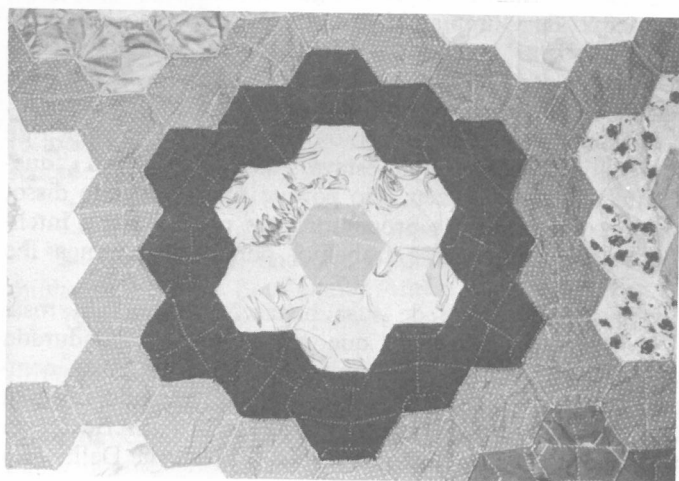
OBS.: Os trabalhos das fotos, exceto a saia de Cristina, neta de Inezita Barroso, (foto n.º 1), foram executados por Emiliania Cristina Mendonça (Dona Santa), nascida de Alagoas — Minas Gerais, a 16/07/1914. Reside em Franca e já confeccionou cerca de 15 colchas de casal e 12 de solteiro, para os filhos e netos. Não sabe quantas almofadas e tapetes já fez, pois “perdeu a conta”. Às vezes, permite que Maria Zélia, sua filha, a auxilie, mas prefere trabalhar sozinha.

EM TEMPO: Através de conversa com nosso amigo

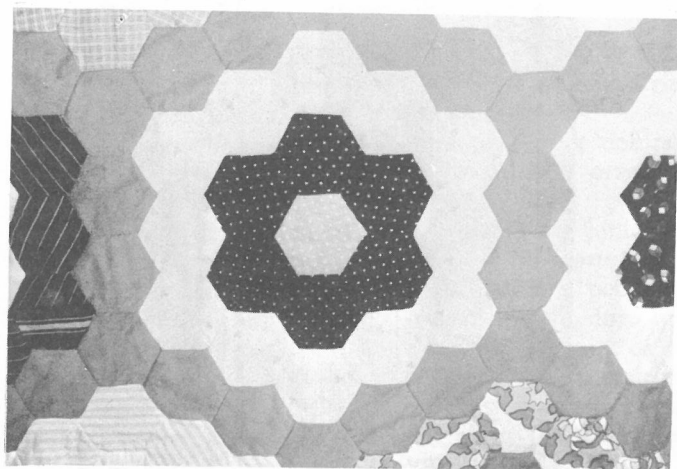


possuir alguma peça de puro e belo artesanato, é fácil — confeccioná-las em casa, lentamente, ou procurar nas conhecidas feiras populares do Embu, da Liberdade, da Praça da República na capital paulista, ou nas cidades de Lindóia, Itapira, Campos do Jordão, Itu, Tatuí, no interior do Estado de São Paulo; em Poços de Caldas, Santa Rita de Caldas, Pouso Alegre, Ouro Fino, Mariana, Estado de Minas Gerais, também na Rodovia Belém-Brasília, nas proximidades de Anápolis-Goiânia; na Feira-de-ver-o-peso do Belém; no Mercado da Bahia, Salvador, bem como nos arredores da igreja do Bom Jesus ou nas ruelas do Pelourinho; no Sul, especialmente nas cidades que possuem grande população de origem européia. Mas o bom mesmo é ter paciência e imaginação, dar-lhe rédeas e tecer, a mão, jóias em retalhos de mil matizes e estampas e, enquanto se trabalha, deixar que lembranças e saudades nos levem aos caminhos do passado, da vida tranqüila e pacata dos nossos ancestrais.

Olímpia, capital nacional do Folclore, cidade que cultiva com amor e carinho o passado de nossa gente pode ser considerada, sem dúvida alguma, a capital especial do artesanato em retalhos. Não há casa rica ou pobre, grande ou pequena, que não possua um trabalho feito com retalhos e verdadeiras obras primas podem ser vistas nas mãos ativas de costureiras ou de meras donas de casa que apreciam o belo, que cultivam com carinho os sonhos que embalaram nossos antepassados. E retalhos são sonhos, sonhos coloridos, retratos vivos do nosso povo, da nossa gente, dos nossos antepassados.



João Pacifico, pessoa a quem admiramos pelas magistrais obras primas que compôs e que ainda com gênio compõe, fomos informados que a guarânia “Colcha de Retalhos” é de composição exclusiva de Raul Torres, embora seu nome esteja inserido em selos de Long-plays que trazem a referida melodia. Agradecemos ao grande compositor tal esclarecimento, embora, no corpo do artigo “Retalhos — Artesanato Fantástico”, seu nome continue a constar — tal como encontramos em gravação de 1978, Disco Copacabana. O saudoso Raul Torres nos perdoará — são retalhos da vida...





# Medicina da Tia Marcolina

VICTÓRIO SGORLON

Departamento de Folclore — Olímpia

Nasceu dona Maria Marcolina de Jesus (apelidada de D. Güerê, D. Mironga, D. Candonga) em Dorés do Aterrado, hoje Ibiraci, no Estado de Minas Gerais, tendo sido batizada, nesta mesma cidade, na Igreja Matriz, sob a proteção de Nossa Senhora das Dores. Filha dos escravos Joaquim Nunes de Sousa e Teodora Marte Penitente, também naturais daquele Estado.

Casou-se com 11 anos de idade, em Garimpo das Canoas, hoje Claraval — MG, com Miximiano Ferreira de Moraes, de 46 anos. Teve a primeira filha aos 16 anos e que se chamou Maria José, vindo depois mais 14 filhos, assim enumerados pela ordem de idade: Jerônimo, Jacinta, José, João, Francisco, Laurindo, Floriano, Maria, Teodora, Manuel, Benedito, Joaquim, Camila e Marcolina. Com exceção do filho José, também conhecido por Juca, que conta agora 84 anos de idade, os outros todos já faleceram.

Chamava seu marido de “tio” e este a ensinou a cozinhar, remendar e fazer todos os serviços da casa.

Morou em Barretos durante 7 anos, mudando-se depois para o Bairro Olhos D'Água, Fazenda da Bagagem, Município de Olímpia. Mais tarde foi para São Sebastião da Boa Vista, mudando-se depois para Ribeirão Claro (antigo Sapato Queimado), hoje Guapiaçu — SP. Voltou para Olímpia e aqui residiu durante mais de 65 anos.

Começou seus benzimentos, benzendo uma criança de nome João Batista, que estava toda febril, com “quebrante”. Sempre benzeu, não porque tirava proveito disso, mas porque era muito procurada pelo povo. Teve a intenção de abandonar esse trabalho, porém, isto nunca lhe foi possível.

Na maior parte de suas benzeções usava um rosário de contas coloridas, que trazia sempre pendurado ao pescoço, com uma medalha de alumínio, que comprou em São João da Boa Vista — SP, quando crismou seus três primeiros filhos, lendo-se nela a inscrição, em torno da figura do Espírito Santo, “Memoria Della Mia Cresima”.

Dona Marcolina, assim conhecida na cidade, não sabia o dia de seu nascimento, mas dizia ter casado três meses após a libertação dos escravos, em 1888. Tendo, como vimos, naquela época, 11 anos, teria nascido no ano de 1877.



Trajava roupa comprida branca e também estampada com cores fortes, bem rodada, sendo a saia e a blusa cheias de babados, feitos com o mesmo pano ou de rendas. Na cabeça sempre usava lenço amarrado e nos pés sapatões de homem, porque, conforme sua declaração, conserva os pés sempre quentes. Foi uma grande rendeira, fiandeira e tecelã, fazendo colchas maravilhosas em seu tear, que destruiu quando já não conseguia mais trabalhar nele.

Foi uma figura simpática e agradável, empregando, no seu linguajar simples, expressões próprias e muito curiosas.

Quando contava fatos de sua vida enchia-se de entusiasmo. Mostrou-se bastante lúcida e de ótima memória até o fim de sua existência.

Entre os folques de nossa cidade, em Medicina Rústica, era figura muito importante.

Em seu linguajar pitoresco empregava sempre a palavra “defunto” antes de citar este ou aquele membro do corpo ou objetos. Por exemplo: Falando da perna que doía, ela dizia: “Esta defunta perna não pára de doê”, “Passe pra cá a defunta cadera pr'o professô sentá”, etc.

Faleceu no dia 22 de novembro de 1967, na Rua Joaquim Miguel dos Santos, n.º 1025, com 90 anos de idade. Foi sepultada com o hábito de São Francisco de Assis, na cor preta, por ela mesma confeccionado no tear manual e costurado à mão, o qual permaneceu guardado durante 50 anos. Sua cova foi de terra, simples, em atenção ao seu insistente pedido, pois sempre dizia que “a terra jurô criá, mas tamém jurô comê nosso corpo. Por isso quero sê enterrada na terra fofa, sem nada de tijolo e cimento”. Seu sepultamento deu-se no Cemitério de São João Batista, de nossa cidade, tendo sido acompanhado por um grande número de estudantes, todos uniformizados, por amigos e autoridades olimpienses.

Atendendo ao que nos solicitou nosso companheiro de pesquisas folclóricas, Prof. José Sant'anna, reproduziremos o trabalho *Medicina Folclórica de Tia Marcolina*, realizado em 1967, poucos meses antes de seu falecimento, e que foi publicado na página *Folclorário* do Seminário “Voz do Povo”, de Olímpia, já extinto, sob a responsabilidade do Departamento de Folclore de Olímpia, edições de 23/9 (página 8), 30/9 (página 10), 7/10 (página 5) e 15/10 (página 5), para o leitor conhecer suas rezas e remédios. Publicamos a 2 de dezembro de 1967, também no semanário “Voz do Povo”, a crônica “Adeus, Tia Marcolina!”, como homenagem póstuma à carinhosa e boa velhinha, que viveu entre nós muitos anos, servindo, dentro de suas limitações e sabedoria, à coletividade olimpiense.

Eram de Tia Marcolina todas as benzeções e mezinhas que completam este trabalho e que curaram muitos males da gente de nossa cidade, bem como doenças de animais domésticos.

MÊS DE SETEMBRO DE 1967

## BENZIMENTOS

O doente fica sentado numa cadeira com a frente voltada para fora da porta e a benzedeira fica nas costas do doente, em pé.

Faz o Sinal da Cruz e reza o Credo para afastar a “macacoa” do doente (macacoa é palavra empregada pela benzedeira significando doença, indisposição, mal-estar, etc.).



Fazendo cruzeiros sobre a pessoa com seu rosário, a benzedeira pronuncia, em voz baixa: ar do sol, ar da noite, ar da lua, ar das estrelas, ar da água, ar do vento, ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de fogo. Vai este ar morto pr'as areias sargadas, onde num vejo o galo cantá e as gente falá. Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo. Se pudé em princípio e no fim, sempre, e de século, seculorum. Amém.

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Maria eu vos dô meu coração e arma minha. Assisti-me com piedade na última agonia. Amém.

Termina, rezando um Pai-nosso, uma Ave-maria à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo e dando a bênção ao doente, pronunciando as palavras: *Deus, Nosso Senhor, e Nossa Senhora e todos os Santos ponha virtude. O doente responderá: Amém!*

#### *Cobreiro*

Primeiramente a benzedeira faz o Sinal da Cruz, tendo já em sua mão três raminhos verdes, de qualquer planta. Pega um pouco de água colhida de rio ou de uma cisterna, molha os raminhos, e fazendo cruzeiros sobre o cobreiro, diz:

— Que tem Pedro?

— Cobreiro, Senhores.

— Eu te curo com o ramo do monte e a água da fonte.

Depois reza um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória, oferecendo à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, para curar o mal. (Se não melhorar com o 1.º benzimento, deverá repeti-lo três dias ininterruptos).

#### *Destroncado*

Pegando um pedacinho de pano, agulha e linha, a benzedeira faz o sinal da Cruz e começa o benzimento costurando o paninho sobre o lugar destroncado, enquanto diz em voz alta:

— Que coso? (pergunta a benzedeira)

E ela mesma responde:

— Carne fingida, osso rendido, nervo torto.

— Assim mesmo eu coso. Permite Senhor São Brais que esse mal não vorte mais.

Repete-se isto três vezes. Reza-se um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória, oferecendo à Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Termina com a bênção e fazendo o Sinal da Cruz. A cura se completa em três dias seguidos de benzimento.

#### *Dor de barriga dos animais*

Uma pessoa segura o animal e, a benzedeira, segurando uma mão de pilão, faz com ela uma cruz na barriga do animal, enquanto reza um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória-ao-padre à Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, para fazer desaparecer o mal. Faz o Sinal da Cruz e dá a bênção. Basta fazer uma vez.

#### *Erisipela*

A benzedeira faz o Sinal da Cruz e tendo nas mãos três raminhos verdes de qualquer planta, fazendo cruzeiros sobre a "zipela" diz:

A zipela que deu na pele,  
Da pele deu na carne,  
Da carne deu no osso,  
Do osso deu no tutano,  
Permite Senhor São Brais  
Que este mal não vorte mais.

Reza, em seguida, um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Termina, dando a bênção.

#### *Espinhela caída*

O doente senta-se em frente da benzedeira e esta, ajoelhada, faz o Sinal da Cruz. Segura os pés do doente pela ponta dos dedos e dando um soquinho para cima,

diz em voz alta: Deus curô três doenças no mundo. Quando diz *arco*, levanta o pé do doente; quando diz *érica*, abaixa-lhe o pé, completando: espinhela caída tem o seu lugar. Repete três vezes.

Em seguida reza 20 Ave-marias sem Santa Maria, começando a rezá-la pelo dedo minguinho do pé esquerdo, seguindo pelos dedos da mão direita, voltando aos dedos do pé direito e completando com os dedos da mão esquerda, sempre iniciando pelo dedo minguinho de cada membro.

Depois ambos se levantam: a benzedeira e o doente. A benzedeira abraça o doente por baixo do braço, passando-lhe as mãos do baço até a altura do peito, pronunciando três vezes as palavras: O padre quando vai pr'o artá veste reveste e, passando a mão, diz: Arco, érica, espinhela caída tem o seu lugar. Termina, rezando um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória, oferecendo à Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Termina dando a bênção. Esta benção é feita durante 9 dias seguidos, para completar a cura.

#### *Como medir a espinhela caída*

Pega-se um lenço-de-cabeça, dobra-o de canto fazendo um nó numa das pontas. Coloca-se a ponta com o nó no ombro esquerdo do doente, segurando-o com uma das mãos, enquanto que com a outra mão o leva até o umbigo. Em seguida, leva a ponta do lenço, do umbigo até o outro ombro. A diferença que aparecer é o quanto a espinhela está caída. Mede-se no 1.º dia do benzimento e no 9.º dia, para provar que a espinhela voltou a seu lugar.

#### *Formigueiro do corpo*

A benzedeira se benze e começa a fazer cruzeiros com a mão sobre o lugar enformigado, dizendo: Nosso Senhor Jesus Cristo quando andô pelo mundo achô São Pedro sentado numa pedra. Falô:

— Alevanta-te, Pedro!

— Não posso, Senhor, com esse formigueiro.

— Levantais, andais e sarais com os poderes de minha mãe Maria Santíssima. Amém.

Glória ao Padre, ao Filho e Espírito Santo. Amém.

#### *Inflamação (qualquer)*

A benzedeira reza o Credo fazendo, em seguida, o Sinal da Cruz. Tira o rosário do pescoço e com a medalha do mesmo começa a fazer cruzeiros sobre a inflamação, dizendo: Deus, Nosso Pai, e Nossa Mãe Maria Santíssima cure esta doença. Repete três vezes. Reza um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória-ao-padre, oferecendo à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Termina fazendo o Sinal da Cruz e dando a bênção ao doente.

#### *Peito arruinado*

A benzedeira pronuncia as palavras:

Quando Nosso Senhor andô no mundo,  
Encontrô um home bão e muié má  
Entre tijuco e lama feis a cama,  
Sarai peito, sarai mama.

Depois reza um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Repete o benzimento três dias seguidos).

Tia Marcolina afirma que "Pra tirá a dor dos peitos da muié que amamenta, não hai como esta oração" e explica como foi que ela surgiu:

"Quando Nosso Senhor andô no mundo junto com São Pedro, chegaro numa casa debaixo de forte chuva, donde a dona tava fazendo a janta. Batero e pedi-ro posada. A muié seno má, de coração muito duro, não quis recebê-los, mandando que eles fosse drumi c'os carneros no currá chujo de barro, misturado com estrume.

São Pedro encontrô uma enxada e co'ela rapô o chão num dos cantos, afastô a lama fedida, preparô cum paia e capim seco uma cama pra Jesus e pra ele.



De noite, o marido da muié quando vortava do traboio passô na cochera e viu dois home estranho drumino.

Quando entrô em casa priguntô pra muié quem era aqueles dois que tava drumino no meio daquela chujera, na cochera.

Ela respondeu dizeno que tinha mandado eles pra lá pra escapá da chuva e pra drumi, praquê dentro de casa ela não dexô entrá e que não deu comida praquê era poca e que ela não ia fazê mais. Falô tamém que eles fosse comê e drumi em outro lugá, praquê lá num era pensão de mendingo. Se eles num aceitasse o currá que continuasse o camim.

Quando a muié pois a comida pra eles jantá, o marido viu que a comida dava pra eles e pr'os dois mendingo, mas não quis contrariá a muié.

Mal eles começaro a jantá, a muié começô a senti muita dor no peito, num podeno continuá comeno.

A muié foi pra cama gemendo de dor, o marido ficô muito nervoso e nenhum dos dois conseguiu drumi a noite interinha.

No otro dia de manhã, cedinho, São Pedro e Nosso Sinhô que de tudo já sabia, foro agradecê o poso e continuaro a caminhada.

Então, dispois de um bão tempo, a muié falô pr'o marido: Praquê ocê num priguntô pr'os dois estranho se eles não conhecia algum remédio pra aliviá esta dor.

O marido saiu correndo atrais dos dois pela estrada e dispois de andá bastante encontrô eles bem lá na frente. O marido da muié começô a chamá eles e eles parô, pra esperá o home. Quando chegô pertinho, o home expriçô o que tinha acontecido. Os estranho já sabia de tudo, mas oviro o home com muita atenção. Depois Nosso Sinhô disse pra ele: Vorte pra casa, pega um poco daquele barro onde nós drumiu, fais uma cruiz no peito da tua muié, falano:

“Quando Nosso Sinhô andô no Mundo, encontrô um home bão e muié má. Entre tijuco e lama feis a cama. Sarai peito, sarai mama”. E ela vai ficá curada na hora.

#### *Queimadura*

A benzedeira faz o Sinal da Cruz, reza o Credo e, fazendo cruizes com a mão direita sobre a queimadura diz:

Santa Sofia tinha treis fia,  
Uma lavava, a otra costurava  
E a otra no fogo quemava.  
(Repete três vezes).

Reza um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, para curar a queimadura.

Segundo Tia Marcolina, se este benzimento for feito logo após a pessoa se queimar “nem alevanta burbuia na pele”.

#### *Sol na cabeça*

A benzedeira põe o doente sentado na porta, toma uma toalha de rosto e uma garrafa com água fria. Põe a toalha dobrada sobre a cabeça do doente e emborca a garrafa sobre ela.

Reza, enquanto segura a garrafa emborcada, três vezes o Credo, pronunciando a seguir, as palavras: Ar de sol vai para as areia sargada. Reza-se depois um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória, oferecendo à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Termina com a bênção e fazendo o Sinal da Cruz.

#### *Vento virado*

A benzedeira faz o Sinal da Cruz e, segurando a criança no colo, junta-lhe os pés. Em seguida, bate com a mão aberta, em cruz, na planta dos pés da criança, dizendo: Em louvor do Padre, do Filho e do Espirto Santo. Segurando ainda os pés juntos, vira-se a criança de cabeça para baixo e dá-lhe três soquinhos, endireitando-a

em seguida. Termina rezando um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória em louvor à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em seguida dá-se a bênção: Deus, Nosso Sinhô, e Nossa Senhora e todos os Santo ponha virtude. O doente responde: Amém. (Repetir o benzimento três dias seguidos para o tratamento ser completo e ter valor).

#### *SIMPATIAS*

##### *Amarelão e icterícia*

A benzedeira faz o doente deitar sobre a grama fria, riscando, sobre ela, o seu contorno. Com um enxadão vira a grama com as raízes para cima somente dentro do contorno riscado. Quando a grama secar, desaparecerá todo o mal: o marelão e a tiriça.

##### *Bicheira*

Quando um animal estiver com bicheira é muito fácil acabar com ela. É só pegar três folhas de qualquer mato e pô-las em cruz sobre o rastro do animal. Pega-se um pedacinho de galho fino e antes de espetá-lo no meio da cruz de folhas, diz:

Eu vô benzê essa bicheira, o serviço dumingo, dia santo. Assim cumo o serviço de dumingo e dia santo num vai pra diante, tamém essa bicheira num hai de i. Em nome do Padre, do Filho e Espirto Santo. Amém!

Depois de espetar o pauzinho no meio da cruz de folha e ter pronunciado as palavras citadas, a pessoa deixa o local sem olhar para trás. Repetir três dias ininterruptos. Segundo Tia Marcolina, não há bicheira que agüente esta simpatia. Os bichinhos caem todos, deixando o local limpinho.

##### *Dor nos olhos*

Pegar uma pedrinha no dia de Santa Luzia (13 de dezembro), ficar em pé na porta, pouco antes do sol nascer. À hora que o sol nascer, pegar o enxadão e enterrar a pedrinha. Agindo assim o “dordói” desaparecerá por completo e nunca mais voltará.

##### *Dor na Goela*

A pessoa com dor na garganta, à noite, deve sair de dentro de casa e olhar para uma estrela bem bonita e dizer três vezes seguidas, durante três dias:

Estrela brilhante  
Bonita e donzela,  
Pelos poder que Deus te deu  
Cure a minha goela.

##### *Terçol*

A pessoa que estiver com terçol deverá ir a um chiqueiro de porcos, à tardezinha, à hora do pôr-do-sol. Pegar um pouco dos sabugos que estão no chão e jogá-los para o lado de fora. Com alguns desses sabugos faz-se uma casinha e acende fogo debaixo deles, dizendo três vezes: Tressóli vai com o sol. A pessoa deixa a casinha de sabugos queimando-se e sai, sem olhar para trás. Afirma Tia Marcolina que basta fazer a simpatia uma só vez, porque o terçol desaparece mesmo.

#### *REMÉDIOS CASEIROS*

##### *Bala para curar asma e bronquite*

Ingredientes: 3 pedaços de mancaru (mandacaru) de 2 palmos cada um. 20 litros de água. 2 Kg de açúcar.

Modo de preparar: Picar o mandacaru em pequenos pedaços e pôr para ferver em 20 litros de água, até reduzirem-se a 2 litros. Coar e juntar o açúcar e levar a cozinhar até o ponto de rapadura ou bala. Cortar em pedacinhos, em formato de bala.

A pessoa pode chupar quantas balas quiser, durante o dia e à noite.



### Chá para curar cólicas de fígado

Ingredientes: 2 litros de água. 1 punhado de folhas de cipó imbé. Açúcar.

Modo de preparar: Ferver a água com o cipó imbé e adoçar à vontade.

Tomar 1 xícara por dia.

Diz Tia Marcolina que se o paciente for homem não deve exceder a 1 xícara diária, pois o remédio cura o fígado, mas pode provocar a impotência sexual.

### Chá para curar pontadas

Ingredientes: 9 sementes de macaco (favas encontradas nos cerrados ou casas de ervas). 1 litro de água. Açúcar.

Modo de preparar: Pôr a água para ferver juntamente com as favas. Deixar ferver bastante. Adoçar à vontade.

Tomar quente ou frio, durante o dia.

### Purgante para curar lombriga

Ingredientes: 3 raízes de erva-de-santa-maria. 3 brotos de hortelã. 1 litro de leite.

Modo de preparar: Pôr o leite numa vasilha juntamente com a erva-de-santa-maria e hortelã. Deixar ferver bastante. Depois de frio adoçar bem.

Tomar 1 xícara (chá) em jejum, e depois, de 1 em 1 hora.

### Purgante para curar solitária

Ingredientes: 3 raízes de pé de romã (de 2 palmos cada uma). 3 raízes de pé de amoreira. 1 litro de água.

Modo de preparar: Pôr a água para ferver juntamente com as raízes de romã e amoreira. Deixar ferver até reduzir a 1 xícara (café).

Tomar o purgante, de uma vez, em jejum.

### CONCLUSÃO

A Medicina usada por Tia Marcolina é a que se adotou há muitos anos passados, para curar mais rapidamente e com economia. Ainda em nossos dias os benzedores são muito procurados, não somente pelas pessoas simples, mas também pelas pessoas ricas e até mesmo cultas.

Ao publicar este artigo, nossa intenção não é a de propagar as receitas caseiras nem as orações e as simpatias adotadas pelo povo na cura dos males, mas sim registrar a passagem de Tia Marcolina por nossa cidade e sua sabedoria no campo das curas. Muitas de suas práticas como as *balas para curar bronquite* contam com depoimentos favoráveis para a erradicação do mal. O leitor saberá discernir o que é aproveitável daquilo que não se aproveita. E em outros casos aplica-se o Evangelho de São Mateus 21, 22: "E todas as coisas que pedirdes, fazendo oração com fé, haveis de conseguir".

## O povo curando a bronquite

AFRÂNIO SANTANA DE OLIVEIRA

Departamento de Folclore — Olímpia

Bronquite é a inflamação dos brônquios. É muito freqüente nos períodos frios do ano. O sintoma mais comum é a tosse, acompanhada de eliminação de catarro, esbranquiçado, amarelado ou, às vezes, esverdeado. Pode surgir abruptamente, acompanhando geralmente a gripe e resfriado (bronquite aguda), ou pode durar muito tempo, sendo então rebelde aos tratamentos (bronquite crônica). Esta última depende freqüentemente do hábito de fumar ou de inalação de quantidade grande de poeira, de maneira mais ou menos permanente. A bronquite crônica pode-se complicar e levar à doença grave dos pulmões, que pode trazer a incapacidade total para o trabalho.

O tratamento da bronquite aguda baseia-se em inalação de ar umedecido, xaropes, antibióticos.

Quando se tratar de bronquite crônica, evitar o fumo, o álcool e a poeira. Usar xaropes e antibióticos.

A bronquite é doença que, quando tratada no início, é de fácil resolução, mas pode levar a graves conseqüências quando isso não é feito.

Todas as evidências favorecem a idéia que, provavelmente, se trata de processo a vírus. Germes como hemofílus, estreptococos, pneumococos, estafilococos, etc. que podem ser encontrados em culturas de secreção traqueobrônquica ou do nasofaringe de crianças com bronquillite, são interpretados como germes de associação.

A bronquite é uma das pneumopatias agudas freqüentes nos primeiros seis meses de idade, ocorrendo como já dissemos, mais nos meses frios.

O conhecimento empírico de pessoas mais simples, que vivem ainda em estado primitivo, encerra, às vezes, segredo de grande importância. Não causa espanto, portanto, que ainda hoje, toda a terapia usada pelo povo imerso nas dificuldades, com o objetivo de extrair conhecimentos exa-

tos, possam ser aplicados cientificamente. Nos matos, sempre houve uma farmácia. As pessoas simples descobriram as virtudes medicinais das plantas e também do reino animal. Remédios caseiros e ensinados nunca faltam. Até criança sabe relatar uma série de remédios ensinados pela vovó. E quantos desses remédios, dessas providências e desses preservativos ainda são usados. Vejamos algumas receitas de *xaropes*, *chás* e outros *remédios* adotados na cura da bronquite.

### XAROPES

1 — Bater no liquidificador 1 copo de vinagre e 2 copos de açúcar refinado. Tomar 1 colher (sopa) por dia.

Informante: D. Olair Eschiapati Ferreira, 44 anos, 1985, Rua Capitão Luís Teixeira Leite, 46, Vila Santa Genoveva, Olímpia.

2 — Pôr para ferver um litro de água, 13 flores de paineira e meio quilo de açúcar. Deixar ferver até engrossar. Coar e engarrafar. Tomar 3 colheres (sopa) por dia.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

3 — Esquentar 1/4 de litro de mel e 9 galhos de hortelã. Toda vez que o doente for tomar o xarope, deverá aquecê-lo. Tomar 4 vezes ao dia.

Informante: D. Adelaide Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.

4 — Apanhar bastantes flores de laranjeira, 1 punhado de flores de mamão macho, 1 punhado de poejo e 3 carás de carapiá. Cozinhar em 1 litro de água. Coar. Ado-



çar com 1/2 litro de mel. Tomar 1 colher (sopa) diversas vezes durante o dia, até sarar.

Informante: D. Fabíula Aparecida de Carvalho, 35 anos, 1985, Fazenda Santa Helena, Bairro da Santa Cruz, Olímpia.

5 — Cozinhar num litro de água 1 gomo grande de mandacaru, cortado em pedacinhos, e meio quilo de açúcar. Deixar engrossar. Coar. Esfriar e engarrafar. Tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

6 — Deixar de molho durante 9 (nove dias), 1 (um) litro de café maduro em grão em 1 (um) litro de álcool. Coar. No décimo dia bater esta mistura no liquidificador juntamente com 1 (um) Kg de açúcar refinado. Tomar 1 (uma) colher (sopa), às 9 horas da manhã ou da noite.

Informante: D. Júlia Benites Biagi, 47 anos, 1985, Rua Floriano Peixoto, 1573, Olímpia.

7 — Pôr para assar em cinza quente 3 (três) cebolas roxas de tamanho médio, até que elas percam o cheiro forte. Depois de assadas, amassá-las e acrescentar 2 (dois) copos de água e 2 (duas) colheres (sopa) de açúcar. Levar ao fogo novamente e ferver durante 20 (vinte) minutos. Tomar o xarope morno, 1 (uma) xícara (chá) de manhã e outra à noite.

Informante: D. Maria Aparecida Rodrigues Balleiro, 40 anos, 1985, Rua Cassiano de Melo, 167, Jardim Silva Melo, Olímpia.

8 — Pegar 2 (dois) mocotós de boi e pôr para cozinhar em 5 litros de água e deixar ferver até soltar todo o tutano. Depois ajuntar no tutano um meleiro de jataí e deixar ferver até apurar o xarope (ficando bem grosso). Guardar numa vasilha e tomar, todos os dias, pela manhã, 1 (uma) colher (sopa) do xarope.

Informante: D. Fabíula Aparecida de Carvalho, 35 anos, 1985, Fazenda Santa Helena, Bairro da Santa Cruz, Olímpia.

9 — Põem-se para ferver em 1 litro de água algumas folhas de alfavaca, a casca de uma romã e 2 xícaras (chá) de açúcar. Ferver até reduzir a 1 copo e meio de xarope. Coar. Tomar 3 vezes ao dia.

Informante: D. Alice Toshie Itoyama, 44 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, 247, Bairro da Santa Casa, Olímpia.

10 — Ferver algumas frutas de lobo (assadas e esmagadas) num litro de água e 3 copos de açúcar cristal, até reduzir-se a meio litro. Tomar 2 vezes ao dia.

Informante: D. Izídia Teresa dos Santos, 69 anos, 1985, Avenida do Folclore, 1145, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

11 — Ferver em 1 litro de água 6 folhas de figo e 1 pacote de canela em rama. Deixar esfriar. Colocar 2 copos de açúcar e levar novamente ao fogo, para formar uma calda grossa. Tomar 3 vezes ao dia.

Informante: D. Aparecida Alice Herculano Gonçalves, 39 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, Jardim Santa Rita, Olímpia.

12 — Em 1 (um) litro de água pôr a ferver 1 (um) maço de agrião e 1/2 (meio) kg de açúcar. Ferver bem, coar. Guardar numa vasilha e tomar durante o dia, 1 (uma) colher (sopa) do xarope.

Informante: D. Valdelina Ribeiro Nogueira, 43 anos, 1985, Rua José Saquetim, 166, Jardim Santa Rita, Olímpia.

13 — Num litro de água juntar 1 (um) maço de agrião, 1 (um) litro de mel e 1 (uma) colher (sopa) de canela em pó. Ferver bem e coar. Tomar de manhã e à noite 1 colher (sopa) do xarope.

Informante: Maria Davi Baltazar, 71 anos, 1985, Rua Coronel Francisco Nogueira, 1007, Olímpia.

14 — Ferver 3 litros de água, 1 maço de agrião (limpo e picado) e 1 kg de açúcar, até que se reduza a 1 litro de xarope. Coar e guardar num vidro. Tomar 1 colher (chá) no café da manhã, uma no almoço e outra no jantar.

Informante: D. Maria Aparecida Martins Diniz, 45 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 1551, Olímpia.

15 — Ferver em 1 litro e 1 copo de água, 1 maço de agrião (folhas e raízes), 1 mãozada de flor de cambará, 1 mãozada de flor de mamão macho e meio litro de açúcar. Coar. Depois acrescentar 3 colheres (sopa) de mel. Guardar numa vasilha (enxuta e fria). Dar ao doente para tomar. Se for adulto: 3 colheres (sopa) por dia. Se for criança, 3 colheres (chá).

Informante: D. Rosa Pereira dos Santos, 72 anos, 1985, Avenida do Folclore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

16 — Ferver em dois litros de água, meio quilo de agrião e meio quilo de açúcar. Deixar ferver durante 1 hora. Coar. Guardar numa vasilha. Depois de frio tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Darci Bunioto Campos, 42 anos, 1985, Fazenda Boa Vista, Olímpia.

17 — Ferver numa panela 2 litros de água e uma boa quantidade de casca de angico, cortada em pedaços miúdos e esmagados com martelo. Deixar ferver até a água ficar bem preta. Coar. Adicionar à água 1 litro e meio de açúcar e levar novamente ao fogo e deixar ferver até engrossar. Engarrafar. Tomar 3 vezes ao dia: de manhã, à tarde e à noite, antes de deitar. Se a pessoa sarar com o tratamento e sobrar xarope, atirar o restante, dentro da garrafa, de costas, num lugar bem distante.

Informante: Sr. José Joaquim de Sousa, 76 anos, 1985, Travessa Marechal Furlan, 48, Vila Ferreira, Olímpia.

18 — Na Lua Minguante cortar um bambu amarelo e tirar-lhe um gomo. Faz-se um buraco nesse gomo de bambu e encher de açúcar refinado. Tampar o buraco do gomo com a tampinha do copo de massa de tomate e com dois plásticos, para proteger contra qualquer sujeira. Guardar durante 9 (nove) dias. Deixar guardado o melaço dentro do mesmo gomo. Tomar 1 (uma) colher (chá) por dia, antes de ir dormir.

Informante: Luís César de Sousa, 17 anos, 1985, Sítio São José, Bairro Tamanduá, Olímpia.

19 — Cortar um bambu, tomando o cuidado de deixar 5 (cinco) gomos no pé. Fazer um buraco no 1.º gomo do bambu que ficou no pé, isto é, no gomo de cima. Encher esse gomo de açúcar refinado e tampar bem o buraco com plástico para não entrar formigas. Depois de 9 (nove) dias búsicar o gomo de bambu, serrando no 3.º gomo, para não vaziar. Levar para casa e tomar uma colher (sopa) de manhã e 1 (uma) outra à noite.

Informante: Benedito Inácio de Sousa Filho, 22 anos, 1985, Sítio São José, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

20 — Serrar um gomo comprido de um bambu, como se fosse caneca. Enchê-lo de açúcar e tampá-lo bem com um pano forte. Enterrá-lo. Depois de 9 dias, retirar da terra e colocar o xarope, que nele se formou, numa garrafa.



Aquecer antes de tomar. O doente tomará 3 colheres (sopa) por dia.

Informante: D. Adelaide Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.

21 — Ralar 5 (cinco) beterrabas médias e batê-las no liquidificador juntamente com 1 (um) litro de mel e um pouco de canela moída. Tomar toda manhã 1 (uma) colher (sopa) de xarope, pouco antes do café e 1 (uma) outra colherada antes de dormir.

Informante: Benedito Inácio de Sousa Filho, 22 anos, 1985, Sítio São José, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

22 — Numa tigela colocar uma cenoura (grande) cortada em rodela. Em uma outra tigela, colocar uma beterraba, do mesmo tamanho, também cortada em rodela. Depois, numa vasilha de louça, coloca-se uma camada de beterraba, coberta com bastante açúcar cristal. Terminada a beterraba, coloca-se uma camada de cenoura, coberta também com açúcar cristal. Cobre a vasilha com uma toalha ou tampa e deixa descansar pelo menos 3 horas. Dar ao doente 1 colher (sopa) de manhã, em jejum, e outra à noite, ao dormir.

Informante: D. Aparecida Ângelo, 45 anos, 1985, Avenida do Folclore, 227, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

23 — Pega-se um bom punhado de flores de cambazinho do mato, vermelho, com alguns brotos da planta, lava-o muito bem e põe a ferver com 1 1/2 (um e meio) litro de água. Depois de bem cozidinho, retira-se do fogo e coe. Volta ao fogo e coloca-se açúcar em quantidade suficiente para engrossar em ponto de xarope. Guarda-se numa vasilha. Dar ao doente 1 (uma) xícara (café) três vezes ao dia.

Informante: D. Paulina de Miranda Amaral, 81 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

24 — Em 1 litro e meio de água, ferver um punhado de erva-cidreira (folha e raiz), um punhado de poejo, um punhado de flor de cambará e casca de um jatobá. Depois de bem fervido, coar. Juntar 1 copo de mel e levar novamente ao fogo, até engrossar. Descansar um dia. Guardar engarrafado. Tomar 1 colher (sopa) por dia.

Informante: D. Maria Ferreira Neves Porpeta, 46 anos, 1985, Sítio Alto Alegre, Bairro da Televisão, Olímpia.

25 — Numa panela, ajuntar 3 copos de água, 3 copos de cambará do mato e 3 copos de açúcar cristal. Deixar ferver até reduzir a 1 copo de melado. Coar. Colocar o xarope num vidro. Quando a pessoa se levantar, tomar 1 colher (chá) do xarope.

Informante: D. Joana Aparecida Ferreira Lopes, 34 anos, 1985, Saída de São Benedito, 237, Vila Santa Rita, Olímpia.

26 — Ferver numa panela 1 garrafa de vinho branco, 4 ou 5 flores de embaúba e 1 copo de mel, até engrossar. Coar. Deixar curtir durante 8 dias. Tomar 1 colher (sopa) de manhã e à noite.

Informante: Sr. Domingos Contim, 68 anos, 1985, Sítio Santa Teresa, Bairro da Televisão, Olímpia.

27 — Ferver num litro de água 9 bananinhas de embaúba até apurar. Coar. Misturar 1 xícara (chá) de banha de galinha e meio copo de mel. Levar novamente ao fogo até engrossar. Tomar 1 colher (sopa) do xarope, à noite, antes de dormir. Não tomar café, enquanto estiver fazendo uso desse xarope.

Informante: D. Helena Camargo de Oliveira, 41 anos, 1985, Fazenda Monte Aprazível, Bairro da Laranjeira, Olímpia.

28 — Tirar a água de 3 (três) cocos-da-baía. Enchê-los de álcool e mel (metade por metade) e fechar bem os buraquinhos feitos. Deixá-los descansar durante 9 (nove) dias sem tocar neles. No décimo dia, começar o tratamento, agitando bem o coco antes de usar. Tomar uma colher (sopa) em jejum, todos os dias, até esvaziar os três cocos.

Informante: D. Júlia Benites Biagi, 47 anos, 1985, Rua Floriano Peixoto, 1573, Olímpia.

29 — Pegar um coco-da-baía (grande), fazer um furo e retirar toda a água. Colocar pelo buraco do coco 50 gramas de álcool e 200 gramas de mel. Fechar bem o coco e enterrá-lo à beira de um córrego, onde houver saibro. Deixar o coco enterrado durante 9 (nove) dias. Depois que retirar o coco, chacoalhá-lo bem. Tomar 2 (duas) colheres (chá) por dia.

Informante: Sr. Armando Sasso, 55 anos, 1985, Rua Fernando dos Santos, 87, Vila Di Marco, Olímpia.

30 — Fure um coco-da-baía e coloque mel dentro dele. Tampe-o bem e o deixe guardado durante três dias. Agite-o bem. No 4.º dia comece o tratamento, dando ao doente 1 colher (sopa) de manhã e outra à noite.

Informante: D. Alaíde Josefa Neves Cobacho, 36 anos, 1985, Rua Fernando dos Santos, 98, Vila Júlia, Olímpia.

31 — Em 1 litro e meio de água, pôr para cozinhar 10 coquinhos de gravatás e meio quilo de açúcar até virar melado. Coar. Tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Nair Borsato Borges, 71 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, 674, Saída de São Benedito, Olímpia.

32 — Pôr para assar no borralho 9 coquinhos de gravatá até enxugar a água espumosa branca que eles expelam. Lavá-los bem e amacetá-los com martelo. Depois pô-los a cozinhar em 1 litro de água e 1 copo de açúcar até reduzir a meio litro de xarope. Coar. Engarrafar. Tomar 1 colher (sopa) três vezes ao dia.

Informante: D. Sebastiana Narciso, 74 anos, 1985, Avenida Eugênio Storto, 1, Vila Mouco, Olímpia.

33 — Numa panela pôr para ferver 3 (três) litros de água, 9 (nove) gravatás e 1 (um) kg de açúcar. Ferver bem até que tudo se reduza a 1 (um) litro de xarope. Coar e deixar esfriar. Depois de frio acrescentar 3 (três) colheres de mel. Tomar 1 (uma) colher (sopa) de manhã e 1 (uma) à tarde.

Informante: D. Elídia Mestrinari Martins, 71 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 1551, Olímpia.

34 — Apanhar 9 gravatás, parti-los em cruz e moê-los na máquina de carne. Pôr para ferver em 1 litro e meio de água, juntamente com um pouco mais de meio litro de açúcar. Deixar ferver, destampado, até formar um melado em ponto de fio. Tirar do fogo, deixar esfriar e coar num pano fino. Guardar num litro. O doente deverá tomar 3 colheres (sopa) do xarope, por dia.

Informante: D. Rosa Pereira dos Santos, 72 anos, 1985, Avenida do Folclore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

35 — Pôr a ferver: 1 (uma) xícara de açúcar, 2 (duas) colheres de mel, 3 (três) brotos de laranjeira, 3 (três) limões cortados em cruz, com casca e sementes, 1 (um) punhado de flores de mamão e alguns galhinhos de hortelã. Deixar ferver durante 15 (quinze) minutos. Coar. Tomar 1 (uma) colher (sopa), três vezes ao dia.



Informante: D. Maria Aparecida Sodoco Dório, 35 anos, 1985, Sítio São Luís, Bairro da Água Parada, Olímpia.

36 — Num litro de água, pôr a ferver 3 limões galegos, cortados; 1 (um) punhado de poejo, umas folhas de mamoinha roxa, casca de um jatobá médio, socado; 1 colherinha (café) de canela em pó, 3 pingos de creolina de farmácia e meio quilograma de açúcar. Ferver tudo junto até ficar grosso. Coar. Depois acrescentar meio litro de mel. Engarrafar muito bem e enterrar, durante 15 dias, no quintal. Depois, desenterrar o vidro e iniciar o tratamento, tomando 1 colher (sopa) por dia.

Informante: D. Maria Aparecida de Oliveira Stundis, 36 anos, 1985, Sítio "São Luís", Bairro do Tamanduá, Olímpia.

37 — Pôr para ferver em 1 litro de água: três brotos de laranjeira, 3 limões galegos cortados em cruz, 1 punhado de flores de mamão, 3 galhos (grandes) de hortelã, 1 xícara (chá) de açúcar, 2 colheres (sopa) de mel. Coar. Guardar num vidro. Tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Maria Aparecida Sodoco Dório, 35 anos, 1985, Sítio São Luís, Bairro da Água Parada, Olímpia.

38 — Pôr numa panela 1 quilo de açúcar cristal e casca de 13 limões galegos (médios) e mexer até ficar caramelado. Depois acrescentar 5 litros de água e 300 folhas (médias) de eucalipto, bem lavadas. Quando engrossar, coar e guardar em vasilha de vidro. Não guardar em geladeira. Durante o tempo que tomar o xarope não tomar nem comer nada gelado e nem tomar banho em água fria. Tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: Adriana Cristina da Silva, 12 anos, 1985, Sítio Santo Antônio, Córrego do Bagre, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

39 — Num litro de água para ferver acrescentar: 3 (três) limões galegos com casca, cortados; flores de mangueira à vontade, flores de assa-peixe à vontade; flores de cambará à vontade. Depois de cozido, coar e juntar 2 (dois) copos de mel de abelha-europa e levar ao fogo até engrossar. Tomar 1 colher (sopa) de manhã e outra à noite.

Informante: D. Floripes Olinda Selete, 56 anos, 1985, Fazenda Santa Elisa, Olímpia.

40 — Ferver 5 litros de água, 300 gramas de casca de limão taiti e 2 kg de açúcar. Apurar bem até reduzir a 2 litros de xarope. Tomar 1 colher (sopa) pela manhã e outra à tarde.

Informante: D. Judite Santana Nogueira, 59 anos, 1985, Rua do Castanheiro, 131, COHAB "Luís Zuca", Olímpia.

41 — Cortar, em rodela, 3 limões galegos, 9 emburanas amacetadas, 1 saquinho de canela em rama, 2 noz-moscadas raladas, 1 punhado (mão) de folhas de alfazema, 1 pedaço de raiz de erva-cidreira amacetado, 1 pedaço de casca de jatobá amacetada, 2 colheres (sopa) de resina de jatobazeiro e 1 pedaço (1 palmo de comprimento por meio palmo de largura) de angico roxo picado em pedacinhos e pôr tudo para ferver em 1 litro e meio de água. Depois de bem fervido, coar.

Voltar para ser fervido novamente com 1 litro de mel. Apurar. Tomar 1 colher (sopa) de manhã e outra antes de dormir. É bom adicionar à colher de xarope um pingo de banha de capivara, se o doente for criança e 3 pingos, se for adulto.

Informante: D. Lucinda Batista de Carvalho, 80 anos, 1985, Avenida Mário Vieira Marcondes, 40, Olímpia.

42 — Deixar 18 ovos caipiras frescos, em molho, com casca, numa vasilha de louça, no caldo de 3 dúzias de limão galego, durante 5 dias. Cobrir a vasilha com um pano e, sobre este, um peso para não permitir a entrada de coisas estranhas. Decorridos os cinco dias, bater, no liquidificador, os ovos com a casca e o caldo do limão juntamente com 1 litro de açúcar refinado, 1 litro de conhaque de alcatrão "São João da Barra" e 2 colheres de mel de abelha-europa. Coar numa peneirinha. Guardar em vasilha de vidro ou de louça. Se o doente for adulto, tomar 1 xícara (café) do xarope, antes das refeições; se for criança, 1 colher (sopa). Durante o tratamento, a pessoa não poderá tomar nem beber coisa gelada.

Nota: Se o xarope for para criança, preparar apenas a metade da receita.

Informante: D. Regina Trinca Vitorasso, 57 anos, 1985, Rua De Nadai, 249, Jardim Silva Melo, Olímpia.

43 — Lavar e enxugar bem 18 ovos fresquinhos, de galinha, e deixá-los pousar no caldo de 36 limões galegos, durante 5 dias. Bater no liquidificador, os ovos com casca e o caldo de limão. Adicionar 1 litro de conhaque de mel e 1 quilo de açúcar. Coar. Dará 3 litros e meio de xarope. Engarrafar. Tomar 1 xícara (café) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Sebastiana Narciso, 74 anos, 1985, Avenida Eugênio Storto, 1, Vila Mouco, Olímpia.

44 — Bater no liquidificador 6 ovos de pata, 1 lata de leite condensado, 3 colheres (sopa) de mel puro, 3 colheres (sobremesa) de canela em pó e 1 noz-moscada ralada. Tomar 1 colher (sopa) do xarope, todas as manhãs.

Informante: D. Maria Aparecida M. Diniz, 45 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 1551, Olímpia.

45 — Bater no liquidificador 6 ovos de pata, 1 vidro de biotônico (grande) e 1 lata de leite condensado. Coar e engarrafar. Tomar 1 colher (sopa) 3 vezes ao dia.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

46 — Bater num liquidificador 6 (seis) ovos de pata com a casca, 1 (uma) lata de leite condensado, 6 (seis) colheres de mel e 1 (um) vidro de biotônico (remédio de farmácia). Bater tudo muito bem. Guardar num vidro. Todos os dias, ao levantar, a pessoa tomará uma colher (sopa) desse remédio.

Informante: D. Joana Aparecida Ferreira Lopes, 34 anos, 1985, Saída de São Benedito, 237, Vila Santa Rita, Olímpia.

47 — Pega-se um mamão de vez, corte-lhe uma tampa pelo lado do cabo, retire-lhe toda a semente com uma colher. Enche-se o mamão de açúcar cristal. Coloque, novamente a parte cortada, amarre-a bem e põe para assar em cinza quente. Depois de assado, retire o xarope que se formou e guarde num litro. Tomar 3 (três) colheres (chá) por dia.

Informante: Marcos Roberto Néspolo, 13 anos, 1985, Rua Engenheiro Reid, 980, Olímpia.

#### CHÁS

1 — Fazer um chá de limão adoçado com mel.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

2 — Ferve-se 1 copo de água com 9 galhos de poejo e 9 colheres de açúcar. Deixe ficar bem grossinho. Acrescentar 9 gotas de banha de galinha. Tomar o chá somente em dia de sexta-feira. Repetir o chá 9 sextas-feiras seguidas.

Informante: D. Adelaide Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.



3 — Preparar um chá de poejo. Adoçar. Dar à pessoa à noite, antes de deitar, adicionando 1 (uma) colher de banha de galinha, derretida. No outro dia não tomar e nem comer coisa gelada.

Informante: Alice de Jesus Costa, 25 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 338, Olímpia.

4 — Fazer um chá de poejo bem adoçado e acrescentar 3 pingos de sebo de carneiro. Tomar 3 vezes ao dia. À noite, aquecer o sebo de carneiro, fazer fricção no peito do doente, agasalhando-o bem.

Informante: D. Maria Baltazar, 51 anos, 1985, Avenida Júlio Ferrânti, 248, Bairro de São José, Olímpia.

5 — Ferver em um litro de água 3 a 4 folhas de figo (grandes) até reduzir à metade. Adoçar com mel. Tomar uma xícara (chá), de manhã e à noite.

Informante: D. Luzia Polo Costa, 53 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 338, Olímpia.

6 — Pôr para ferver 1/2 (meio) litro de água juntamente com 9 (nove) folhas de erva levante. Coar. Adoçar com mel. Tomar, de manhã, todos os dias 1 (uma) colher (sopa) do chá.

Informante: D. Júlia Benites Biagi, 47 anos, 1985, Rua Floriano Peixoto, 1573, Olímpia.

7 — Ferver em 1/2 litro de água, durante 20 minutos, 3 folhas de assa-peixe branco e uma pitada de sal. Coar. Tomar, antes de dormir, 1 xícara (chá) deste chá, até curar-se da bronquite.

Informante: D. Ana Peres Barbosa Bunioto, 32 anos, 1985, Sítio Cafezal, Bairro da Água Parada, Olímpia.

8 — Pega-se o umbigo do cacho de bananeira, corta-o em cruz, faz-se um chá adoçado e dar para a pessoa doente tomar.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

9 — Pegar várias folhas de hortelã (um punhado) e pô-las para secar. Quando estiverem secas, fazer um chá e adoçar com mel. Dar ao doente de bronquite, três ou quatro vezes ao dia.

Informante: Alice de Jesus Costa, 25 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 338, Olímpia.

10 — Pôr a ferver em meio litro de água: 3 folhas grandes de uva, 3 folhas grandes de figo. Coar. Adoçar o suficiente. Tomar 3 vezes ao dia, sempre aquecendo o chá.

Informante: D. Élide Contini Neves, 51 anos, 1985, Sítio Santa Teresa, Bairro da Televisão, Olímpia.

11 — Fazer um chá com folha de fedegoso e tomar adoçado com mel.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

## REMÉDIOS

1 — Corta-se um mamão pelo lado do talo. Retira-se toda a semente. Colocar dentro do mamão um pouco de flor de camará, de flor de mamão macho, um punhadinho de cravo, um punhadinho de canela em pau e acabar de encher com mel de abelha. Fechar novamente o mamão e deixá-lo pousar no sereno. No dia seguinte, abrir o mamão, retirar as cascas, as flores, o cravo e a canela e dar o restante ao doente.

Informante: D. Zaíra Mázer Biagione, 56 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 87, Olímpia.

2 — Ferver, em um litro de água, 7 folhas de urucu (colorau) até reduzir-se a 1 xícara de (chá). Adoçar um pouquinho. Misturar 1 gema de ovo bem batido. Dar um pouco ao doente, todos os dias.

Informante: D. Izídia Teresa dos Santos, 69 anos, 1985, Avenida do Folclore, 1145, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

3 — Aquecer uma colher (sobremesa) de banha de galinha, misturá-la a uma xícara de café e dar ao doente, pela manhã e à noite. Evitar gelado durante o tratamento.

Informante: D. Alzira Sant'Ana de Oliveira, 58 anos, 1985, Rua Bernardino de Campos, 900, Olímpia.

4 — Tomar uns pingos de banha de cascavel numa xícara de café quente, duas ou três vezes ao dia.

Informante: D. Izídia Teresa dos Santos, 69 anos, 1985, Avenida do Folclore, 1145, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

5 — O doente deverá tomar no dia de sexta-feira santa, durante 3 anos, 1 colherinha (chá) de óleo de jacaré, puro, na comida ou no leite.

Informante: D. Alice Benfáti Lapa, 61 anos, 1985, Alameda das Rosas, 58, Jardim Primavera, Olímpia.

6 — Fazer uma pasta quente de alho com manteiga e tomar misturado no café, em jejum.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

7 — Tomar uma colher (sopa) de óleo de peixe espada, misturado ao café, em jejum.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

8 — Cortar 1 (uma) cebola média em rodela e pôr 3 (três) colheres de açúcar e deixar pousar no sereno. Tomar o remédio em jejum.

Informante: D. Valdelina Ribeiro Nogueira, 43 anos, 1985, Rua José Saquetim, 166, Jardim Santa Rita, Olímpia.

9 — Tomar uma colher (sopa) de banha de carneiro em café quente, pela manhã.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

10 — Bater bem 1 (uma) gema de ovo e 3 (colheres) de mel. Pôr um pouco de leite morno, mexer bem e dar ao doente para beber, tudo de uma vez, em jejum.

Informante: D. Maria de Lourdes D. Martins, 37 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 1551, Olímpia.

11 — Pegar 3 (três) bichos-de-amendoim, pô-los num copo de leite morno adoçado e dar para a pessoa doente tomar.

Informante: D. Neusa Ramalho Galina, 42 anos, 1985, Rua Eleazar de Menezes, 130, Jardim Silva Melo, Olímpia.

12 — Tomar 1 (uma) colher de banha de ema misturada ao café, em jejum. A banha de ema é de cheiro insuportável.

Informante: D. Maria Angélica Gonçalves, 58 anos, 1985, Chácara Santa Isabel, Olímpia.



13 — Juntar 3 (três) colheres (sopa) de banha de galinha, 3 (três) colheres (sopa) de canela em pó, 3 (três) colheres (sopa) de mel de jataí. Misturar bem todos os ingredientes. Tomar 1 (uma) colher (café) todas as manhãs.

Informante: Cibele Regina Rizáti, 17 anos, Rua Caetano Gotárdi, 225, Bairro da Santa Casa, Olímpia.

14 — Tomar uma colher (sopa) de óleo de capivara, misturado no café, em jejum.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

15 — Tomar uma colher (sopa) de óleo de capivara em café ou chá quente, pela manhã.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

16 — A pessoa doente deverá tomar banha de capivara misturada ao café, de manhã. Se for homem a banha terá de ser de capivara fêmea e, se for mulher, de capivara macho.

Informante: D. Maria Rosa de Sousa, 78 anos, 1985, Fazenda Floresta, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

17 — Misturar 1 colher (chá) de gordura de porco (quente) em meia xícara de café e dar ao doente, de manhã e à noite.

Informante: D. Narcisa Batista Franzin, 47 anos, 1985, Rua Marechal Deodoro, 566, Olímpia.

#### SUADOURO

18 — Pôr numa panela 3 (três) colheres (sopa) de açúcar mascavo e deixar no fogo até dourar. Juntar 1 (uma) colher (sopa) de manteiga e 1 (uma) colher (sopa) de mel. Mexer bem e adicionar 1 (uma) xícara (chá) de leite. Ferver muito bem. Tomar à noite, porque é suadouro.

Informante: Cibele Regina Rizáti, 17 anos, Rua Caetano Gotárdi, 225, Olímpia.

#### BANHO

19 — Tomar banho, de manhã, em água fria. Depois aquecer o corpo em cobertor bem grosso. Não pode enxugar. O doente ficará debaixo do cobertor até que desapareça toda a água que ficou do banho. Não pode retirar o cobertor de uma vez, tem que ir descobrindo aos poucos, devagarinho.

Informante: D. Floripes Olinda Selete, 56 anos, 1985, Fazenda Santa Elisa, Olímpia.

#### SIMPATIAS

A origem das simpatias é muito antiga, mas não passa, portanto, de uso empírico rudimentar. Os processos e técnicas empregadas para a obtenção da cura são de tal ordem que não se pode acreditar nos seus efeitos que não levam a nenhum resultado prático ou aproveitável. É meio precário de curar as pessoas. Algumas são paraescatológicas (há o denominador comum de sordidez: chá de baratas, anu com penas e tudo, etc.).

A simpatia proíbe terminantemente, sob pena de perder todo o seu efeito, que o paciente conheça seu conteúdo.

Mas o que dizer delas, se são largamente empregadas? A explicação que temos é a de sempre: a fé, como preceitua o Evangelho de Mateus 17-19 "... Porque na verdade vos digo, que se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a este monte, passa daqui para acolá, e ele há de passar, e nada vos será impossível".

A lista de simpatias recolhidas contra bronquite é longa. Vejamos:

1 — Se for homem que está com bronquite pega-se o umbigo de uma menina recém-nascida; se for mulher, o umbigo de um menino. Fazer um chá com o umbigo e três folhas de laranjeira. Adoçar e dar ao doente num dia de sexta-feira. Fazer isto 3 sextas-feiras, sempre com o mesmo umbigo, trocando apenas as folhas de laranjeira. Na terceira sexta-feira, enterrar o umbigo e as 9 folhas, debaixo da laranjeira de onde foram colhidas. O doente não poderá ter ciência do fato.

Informante: D. Elza Furlan Pardo, 67 anos, 1985, Rua Américo Brasiliense, 1564, Olímpia.

2 — Matar um anu (preto), depenar e temperá-lo. Fritar bem fritinho. Dar ao doente para comer o quanto conseguir. O que sobrar, dar a um gato. A pessoa doente não pode ficar sabendo.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

3 — Torrar o fígado de um anu preto, moer bem e tomar um pouquinho do pó misturado ao leite ou outro alimento. A pessoa não pode saber.

Informante: Sr. Francisco Batista de Carvalho, 74 anos, 1985, Avenida Eugênio Storto, 1, Vila Mouco, Olímpia.

4 — Matar um anu preto, lavá-lo bem, e cozinhá-lo com penas e tudo. Dar a água que o cozeu ao doente, sem que ele saiba.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

5 — Pegar 3 (três) baratinhas brancas, vivas. Costurar um saquinho de pano e prender as baratinhas dentro. Depois pendure no pescoço da pessoa doente. A medida que as baratinhas forem morrendo, a bronquite vai desaparecendo. Quando a pessoa perder o saquinho com as baratinhas, não procurá-lo.

Informante: D. Maria Aparecida de Oliveira Studis, 36 anos, 1985, Sítio "São Luís", Bairro do Tamanduá, Olímpia.

6 — Em Lua Quarto Minguante pegar 3 baratinhas cascudas e costurá-las vivas, num patuá para o doente usar durante 3 meses. Decorrido esse tempo, jogar o patuá em água corrente. O doente não poderá saber do conteúdo do patuá.

Informante: D. Maria Aparecida da Costa, 67 anos, 1985, Rua Adano Camargo, 158, Bairro de São José, Olímpia.

7 — Torrar 3 baratinhas brancas (descascadas). Dar um pouquinho do pó no leite ou em outro alimento, ao doente, sem que ele fique sabendo.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

8 — Colocar debaixo da cama da pessoa, somente à noite, um cágado. Este cágado receberá a bronquite da pessoa, deixando-a completamente curada.

Informante: D. Fabíula Aparecida de Carvalho, 35 anos, 1985, Fazenda Santa Helena, Bairro da Santa Cruz, Olímpia.

9 — Trazer uma tartaruga para casa e colocá-la debaixo da cama da pessoa que tem bronquite. No dia seguinte soltar a tartaruga e nunca mais procurá-la.



Informante: D. Edna Nunes da Costa Francisco, 36 anos, 1985, Rua Jorge Tibiriçá, 1536, Olímpia.

10 — Pega-se uma tartaruga e dá para a criança segurá-la. Depois faça com que ela cheire a tartaruga. A criança, ficará sã.

Informante: D. Teresa Maria Abra Eschiapati, 27 anos, 1985, Rua Conselheiro Antônio Prado, 984, Olímpia.

11 — Deixar debaixo da cama do doente, durante o dia e a noite, uma tartaruga. A doença passará para ela.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

12 — Cortar a cabeça de uma cobra coral, fazer um patuá e pendurar no pescoço da pessoa. Usá-lo até ser perdido.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

13 — Pegar 9 formigas saúvas, torrâ-las numa frigideira, moê-las com uma garrafa. Colocar o pó em um litro de vinho branco e enterrá-lo à beira de um brejo, por 9 dias. No 9.º dia, desenterrar o litro e dar 1 colher (sopa) ao doente, por dia, em jejum.

Informante: D. Aparecida Alice Herculano Gonçalves, 39 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, 808, Olímpia.

14 — Colocar 3 formigas saúvas dentro de um saquinho de pano e pendurar no pescoço da pessoa. Depois que o saquinho cair do pescoço, a pessoa vendo, deverá jogá-lo no fogo. Se perder, não procurar.

Informante: D. Maria Fiaschi Néspolo, 46 anos, 1985, Rua Engenheiro Reid, 980, Olímpia.

15 — Pôr uma formiga chiadeira viva dentro de um patuazinho. Costurar o patuá, prender uma linha, e pendurar no pescoço da pessoa. Usar o patuá até perdê-lo. Perdendo-o não se deve procurá-lo. Leva de 6 a 7 dias para perdê-lo.

Informante: D. Isete de Lima Fernandes da Silva, 31 anos, 1985, Sítio Santo Antônio, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

16 — Apanha 3, 5, 7 ou 9 formigas cabeçudas vivas e fazer um patuá bem costurado. Prender numa linha e pendurá-lo no pescoço do doente. Trazer o patuá preso ao pescoço até que ele apodreça e caia. Caindo não poderá ser procurado. Não contar nada ao doente.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

17 — Costurar um saquinho branco com linha vermelha e dentro dele colocar 3 formigas pintadas de cabeça vermelha. Fechar o saquinho e colocar no pescoço da criança e deixá-lo até ser perdido. A criança não pode saber.

Informante: Sr. Sebastião Jesus de Oliveira, 61 anos, 1985, Rua Bernardino de Campos, 900, Olímpia.

18 — Mata-se uma franga preta (sura) se o doente for homem, ou um frango, se for mulher. Compra-se uma panela de barro, sem uso, e põe água para ferver e nela esquentar a franga. Guarda-se a água numa vasilha à parte. Tudo o que for retirado da franga (partes inservíveis) é guardado nessa outra vasilha. Prepara-se a franga e dê ao doente para comer. Outra pessoa não pode experimentar nada da carne.

O que sobrar, tanto no prato (inclusive ossos) quanto na panela, será juntado à vasilha. Depois, volta tudo para a panela de barro onde foi cozido a franga. Ao pôr-do-sol, levar essa panela para ser enterrada às margens de um córrego, num local por onde o doente nunca passará.

Informante: D. Zaíra Mázer Biagione, 56 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 87, Olímpia.

19 — Pega-se a pele interna da moela do frango, lava-a bem, torra e a transforma em pó. Pôr esse pó no leite ou no café para dar à pessoa que tem bronquite.

Informante: D. Neusa Ramalho Galina, 42 anos, Rua Eleasar de Menezes, 130, Jardim Silva Melo, Olímpia.

20 — Na véspera do dia de São Pedro (28 de junho), matar uma galinha, se o doente for homem; ou um frango, se for mulher. Num saquinho guardar tudo o que não é aproveitável: sangue, tripas, bicos, unhas, penas, etc. Preparar bem a carne, cozinhá-la e dar à pessoa doente para que ela coma até satisfazer-se. A carne que sobrar será juntada ao saquinho da sujeira e jogada num rio. O doente não pode ficar ciente disto.

Informante: D. Zirmaide Soncin, 42 anos, 1985, Rua Tiradentes, 53, Olímpia.

21 — Matar uma galinha preta, sura (sem cauda), temperá-la bem e cozinhar em panela de barro. Dar para a pessoa que tem bronquite comer. Somente a pessoa poderá comer dessa galinha. A sobra será jogada em água corrente juntamente com a panela. O doente não poderá saber disso.

Informante: Benedito Inácio de Sousa Filho, 22 anos, 1985, Sítio São José, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

22 — Tempera-se uma galinha preta. Cozinha-a bastante, deixando-a com meio litro de caldo. No caldo acrescentar um bom punhado de urucu (colorau) e deixar continuar fervendo até que ele desmanche. Depois coe o caldo para o doente beber. A carne de galinha será dada a um gato. A camisa (ou blusa) que a pessoa estiver usando quando tomar o caldo, deverá ser jogada num lugar por onde nunca passará o doente. O doente deverá ignorar tudo isto.

Informante: D. Júlia de Paula Sousa, 76 anos, 1985, Travessa Marechal Furlan, 48, Vila Ferreira, Olímpia.

23 — Mata-se um gato. Tempere-o bem. Frite e dê para o doente comer, sem que ele saiba. O que sobrar dê a um gato para comer ou jogue em água corrente.

Informante: D. Adelaide Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.

24 — Numa sexta-feira, corta-se a orelha de um gato preto e colhem-se três pingos de sangue, numa xícara. Encher a xícara de chá (ou café) e dar ao doente, sem que ele saiba.

Informante: D. Aparecida Ângelo, 45 anos, 1985, Avenida do Folclore, 227, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

25 — Se a pessoa doente for homem, pegar um gato preto; se for mulher, pegar uma gata preta. Dar um pique com uma faca na orelha esquerda do animal e deixar pingar 3 (três) gotas de sangue numa xícara. Pôr café quente e dar o doente para tomar. Esta simpatia terá que ser feita numa sexta-feira de Lua Minguante. Ela se completará em 3 sextas-feiras e o gato (ou a gata) não poderá ser o mesmo. O doente não poderá ficar sabendo de nada.

Informante: D. Fabiula Aparecida de Carvalho, 35 anos, 1985, Fazenda Santa Helena, Bairro da Santa Cruz, Olímpia.



26 — Pega-se o fígado e o coração de um gambá e torra-os na chapa do fogão. Mói-os, fazendo um pó bem fininho. Dar ao doente um pouquinho do pó no leite, ou no chá, ou no café ou na comida. O doente não deve ter conhecimento disto.

Informante: D. Maria da Conceição Basso, 72 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 765, Olímpia.

27 — Manter uma gralha dentro da casa do doente. Esta gralha não poderá ser dada nem vendida. Enquanto viver terá que ficar dentro da casa do doente. A bronquite desaparecerá.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

28 — Torrar na chapa do fogão de lenha um couro de jacaré. Depois de torrado, raspe o couro para obter um pouco de pó fino. Dar para a pessoa que tem bronquite tomar, pela manhã, dissolvido numa xícara de café, durante três dias. A pessoa não poderá ficar sabendo.

Informante: Benedito Inácio de Sousa Filho, 22 anos, 1985, Sítio São José, Bairro do Tamanduá, Olímpia.

29 — Se o doente for homem, matar 1 leitoa e, se for mulher, matar um leitão. Retirar uma tripa fina (mais ou menos um palmo). Atravessar essa tripa no buraco da fechadura da porta da sala. O doente ficará do lado interno da sala, segurando um pedaço da tripa. Outra pessoa ficará do lado de fora com uma gata (se o doente for homem) ou um gato (se for mulher), onde estará o outro pedaço da tripa atravessado na fechadura. O gato, naturalmente, atacará o pedaço da tripa e o comerá, mas sempre sobrando um pedaço na mão do doente. Em consequência, o gato morrerá e isto é grande prova de que o doente se curará. Se o doente for criança, o pai ou a mãe ficará com ela no colo, do lado de dentro.

Informante: D. Maria da Conceição Basso, 72 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 765, Olímpia.

30 — Cortar um pedaço de rabo de uma lagartixa viva, colocá-lo num patuá para o doente carregar preso, num barbante, ao pescoço. O patuá será usado até ser perdido. O doente não poderá ficar sabendo.

Informante: D. Lucinda Batista de Carvalho, 80 anos, 1985, Avenida Mário Vieira Marcondes, 40, Olímpia.

31 — Pegar 9 folhas de araticum (cabeça-de-negro) e um pedacinho do rabo de uma lagartixa, torrará-los e fazer um pozinho. Dar ao doente, durante a Lua Minguante, um pouquinho cada dia, dissolvido numa xícara de chá.

Informante: Sr. Manuel Ernestino dos Santos, 66 anos, 1985, Avenida D. Jerônima Alves Ferreira, 405, Bairro de São José, Olímpia.

32 — Quando matar um porco, retira-se um testículo e tempere bem. Frite como bife e dê ao doente, numa das refeições. O que sobrar no prato, inclusive o que caiu na mesa ou no chão, será juntado e colocado no mesmo prato em que o doente se alimentou. Jogar o prato com a sobra do alimento, inclusive o garfo (ou a colher), em águas correntes. O doente não pode ficar sabendo.

Informante: D. Norvina Ferraz Teixeira, 75 anos, 1985, Rua Vicente Paschoal, 69, Conjunto Vitória Parolim, Olímpia.

33 — Torra-se o umbigo de porco, faz-se uma farofa bem temperada e dar ao doente para comer, sem que ele saiba.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

34 — Pegar três cabeças secas de peixe e nove agulhas sem uso. Pegar uma cabeça de cada vez e colocar uma agulha em cada olho do peixe e outra no queixo. Cada vez que for colocar as agulhas na cabeça do peixe, reza-se: (Fulano, essas cabeças de peixe vão ser enterradas e dissolvidas com o poder de Deus e Nossa Senhora Aparecida, assim como sua bronquite vai ser dissolvida. Rezar 3 Ave-marias e 3 Pai-nossos). Depois de enfiadas as agulhas e ter rezado, enterrar as cabeças de peixe. Para a simpatia ter valor, só poderá ser feita no primeiro dia da Lua Minguante.

Informante: D. Maria Aparecida de Oliveira Stundis, 36 anos, 1985, Sítio do Sossego "São Luís", Bairro do Tamanduá, Olímpia.

35 — Pescar um peixe (curimbatá ou lambari), tendo o cuidado de apanhá-lo vivo. Pedir à pessoa que tem bronquite para cuspir 3 vezes na boca (aberta) do peixe. Depois, jogá-lo de costas, na água de um rio e retirar-se, sem olhar para trás. A pessoa doente deverá ignorar tudo isto.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

36 — Torrar a desova de um peixe e fazer um pó bem fino. Dar ao doente, misturando-se um pouquinho do pó no chá, leite ou café. O doente não poderá saber.

Informante: D. Zaira Mázer Biagione, 56 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 87, Olímpia.

37 — Pegar 1 sardinha (fresca), abri-la e pedir para o doente escarrar dentro. Se a pessoa doente for homem, dê a sardinha a uma gata; se for mulher, dê-a a um gato, para ser comida. O doente não poderá saber.

Informante: D. Lucinda Batista de Carvalho, 80 anos, 1985, Avenida Mário Vieira Marcondes, 40, Olímpia.

38 — Colher 7 ou 9 bichinhos vivos, tatuzinhos, que vivem debaixo de madeira velha. Faz-se um patuazinho de pano virgem, branco, e costure os bichinhos dentro dele. Faz-se um cordãozinho de linha virgem, branca, e pendure no pescoço da pessoa que está com bronquite. Andar 9 dias com o patuá no pescoço. Depois dos 9 dias, a pessoa encarregada da simpatia vai à beira de um rio e pronuncia as palavras: "Assim como esses bichinhos morreram dentro deste patuazinho, secaram, então a bronquite de (fulano) também secará. Assim como esta água levará este patuazinho, levará a bronquite de (fulano) para nunca mais voltar". Joga-se o patuazinho nas águas, de costas, e sai da beira do rio, sem olhar para trás.

Informante: D. Rosa Pereira dos Santos, 72 anos, 1985, Avenida do Folclore, 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

39 — Numa Sexta-feira da Paixão retirar 3, 5, 7 ou 9 bichinhos, acinzentados, popularmente conhecidos por tatuzinhos e que se criam debaixo da madeira velha e podre. Faz-se um chazinho com estes tatuzinhos e dar para o doente tomar 1 (uma) xícara (café) antes do sol nascer. Depois que o sol se esconder, jogar fora o chazinho que sobrou. Com 3 ou 5 tatuzinhos vivos, fazer 1 patuá e colocar no pescoço do doente, o qual deverá ser usado até perder-se. A pessoa doente não poderá ter conhecimento dessa simpatia.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

40 — Sem que o doente fique sabendo, mata-se um urubu, limpe-o muito bem e o tempere (como se fosse frango). Dar à pessoa doente a comer numa das refeições.



Informante: Sr. Ezequiel Batista de Carvalho, 73 anos, 1985, Rua Marechal Deodoro, 566, Olímpia.

41 — Fazer um rosário de dentes de alho para o doente usar. A bronquite desaparecerá depois que o colar se desfizer.

Informante: D. Adelaide Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.

42 — Cortar um punhadinho de cabelo da testa, um punhadinho de cabelo da nuca, um punhadinho do lado da orelha direita e outro punhadinho do lado da orelha esquerda. Põe-se a pessoa descalça contra uma parede e mede-lhe a altura. Com um prego virgem, faz-se no local da altura da pessoa doente um buraquinho suficiente para guardar os cabelos cortados. Depois fixe o prego definitivamente. O doente não pode ficar sabendo.

Informante: D. Narcisa Batista Franzin, 47 anos, 1985, Rua Marechal Deodoro, 566, Olímpia.

43 — Leva-se a criança doente a uma construção inacabada. Coloca-se a criança, de costas, contra a parede, e, na altura de sua cabeça, faça um buraco, colocando uma mecha de seu cabelo. Não revelar a simpatia à criança.

Informante: D. Anadir Baltazar Mansur, 44 anos, 1985, Vila Rizáti, 58, Olímpia.

44 — Cortar 3 punhadinhos do cabelo da pessoa e colocá-los debaixo de um tijolo de uma casa em construção para o pedreiro assentá-los entre tijolos.

Informante: D. Alice Augusto de Melo, 69 anos, 1985, Avenida Júlio Ferrânti, 244, Bairro de São José, Olímpia.

45 — Numa Sexta-feira da Paixão, tirar a medida do doente em uma parede da casa. Fazer um buraquinho na parede, à altura da medida. Cortar 3 punhadinhos do cabelo da nuca do doente. Enfiá-los no buraco da parede e fechar com barro. A pessoa não pode ter conhecimento da finalidade da simpatia.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

46 — O padrinho da pessoa que está com bronquite, coloca seu afilhado, encostado num portal e tira a medida de sua altura. No local da altura, faz-se um buraquinho e dentro coloca-se um pouquinho do cabelo do afilhado. Tampa-se o buraquinho com cera. Depois que seu afilhado exceder aquela altura, ficará curado.

Informante: D. Alaíde Josefa Neves Cobacho, 36 anos, 1985, Rua Fernando dos Santos, 98, Vila Di Marco, Olímpia.

47 — Corta-se um feixinho do cabelo da nuca do doente, vai a uma construção que se inicia e o coloque sobre o tijolo do alicerce que está subindo. O doente não poderá ter conhecimento.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

48 — Tirar a medida da pessoa doente no terceiro portal da casa e faça-lhe um buraquinho. Sem que o doente fique sabendo, tire-lhe três pontinhas do cabelo da nuca e coloque este cabelo no buraquinho do portal, tampando com uma rolha. Depois que a bronquite desaparecer, jogar os fios de cabelo em água corrente.

Informante: D. Maria Aparecida de Oliveira Stundis, 36 anos, 1985, Sítio "São Luís", Bairro do Tamanduá, Olímpia.

49 — Colocar a criança doente em frente de um portal da casa e marcar o tamanho da criança. Faz-se um

buraquinho no local e dentro coloca-se uma bolinha feita com o cabelo do doente e cera de abelha. Depois que a pessoa passar da altura do portal, a bronquite desaparecerá.

Informante: D. Darci Bunioto Campos, 42 anos, 1985, Fazenda Boa Vista, Olímpia.

50 — Cortar 3 punhadinhos do cabelo da nuca da pessoa doente, fazer um chazinho e dar-lhe a beber, sem que ela saiba.

Informante: D. Zirmaide Soncin, 42 anos, 1985, Rua Tiradentes, 53, Olímpia.

51 — Cortar as unhas do pé esquerdo, da mão direita, do pé direito e da mão esquerda, um punhadinho do cabelo da nuca, uns fiozinhos de cabelo das sobrancelhas e um pedacinho da saia (ou calça) do doente. Amarrar as unhas e os cabelos nesse pedacinho de pano e enfiar dentro de um pedaço de pau (lasca de cerca, por exemplo), que esteja do lado em que o sol nasce.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

52 — Corta-se o cabelo do doente em três sextas-feiras seguidas e guarde-o. Na terceira sexta-feira, junta-se um fio de cabelo cortado em cada sexta-feira. Medir a altura do doente numa parede, prega-se um prego novo sobre os fios de cabelo. O doente não poderá saber.

Informante: D. Sirlei L. Remondi, 42 anos, 1985, Viela Rizáti, 35, Vila Santa Genoveva, Olímpia.

53 — Corta-se as unhas (das mãos e dos pés) e um pouco do cabelo da criança doente e coloca tudo num buraquinho, que será feito no portal, à altura da pessoa. Depois que a criança ultrapassar o tamanho da marca feita, ela sarará.

Informante: D. Maria Aparecida de Oliveira Regonha, 38 anos, 1985, Rua Coronel Francisco Nogueira, 807, Olímpia.

54 — Fazer um buraco numa figueira, retirando um pedaço da casca do tronco. Nesse local depositar um pouquinho do cabelo, um pedacinho da unha e um pedaço de qualquer peça de roupa do doente. Tampar com a mesma casca que foi retirada da figueira. O doente não pode ficar sabendo.

Informante: Sr. João Laurindo, 70 anos, 1985, Rua Floriano Peixoto, 1534, Olímpia.

55 — Fazer com que o doente durma 3 sextas-feiras seguidas com uma camiseta branca. Não lavar a camiseta. Decorridas as 3 sextas-feiras, pôr a camisa dentro de uma casa de cupim.

Informante: D. Aparecida Ângelo, 45 anos, 1985, Avenida do Folclore, 227, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

56 — Numa Sexta-feira da Paixão, uma pessoa deverá ir a três casas onde residam uma mulher por nome Maria e pedir um pouquinho de comida. Misturar a comida e dar à pessoa que tem bronquite. O que sobrar dar para um gato. O doente não pode ficar sabendo da simpatia.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

57 — Comprar um prato novo e uma colher nova e numa Sexta-feira da Paixão, ir em três casas onde houver uma mulher chamada Maria e pedir uma colher de comida, pelo amor de Deus. Misturar a comida, comer um pouco, menos da metade, e o resto que ficou no prato,



levar a um rio (sem conversar com ninguém, no caminho). Chegando ao rio, ficar de costas e jogar o restante da comida, o prato e a colher. Voltar para casa. Esta simpatia é feita pelo próprio doente.

Informante: D. Maria Davi Baltazar, 71 anos, 1985, Rua Coronel Francisco Nogueira, 1007, Olímpia.

58 — Na primeira sexta-feira do mês, pega-se um coco-da-baía e faça um furo para retirar a água. Encha o coco de vinho branco. Tampe bem o coco e o enterre por 9 dias. Decorrido este tempo, desenterre-o e dê uma colher (sopa) do caldo, em jejum, ao doente.

Informante: D. Alzira Bernardes Franchini, 38 anos, 1985, Rua Cassiano de Melo, 30, Jardim Silva Melo, Olímpia.

59 — Numa sexta-feira, raspar o chifre de um boi (não de vaca), e pôr para torrar. Tomar meia colherzinha (café) do pó em 1 xícara de leite. Repetir 3 sextas-feiras. O doente não pode saber.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

60 — Enterra-se uma garrafa de água num canteiro e sobre ela planta-se uma boa quantidade de hortelã. Depois de um ano, desenterre a garrafa. Ferve-se essa água numa chaleira, com alguns galhos daquele hortelã e o doente fará inalação, diversas vezes por dia.

Informante: Sr. João Laurindo, 70 anos, 1985, Rua Floriano Peixoto, 1534, Olímpia.

61 — Levar a criança a uma igreja onde ela nunca mais entrará. Fazer com que ela pegue na folha da porta da entrada principal da igreja, e enquanto isto, a acompanhante (mãe, avó, ou outra pessoa) dirá: “ bronquite de Fulano ficará aqui”.

Informante: D. Lucinda Batista de Carvalho, 80 anos, 1985, Avenida Mário Vieira Marcondes, 40, Olímpia.

62 — Numa madrugada de sexta-feira da Paixão pega-se um inhame, corte-o pela metade e peça para a pessoa doente cuspir numa das metades. Depois una as duas partes e enterre o inhame em lugar úmido onde ele possa nascer. Quando espalhar ramas, a bronquite terá seu fim. O doente não pode saber.

Informante: D. Nilce Ferreira Perrôni, 45 anos, 1985, Rua Nove de Julho, 1556, Olímpia.

63 — Numa quinta-feira santa, pegar um copo virgem e enchê-lo de leite até a boca. Dê para o doente tomar. Depois amarre um pano virgem na boca do copo, fechando-o bem. Enterrá-lo numa construção por onde a pessoa nunca passará. O doente não poderá ficar sabendo.

Informante: D. Aparecida Alice Herculano Gonçalves, 39 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, 808, Jardim Santa Rita, Olímpia.

64 — Durante 5 anos, ou seja, em 5 sextas-feiras santas, encher 1 copo (sem uso) de vidro, com leite. Dar a metade do leite ao doente de bronquite, para beber. Fechar bem a boca do copo com o restante do leite e enterrar num lugar por onde o doente nunca passará.

Informante: D. Vitorina Inácio dos Santos, 65 anos, 1985, Rua De Nadai, 61, Jardim Silva Melo, Olímpia.

65 — Deixar pousar no sereno, passagem de quinta para sexta-feira santa, meio copo de leite. Na sexta-feira santa dê o leite para o doente beber. O doente não deve tomar conhecimento da simpatia.

Informante: Adriana Vian, 14 anos, 1985, Rua Síria, 871, Olímpia.

66 — Numa sexta-feira, pega-se um copo virgem e leva-o ao curral para enchê-lo com o leite da primeira vaca a ser ordenhada. Dê o leite para o doente tomar. Tira-se a medida do doente num barbante e enterre, juntamente, o copo e o barbante, num lugar bem distante, por onde o doente nunca passará.

Informante: Sandra Aparecida Fogagnoli, 23 anos, 1985, Rua Veiga Miranda, 108, Olímpia.

67 — Na quinta-feira santa pôr um copo de leite para pousar no sereno. No dia seguinte, antes do sol nascer, pega-se a metade do leite e dê para o doente beber. A outra metade do leite será colocada num saquinho bem amarrado, e enterrado num lugar onde a pessoa jamais passará.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

68 — Numa sexta-feira santa encher um copo virgem com leite até na boca. Dar a metade para o doente tomar. Completar o leite, novamente, até a boca do copo. Tampar com um lenço branco e enterrar o copo. Quando secar o leite, secará também a bronquite. Esta simpatia será feita uma só vez.

Informante: D. Nair Borsato Borges, 71 anos, Rua Caetano Gotardi, 674, Saída de São Benedito, Olímpia.

69 — Encosta-se a criança doente na parede e faz-se um risco com uma tesoura. À medida que a criança for crescendo, a bronquite vai desaparecendo.

Informante: D. Teresa Maria Abra Eschiapati, 27 anos, 1985, Rua Conselheiro Antônio Prado, 984, Olímpia.

70 — Enterrar 1 litro de mel no local onde será acesa a fogueira de São João (23 de junho). Deixá-lo 3 dias nesse local. Decorridos os 3 dias, retira-se o litro de mel e o enterra em lugar úmido, deixando-o enterrado por mais 3 dias. No dia de São Pedro, desenterre o litro de mel e comece o tratamento, dando 1 colher (sopa) ao doente todos os dias, de manhã.

Informante: D. Zaíra Mázer Biagione, 56 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 87, Olímpia.

71 — Enterra-se um litro de mel perto de um limoeiro. Depois de enterrado, durante três anos, em todo São João, faça uma pequena fogueira sobre o local onde está enterrado o mel, tomando o cuidado para não prejudicar o limoeiro. No quarto ano, desenterre-se o litro e o doente tomará o mel com o limão daquele limoeiro, 3 colheres (sopa) três vezes ao dia.

Informante: D. Sirlei L. Remondi, 42 anos, 1985, Vila Rizáti, 35, Vila Santa Genoveva, Olímpia.

72 — Na véspera de São João enche-se uma moringinha de água, tampa-a bem e enterre no local onde se acenderá a fogueira. No outro dia, às 6 horas, a pessoa que está com bronquite desenterre a moringinha e a quebra.

Informante: D. Aparecida Diogo de Lima, 65 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 424, Olímpia.

73 — Enterrar no chão onde será feita a fogueira de São João uma moringinha virgem, cheia de água. Tampá-la bem para não derramar. Depois de um ano dê a água para o doente beber. Ele não deverá ficar sabendo da simpatia.

Informante: D. Emília Louzada Amaral Di Marco, 37 anos, 1985, Rua Alexandre Munhoz, 130, Vila Santa Rita, Olímpia.



74 — Encher uma moringuinha virgem de água, tampar bem e enterrá-la no local onde será acesa a fogueira de São João. No dia seguinte, antes do sol nascer, retirar a moringa. Dar a água para o doente beber e quando acabar, quebrar a moringa e jogá-la num rio. O doente não deverá saber de nada.

Informante: D. Zirmaide Soncin, 42 anos, 1985, Rua Tiradentes, 53, Olímpia.

75 — Comprar uma moringuinha virgem e enchê-la de água limpa. Tampá-la muito bem e na noite de 23 de junho, no local onde for acender a fogueira em louvor a São João, abrir um buraco, antes de ajeitar a lenha, enterrar a moringuinha. No dia seguinte, dia 24, antes do sol nascer, retirar a moringuinha e deixá-la guardada durante três dias. Depois do 3.º dia dar a água para o doente beber. Somente ele poderá beber dessa água. Uma vez esvaziada a moringa, a pessoa que está aplicando a simpatia em favor do doente (o doente não pode ficar sabendo de nada) deverá observar o seguinte: Se o doente for criança, dar-lhe a moringuinha para brincar até que ele acabe por quebrá-la. Se o doente for adulto, colocar a moringa num local, de sorte que facilite a pessoa, descuidadamente, a quebrá-la.

Informante: D. Narcisa Batista de Miranda, 65 anos, 1985, Avenida Júlio Ferranti, 237, Bairro de São José, Olímpia.

76 — Colher o ovo que uma galinha pôs num dia de sexta-feira da Paixão. Guardá-lo. Na sexta-feira da Paixão do ano seguinte, fritar o ovo para o doente comer.

Informante: D. Nair Irene Tolfo, 49 anos, 1985, Rua General Osório, 466, Olímpia.

77 — Roubar 3 ovos de galinha, em três sextas-feiras, ou seja, um ovo em cada sexta-feira. No mesmo dia em que o ovo foi roubado, fritá-lo em mel-de-jataí e dá-lo ao doente, na refeição. O que sobrar do ovo, no prato, jogar em cima do telhado da casa. O doente não pode ficar sabendo da simpatia.

Informante: D. Elza Teodoro Fossalussa, 45 anos, Saída de São Benedito, 46, Vila Santa Rita, Olímpia.

78 — Colher um ovo de galinha, botado no dia 15 de agosto. Bater a clara até virar neve e depois acrescentar a gema, e bater mais um pouco. Fazer um chá de erva-cidreira adoçado com 1 (uma) colher de mel-de-jataí. Misturar tudo e beber durante o dia, o quanto conseguir. A pessoa doente não pode ficar sabendo da finalidade da simpatia.

Informante: D. Lair Maria Trinca Gomes, 38 anos, 1985, Avenida Fernando dos Santos, Vila Di Marco, Olímpia.

79 — No dia de Santo Antônio (13 de junho), apanhar um pãozinho-de-santo-antônio e dar para o doente escarrar 3 vezes dentro dele. Depois colocar o pãozinho num formigueiro de formigas cabeçudas. Elas comerão o pãozinho e quando o destruírem totalmente, a pessoa sarará. O doente não poderá ficar sabendo da finalidade da simpatia.

Informante: D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 50 anos, 1985, Avenida Marcial Ramos, 41, Bairro de São José, Olímpia.

80 — Tirar a medida da pessoa doente numa parede da casa. Enfiar no local da altura do doente um prego novo, sem uso. O doente não poderá saber.

Informante: D. Floripes Olinda Selete, 56 anos, 1985, Fazenda Santa Elisa, Olímpia.

81 — Ferver numa panela grande 1 telha virgem com a quantidade suficiente de água. Dar a água fervida, depois de fria, para o doente beber. A pessoa doente não poderá ficar sabendo nada sobre a simpatia.

Informante: Robértison Alexandro Freu Frezarin, 14 anos, 1985, Rua Engenheiro Reid, 690, Olímpia.

82 — Cortar as unhas da mão esquerda do doente em 9 sextas-feiras. Ajuntar todas as unhas cortadas, embrulhá-las num papelzinho e enterrar no pé de uma figueira, num lugar por onde o doente nunca passará.

Informante: D. Helena Camargo de Oliveira, 41 anos, 1985, Fazenda Monte Aprazível, Bairro da Laranjeira, Olímpia.

83 — Durante as quatro sextas-feiras do mês, cortar as unhas das mãos e dos pés do doente. Na quarta sexta-feira, juntar todas as unhas e enfiá-las no tronco de uma bananeira.

Informante: D. Alzira Bernardes Franchini, 38 anos, 1985, Rua Cassiano de Melo, 30, Jardim Silva Melo, Olímpia.

84 — Cortar as unhas do doente numa sexta-feira. Tirar-se um pedaço do tronco de uma árvore verde, depositar as unhas cortadas e tampar com a mesma casca arrancada do local do tronco da árvore.

Informante: D. Alaíde Mendes Di Marco, 63 anos, 1985, Rua José Clemêncio, 532, Olímpia.

85 — Medir a altura da pessoa doente, num portal, por onde ela passa todos os dias e, no local, fazer um buraco. Cortar as unhas das mãos da pessoa doente e colocá-las dentro desse buraco. A pessoa não deve ficar sabendo.

Informante: D. Celina Reco Franco, 38 anos, 1985, Rua Caetano Gotárdi, 440, Jardim Silva Melo, Olímpia.

86 — Na 1.ª sexta-feira do mês, corta-se as unhas da mão direita do doente. Na 2.ª sexta-feira, corta-se as unhas do pé esquerdo. Na 3.ª corta-se as unhas da mão esquerda e na 4.ª sexta-feira, as unhas do pé direito. Juntam-se todas as unhas cortadas, embrulhe-as num papel e peça a um pedreiro para colocar no meio de tijolos de uma casa em construção. Não contar nada ao doente.

Informante: D. Sirlei L. Remondi, 42 anos, 1985, Viela Rizáti, 35, Vila Santa Genoveva, Olímpia.

87 — Medir a altura da pessoa doente com bronquite na porta de saída da casa. Com um prego novo fazer três furos na porta, no local da altura do doente. Cortar 3 mechas do cabelo do doente, enfiar uma em cada buraco feito e tampar com sabão. Rezar 1 Pai-nosso e 1 Ave-maria. Se o doente for criança, ela sarará depois que ultrapassar aquela altura. Se for adulto, depois de 1 ano. A pessoa não pode ficar sabendo.

Informante: D. Dulcínia Peralta Gonçalves, 35 anos, 1985, Sítio Santa Maria Adelaide, Bairro da Televisão, Olímpia.

88 — Cortar as unhas da mão esquerda e do pé direito da pessoa que está com bronquite e colocá-las dentro de uma sardinha. A seguir, corta-se as unhas do pé esquerdo e da mão direita e as coloca dentro de uma outra sardinha. Espetar as sardinhas em cruz e pôr para secar. As sardinhas têm que ser ganhas, não compradas. Fazer a simpatia em 3 sextas-feiras. O doente não pode tomar conhecimento dessa simpatia.

Informante: Ednéia de Oliveira, 20 anos, 1985, Rua Duque de Caxias, 352, Olímpia.



89 — Cortar as unhas da mão esquerda da criança e guardar num papelzinho. Encostar a criança, em pé, num muro e marcar a sua altura. Cavar um burquinho no local da altura, colocar o papelzinho com as unhas dentro. Fechar o burquinho com cimento. E, durante 3 (três) sextas-feiras, a mãe do doente ou outra pessoa, benzerá o doente, dizendo: Te benzo com as três palavras santíssimas. Esta bronquite acabará. (Rezar 3 Ave-marias e 3 Pai-nossos). Nota: O doente não pode tomar conhecimento dessa simpatia.

Informante: D. Isete de Lima Fernandes da Silva, 31 anos, 1985, Sítio Santo Antônio, Córrego do Bagre, Bairro Tamanduá, Olímpia.

90 — Num dia de Quarto Minguante, cortar primeiramente as unhas da mão e depois as unhas do pé do doente. Cortar também um punhadinho de cabelo da nuca e envolver (unhas e cabelos) num pedaço de algodão. Tomar a medida do doente no batente de uma porta da casa. No local da medida será feito, com o auxílio de um arco-de-pua, um pequeno buraco. Amarrar o algodão que envolve as unhas e os cabelos, em um pedaço de papel e depositar no burquinho feito no portal, dando 3 marteladas, dizendo após cada batida: "Fulano, a tua bronquite vai ficar fechada aqui". Fechar o buraco, e passar um pouco de tinta, para não ficar defeito na porta. O doente não pode ficar sabendo.

Informante: D. Lucinda Batista de Carvalho, 80 anos, 1985, Avenida Mário Vieira Marcondes, 40, Olímpia.

O que aqui reunimos serve para documentar que a *medicina popular* reside nos recursos oferecidos pelo meio silvestre, e também na fé aliada a técnicas de simpatias rudes. Contudo, constitui um documento curioso de nossa cultura folclórica.

## BIBLIOGRAFIA

1 — Bíblia Sagrada, tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, edição de 1979, Editora Paumape Limitada, São Paulo — SP.

2 — Atualização Terapêutica (organizadores especializados), *Bronquite*, Sílvia Bailone, Livraria Editora Artes Médicas Ltda., 8.ª edição, 1970, São Paulo.

## AGRADECIMENTOS

— Aos estudantes da Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Silva Melo, cujos olhos e ouvidos descobriram as fontes de informações.

— As pessoas que se animaram a dar as informações.

— Ao Prof. José Sant'anna pelo apoio total a este trabalho.

— A Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin e Maria Jesus de Miranda pelo auxílio constante nesta produção.

# Ambrosia

ALZIRA SANT'ANA DE OLIVEIRA

Departamento de Folclore — Olímpia

Se recorrermos ao Dicionário vamos encontrar a palavra *Ambrosia* empregada a diferentes idéias:

1 — Gênero de plantas da família das compostas, criado por Lineu e caracterizado pelas folhas penatífidas ou penatipartidas. Ervas revestidas de pêlos. Capítulos masculinos em espigas ou cachos terminais, possuindo um involúcro formado de brácteas soldadas em forma de taça, em receptáculo plano; flores com corola campanulada; capítulos femininos reduzidos a uma flor. Deste gênero são conhecidas 15 espécies, uma mediterrânea e as restantes da África e da América do Sul. No Brasil existe a *A. polystachya* D.C. conhecida por Cravorana ou Cravo-da-Rocha. Planta medicinal, cujas flores têm um agradável perfume.

2 — Manjar delicioso que proporciona prazer irrefrável. Alimento dos deuses gregos, que com sua absorção, eram imortalizados.

3 — Um pequeno astro do grupo dos Híadas.

Porém, a *Ambrosia* de que cuidaremos, não é o nome do "manjar dos deuses", nem o nome de um "pequeno astro", nem o de uma "planta medicinal", mas sim o nome de um *doce* que se faz nos Estados da Bahia, Minas Gerais e São Paulo. É a deliciosa *ambrosia*, doce feito com ovos e leite, de difícil preparo, muito apreciado por grande parte dos olímpenses, que prefere saboreá-lo como sobremesa ou nos lanches da tarde ou da noite.

Colhemos algumas receitas e suas variantes, com a finalidade de proporcionar às leitoras deste trabalho a possibilidade de preparar esta ou aquela receita, dependendo da quantidade de ingredientes disponíveis em cada cozinha.

## RECEITA 1

Ingredientes: ½ kg (meio) de açúcar. 1 (uma) garrafa de leite, 5 (cinco) ovos. 1 (uma) colher (chá) de caldo de limão.

Modo de fazer: Fazer uma calda rala com o açúcar. Juntar o leite. Deixar no fogo até ferver novamente. Bater muito bem os ovos inteiros e juntá-los à calda. Juntar o caldo de limão e levar ao fogo, mexendo de vez em quando. Os pedaços de ovos vão-se juntando. Depois que engrossar a calda, retirá-la do fogo. Servir frio.

Informante: Patrícia Carla de Freitas Carvalho — Olímpia

## RECEITA 2

Ingredientes: 1 (uma) garrafa de leite. 12 (doze) gemas. 4 (quatro) claras. ½ kg de açúcar. 1 (um) copo de água.

Modo de fazer: Misturar tudo e levar ao fogo, mexendo de vez em quando, até apurar. Fogo fraco.

Informante: Josilene da Cruz Zimmermann — Olímpia

## RECEITA 3

Ingredientes: 6 (seis) copos cheios de açúcar. Água. 6 (seis) gemas. 4 (quatro) claras. ½ (meio) litro de leite.



Modo de fazer: Fazer uma calda rala (açúcar e água). Bater os ovos juntos, misturar ao leite frio e jogar na calda, deixando coagular os ovos. Depois mexer de vez em quando, com um garfo. Se quiser, juntar à calda, cravo e canela. Depois de cozidos os ovos, retirar com uma espumadeira para a compoteira. Apurar a calda e despejar por cima. Servir depois de frio.

Informante: Amália Zaccarelli — Olímpia

#### RECEITA 4

Ingredientes: 1 (um) copo bem cheio de açúcar. ½ (meia) xícara de água. 3 (três) gemas. 1 (uma) xícara de leite.

Modo de fazer: Cozinhar a água e o açúcar até chegar ao ponto de fio (erguendo a colher, a calda deverá escorrer como fio). Esperar esfriar. Bater as gemas ligeiramente e juntar o leite. Adicionar essa mistura à calda (de açúcar e água) já fria. Aquecer em seguida e deixar cozinhar até que se formem pedaços. Abaixar o fogo e esperar até engrossar e, possivelmente, dourar um pouco. Servir frio numa compoteira.

Informante: Helena Elisabete Costa — Olímpia

#### RECEITA 5

Ingredientes: 1 (um) quilo de açúcar refinado; ½ (meio) litro de água; 1 (um) litro de leite; 12 (doze) gemas; 6 (seis) claras; 1 (uma) xícara (de chá) de queijo ralado de meia cura; 1 (uma) colher (de sopa) de farinha e canela em pó, conforme o gosto.

Modo de fazer: Fazer uma calda grossa com a água e o açúcar. Deixar esfriar um pouco e juntar o leite fervente, voltando ao fogo para ferver novamente. Bater as gemas com as claras; acrescentar a farinha, o queijo e a canela.

Deitar na panela em que está a calda fervendo, às colheradas, e sem mexer. Aguardar até voltar a ferver. Reduzir o fogo, e considerar pronto, quando a calda ficar incolor.

Retirar do fogo, colocar o recipiente no forno para corar, sem nunca mexer. Com a escumadeira e com muito cuidado, remover o doce para uma compoteira. Passar a calda pela peneira e deitar sobre o doce, depois que estiver frio. Polvilhar com um pouco mais de canela e servir.

Informante: Delta Teresa Franchini — Olímpia

#### RECEITA 6

Ingredientes: 8 (oito) gemas; 5 (cinco) claras; 1 (um) quilo de açúcar; 1 (uma) garrafa de leite; 5 (cinco) cravos-da-índia.

Modo de fazer: Pôr o açúcar em uma caçarola, dissolver em um pouco de água e levar ao fogo para fazer uma calda em ponto de pasta. Juntar os ovos bem batidos e misturados; depois, o leite. Mexer lentamente com uma colher de pau, para não desmanchar. Acrescentar os cravos. Quando começar a aparecer o fundo da caçarola, está no ponto. Retirar, deixar esfriar e despejar numa compoteira. Polvilhar com canela.

Informante: Alice Benfáti Lapa — Olímpia

#### RECEITA 7

Ingredientes: 4 (quatro) ovos inteiros, 8 (oito) gemas. 1 (uma) garrafa de leite. 4 (quatro) copos e meio bem cheios de açúcar. Canela em pau e cravo-da-índia.

Modo de fazer: Fazer com o açúcar e um pouco de água uma calda em ponto de pasta onde colocou a canela (e cravo-da-índia). Bater muito bem os ovos, as gemas e depois misturar o leite. Despejar esta mistura na calda, mexer com cuidado para não desfazer os grumos que vão-

se formando no fundo da panela. Quando a calda já estiver toda separada, o doce está pronto. Pode substituir-se a canela e o cravo por 1 (uma) casca de limão galego, cortada em tiras finas.

Informante: Maria Jesus de Miranda — Olímpia

#### RECEITA 8

Ingredientes: ½ kg (meio) de açúcar. 8 (oito) gemas. 1 (uma) xícara (chá) de leite. Casca de limão. Cravo-da-índia. Canela.

Modo de fazer: Fazer uma calda grossa com canela, cravo-da-índia e casca de limão. Desmanchar as gemas, juntá-las à calda sem mexer. Quando as gemas começarem a endurecer, mexer, adicionar o leite e deixar ferver um pouco. Servir em compoteira.

Informante: Maria Scatolin de Oliveira — Olímpia

#### RECEITA 9

Ingredientes: 4 (quatro) xícaras (chá) de açúcar. ½ (meio) litro de leite. 4 (quatro) ovos inteiros. 4 (quatro) claras.

Modo de fazer: Fazer com o açúcar e o leite uma calda em ponto de pasta. Bater os ovos, juntar à calda, sem mexer. Deixar cozinhar. Misturar o leite sem desfazer os pedaços de ovos. Servir em compoteira com canela em pó, por cima.

Informante: Lúcia Aidar de Oliveira — Olímpia

#### RECEITA 10

Ingredientes: 12 (doze) gemas. 4 (quatro) claras. 1 (um) litro de leite. ½ kg (meio) de açúcar. 1 (um) copo de água. 1 (uma) colher (chá) de suco de limão. Canela em pó.

Modo de fazer: Juntar o açúcar e a água e levar ao fogo, por cinco minutos, até formar uma calda rala. Acrescentar o leite e esperar ferver. Bater as claras em neve e sem parar de bater, juntar as gemas, uma a uma. Despejar a mistura sobre a calda quente e acrescentar o suco de limão. Deixar cozinhar em fogo brando, por cerca de quinze minutos, mexendo de vez em quando até que os ovos se tenham juntado e a calda ficado grossa. Colocar numa compoteira e polvilhar com canela em pó.

Informante: Ivete Fernandes — Olímpia

#### RECEITA 11

Ingredientes: 2½ (duas e meia) xícaras (chá) de açúcar. 3 (três) ovos inteiros. 3 (três) gemas. ½ (meio) litro de leite. Cravo-da-índia (ou essência de baunilha) e canela em pó.

Modo de fazer: Misture o açúcar com um pouco de água e leve ao fogo até obter uma calda rala. Retire do fogo. Bata ligeiramente os ovos e junte o leite frio.

Misture bem e despeje sobre a calda, deixando coalhar os ovos. Leve ao fogo baixo para ferver, mexendo de vez em quando, de leve, com um garfo.

Quando o ovo estiver cozido, retire com uma espumadeira e passe para uma compoteira. Deixe a calda apurar mais um pouco e despeje por cima. Juntar à calda o cravo-da-índia (ou essência de baunilha). Polvilhar canela em pó. Servir frio.

Informante: Isolina Carlos Ferraudo — Olímpia

#### RECEITA 12

Ingredientes: 1 (um) litro de leite. Açúcar que adoce bem. 6 (seis) ovos. 1 (uma) colherinha (chá) de água de flor.



Modo de fazer: Adoce bem o leite, leve ao fogo e, quando estiver fervendo bem, despeje dentro dele os (seis) ovos batidos como pão-de-ló (primeiro as claras até ficarem bem duras e às quais se juntaram as gemas, batendo mais um pouco). Deixe cozinhar bem os ovos. Depois corte-os com uma faca, mesmo dentro da panela. Vire os pedaços com uma escumadeira e deixe cozinhar o outro lado. Retire-os depois com a escumadeira e, se a calda de leite não estiver numa consistência regular para compoteira, deixe-a ficar nesse ponto. Quando for retirada do fogo, junte a água de flor. E quando estiver morna, despeje-a sobre os pedaços de ovos que já devem estar na compoteira.

Informante: Isaura Sousa Clemêncio da Silva — Olímpia

#### RECEITA 13

Ingredientes:  $\frac{1}{2}$  (meio) kg de açúcar. 12 (doze) ovos. 1 (uma) garrafa de leite. Cravo e canela em pau.

Modo de fazer: Com o açúcar fazer uma calda em ponto de pasta. Bater ligeiramente, os ovos e acrescentar o leite, o cravo e a canela. Misturar, sem mexer, a calda fervente. Sacudir a panela, de vez em quando, para não desmancharem os pedacinhos que se vão formando. Deixar no fogo até engrossar bem. Pôr em compoteira.

Informante: Francisca de Miranda Nogueira — Olímpia

#### RECEITA 14

Ingredientes:  $\frac{1}{2}$  (meio) kg de açúcar. 3 (três) copos d'água. 6 (seis) ovos.  $\frac{1}{2}$  (meia) garrafa de leite. Alguns cravos.

Modo de fazer: Com o açúcar e os cravos faz-se uma calda branda. Bater os ovos, separadamente, as gemas e as claras. Depois de batidos os ovos, juntam-nos, colocando o leite. Esta mistura será colocada na calda já pronta. Deixar ferver bem, sem mexer, em fogo brando. Não deixar desmanchar as gemas que se vão formando. Com o auxílio de uma espumadeira, vai-se despregando dos lados da panela e cortando o doce. Depois de cozido, tirar o doce com a espumadeira. Colocar numa compoteira.

Informante: Palmira Bonini Fórti — Olímpia

#### RECEITA 15

Ingredientes:  $\frac{1}{2}$  (meio) kg de açúcar. 1 (um) copo de leite. 6 (seis) ovos.

Modo de fazer: Fazer uma calda em ponto de fio. Bater 6 (seis) gemas e 3 (três) claras. Misturar ao leite frio. Juntar com a calda e deixar engrossar, mexendo sempre.

Informante: Luzia Trinca — Olímpia

#### RECEITA 16

Ingredientes: 4 (quatro) gemas. 4 (quatro) claras.  $\frac{1}{2}$  (meia) colher (sopa) de açúcar. 3 (três) xícaras (chá) de leite. 2 (duas) colheres (sopa) de maisena. 1 (uma) colher (sopa) de manteiga.  $\frac{1}{2}$  (meia) colher (sopa) de essência de baunilha. Canela em pó a gosto.

Modo de fazer: Colocar os ingredientes no liquidificador, com exceção das claras e da manteiga. Bater até misturar bem, parando vez ou outra, para raspar os lados do copo do liquidificador. Levar ao fogo para ferver. Assim que ferver, acrescentar a manteiga e retirar a panela do fogo. Juntar as claras batidas em neve, misturando-as, delicadamente, com o auxílio de uma colher de pau, procurando não deixá-las murchar. Levar ao fogo baixo por alguns minutos. Retirar do fogo. Servir em taças com canela em pó polvilhada.

Informante: Eliana Tolfo da Silva — Olímpia

#### RECEITA 17

Ingredientes: 10 (dez) ovos. 1 (um) kg de açúcar. 1 (uma) garrafa de água. 1 (uma) garrafa de leite. 1 (uma) casca de canela.

Modo de fazer: Bater os ovos até desmanchar. Fazer uma calda com a água e o açúcar. Tirar do fogo. Quando estiver morna, acrescentar os ovos batidos, o leite e a canela. Deixar ferver em fogo baixo, mexendo, de vez em quando, até o ponto desejado.

Informante: Hipólita Teodora da Silveira — Olímpia

#### RECEITA 18

Ingredientes: 10 (dez) ovos. 1 (um) kg de açúcar. 1 (um) litro de leite. 1 (uma) casca de canela.

Modo de fazer: Pôr numa panela a metade do leite com o açúcar para fazer uma calda. Tirar do fogo para amornar. Bater os ovos muito bem batidos e misturar com a outra metade do leite e a canela. Despejar esta mistura na calda morna e deixar ferver em fogo baixo, mexendo sempre, até o ponto que se quer.

Informante: Rahie Sales Aguil Santana — Olímpia

#### RECEITA 19

Ingredientes: 12 (doze) ovos. 1 (uma) garrafa de leite. 3 (três) xícaras (chá) de calda grossa bem quente.

Modo de fazer: Bater bem os ovos. Juntar o leite, batendo sempre. Acrescentar a calda grossa bem quente. Misturar tudo, cuidadosamente e levar ao fogo para ferver bem. Retirar, deixar amornar, guardar em compoteira, polvilhando com canela em pó.

Informante: Diva Dellamagna Sant'Ana — Olímpia

#### RECEITA 20

Ingredientes: 1 (um) litro de leite. 1 (uma) xícara de mel de milho "Karo". 2 (duas) colheres de açúcar. 5 (cinco) ovos batidos separadamente. Casca de 1 (um) limão. 1 (uma) colher de maisena.

Modo de fazer: Ferver o leite com a casca de limão em pedaços. Juntar o mel de milho "Karo" e o açúcar. À parte bater as claras, misturar as gemas e bater mais. Colocar às colheradas no leite fervente. Deixar cozinhar dos dois lados. Tirar as porções e pô-las numa compoteira. Dissolver a maisena em um pouco de leite frio e juntá-la ao leite que sobrou na panela, sem tirar do fogo e mexer até engrossar. Acrescentar umas gotas de baunilha e despejar, na compoteira, sobre o doce.

Informante: Iseh Bueno de Camargo — Olímpia

#### RECEITA 21

Ingredientes: 6 (seis) copos bem cheios de açúcar. 2 (duas) xícaras de água. 8 (oito) gemas. 4 (quatro) claras e 1 (um) litro de leite.

Modo de fazer: Com o açúcar em 2 xícaras de água, fazer uma calda pastosa. Acrescentar as claras e as gemas, ligeiramente batidas, misturadas ao leite. Deixar ferver sem mexer. Quando o ovo começar a coagular, remexer ligeiramente para formar pedaços. Deixar ferver em fogo baixo até a calda engrossar.

Informante: Rosa Miranda de Andrade — Olímpia

#### BIBLIOGRAFIA

Enciclopédia Universal, volume 1, Editora Pedagógica Brasileira S/A, 1969, São Paulo.



# Serenata

## DOS TROVADORES AOS SERESTEIROS

JÔNATAS MANZOLLI

Departamento de Folclore — Olímpia

São três rapazes que entram furtivamente no corredor de uma casa. Embaixo da janela do quarto de uma linda morena, põem-se a cantar. Cantam a vida, dizendo a cada acorde do violão que o luar e o sereno são livres como o cantor; que os olhos da morena são mais profundos que o mar, ou então, não falam do luar, nem dos olhos da morena; simplesmente cantam para espantar os males, os demônios da massificação, ou para harmonizar as cores da noite.

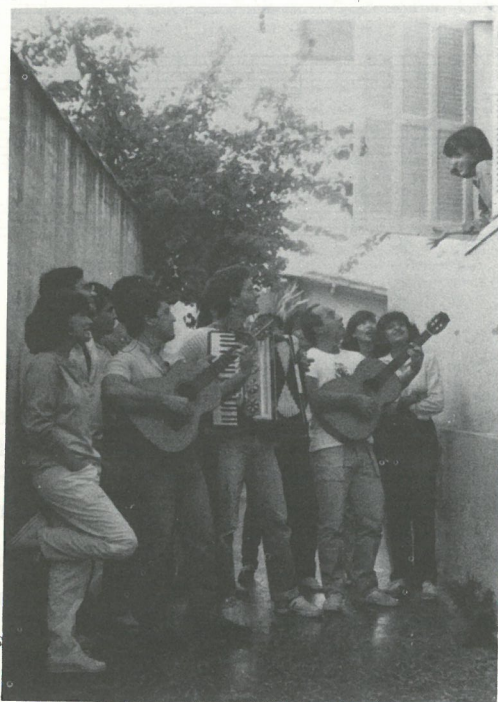
Essa imagem universal vem atravessando séculos. A liberdade de cantar amores e sonhos nasceu com o homem. Podemos remontar um quadro similar a este no século XI, onde, ao Sul e Norte da França, começam aparecer os *Trovadores* e *Troveiros*. Do hábito dos *Jograís*, declamar poemas, surgem os trovadores ao Sul da França, escrevendo seus poemas em “La Langue D’oc”. Ao Norte, os *troveiros*, diferenciados dos primeiros, os escrevem em “La Langue D’oil”. Então, nasce o hábito de prestar homenagem platônica a uma dama, cantando-lhe ou enviando-lhe uma canção de amor. Em muito, seus objetivos se aproximam dos nossos. Através da música e da poesia, tentavam suavizar os costumes rudes de uma sociedade belicosa. Nas “Cortes de Amor”, os trovadores e menestréis, cantores-poetas, cantam e falam das Cruzadas à adoração da Virgem, passando pela sátira, a primavera e o amor cortês.

A música não tem fronteiras, por isso a poesia trovadoresca logo estaria em Portugal, pois as lutas empenhadas para fazer de Portugal reino independente atraíram muitos cantores-guerreiros. No século XIII a Poesia Provençal proliferava na Península Ibérica.

A *Serenata* chega ao Brasil graças aos nossos colonizadores europeus, pois da evolução da música do século XIII surge nos nossos salões requintados uma das mais belas manifestações musicais incorporadas a nossa cultura,

A *Modinha*, cantiga sentimental muito difundida no Brasil desde o século passado até o começo do século atual. Música popular urbana, tem igualmente influência italiana, vinda mesmo das árias operísticas. A própria palavra *serenata*, nós a importamos dos nossos irmãos italianos. Vinda dos meios aristocráticos, a *Modinha* teve grande aceitação entre o povo e, gradativamente, foi passando para a camada popular, de onde, embebidos pela melodia, pelo romantismo da noite, acompanhados ao violão, com ritmos quase sempre de valsa, surgiram os *seresteiros* apaixonados. Inicialmente tímidos, cantavam o seu amor em passeatas pelas ruas, depois embaixo da janela da bem amada.

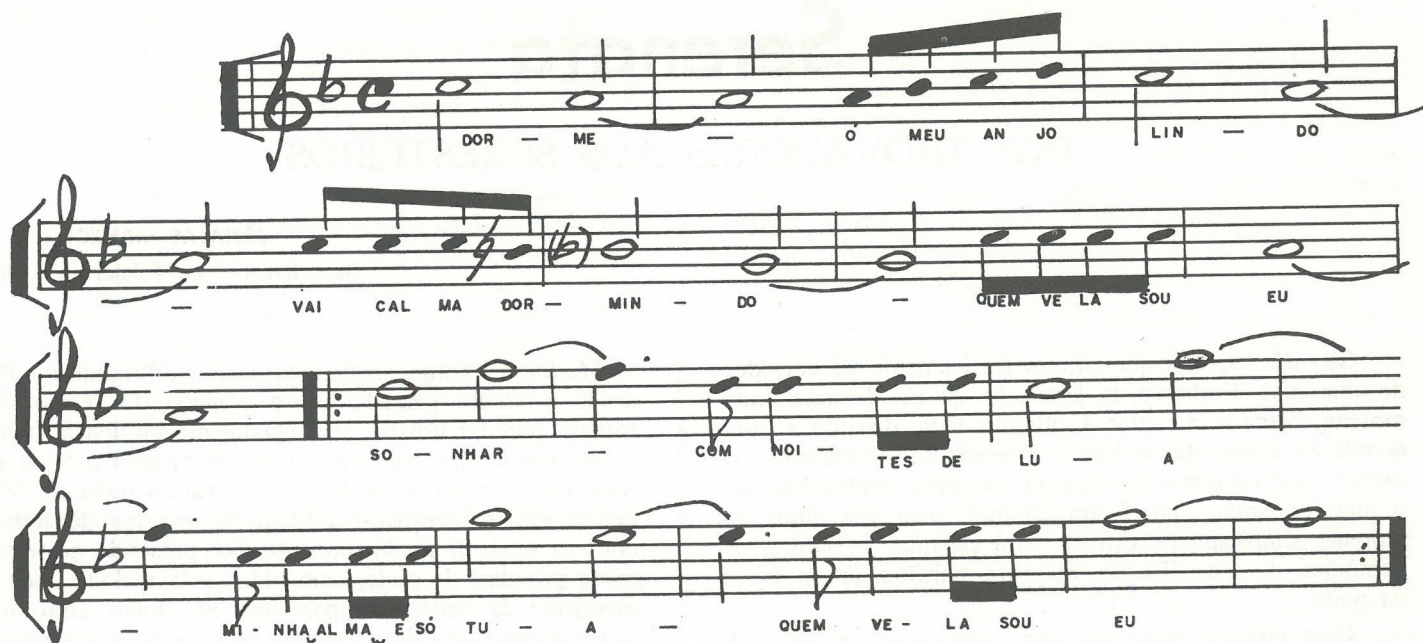
E os três rapazes de hoje revivem o passado, sem que exista neles nenhum saudosismo, pois fazer serenata está no seu dia-a-dia. O que nos preocupa não é afirmar que tenha sido a *modinha* a causadora das serenatas nas ruas do Brasil do século passado, mas sim a força do sentimento e a alma poética que atravessaram séculos e fronteiras. O homem canta para celebrar outro homem quando nasce, quando se batiza, quando casa, quando aniversária. Canta nas torcidas dos estádios e também nas suas manifestações ideológicas. Canta triste para as almas e também numa cerimônia fúnebre. A liberdade de cantar e a naturalidade de declamar a vida de forma bela, estão na arte da *seresta*. Este fio dourado de emoção que atravessou séculos, é folclore e, graças à alma-poeta dos *seresteiros*, está vivo entre nós. Os três rapazes desta noite são olimpienses, pois qual menina-moça não recebeu serenata? Um deles sou eu, outro é você, o terceiro é um amigo nosso. E aí estamos nós pela noite. A vontade é de prosseguir pelas ruas, mas o dono da casa nos convida a entrar. Bebidas de várias qualidades, salgados, doces e muita alegria estão dentro da casa a nossa espera. Outras vezes, ela só pisca a luz do seu quarto; em outras, porém, ela sai à janela e diz que gostou. E isto basta!



Nós fazemos uma serenata cabloca, de toadas que ecoam sob o luar do sertão. Cantigas de ninar, modas de

violas, maracatus e modinhas. Em Olímpia são comuns em serenatas, estas duas melodias:





### ANJO LINDO

(cantiga de ninar (e de seresta), recolhida por José Sant'anna — Olímpia — SP, em 1957).

Dorme, ó meu anjo lindo,  
Vai calma dormindo,  
Quem vela sou eu.

Dorme, sem nenhum cuidado,  
Que estou a seu lado  
E velo por ti.

Sonhar com noites de lua,  
Minha alma é só tua,  
Quem vela sou eu. (bis)

(Gravado em Discos Chantecler — SP — C — 33-639,  
por Totó e Totozinho, em 1969).



### ACORDAI, DONZELA

(Modinha recolhida por R. T. de Lima — São Carlos — SP, em 1948)

Acordai, donzela,  
Pois que a noite é bela  
Vem ver o luar.  
Vem ouvir os cantos  
Tão cheios de encantos  
Que vem lá do mar.

São os pescadores  
Que cantando amores

Seguem barra afora,  
Remando a falua  
Ao brilhar da lua  
Em propícia hora.

São horas divinas,  
Divinas de amores,  
Tudo são encantos,  
Tudo são encantos  
Para um trovador.

(Gravada em Discos Chantecler — SP — CMG —  
2349, por Ely Camargo, em 1965).



Em 1969 foi criado, por iniciativa do Prof. José Sant'anna, o Festival de Seresta, vinculado ao FEFOL, com os seguintes objetivos:

## I — OBJETIVOS

1) Cantar no presente, revivendo o passado, conservando as tradições.

2) Reviver uma saudade, saudade que tenha idade do amor, enlevo dos que amam, descuidados das horas que passam.

3) Reencontrar-se com a simplicidade, no sereno da madrugada, interpretando canções, cujas raízes têm puríssimo sabor de patriotismo.

## II — MÚSICAS

1) Só poderão ser interpretadas músicas do cancioneiro folclórico nacional.

2) Serão passadas às equipes letras, partituras musicais, fitas magnéticas para o ensaio das melodias.

## III — INSTRUMENTOS

Aerofones: acordeão, clarim, clarineta, escaleta, flauta, gaita, pistão, sanfona.

Cordofones: bandolim, banjo, berimbau, cavaquinho, viola, violão e violino.

Idiofones: afoxê, agogô, chocalho, ganzá, maracá e triângulo.

Membranofones: caixa, pandeiro e tamborim.

## IV — PARTICIPANTES

1) Os grupos poderão ser mistos (homens e mulheres) devendo-se respeitar o mínimo de 16 anos para os participantes.

2) Os grupos poderão ser constituídos de, no máximo, 10 elementos.

## V — PROCEDIMENTO

1) Os integrantes não deverão estar embriagados.

2) Deverão ser entoadas no máximo até 3 canções por residência.

3) O simples acender das luzes ou o abrir de janelas significa o agradecimento dos homenageados ao grupo de seresteiros.

4) Outras condições a serem observadas são o *silêncio* e o *respeito*.

## VI — HOMENAGEADOS

Serão homenageados as famílias mais antigas da comunidade.

## VII — PROGRAMA — HORÁRIO

a) Madrugadas dos dias ...

b) Início: 0,30 (zero hora e trinta minutos)

c) Tempo: no máximo 20 minutos por residência.

d) Encerramento: 3 horas.

Seguem-se: relação nominal dos responsáveis, local dos ensaios, ficha de inscrição com o nome do Grupo de Seresta, nomes dos componentes e idades, músicas a serem entoadas, instrumentos musicais, nomes de pessoas homenageadas, em número de três e seus endereços, e compromisso de obediência às Instruções estabelecidas. Todo participante do Grupo de Seresta fará jus ao Certificado de Participação.

Temos alma seresteira. Esta inspiração está em nossas trovas, está em nossa música folclórica. Talvez o fato de estarmos ao pé do Cruzeiro do Sul nos faça um povo seresteiro. A serenata está viva e incorporada ao nosso folclore. O mais é percebermos que a inspiração dos trovadores da Idade Média continua viva entre nós. Quando cantamos em seresta, somos uma cruzada, libertando a alma do homem dos mouros interesses que invadiram a terra santa do seu pensamento. E cantando ao luar do sertão, libertamos nossa cultura dos estrangeirismos enlaidados. Somos e fazemos folclore.

Quando os três rapazes lançam ao ar o último canto, já vem a aurora. As mentes estão limpas, os corações dormem tranquilos. E o violão destes menestréis do presente ecoa numa melodia universal, cujos acordes ficarão para sempre, mesmo depois do amanhecer.

## BIBLIOGRAFIA

Foram consultados:

1 — Ribeiro, Wagner — "Folclore Musical", volume V, Editora Coleção F.T.D. Ltda., 1965, São Paulo — SP.

2 — Stehman, Jacques — "História da Música Européia", Difusão Européia do Livro Ltda., 1964, São Paulo — SP.

# Arco-íris

MEIRE IRANI

Departamento de Folclore — Olímpia

Arco-íris é meteoro em forma de arco, que apresenta as sete cores do espectro. Manifesta-se esse belo efeito de luz, quando o sol, em altura conveniente do horizonte, da deja seus raios sobre uma nuvem que se acha em posição oposta e que se desfaz em chuva.

Na Bíblia, o arco-íris foi o sinal de reconciliação dada por Deus a Noé, após o Dilúvio — Gênesis 9, 8 a 17: "Disse também Deus a Noé e a seus filhos com ele: Eis vou eu a fazer um concerto convosco, e com a vossa posteridade depois de vós e com todos os animais, que estão convosco; tanto aves como animais domésticos, e bestas feras do campo; com todos que saíram da arca e com todas as bestas da terra. Vou fazer um concerto

convosco, e não tornarei a fazer morrer pelas águas do dilúvio todos os animais; nem daqui em diante haverá mais dilúvio que assole a terra. E disse Deus: Eis aqui o sinal do concerto, que eu vou fazer convosco, e com toda a alma vivente que está convosco, em todo o decurso das gerações futuras para sempre. Eu porei o meu arco nas nuvens, e ele será o sinal do concerto, que persiste entre mim e a terra. E quando eu tiver coberto o céu de nuvens, aparecerá o meu arco nas nuvens. E eu me lembrarei do concerto, que fiz convosco, e com toda a alma, que anima a sua carne. E não tornará mais a haver dilúvio que faça perecer nas águas toda a carne. E o meu arco estará nas nuvens: e eu vendo-o, me lembrarei



do concerto, que há entre Deus e todos os animais, que animam toda a carne que há sobre a terra. Disse também Deus a Noé: Eis aqui o sinal do concerto que eu fiz com todos os animais, que há na terra”.

## POR QUE O NOME ARCO-ÍRIS

Iris, mensageira dos deuses, é filha de Taumas e Electra, geralmente considerada deusa virgem apesar de uma tradição a dizer amante de Zéfiro e mãe de Amor. Era portadora das mensagens divinas, preparava o leito de Zeus e o banho e roupas de Hera. Introduziu Tétis no Olimpo e arrebatou Afrodite ferida dos muros de Tróia. Hera metamorfoseou-a no *arco-íris*. O arco-íris é a faixa de Iris. Alguns a dizem deusa funerária, feiticeira.

## CORES DO ARCO-ÍRIS

O arco-íris é seticolor. Suas cores sucedem nesta ordem: vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, índigo e violeta.

## NOMES DO ARCO-ÍRIS

O arco-íris é conhecido por: *arco*, *arco-celeste*, *arco-da-aliança*, *arco-da-chuva*, *arco-da-velha*, *arco-das-cores*, *arco-de-deus* e *arco-de-noé*. Algumas pessoas o denominam *olho-de-boi*.

## SIMBOLISMO

O arco-íris é símbolo dos rios pela sinuosidade e rapidez do curso.

## POR QUE O ARCO-ÍRIS PARECE TERMINAR EM LUGARES DIFERENTES?

“As duas extremidades do arco-íris parecem apoiar-se na terra, o que deu origem a certos contos infantis onde vários personagens se puseram a caminho para chegar ao pé desse lindo arco. Isso, porém, não passa de uma ilusão, porque o arco-íris é uma coisa aparente que surge no céu por causa da decomposição da luz nas gotas da chuva e termina, portanto, onde acabam as gotas, cuja disposição permite que a luz assim refletida fira a nossa retina.

Na verdade, não existem duas pessoas que vejam de maneira exatamente igual o mesmo arco-íris, porque para isso seria necessário que seus olhos se encontrassem no mesmo lugar”.

## QUANDO CONTEMPLAMOS O ARCO-ÍRIS, PODERÃO OUTRAS PESSOAS VÊ-LO PELO LADO OPOSTO?

“Para responder a esta pergunta é preciso saber qual é a verdadeira natureza do arco-íris. Se realmente o arco-íris fosse o que aparenta ser, não haveria motivo para que, enquanto nós o vemos por um lado, outras pessoas não pudessem vê-lo pelo lado oposto, como acontece, por exemplo, com o arco de um ponte. Mas é totalmente impossível que alguém possa ver o lado oposto do arco-íris que contemplamos, pois ele é formado pela reflexão e refração da luz solar nas gotas de água que se precipitam na atmosfera. Eis por que só podemos vê-lo na parte do céu oposta àquela em que se encontra o Sol. Se o fenômeno se produz através da reflexão da luz nas gotas de água suspensas na atmosfera, as quais estão necessariamente colocadas de modo a que o observador fique postado entre eles e o Sol, é fácil compreender por que só é visto de um lado”.

## CURIOSIDADES

### 1 — Como fazer um arco-íris?

“Um dos fenômenos mais bonitos da natureza, que tantas vezes vocês já observaram nos dias em que a chu-

va se alterna com o Sol, é o que se chama arco-íris. Este arco-íris, que reflete sobre as nuvens e sobre a paisagem terrestre ou marinha as sete cores do espectro solar, é produzido quando a luz do Sol se refrata e se decompõe através das gotas de chuva.

Mas produzir um arco-íris não é privilégio exclusivo do Sol e da chuva. Você também poderá provocar um arco-íris valendo-se de alguns processos bem simples. Um deles consiste em colocar um copo cheio de água sobre o peitoril de uma janela, pondo-se um papel branco sob o copo. Sobre a superfície do papel você verá refletir-se um pequeno arco-íris. Você poderá também colocar na mesma janela ou em outro lugar uma vasilha plana, por exemplo, cheia de água, sobre a qual se deve procurar refletir o Sol. Colocando em uma das bordas um espelho de bolso, e fazendo foco na parede, verá lá refletirem-se as sete cores do arco-íris.

Quando os raios do Sol incidem sobre a água, eles se refratam mudando de direção e decompondo-se nas diversas cores do espectro.

Essas são recolhidas pelo espelho, que as reflete e reproduz na parede”.

### 2 — Cores e arco-íris

Com um lápis de cor vermelha, outro azul e outro amarelo poderemos obter todas as cores do arco-íris. É só misturar o vermelho com o azul que produzirá o roxo; o azul com o amarelo, o verde. O vermelho com o amarelo dará o alaranjado.

Assim estarão formadas as sete cores do arco-íris: roxo, anil (azul bem forte), azul, verde, amarelo, alaranjado e vermelho.

## LENDA

*Por que o arco-íris é também arco-da-velha?*

Chovia torrencialmente. Numa casinha isolada no descampado vivia uma família: pai, mãe e um garotinho de 8 anos. Ao lado uma horta e pomar, único sustento do lavrador, o qual achava que a produção lhe dava o bastante para viver.

Há vários dias que chovia sem parar, e isso ia estragar sua lavoura, inundando-a.

Ao cair da noite do quinto dia de chuvas incessantes o lavrador Isaías ouviu que alguém batia à porta de sua casinha. Foi abrir e deparou com um velho alto, de longas barbas, trazendo um balde, pincéis e, às costas, uma estranha escada de abrir.

— Entre, amigo, a casa é sua, disse Isaías, que sempre foi acolhedor e prestimoso, sendo por isso muito estimado na pequena cidade a algumas léguas dali.

— Sou Melquíades da Velha, foi logo dizendo o velho, procurando enxugar a longa barba molhada pela chuva. Ia fazer um serviço não muito distante, mas esta chuva obrigou-me a procurar abrigo.

Sem demora Isaías convidou o pintor a sentar-se, prestando-se a enxugar-lhe a roupa, a livrar seus sapatos da lama e logo mandou preparar comida.

O velho, acariciando as barbas, vendo o pequeno filho do lavrador, passou-lhe as mãos pelo queixinho, e disse:

— Bom pequeno, este. Crescerá tão bem como o pai e na profissão que escolher ganhará muito dinheiro.

Bem reconfortado, roupa enxuta, um ótimo jantar, tornaram o pintor Melquíades de bom humor, e ficou a conversar até a hora de ir dormir. Ele acenou para ir embora apesar da chuva que não cessava de cair, mas Isaías não deixou:

— Até a chuva passar, o amigo ficará aqui. Há boa cama para descansar e tudo de que precisar. Somos gente pobre, mas o que temos não recusamos a ninguém.



No dia seguinte continuava a chuva e o pintor teve de ficar. Terceiro dia a mesma coisa. Parecia que a chuva não mais acabaria.

— O amigo ficará aqui o tempo que quiser, repetia Isaías.

Afinal, ao amanhecer do quarto dia ainda com chuva, o pintor Melquíades chamou Isaías e disse:

— Até agora nunca te agradeci pelo acolhimento que me deste, mas eu não sou um ingrato. Como pintor que sou, vou pintar no rosto de vocês as cores da saúde que sempre terão. Com esta escada vou subir ao céu e pintarei sobre tua casa um grande arco com todas as cores de que disponho. Quando este arco aparecer sobre a tua casa e tua lavoura, a chuva cessará.

Sem nada mais acrescentar, o velho Melquíades abriu aquela estranha escada, alongou-a até que a ponta desapareceu nas nuvens, subiu por ela carregando pincéis e potes de tinta e subindo, subindo, desapareceu entre as nuvens.

Dali a pouco apareceu no céu um grande semicírculo com muitas cores, bem por cima da casa de Isaías, e a chuva cessou, cedendo lugar aos primeiros raios de Sol.

Também a escada desapareceu e Isaías, assombrado com aquela mágica, chamou aquele arco o *Arco-da-Velha*, e é o que conhecemos como *Arco-Íris*.

Segundo o folclorista João Ribeiro: "A idéia velha, reunida a arco, provém da corcova ou corcunda que é própria tanto do arco como da velha".

É pequeno o *folclore do arco-íris*. Mas mesmo assim conseguimos reunir o pouco daquilo que o povo supõe ou sabe.

#### ADIVINHAS

- 1) De quem é o arco formado nas nuvens nos dias de chuva?  
— Da velha.
- 2) Qual é o arco pintado em tela natural, longe do nosso alcance e que não foi feito por nenhum pintor?  
— Arco-íris.
- 3) Qual o arco que não roda,  
Não é redondo também,  
Aparece vez ou outra  
E não pertence a ninguém.  
— Arco-íris.
- 4) É arco e não é redondo,  
Nem pode sair rodando,  
Aparece lindo no céu,  
Mas isto de vez em quando.  
— Arco-íris.

#### ADÁGIO

Arco-íris na serra, chuva na terra.

#### EXPRESSÕES

- 1 — *Colorido como o arco-íris*: muito bonito, maravilhoso.
- 2 — *Coisas do arco-da-velha*: coisas impossíveis, irrealizáveis.
- 3 — *Histórias do arco-da-velha*: coisas muito antigas, antiquíssimas.
- 4 — *Beber como o arco-íris*: beber demasiadamente.
- 5 — *Ser como o arco-íris*: bebeu, sumiu.

#### QUADRINHAS

- 1 — Lindo *arco-íris*  
Tão cheio de cores,  
Refletes as matas,  
As águas e a flores.

- 2 — Eu vi um *arco-íris*  
Não era um, eram dois,  
Bebendo a água de um rio  
O resto eu conto depois...

- 3 — Vou fazer uma escada  
E subir com muito jeito  
Pra chegar no *arco-íris*  
E ver do que ele é feito.

- 4 — Lá formou um *arco-íris*  
Parecido com um leque,  
Filho de branco é menino,  
Filho de preto é moleque.

- 5 — Passa a chuva, vem o *arco*,  
Juntamente com o sol,  
As flores se movimentam  
Imitando o girassol.

- 6 — Lá está um *arco-íris*  
Parece ramo de flores,  
Enfeitando todo o céu  
Refletindo muitas cores.

- 7 — O teu vestido, menina,  
Me fala dos teus amores,  
Parece até *arco-íris*  
Enfeitadinho de cores.

- 8 — Quando forma um *arco-íris*  
Logo me ponho a pensar  
Nas belezas coloridas  
Que Deus pra mim fez criar.

- 9 — Vejo no céu o *arco-íris*  
Sete cores a mostrar,  
Quero ver onde ele bebe  
Para o ouro encontrar.

- 10 — O *arco-íris* só brilha  
Depois que passa a chuva,  
É quando brilham os olhos  
De qualquer mulher viúva.

Selecionamos somente quadras trovadas nas quais rimam o segundo com o quarto versos e, na maioria, heptassilábicas.

#### POEMETO

Pequeno poema religioso, de autor desconhecido, formado de duas estrofes octossilábicas, de rimas emparelhadas.

O *arco-íris* no céu está  
Ele existe, por que será?  
Surge sempre com sete cores,  
É tão bonito como as flores.

Se brilhar o sol, a chuva cai,  
E no céu o *arco-íris* sai.  
É um sinal para avisar  
Que o bom Deus não vai falhar.

#### SONHO

Sonhar com o *arco-íris* pressupõe felicidade e sucesso. Se a pessoa se encontrar em dificuldades financeiras, familiares, amorosas, etc., pode esperar melhora espetacular. Qualquer que seja a situação, o *arco-íris* é bom prenúncio.



## CRENDICES

- 1 — A ponta mais luminosa do arco-íris indica onde está um pote de ouro que trará muita riqueza a quem o conseguir.
- 2 — Quem conseguir chegar ao local onde o arco-íris começa ou termina, encontrará uma grande fortuna.
- 3 — Quem conseguir chegar ao local onde o arco-íris bebe a água do rio, encontrará um pote de ouro.
- 4 — É perigoso chegar perto do rio onde o arco-íris está bebendo, pois ele trará a pessoa, fazendo-a desaparecer.
- 5 — O arco-íris bebe a água de um córrego para despejá-lo num rio.
- 6 — No ano em que o arco-íris aparecer com muita frequência é ano ruim para a agricultura.
- 7 — Quem passar debaixo do arco-íris mudará de sexo.
- 8 — Quem passar debaixo do arco-íris, levando uma faca na mão, mudará de sexo.
- 9 — Quem passar debaixo do arco-íris, carregando um machado nas costas, mudará de sexo.
- 10 — Se um homem passar debaixo do arco-íris com uma colher na mão, virará mulher.
- 11 — Se uma mulher passar debaixo do arco-íris com um garfo na mão, virará homem.
- 12 — Se um homem passar com uma tesoura na mão direita debaixo do arco-íris virará mulher; se for mulher se transformará em homem.
- 13 — Quem exibir as nádegas nuas para o arco-íris, mudará de sexo.
- 14 — Quem passar debaixo do arco-íris, em sentido contrário, recobrirá o sexo.
- 15 — Quem passar debaixo do arco-íris não se casará.
- 16 — Quando o arco-íris aparece, simboliza felicidade para quem o vir.
- 17 — Quando o arco-íris aparece é sinal de desgraça para a lavoura.

Como podemos perceber, além de se tratar de crenças, são todas humanamente impossíveis de serem realizadas.

## PREVISÃO PLUVIAL

Quando o arco-íris aparecer pela manhã, ao meio-dia e à tardezinha, deve-se observar o seguinte:

- 1 — Quando o arco-íris vem abaixando é sinal de que vai chover.
- 2 — Quando o arco-íris vai subindo é sinal de que haverá seca.
- 3 — Se no arco-íris é o vermelho que domina haverá chuva e vento.
- 4 — Quando no arco-íris a cor verde predomina, considera-se como sinal de que vai haver chuva e tempo frio.
- 5 — Se o arco-íris aparecer pela metade, em cores fracas; pela metade, porém duplos, em cores fracas; completo, com cores fracas ou completos, duplos, em cores fracas indica que continuará chovendo durante o dia.

6 — Se o arco-íris aparecer pela metade, em cores fortes; pela metade, porém duplos, em cores fortes; completos, em cores firmes ou completos, duplos em cores fortes indica que a chuva cessará naquele dia.

7 — Se o arco-íris aparecer pela metade, porém duplos, sendo um deles em cores fortes e o outro em cores fracas ou completos, duplos, sendo um deles em cores fortes e o outro em cores fracas indica que haverá chuvas alternadas durante o dia.

Arco-íris, nome que se tornou simpático, mormente pela beleza de seu formato e variedade de suas cores é hoje, entre nós, também, a denominação de coleção de livros infantis, de fábrica de cadernos, de escolas infantis, de fábricas de refrigerantes, de fogos de artifício, etc.

Finalizando, retomemos o assunto: Arco-íris é meteoro luminoso, em forma de arco, que apresenta as sete cores do espectro solar, e determinado pela refração e reflexão dos raios solares sobre as nuvens.

Este meteoro, um dos fenômenos mais belos relativos à luz, observa-se quando uma nuvem se desfaz em chuva. O arco-íris aparece geralmente na parte do céu oposta ao Sol em relação ao observador. A luz do Sol refratada é dispersa pela nuvem, e depois de ter sofrido reflexões no interior das gotas de água, é projetada para os olhos do observador.

E este fantástico fenômeno ocorre porque disse o Senhor que não tornaria a destruir a Terra por meio de um outro dilúvio. E em sinal do concerto que fez com Noé e como penhor de sua promessa, colocou nas nuvens o belo arco-íris.

## BIBLIOGRAFIA

1 — Bíblia Sagrada, tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, 1967, publicada pela Catholic Press, Edição Barsa.

2 — Dicionário do Folclore Brasileiro, A-I, de Luís da Câmara Cascudo, 3.<sup>a</sup> edição (revista e aumentada), 1972, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF.

3 — Enciclopédia Universal, 5.<sup>o</sup> volume, 1969, Editora Pedagógica Brasileira S/A, São Paulo, SP.

4 — Novo Tesouro da Juventude, Enciclopédia de Conhecimentos, volumes II, V e XI, edição de 1980, W. M. Jackson, Insc., São Paulo, SP.

## INFORMANTES

Alessandra Vitorasso (12 anos), Cleusa Tofotele (12 anos), Érlon Luís Rocha (13 anos), Fausto Sant'Ana (61 anos), Jesus Francisco de Miranda (73 anos), Judite Batista de Carvalho (64 anos), Luciano Pianta (12 anos), Maria Sant'Ana Irâni (45 anos), Narcisa Batista Franzin (47 anos), Odair Camargo de Oliveira (15 anos), Rioldo Irâni (49 anos), Rosana Aparecida Correa (16 anos), Rosimeire Ângelo (11 anos), Solange Aparecida de Freitas (12 anos) e Teresinha Batista Henrique (50 anos), todos residentes em Olímpia.

## ORIENTAÇÃO

Nosso sincero agradecimento ao Prof. José Sant'anna pelo interesse e dedicação com que nos orientou.



# Brinquedos de roda

LYDIA MARTIN LOMBA

Departamento de Folclore — Olímpia

O brinquedo de roda, modalidade de jogo muito simples é, sem dúvida, atividade de grande valor na educação da criança, por ser um poderoso agente socializador. Além de auxiliar o desenvolvimento corporal, faz despertar na criança as virtudes sociais indispensáveis à vida, disciplinando emoções e perpetuando aquilo que é nosso, verdadeiro, legítima expressão de uma cultura e de uma infância feliz.

Apesar dos efeitos da sociedade moderna, da era dos computadores, onde raras são as oportunidades para os brinquedos em grupo, muitos professores ainda incentivam os brinquedos de roda, folclóricos, de nossa terra, motivados pelo grande interesse das crianças que resistem, como flores entre rochedos, a singela tradição dos brinquedos. Mas os brinquedos de roda já estão pedindo "requiem".

Em nossa escola, Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Silva Melo, do Jardim Silva Melo, de Olímpia, as cantigas de roda integram os programas recreativos, sob a orientação do incansável professor José Sant'anna. Assim, é com muita alegria, risos e palmas que, diariamente, observamos as crianças no recreio, altamente motivadas, preservarem a chama viva da nossa tradição, fazendo-nos reviver, emocionados, a nossa infância.

## ORIGENS

Os brinquedos cantados, segundo alguns folcloristas, tiveram diferentes origens; uns nasceram de histórias infantis, como por exemplo "A linda rosa juvenil"; outros, de danças e jogos executados por adultos, como "Mata, tira", "Escravos de Jó" e outros ainda provieram de cenas do cotidiano, como "Eu vou pilar café", "A Carrocinha", "O vapor da cachoeira", etc.

Os três elementos étnicos que contribuíram para a formação de nossa raça — o português, o índio e o africano, influenciaram o nosso patrimônio de cantos folclóricos infantis; além desses, observamos também a influência espanhola, italiana, francesa, inglesa e outras, não só decorrentes da própria imigração, como também da ação de colégios e associações das referidas nacionalidades entre nós radicados. Esse folclore é o denominado "folclore de enxerto ou folclore nascente".

Transmitidos de geração a geração, sofreram adaptações determinadas pela rítmica brasileira, achando-se muitos deles já devidamente aculturados.

## CLASSIFICAÇÃO

Os brinquedos cantados de roda repartem-se em vários tipos.

### 1 — Quanto à formação

- Roda simples: "Ainda não comprei"; "Constança, bela Constança";
- Roda com uma figurante ao centro: "Senhora dona Sanja"; "Ciranda, cirandinha";
- Roda com duas ou mais figurantes ao centro: "O cravo brigou com a rosa"; "Teresinha de Jesus";
- Roda com uma figurante fora: "A mão direita tem uma roseira";
- Roda com figurantes dentro e fora: "Pai Francisco", "A linda rosa juvenil";
- Roda assentada: "Escravos de Jó";
- Rodas concêntricas: "Onde está a Margarida"?

### 2 — Quanto à movimentação

- Marcha simples: "Ai! eu entrei na roda";
- Marcha na ponta dos pés: "Eu sou a borboleta";
- Saltitos: "Atirei um pau no gato";
- Roda em cadeia ou em serpentina: "Havia um novo navio";
- Rodas que acentuam um determinado ritmo ou marcam os tempos fortes da melodia:
  - com voltas e meias voltas: "Ciranda, cirandinha",
  - com palmas: "Pirolito que bate, bate",
  - com palmas e bate-pé: "Palma, palma, palma",
  - com pancadas de objetos contra o solo: "Escravos de Jó" e
  - estalando os dedos: "Os olhos de Marianita".
- Rodas imitativas: "Pai Francisco", "Roda, pão" — elas reproduzem pela mímica o conteúdo do texto.
- Misto de roda e dança: "Sambalelê", "Os quindô-lê-lê"; e
- Rodas dramatizadas: "Teresinha de Jesus", "O cravo brigou com a rosa".

### 3 — Quanto à execução musical

- Coro: "A canoa virou", "Escravos de Jó";
- Solo e coro: "Senhora Viúva", "Esta rua tem um bosque";
- Coro e recitativo: "Ciranda, cirandinha" e
- Coro e diálogo: "Vamos passear no bosque".

### 4 — Quanto ao andamento

- Rodas lentas: "Teresinha de Jesus", "Por que choras Julieta?";
- Rodas moderadas: "Olhos de Marianita", "Sambalelê", "Fui à Espanha", "Escravos de Jó";
- Rodas vivas: "Pirolito que bate, bate", "A linda rosa juvenil" e
- Rodas alternantes: "O cravo brigou com a rosa", "Fui ao Tororó".

### 5 — Quanto à estrutura

- forma A (a mais comum) em que todas as quadras são cantadas com a mesma melodia: "Pirolito que bate, bate", "Fui à Espanha".
- forma ABA — que reúne duas diferentes melodias: "O cravo brigou com a rosa", "Que lindos olhos".

### 6 — Quanto ao conteúdo da letra

- temas da vida social: "Ciranda, cirandinha", "Ainda não comprei",
- temas da natureza: "A borboleta", "Caranguejo não é peixe",
- temas instrutivos: "As estações do ano", "O bá, bé, bi, bo, bu",
- temas do romanceiro: "Teresinha de Jesus", "Esta rua tem um bosque", "D. Jorge e D. Juliana".

Neste trabalho, apresentaremos a partitura musical, a letra da música, a fotografia da roda e descrição de quatro brinquedos:



# 1 — “MENINA VAI ANDANDO”

ME - NI - NA VAI AN - DAN - DO COM PAS - SO DE - VA -

GAR PRO - CU - REU - MA PAR - CEI - RA COM QUEM POS - SA DAN - ÇAR O PI - ãO SEM

SAIA DE TRA - LÁ - LÁ O PI - ãO SEM SAIA DE TRA - LÁ - LÁ - LÁ - LÁ

Menina vai andando  
Com passo devagar,  
Procure uma parceira  
Com quem possa dançar.

O pião sem saia  
De tra-la-lá,  
O pião sem saia  
De tra-la-la-la-lá!

**Formação:** Roda: uma criança ao centro e as outras, de mãos dadas.

**Maneira de brincar:** a roda gira cantando a primeira quadra, enquanto a criança que está no centro caminha em sentido contrário. A seguir, todas param. A menina aproxima-se de uma companheira e enquanto as demais cantam os versos finais batendo palmas no ritmo da melodia, as duas, frente a frente, com as mãos nos quadris, pulam ora num pé ora noutro, estendendo as pernas, alternadamente para a frente: “De tra-la-lá, etc., entrelaçam o braço direito e giram fazendo duas voltas completas: “Procure uma parceira”, etc.

Repetem os versos, finais, entrelaçando, porém, o braço esquerdo.



Terminando o canto, a criança escolhida substitui a que está no centro da roda.

# 2 — “GATA ESPICHADA”

A MENINA QUE ESTÁ NA RODA É UMA GATA ESPI -

CHA DA TEM A BOCA DE JACA - RÉ E A SAIA ARREMEN -

DA SA LA VEM SEU JU - CA CÁ DA, PERNA TORTA - TÁ DAN CAN DO  
LHÃO LHÃO LHÃO E DO MILHAR - LHAS - LHAS E DI UMA

VALSA - SÁ CO A MARI - CO - TA - TÁ E DO MI - LHÃO  
FESTA - TA COM VIO - LÃO - LÃO



A menina que está na roda  
É uma gata espichada,  
Tem a boca de jacaré  
E a saia remendada.

Lá vem seu Juca-cá  
Da perna torta-tá,  
Dançando valsa-sá  
Com a Maricota-tá!

É do milhão-lhão-lhão  
É do milhar-lhar-lhar,  
É d'uma festa-tá  
Com violão-lão-lão!

*Formação:* Roda: uma criança no centro e, as outras, de mãos dadas.

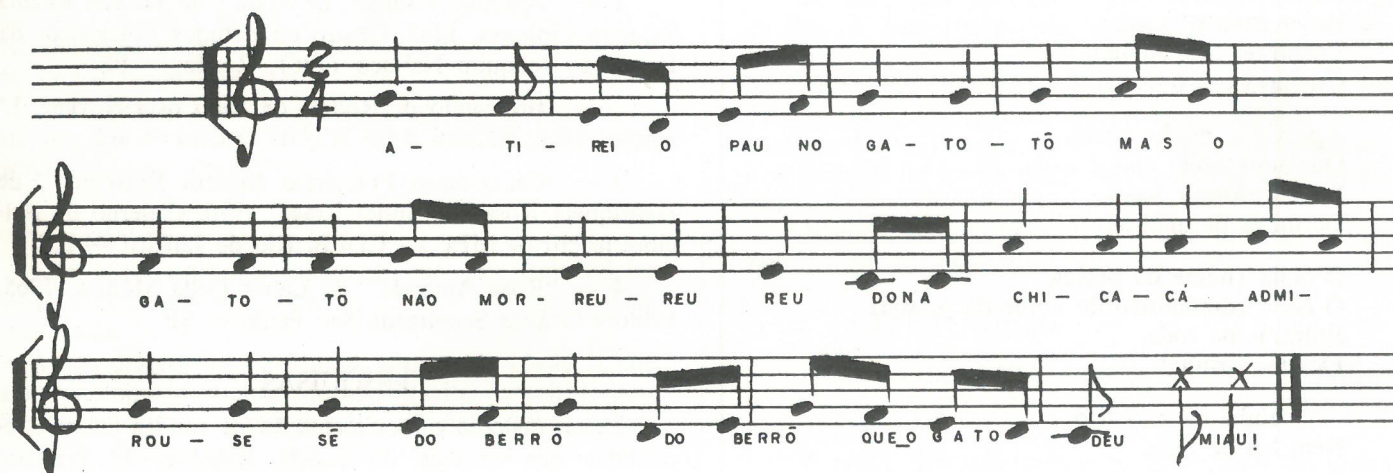
*Maneira de brincar:* a roda gira, cantando a primeira quadra. Ao finalizá-la, pára e canta as duas últimas, batendo palmas no ritmo da melodia, enquanto a criança



que está no centro, escolhe uma companheira na roda e, frente a frente, dá-lhe ambas as mãos e com ela pula, ora num pé ora noutro, estendendo as pernas, alternadamente, para a frente.

A criança que foi escolhida, substitui a do centro da roda.

### 3 — “ATIREI O PAU NO GATO”



Atirei o pau no gato-tô,  
Mas o gato-tô não morreu-reu-reu  
Dona Chica-cá, admirou-se-sê  
Do berrô, do berrô que o gato deu:  
Miau!





**Formação:** roda — crianças de mãos dadas.

**Maneira de brincar:** as crianças cantam e saltitam em roda. Ao término da quadra, ao dizerem “Miau!”, sempre de mãos dadas, param, pulam e abaixam-se, a seguir.



#### 4 — FUI NO ITORORÓ

Fui no Itororó  
Beber água não achei,  
Encontrei bela morena  
Que no Itororó deixei.

Aproveita, minha gente,  
Que uma noite não é nada,  
Se não dormir agora,  
Dormirás de madrugada.

Ô dona (nome da pessoa)  
Ô dona (diminutivo do nome da pessoa)  
Entrarás na roda,  
Ficarás sozinha!

— Sozinha eu não fico,  
Nem hei de ficar,  
Porque tenho (nome da pessoa)  
Para ser meu par.

Põe aqui o teu pezinho,  
Bem juntinho ao pé do meu  
E depois não vá dizer  
Que você se arrependeu!



**Formação:** Roda: uma criança ao centro e, as outras, de mãos dadas.

**Maneira de brincar:** A roda gira cantando as três primeiras quadras e pára, ao terminá-las. A criança do centro, cujo nome foi citado, canta, sozinha, a quarta quadra e, ao mencionar o nome de uma companheira, coloca-se à sua frente. Todas cantam a quinta quadra, batendo palmas no ritmo da melodia, enquanto as duas dão a mão direita, estendem a perna direita para a frente e, firmando o calcanhar no chão, elevam a ponta do pé que vai percorrer um arco imaginário, tocando o chão várias vezes, ao chegar a cada uma das extremidades desse arco.

A criança escolhida substitui a que está no centro.

Felizmente, como já foi comentado acima, as crianças ainda brincam, graças a Deus. Brincam desenvolvendo espírito de cooperação, amor ao próximo e condescendência para com os seus semelhantes.

Para finalizar, dirigimos um apelo a todos os pais e educadores, para que transmitam às crianças de nossa terra, o gosto pelas cantigas de roda, através de festinhas, dramatizações, textos de leitura e de interpretação, recreios dirigidos, etc., a fim de que seja perpetuada uma tradição de tão alto valor educativo e de que fique gravada na alma da criança, através de sua melodia ingênua e doce, uma das mais belas e duradouras recordações, porque o é verdadeiro sempre fica.

#### BIBLIOGRAFIA

1 — “Algumas Cantigas de Roda”, de Thelma Regina Siqueira Linhares, 1983, Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco (136), Recife — PE.

2 — “Brincando de Roda”, de Iris Costa Novaes, 1.ª edição, 1960, Editora Agir, Rio de Janeiro — RJ.

3 — “Cancioneiro Folclórico Infantil Brasileiro”, de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, 1970, Caderno de Folclore n.º 10 — MEC — CDFB, Rio de Janeiro — RJ.

4 — “Rosa Amarela”, de Laura Della Mônica, 1965, Editora Gráfica Sangirardi, São Paulo — SP.

#### PESQUISAS

Letra, melodia e movimentação de rondas infantis recolhidas nos recreios da Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Silva Melo, no Jardim Silva Melo — Olímpia — SP.

#### AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos aos colaboradores: maestro José Carlos Antonelli e maestro Jônatas Manzolli (tecnografia musical), Francisco de Assis Madalena (fotografias), Prof. José Sant’anna (consultoria folclórica) e Célio José Franzin (datilografia), que prestaram sua preciosa assistência na realização deste trabalho.

NOTA: Temos em nosso Departamento de Folclore vasto material sobre Cantigas de Roda, constando: letra, música, ilustração e desenvolvimento da atividade do texto, devidamente preparados pelos ilustres folcloristas de Olímpia.

Sempre que nos apresenta uma oportunidade de contribuímos para auxiliar a escolaridade dos cursos infantis, de imediato procuramos efetuar a distribuição do material, na certeza de que ele irá enriquecer de muito a grande necessidade do canto nas escolas.

Estamos à disposição das escolas interessadas,



# Mãe-da-Mula

## FOLCLORE INFANTIL

AFONSO CALIXTRO  
Departamento de Folclore — Olímpia

Nos dias atuais, as Brincadeiras Tradicionais Infantis são coisas raríssimas. O pesquisador precisa andar muito para poder registrá-las, mas sempre existem exceções e é, justamente, pela exceção que iniciei o meu trabalho.

A Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Silva Melo, no Jardim Silva Melo, em Olímpia, é uma unidade escolar, cuja convivência amável e espirituosa de seus alunos a torna notável.

Apesar de pouca numerosa, é uma brilhante comunidade estudantil que a faz diferente de suas congêneres.

É fruto de uma comunidade que, pelas suas características, mais parece um gueto do que parte ativa de uma sociedade. Ela se torna diferente pelas circunstâncias atuais. Os alunos são educadíssimos (de enérgica educação de berço), interessados, e crianças verdadeiras; o que não seria muito, se tudo fosse normal. Quase todos apresentam características físicas de imigrantes europeus (mais italianos) e a maioria pertence à comunidade rural do bairro da Santa Cruz, talvez a mais nobre e antiga do Município de Olímpia. Não saberia caracterizar bem esta diferença, mas o certo é que qualquer professor se sente mais do que nunca professor, cheio de carinho e entusiasmo para exercer a nobre profissão, trabalhando com jovens desse jaez.

E foi por aí que eu os encontrei brincando no recreio daquela escola, de MÃE-DA-MULA, brinquedo que descreverei neste trabalho.

### A — ORIGEM:

Não seria estranho informar que esta brincadeira tivesse origem européia, pois, a maioria dos Brinquedos Tradicionais Infantis obedece a essa linhagem.

A sua origem foi na França, durante a Idade Média e era denominado "Saute Mouton" (salta carneiro), porque nos primeiros tempos o salto era dado sobre o carneiro vivo. Era normal, quer como obrigação, quer como passatempo, as crianças pastorearem ovelhas e, para passarem o tempo, obedecendo ao seu gênio criativo, alguém, num dia qualquer teve a idéia de, cantarolando, *pular carneiros*. Bastou o início para que outras crianças aprimorassem e adaptassem esta idéia através de tempos e lugares.

Trazido para o Brasil por imigrantes europeus, foi iniciado em diversas Regiões e mais tarde conhecido em todo território nacional, com diversos nomes: Salta Carneiro, Cada-Macaco-Em-Seu-Galho, Carniça, Gigante, Moita, Cela e Mãe-da-Mula (Olímpia — Capital Nacional do Folclore).

### B — O BRINQUEDO

É um brinquedo somente para garotos, pois, as evoluções são um tanto ríspidas, próprias para meninos que começam a querer mostrar suas habilidades, audácia, valentia e até machismo.

É um brinquedo de Rua, de Recreio de Escola, de temporada, e mais próprio para as noites.

Normalmente as crianças têm um poste ou uma esquina onde se reúnem, sem nada pré-fixado. Vão-se encontrando, como de costume, sentando, conversando e de repente, quando a maioria já se encontra reunida, começam a surgir as idéias.

Vamos brincar?!

Vamos brincar de Rico-Trico, ou de Salva, ou de Cruzada? Não, vamos brincar de Mãe-da-Mula!

Não existe número certo de participantes, podendo variar de 10 a 20 meninos.

Reunido o grupo e decidido o brinquedo, faz-se o sorteio pelos sistemas conhecidos, ou par ou ímpar, ou palito, ou caminhão de laranja, ou pitoco, ou outro qualquer.

Faz-se o sorteio mais para escolher a "Mula", porque ninguém quer ser esta personagem e, daí, inicia-se a brincadeira.

### C — MANEIRA DE BRINCAR

Às vezes, de acordo com a Região, mudam um pouco as características do brinquedo, como por exemplo; as normas, as evoluções e a posição. Mas a maneira de brincar é sempre a mesma. Os meninos sempre a identificam.

Decidido quem será o *Rei* e quem será a *Mula*, as crianças se posicionam da seguinte maneira:

A *mula* fica de lado, abaixada com as mãos sobre os joelhos, bem firme e de frente para a fila (indiana) a uns 5 ou 6 metros, mais ou menos.

O *rei* fica na frente e é sempre o primeiro a saltar, dizendo bem alto o nome da evolução. Salta e volta novamente à fila, ficando em último lugar. Os outros saltam e o imitam, de forma que, após o último salto, o *rei* dá início a outra evolução.

Normalmente o brinquedo se encerra ao completarem 15 ou 20 evoluções.

### D — AS PERSONAGENS

As personagens basicamente são duas: A *mula* e o *reizinho*. Os outros são protagonistas, sem especificação alguma.

A *mula*, personagem que ninguém gosta de representar, porque está sempre à mercê, à espera, como baliza, como bola em jogo, fica inclinada com as mãos sobre os joelhos para que os outros a saltem. A *mula* passa a ser outro garoto, quando alguém erra alguma coisa.

O *reizinho* é sempre o líder, geralmente o mais velho e o mais respeitado. Quase ninguém contesta as suas idéias e dificilmente ele erra alguma coisa. É o primeiro da fila e sempre seguido pelos outros. Mas se errar, passa a ser a *mula* como os outros e, imediatamente, o 2.º da fila passa a ser o *rei*.

Deste brinquedo participam crianças do sexo masculino, de idade que varia de 9 a 15 anos, mais ou menos.

### E — OS ERROS

Quem errar um salto, uma acrobacia ou qualquer frase ou palavra, passa a ser a nova *Mãe-da-Mula* e a evolução (ou evoluções) começa outra vez, dependendo das conversas iniciais.

A *mula* não pode, em hipótese alguma, proporcionar o erro. Se isto acontecer, dá a maior confusão e nenhuma boa *mula* se arrisca.

Não importa o tamanho da *mula*, desde que o garoto aceite a brincadeira tem que se sujeitar ao que der e vier. E quando existem as diferenças de tamanho e idade muito grandes, tudo é respeitado e levado em conta.



Todos são participantes e juizes ao mesmo tempo e, ao menor erro, todos gritam em coro, de forma que, não há como contestar. E imediatamente quem errou assume a posição de *mula* (sempre objeto de pilhéria e brincadeira).

## F — AS EVOLUÇÕES

As evoluções ou passagens (termos criados pelo pesquisador para melhor explicar as etapas do brinquedo) são as seqüências, aquilo que o *reizinho* exatamente faz, para que os outros o acompanhem.

No início, o *rei* sabe tudo “decorzinho”. Ele fala alto, os outros riem espontaneamente, porque sabem o que a *mula* irá passar, e o seguem. Quando as evoluções vão se complicando, todos participam das decisões do *rei*; agora isso, não aquilo, até que surja uma decisão.

A animação do brinquedo fica por conta do *reizinho* que tem que ser bastante criativo para tornar o brinquedo muito alegre e sadio.

Vamos, então, às principais evoluções, sabendo que elas serão tantas quantas as crianças desejarem. Ao saltarem, gritam bem alto o nome da evolução:

1 — *Mãe-da-Mula*: Esta primeira passagem é mais para anunciar a brincadeira e descongestionar os músculos.

2 — *Esporinha*: O *reizinho* anuncia “Esporinha, minha gente”. Sai correndo e ao saltar, com o pé direito procura atingir a bunda da *mula* com o calcanhar, como fazem os peões ao darem com as esporas nos cavalos.

3 — *Amassa-Abóbora*: Ao saltarem, soltam o corpo sobre a *mula*, quase parando e caindo. Normalmente a *mula* não agüenta e os dois amontoam. É isto que a garotada gosta e aplaude.

4 — *Disparar-Tiro-De-Canhão*: Depois de pularem, voltam, repetem o nome da evolução e chutam a bunda da *mula*. Uns, é claro, são um tanto indóceis com o visto animal e logo a *mula* reclama.

5 — *Três-Classes-De-Pelé*: Depois de pularem, voltam, repetem o nome da evolução e executam três chutes, de maneira diferente, na bunda da *mula* com a classe de Pelé, iguais ao *reizinho* do brinquedo.

6 — *Unha-De-Gavião*: Ao saltarem, procuram imitar um gavião (ave bastante comum na nossa Região), cravando as unhas nas “costas” da *mula*. Diga-se de passagem que os garotos não costumam andar com unhas bem aparadas.

7 — *Levar-O-Burro-Para-Beber-Água*: Saltam, voltam e montam “de cavallinho”, dizendo “leve o burro para beber água”. A *mula* com o garoto às costas irá procurar a torneira ou bebedouro mais próximo, tendo que levá-lo e trazê-lo de volta. Este ato se repete com todos os garotos do grupo. Fazem isto quando normalmente estão com sede.

8 — *Paredão-De-Gelo*: O *rei* pula e procura cair mais longe possível, de pé. Os outros têm que saltarem entre o *reizinho* e a *mula*, sem se tocarem. A coisa vai se estendendo até que, não havendo mais espaço, alguém toca em alguém, o que consiste em erro.

9 — *Seguir-O-Mestre*: O *rei* pula a *mula* e se põe a fazer algo que os garotos deverão identificar para poderem imitá-lo.

10 — *Pastelão-Quente*: Ao saltarem a *mula*, gritam “pastelão!” e sentam a mão na bunda da *mula*, com toda força. Ninguém alisa a *mula*.

11 — *Desarmar-A-Espingarda-Da-Vovó*: Pulam a *mula* e voltam. Como a *mula* tem que estar com as mãos apoiadas sobre o joelho, eles batem com força no “cotovelo”, da *mula*, para tentarem desarticular aquela posição. Quem não conseguir o “desarme”, comete erro.

12 — *Corrente-Elétrica*: O *rei* salta, grita e corre à procura de algo a que possa se agarrar (um poste ou uma árvore). Os outros o imitam. Após o último salto, a *mula* conta até trinta e corre para a corrente (sempre contando) e tenta, de todas as maneiras, tirar alguém. Se a contagem chegar ao número 30 e a *mula* não tirar

ninguém, eles iniciam outra evolução. Se a *mula* conseguir o seu intento, a sua presa passa a ser a nova *mula*.

13 — *Garfo-E-Colher*: Ao saltarem a *mula*, gritam e tocam às costas da *mula* com uma mão aberta (simbolizando o garfo) e com a outra fechada (simbolizando a colher). Há várias improvisações neste sentido, como: *dois copos* (mão fechada para cima), *duas batatas* (mãos fechadas para baixo).

14 — *Tiro-De-Canhão*: Todos saltam e se posicionam à frente da *mula*. Aí ela começa dizendo:

*Plique!* — todos se abaixam; *Ploque!* — todos se levantam.

A *mula*, durante alguns segundos, vai alternando os *pliques* e os *ploques*, compassadamente, até alguém errar. Se errar (alguém está contando até 30, prazo limite).

15 — *Cada-Macaco-Em-Seu-Galho*: Pulam, gritam, correm e se penduram ou se agarram no “ar”, como macaco, em qualquer coisa. Depois que o último pular a *mula*, inicia-se a contagem dos 30 e procura-se desarticular alguém. Quem não estiver firme sai mesmo, porque a *mula* nesta hora vê a sua grande oportunidade. Quem ela conseguir tirar, será a nova *mula*.

16 — *Bater-Cartinha-Para-A-Namorada*: O *rei* senta às costas de alguém e a *mula* serve de máquina. O *rei* imita aquele datilógrafo bem maluco e que não tem dó da máquina, repetindo, e batendo na *mula*: “CARIMBEI, SELEI, MANDEI! Os outros repetem o gesto, batendo sempre onde o *rei* bateu.

17 — *Tiro-De-Bunda-De-Canhão*: O *rei* pula, anunciando a passagem, volta e dá uma bundada na *mula*. Se ele conseguir desequilibrar a *mula*, segue a brincadeira. Se a *mula* não “arredar” constitui erro.

18 — *Atleta*: Nesta passagem ninguém pode tocar na *mula*, tem que saltar sem bater as mãos nas costas da *mula*. O menor “toque” na *mula* constitui erro.

19 — *Pular-O-Muro-Do-Cemitério*: O *rei* pula a *mula* no estado normal. Volta, a *mula* muda de posição, ficando de pé, apenas com o pescoço inclinado. Aí, o *rei* inicia novamente esta evolução com os demais participantes. Quem não conseguir pular ou cair desajeitado, comete erro.

20 — *Roubar-Pão-Do-Forno*: Todos pulam a *mula* no estado normal, sempre anunciando a passagem. Depois, finca-se um pau (30 cm mais ou menos), a uns três palmos à frente da *mula*. Esta fica com as pernas abertas (mais ou menos 3 palmos). O *rei* começa e os outros imitam. Eles têm que pegar o pauzinho, bem rápido, e a *mula* tem que evitar. É um jogo de esperteza. Assim que eles tentam, a *mula* fecha as pernas, tentando prender as mãos.

Constitui erro quando a *mula* consegue prender as mãos ou quando eles “relam” nas pernas da *mula*.

21 — *Pegar-Rato-Na-Ratoeira*: Pulam a *mula*, anunciando a brincadeira, voltam, formam novamente a fila. A *mula* fica de pé com as pernas um pouco mais abertas (do que em roubar-o-pão-do-forno) e os demais participantes ficam de “gatinho”. Dão um bote entre as pernas da *mula* e esta tenta prendê-los pelo pescoço. A *mula* sempre prende; o que não pode acontecer é deixar-se prender pelo pescoço, porque constitui erro. Ela poderá segurar qualquer parte do corpo, que não tem importância.

22 — *Bombeirinho*: Todos pulam, gritam “bombeirinho” e saem correndo atrás de água. Enchem a boca d’água e voltam para jogar próximo à *mula*. Quando o último pular, a *mula* sai correndo também, para imitar os outros. Quem jogar a água por último será a nova *mula*; se for a *mula* a última a jogar, ela continua. Não há necessidade de todos apanharem água no mesmo local. A *mula* fica esperta para aproveitar a confusão e pegar água em lugar mais próximo.

23 — *Saco-De-Estopa*: Pulam e permanecem como a *mula*, no lugar em que caírem. Os demais vão imitan-



do. Ao caírem, não poderão “relaxar” no companheiro da frente, porque constitui erro. Poderão somente bater as mãos nas costas e pular; não poderão, também, tomar novo impulso.

24 — *Avistar-Navio-Em-Alto-Mar*: Somente o rei pula, volta ao grupo, sem a mula poder ouvir. Alguém combina estar avistando determinado objeto, por exemplo: um passarinho no fio próximo a um poste. Chamam a mula e perguntam:

— Mula, o que estamos avistando?

A mula responde uma vez somente. Se ela acertar, quem deu a sugestão passa a ser a nova mula e se ela errar, a brincadeira continua, até que todos façam sua sugestão.

25 — *Lava-A-Jato*: Ao pularem, passam a mão na bunda da mula. As crianças não gostam muito do “lava-a-jato”, nem do “pastelão-quente”, por serem maliciosos e violentos. Geralmente “contratam” para que não façam parte dessas modalidades.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O VALOR DA BRINCADEIRA

Na formação de uma juventude inteligente e ordeira, apontamos como valores do brinquedo *Mãe-Da-Mula*:

A — Espírito de liderança (o rei);

B — Abnegação (a mula);

C — Honestidade, habilidade e criatividade (demais participantes).

Tudo isso para o despertar da fase mais importante da idade do ser humano, na idade da auto-afirmação,

principalmente porque elas são protagonistas e juízes e, mais do que nunca, buscam a perfeição e honestidade. A criança gosta muito de ser compreendida como tal.

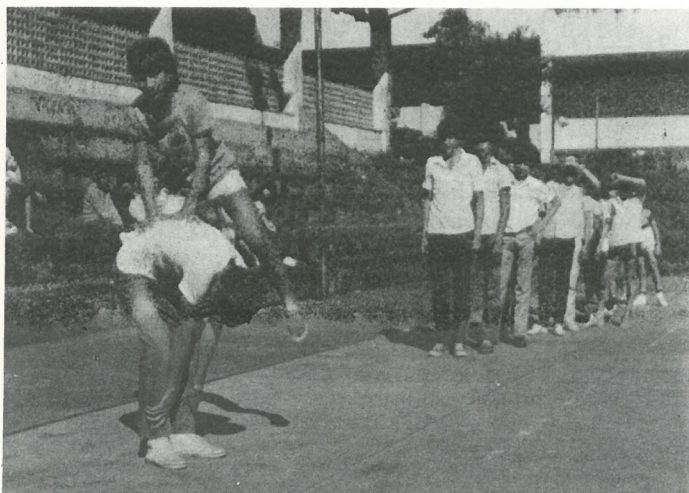
Serve também, entre outras coisas, para aprimorar o reflexo, intensificando a habilidade, destreza e sociabilidade.

É uma brincadeira muito saudável e muito natural, não havendo maldade, em hipótese alguma. Cada qual procura cumprir o que lhe é determinado, e ser criativo da melhor maneira possível.

As crianças têm necessidade de praticar exercícios. Assim, brincar é condição para o desenvolvimento do organismo. Todos os exercícios são úteis quando bem praticados. Os jogos de rua são meios excelentes de desenvolvimento do corpo e de qualidades como atenção, vivacidade e rapidez de iniciativa.

Finalizando, quero dizer que sou muito grato aos estudantes da E.E.P.G. da Vila Silva Melo, a quem cumprimento nas pessoas dos alunos Alencar Aleixo Franchini (14 anos, 8.<sup>a</sup> série), Paulo Humberto Remondi (14 anos, 8.<sup>a</sup> série), Alexandre Tomazini (13 anos, 7.<sup>a</sup> série), Márcio Eugênio Diniz (12 anos, 7.<sup>a</sup> série), Sidlei Luís Mansur (12 anos, 6.<sup>a</sup> série) e Valdinei Magão (12 anos, 6.<sup>a</sup> série). Pesquisa: 6/5/1985.

Estes agradecimentos são extensivos ao excelente companheiro Prof. José Sant’anna (meu respeitável ex-mestre-escola e atual mestre das pesquisas folclóricas), ao amigo Francisco de Assis Madalena (responsável pela reportagem fotográfica) e aos jovens Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin e Sidney Carlos Schalch pela efetiva colaboração.



Mãe-da-Mula



Corrente-Elétrica



Cada-Macaco-em-seu-galho



# Um punhado de adivinhas

ROGÉRIO DE OLIVEIRA  
Centro de Pesquisas e Estudos  
Folclóricos — Olímpia

*Pra desvendá-las lutamos  
E depois de desvendadas  
Aos outros nós perguntamos  
Entre chacota e risadas.  
— (Adivinhações)*

Adivinhas são testes. Uma adivinha, à primeira vista, é como se fosse a prestação de uma prova de cujo assunto nada sabemos. Mas é um passatempo que nos prende a atenção e nos diverte. Gosto muito de ouvi-las e registrá-las para não caírem no esquecimento. E o que é mais gostoso é perguntá-las a um amigo para que ele esquente os miolos. Aí é que vamos averiguar a rapidez e a inteligência das pessoas para o raciocínio.

Por esta razão, coleciono todas as adivinhas que chegam aos meus ouvidos. E já formei uma boa seleção.

Tenho 11 anos e frequento atualmente a 5.<sup>a</sup> série do primeiro grau da E.E.P.G. "Dona Anita Costa", de Olímpia. Desde que nasci sempre estive perto do folclore e passei a admirá-lo. Das manifestações folclóricas sou chegado nas congadas e cavalhadas, mas já cuido de colecionar as adivinhas.

Mostrei o meu caderno de registro delas ao meu tio José Sant'anna e ele se interessou em publicá-las. Ajudou-me a pô-las em ordem. Não se trata, portanto, de um "trabalho", mas sim de uma pequena coletânea de adivinhações para os interessados e curiosos passarem algum tempo em recreação.

## O QUÊ

- 1 — O que está sempre a nossa frente, mas nunca podemos ver?  
— O futuro.
- 2 — O que consegue encher uma casa e não consegue encher uma colher?  
— Fumaça.
- 3 — O que tem 6 letras e 40 assentos?  
— Um ônibus.
- 4 — O que se põe na mesa, corta-se, mas não se come?  
— O baralho.
- 5 — O que começa no começo e acaba no fim?  
— Carretel.
- 6 — O que tem o coração para o lado de fora?  
— Cacho de bananas.
- 7 — O que foi feita para andar, mas não anda?  
— A rua.
- 8 — O que está na cozinha, na orquestra e no automóvel?  
— A bateria.
- 9 — O que se engorda sem comer?  
— A nuvem.
- 10 — O que destrói tudo com três letras?  
— Fim.
- 11 — O que tem dentes, mas não come?  
— Alho.
- 12 — O que cresce de cabeça para baixo e pé para cima?  
— Cebola.
- 13 — O que na terra há dois, no mar somente um e no céu nenhum?  
— A letra erre.
- 14 — O que tem oito pés e canta?  
— Um quarteto.

- 15 — O que está quieta na carreira?  
— A telha.
- 16 — O que a mulher tem, dá aos outros, mas não dá ao marido?  
— O filho para batizar.
- 17 — O que vive casando, mas não se casa?  
— O padre.
- 18 — O que se faz para um pote ficar mais leve?  
— Enchendo-o de buracos.
- 19 — O que o homem tem, a casa tem e a Lua também tem?  
— Quartos.
- 20 — O que se faz para um almirante ficar mais alto?  
— Tirando-se a 1.<sup>a</sup> sílaba: mirante.
- 21 — O que se escreve nas costas e tem quatro pernas?  
— Mesa.

## O QUE DISSE?

- 22 — O que a pulga disse para a senhora pulga?  
— Vamos a pé ou de cachorro?
- 23 — O que o pára-queda disse ao para-quedista?  
— Estou contigo e não me abro.
- 24 — O que o cachorro disse para a cachorra?  
— Você me fez uma cachorrada.
- 25 — O que a barata disse para a outra?  
— Seu marido é um barato.
- 26 — O que a banana disse para a maçã?  
— Eu tiro a roupa e você é que fica vermelha.
- 27 — O que a panela disse para a pipoca?  
— Minha bunda é que queima e você é que pula.
- 28 — O que uma parede disse para a outra?  
— Eu te encontro lá no canto.
- 29 — O que o pires disse para a xícara?  
— Que bundinha quente!
- 30 — O que a mesa disse para o vaso de flores?  
— Sai de cima de mim que eu não sou defunto.
- 31 — O que um fantasma disse para o outro?  
— Você acredita em gente?
- 32 — O que o chão disse para a mesa?  
— Fecha as pernas que eu estou vendo tudo.
- 33 — O que o zabumba falou para a guitarra?  
— Eu apanho e você é quem grita.

## O QUE É?

- 34 — O que é do tamanho de uma bolota e enche a casa até a porta?  
— A lua.
- 35 — O que é comprida, mas quanto mais se corta mais alta vai ficando?  
— Lingüiça no varal.
- 36 — O que é mais duro quando se cai da bicicleta?  
— O chão.
- 37 — O que é que abre as pernas para enfiar?  
— Os óculos.
- 38 — O que é que anda por cima dos dedos?  
— A unha.
- 39 — O que é que em casa está calado e no mato está batendo?  
— O machado.
- 40 — O que é que quanto mais se tira maior fica?  
— O buraco.
- 41 — O que é que quanto mais entra mais sai de casa?  
— O botão.



- 42 — O que é que tem bico, mas não belisca?  
— Chaleira.
- 43 — O que é preciso torcer para se obter água?  
— A torneira.

### O QUE É QUE?

- 44 — O que é que quanto mais alegre está mais chora?  
— Vela.
- 45 — O que é que nasce grande e morre pequeno?  
— Cigarro, lápis.
- 46 — O que é que quanto maior menos se vê?  
— Escuridão.
- 47 — O que é que a gente compra para comer e não come?  
— Talheres.
- 48 — O que é que tem a boca no joelho?  
— Bota.
- 49 — O que é que quando a gente está em pé ele está deitado e quando a gente está deitado ele está em pé?  
— O pé.
- 50 — O que é que mastiga, mastiga, mas não engole?  
— Tesoura.
- 51 — O que é que sempre foge quando se fala em dinheiro?  
— O devedor.
- 52 — O que é que entra em casa amarrado?  
— O botão.
- 53 — O que é que tem casa, mas não é cidade; tem árvore, mas não é floresta; tem água, mas não é rio?  
— Mapa.
- 54 — O que é que não fala, mas diz tudo?  
— O dicionário.
- 55 — O que é que precisa tirar a roupa para mostrar os dentes e precisa tirar os dentes para mostrar o corpo?  
— Espiga de milho.
- 56 — O que é que tem folhas e não é planta, tem lombo e usa capa?  
— Livro.
- 57 — O que é que tem doze quartos, tem meias, mas não usa sapatos?  
— Relógio.
- 58 — O que é que sabe o dia, mas não sabe as horas?  
— Calendário.
- 59 — O que é que quando trabalha põe o capacete na cabeça e quando descansa põe o capacete no pé?  
— Caneta.
- 60 — O que é que está preso entre grades, vai ao céu e também volta a terra quantas vezes quiser?  
— Língua.
- 61 — O que é que mais pesa no mundo?  
— Balança.
- 62 — O que é que desce chorando e sobe lacrimando?  
— O balde da cisterna.
- 63 — O que é que solta carvão, anda na linha, mas não pára no ponto?  
— Lápis.
- 64 — O que é que tem uma vez no mês, uma no minuto e nenhuma na hora?  
— Letra eme.
- 65 — O que é que tem linha e não é carretel?  
— Trem de ferro.
- 66 — O que é que passa na linha e o rastro fica falando?  
— Caneta.
- 67 — O que é que chega até o portão da casa e não entra?  
— A calçada.
- 68 — O que é que tem barba e não é homem, tem dente e não é gente?  
— O alho.
- 69 — O que é que com orelhas é homem, sem orelhas é mulher?  
— Tacho e tacha.

- 70 — O que é que nasce no mato, no mato se cria e só dá uma cria?  
— Bananeira.
- 71 — O que é que tem três pares de perna e voa?  
— Três pássaros.
- 72 — O que é que mais cheira no mundo?  
— O nariz.
- 73 — O que é que só trabalha se apanhar?  
— O prego.
- 74 — O que é que anda de peito para cima?  
— O peito do pé.
- 75 — O que é que nasce e morre todo o dia.  
— O sol.
- 76 — O que é que corre, corre e não sabe onde parar?  
— O tempo.
- 77 — O que é que só vive de beijos?  
— O beija-flor.
- 78 — O que é que o rato come?  
— Nada. Rato rói.
- 79 — O que é que quanto mais se tira maior fica?  
— A pobreza.
- 80 — O que é que anda o dia inteiro dentro de casa e à noite fica escondida atrás da porta?  
— A vassoura.
- 81 — O que é que quanto mais abre mais cai?  
— A torneira.
- 82 — O que é que vive vestindo e está sempre pelada?  
— A agulha.
- 83 — O que é que tem coração por fora?  
— O cacho de bananas.
- 84 — O que é que anda sem ter pernas?  
— A cobra.
- 85 — O que é que para dar nasce o umbigo primeiramente?  
— O cacho de bananas.

### COMO?

- 86 — Como fica uma pedra se for jogada no Mar Vermelho?  
— Fica molhada.
- 87 — Como você faria para soletrar água dura somente com quatro letras?  
— Gelo.
- 88 — Como se faz para saber a piada do gato?  
— Gato não pia.
- 89 — Como que se cai de uma escada de 100 degraus sem se machucar?  
— Caindo do primeiro degrau.

### DE QUE?

- 90 — De que lado fica a asinha da xícara?  
— Do lado de fora.
- 91 — De que um cachorro peludo se queixa?  
— De ser dormitório de pulgas.
- 92 — De que país se tirando uma letra fica o nome de uma pessoa?  
— Bolívia (Olívia).

### ONDE?

- 93 — Onde está o boi ao meio-dia?  
— Em cima da própria sombra, se o sol não estiver encoberto.

### POR QUÊ?

- 94 — Por que faz frio no Brasil?  
— Porque ele foi descoberto.
- 95 — Por que o trem não tem pneu de borracha?  
— Para não apagar a linha.
- 96 — Por que três homens caíram no mar e somente dois molharam o cabelo?  
— Porque um deles era careca.



- 97 — Por que o padeiro usa lápis na orelha?  
— Para fazer conta.
- 98 — Por que a “maria-fumaça” apita na curva?  
— Porque o maquinista puxa a cordinha.
- 99 — Por que o cachorro rói o osso?  
— Porque não consegue engoli-lo inteiro.
- 100 — Por que a Lua chama o Sol de covarde?  
— Porque ele só sai de dia.
- 101 — Por que o tomate não pode ser xerife?  
— Porque ele é pele vermelha.
- 102 — Por que quando o cachorro chega ao poste, levanta uma perna traseira para urinar.  
— Porque se levantar as duas ele cairá.

### QUAL?

- 103 — Qual é o prato predileto dos gordos?  
— Prato cheio.
- 104 — Qual a palavra que tem 23 letras?  
— Alfabeto.
- 105 — Qual a boca que não tem dentes?  
— A boca da noite.
- 106 — Qual a fruta que não amadurece?  
— A manga da camisa.
- 107 — Qual o cúmulo da magreza?  
— Deitar numa agulha e cobrir-se com a linha.
- 108 — Qual a piada do fotógrafo?  
— Ainda não foi revelada.
- 109 — Qual a cidade paulista onde a arara não sai do sol?  
— Araraquara.
- 110 — Qual o pé que não tem chulé?  
— Pé de alface.
- 111 — Qual a planta que anda?  
— A planta do pé.
- 112 — Qual a letra que está mais distante?  
— A letra o, porque está no fim do mundo.
- 113 — Qual a melhor maneira para se passar o tempo?  
— Adiantando-se o relógio.
- 114 — Qual a igreja branca sem trave e sem tranca?  
— O ovo.
- 115 — Qual é o dia em que a mulher acha o marido mais bonito?  
— O dia em que ele está bêbado.
- 116 — Qual a fruta que é pequena e azeda, mas se trocarmos duas letras entre si, fica grande e doce?  
— Cajá (jaca).
- 117 — Qual a casa em que o dono fica com a cabeça para fora?  
— Casa de botão.
- 118 — Qual o varal de roupas brancas que nunca se enxugam?  
— A dentadura.
- 119 — Qual a fruta cujas sementes estão do lado de fora?  
— Morango.
- 120 — Qual a fruta que tem papo?  
— Jenipapo.
- 121 — Qual a fruta, cuja primeira sílaba ocupa a maior parte do mundo?  
— Marmelo.
- 122 — Qual a fruta que se escreve com sete letras e se lhe tirarmos cinco ainda sobram onze.  
— Abacaxi (XI = 11).
- 123 — Qual a fruta que tem a semente pelo lado de fora?  
— Caju.
- 124 — Quais as quatro frutas brasileiras que não têm a letra *a* no nome?  
— Noz, figo, pêssego e coco.
- 125 — Qual é certo: roubar ou robar?  
— Nenhum dos dois.

### QUAL A DIFERENÇA?

- 126 — Qual a diferença entre o carro e o sol?  
— O sol sai (nasce) quente e o carro é preciso esquentar para sair.

- 127 — Qual a diferença entre o comprimido e a montanha?  
— O comprimido é difícil de descer e a montanha é difícil de subir.
- 128 — Qual a diferença entre a privada e a bicicleta?  
— Na bicicleta senta-se para correr e na privada corre-se para sentar.
- 129 — Qual a diferença entre o elefante e a pulga?  
— A pulga pode subir no elefante e o elefante não pode subir na pulga.
- 130 — Qual a diferença entre o relógio e o cavalo?  
— Quando quebra a corda do relógio ele pára e quando arrebenta a corda do cavalo, ele dispara.
- 131 — Qual a diferença entre o bêbado e o balão?  
— Quando o bêbado se enche, ele cai; quando se enche o balão, ele sobe.
- 132 — Qual a diferença entre o bêbado e a espingarda?  
— A espingarda cospe fogo e o bêbado fica de fogo.
- 133 — Qual a diferença entre o jogador de futebol e um assaltante?  
— O jogador manda a bola e o assaltante manda a bala.
- 134 — Qual a diferença entre uma mulher e um leão?  
— A mulher usa batom e o leão ruge.
- 135 — Qual a diferença entre uma confeitaria e um leque furado?  
— Na confeitaria há bananada e um leque furado não abana nada.
- 136 — Qual o cúmulo da vaidade?  
— Passar batom na boca do estômago.
- 137 — Quais são as duas meias que juntas não dão uma?  
— As meias de calçar.
- 138 — Qual a diferença do Estado do Paraná com a agulha?  
— No Paraná há Ponta Grossa (cidade) e na agulha há ponta fina.

### QUANDO?

- 139 — Quando a perna esquerda fica direita?  
— Quando é vista no espelho.
- 140 — Quando um homem pode ser jogado no lixo?  
— Quando ele for pão-duro.

### QUANTAS, QUANTOS?

- 141 — Quantas patas há num casal de patos?  
— Há cinco.
- 142 — Quantos lados tem uma bola?  
— Dois (o de dentro e o de fora).

### QUEM?

- 143 — Quem é que mora em cima da casa?  
— O botão.
- 144 — Que árvore a gente corta depois que deu frutas?  
— Bananeira.

### ARITMÉTICAS

- 145 — Qual a metade de 2 mais um?  
— Dois.
- 146 — Quem de 25 tira?  
— Quinze.
- 147 — Até onde é possível penetrar na mata?  
— Até ao meio dela.
- 148 — Um buraco mede 2 metros. Quanto mede um buraco e meio.  
— Não existe meio buraco.
- 149 — Quanto é a metade de 2 mais 2?  
— Três.
- 150 — Do 2 ao 22, quantos 2 existem?  
— Existem seis 2.
- 151 — Numa despensa há 21 orelhas de porco. Todo o dia um rato entra na despensa e sai com 3 orelhas.



- Quantos dias o rato levará para roubar as 21 orelhas?
- Levará 21 dias, pois duas são as orelhas dele e a outra a de porco.
- 152 — Num deserto havia 10 camelos. Morreram 3. Quantos ficaram?
- Ficaram 3, os que morreram.
- 153 — Numa estrada caminhavam 13 burros. O da frente olhou para trás para contá-los. Quantos burros ele contou?
- Nenhum. Burro não sabe contar.
- 154 — Num fio de telefone havia 10 passarinhos. Um homem deu um tiro e matou 1. Quantos sobraram no fio?
- Nenhum. Os outros voaram espantados.
- 155 — Quando 10 e 10 não são 20 e mais 50 são 11?
- No relógio. Dez horas e dez minutos que com cinquenta minutos formam onze horas.
- 156 — Se você estivesse numa ponte e de um lado houvesse um leão, do outro lado uma onça pintada e a água cheia de piranhas. De que lado você sairia?
- Do lado da onça pintada.
- 157 — Três pessoas (um homem e dois rapazes) vão atravessar um rio numa canoa. A canoa só pode transportar 100 quilogramas. O homem pesa 100 Kg e os rapazes 50 Kg cada um. Como fazer para transportá-los?
- Primeiramente vão na canoa os dois rapazes. Um fica do outro lado do rio e o outro volta com a canoa e fica. Segue, então o homem. O rapaz que já estava do outro lado, volta, para buscar o seu companheiro. Entendeu?
- 158 — Que número aumenta a metade de seu valor quando virado de cabeça para baixo?
- Seis (nove).

#### O QUE É, O QUE É?

- 159 — Se eu passo, ela não passa; se eu não passo, ela passará.
- Melancia.
- 160 — Uma velhinha cacunda com um pau na bunda.
- Foice.
- 161 — Ele vira ela e ela vira ele.
- O gelo e a água.
- 162 — Menor que uma galinha e maior que um homem?
- O chapéu.
- 163 — Branco por fora,  
Preto por dentro,  
Vermelho na ponta  
E chupa pra dentro.
- Cigarro.
- 164 — Branca como vela com um pavio no meio dela.
- Mandioca.
- 165 — Uma é vizinha da outra, mas nunca se vêem.
- Orelhas.
- 166 — Nova é grande e quando velha fica pequena.
- Enxada.
- 167 — Anda pelo mundo, entra e sai nas casas sem pedir licença.
- O vento.
- 168 — Entra na igreja com a cabeça para baixo.
- Vassoura.
- 169 — Não tem asas, mas voa; não tem boca, mas assovia; não tem mãos, mas açoita e ninguém o enxerga e nem consegue pegá-lo.
- O vento.
- 170 — Não está dentro nem fora da casa, mas sem ela a casa não estaria completa.
- Porta.
- 171 — Nasci verde, mas agora estou de luto para morrer estourada.
- Jabuticaba.
- 172 — Tem cabeça e não tem olho.
- Alfinete.

- 173 — Campo branco, gados pretos, cinco chaves e uma chaveeta.
- O papel, as letras, os dedos e a caneta.
- 174 — Debaixo da capa parda é branca que nem prata, a carne cura e o sangue mata.
- A mandioca.
- 175 — O rato roeu a correia da carroça do rei de Roma e o rei com raiva roeu a roupa. Quantos "r" nisto?
- Na palavra nisto não há nenhum erre.
- 176 — É rio, mas o vento levanta.
- Rio Pó (da Itália).
- 177 — Cheio de buraco, mas segura a água.
- A esponja.
- 178 — Chego da rua, encosto minha barriga junto da sua, enfio um metro de carne crua e sai pingando.
- O pote de água.
- 179 — Mais fino que um palito e quando entra na fazenda, pula mais que um cabrito.
- Agulha.
- 180 — Sem entrar água, sem entrar vento, tem um poço de água dentro.
- O coco.
- 181 — Uma colônia cheia de moradores, se um errar a porta todos os outros erram.
- Botões.
- 182 — Primeiro abre para depois tirar o couro.
- Moela.
- 183 — Os filhos vão tristes na frente e o pai vai cantando atrás.
- O carro de boi.
- 184 — Eu estava em minha casa  
Veio a escolta me prender,  
A casa saiu pela janela  
E não pude me defender.
- O rio, o pescador com a rede, a água e o peixe.
- 185 — Tem coroa como rei e escama como peixe.
- Abacaxi.
- 186 — Sou legume formado pela parte mais baixa do homem e pelo ponto mais quente do sol.
- Pepino.
- 187 — Um dia foi vivo, mas hoje é morto.
- O sapato.
- 188 — Foi feito para bebê, mas não se bebe nunca.
- Fraldinha.
- 189 — Na água fui nascido, na água fui criado, mas se me jogarem na água eu desapareço.
- Sal.
- 190 — Vinte irmãos morreram queimados e a mãe morreu amassada.
- Maço de cigarros.
- 191 — Uma casa verde com muitas mocinhas vestidas de amarelo com um bonezinho preto.
- Bananeira e bananas.
- 192 — Mata-se a mãe para comerem-se as filhas.
- Bananeira e bananas.
- 193 — Alta como pinheiro,  
Redonda como pandeiro,  
Fina como papel,  
Amarga como fel  
E doce como mel,  
— Bananeira e banana.
- 194 — Somos ao todo cinco irmãos e somente um usa chapéu.
- Os dedos e o dedal.
- 195 — São sete irmãos. Cinco têm nome e sobrenome. E dois só têm nome.
- Os dias da semana.
- 196 — Quem não tem não deseja ter e se tiver faz tudo para não perder.
- Questão judicial.
- 197 — Duas mães e duas filhas vão à missa com três mantilhas.
- Uma avó, uma mãe e uma neta.



- 198 — O pai de corcubico  
Tem cu e bico,  
A mãe de corcubico  
Tem cu e bico,  
O filho de corcubico.  
Não tem cu nem bico.  
— Ovo.
- 199 — Se uma pessoa estiver no meio da floresta e aparecer uma onça, que hora é?  
— É hora de correr.
- 200 — Verde como capim, branco como algodão, vermelho como sangue e doce como mel.  
— Melancia.
- 201 — Torre alta com seus penachos, água na fruta, flor nos cachos.  
— Coqueiro.
- 202 — Muitas moças num castelo vestidinhas de amarelo.  
— Laranjeira com laranja maduras.
- 203 — Dois irmãos agarrados, um se come cru e o outro assado.  
— Caju e a semente.
- 204 — Tem coroa, não é rei; tem espada, não é soldado; tem olhos, não vê; tem pé, não anda.  
— Abacaxi.
- 205 — Corta-se a mãe e enforca-se a filha.  
— Bananeira e cacho de bananas.

#### PEGA

- 206 — Um homem queria atravessar uma ponte e já estava no meio dela. De um lado estava uma onça

e do outro um tigre. No rio, na altura da ponte, havia um bando de jacarés mortos de fome. Como ele conseguiu atravessar?

— Pulando na água, pois os jacarés estavam mortos.

Concluindo: As adivinhas educam a inteligência e comprovam a rapidez do raciocínio, além de serem confraternizadoras. Chegará, se Deus quiser, o dia em que poderei apresentar um trabalho bem feito: classificado, comparado, etc.

*Agradecimentos:* Colaboraram, cedendo-nos algumas perguntas, meus amigos olimpienses, a quem cordialmente agradeço: 1 — Alzira Santana de Oliveira (56 anos), 2 — Andréia Patrícia Casarini (12 anos), 3 — Cleusa Tofotele (12 anos), 4 — Erlon Luís da Rocha (12 anos), 5 — Eurides Santana (45 anos), 6 — Francisco Adilor Tolfo Filho (10 anos), 7 — Giovanni Daniel Trinca (13 anos), 8 — João Santana de Oliveira (37 anos), 9 — Lúcia Aidar (35 anos), 10 — Marcelo José da Silva Celete (11 anos), 11 — Márcio Eugênio Diniz (12 anos), 12 — Márcio Renato Pierim (9 anos), 13 — Marcos Antônio Goulart (12 anos), 14 — Maria da Conceição Basso (71 anos), 15 — Maria Jesus de Miranda (40 anos), 16 — Moacir Rodrigo Pierim (6 anos), 17 — Osvaldo Domingos Jr. (14 anos), 18 — Renato Cândido da Silva (12 anos), 19 — Sebastião Jesus de Oliveira (60 anos), 20 — Sérgio Castro Pimenta de Sousa (10 anos), 21 — Tarcísio Cândido de Aguiar (6 anos) e 22 — Tatiana Martinussi de Aguiar (5 anos) — 1984.

## Olhar de seca-pimenteira

(DEDICADO A GILBERTO FREYRE)

VERÍSSIMO DE MELO  
(Natal — RN)

Mestre Gilberto Freyre disse, recentemente, em Natal, que acredita piamente em mau-olhado. Mais do que no diabo, porque, não sendo *ainda* católico, não pode crer na simbologia daquela religião.

Manifestamos nosso inteiro apoio à crença folclórica do sociólogo-antropólogo pernambucano. E mais ainda do que no simples mau-olhado ou quebranto. Cremos no “olhar de seca-pimenteira”, coisa terrível sobre a qual temos infinitos depoimentos insuspeitos.

Gastão Câmara, engenheiro de oitenta e cinco anos, lúcido e inteligentíssimo — contou-nos fato significativo a respeito. Conversando, certa vez, com seu compadre e amigo Reginaldo Nelson, falou-se em pimenta. Gastão chamou a velha D. Marieta e pediu:

— Leve Reginaldo lá no quintal e mostre-lhe o nosso pé de pimenta.

Reginaldo voltou entusiasmado com a exuberância da pimenteira. O enorme pé de pimenta malagueta derramava seus frutos por todos os lados.

Dia seguinte, Gastão foi surpreendido com a notícia trazida por D. Marieta:

— O pé de pimenta secou inteiramente!

— Foi o “olhar de seca-pimenteira” do compadre Reginaldo — disse Gastão.

Outro depoimento. O Coronel Geraldo Bezerra de Melo contou-nos fato ainda mais extraordinário. Aqui já

não se trata de olhar seca-pimenteira, mas — muito pior — de olhar seca-qualquer planta... Foi a visita, inesperada, de um velhinho do sertão — hospedado em casa vizinha — que se aproximou da casa de Geraldo só para manifestar sua admiração diante da beleza de um pé de acácia luxuriante. Dia seguinte, a planta estava inteiramente murcha... E tem mais. Geraldo mandou cortá-la quase toda, deixando-a apenas a um palmo do chão. Dias depois surgiu um broto — sinal de que a planta poderia renascer. Reaparece o velhinho sertanejo, admirado de não encontrar mais o belo pé de acácia... Geraldo explicou-lhe:

— Um dia depois de sua visita aqui a acácia murchou completamente. Mandeí cortá-la quase pelo tronco. Agora é que está surgindo esse brotinho aí.

O velhinho lamentou o ocorrido, animando Geraldo e dizendo que o broto iria crescer.

Dia seguinte, Geraldo verificou, intrigado, que o broto também murchou com a segunda visita do sertanejo...

O escritor caboverdiano Luís Romano, que reside em Natal, declarou-nos que em sua terra muitos criadores costumam encobrir com sacos os úberes das cabras, para evitar mau-olhado... que seca o leite.

Aí estão os fatos. Impressionantes. Incontáveis.

Vejamos, brevemente, o reverso da medalha... Minha mulher, Noemi, que é estudiosa de plantas — conversa longamente com elas e deixa recados... — conhece cer-



tas plantas que são terrivelmente malélicas. Onde há essas plantas, os donos da casa vivem sempre doentes, não progridem, morrem cedo — um inferno. Dá exemplos de várias famílias sacrificadas inocentemente por conservarem certas plantas em suas residências.

De tudo se conclui — lembrando o “olhar de secapeimentera” — que deve existir certa energia negativa no

olhar de muitas pessoas. Tema relevante para estudos de metapsicólogos, que precisam encontrar solução a fim de converter essa energia negativa em positiva e direcioná-la em algo construtivo. Porque a força que pode matar — a energia elétrica, o átomo, etc. — também pode servir para beneficiar em muitos sentidos a humanidade.

Eis tarefa gloriosa para metapsicólogos desocupados...

## MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE “D. MARIA OLÍMPIA” DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

# Olímpia

Na época das grandes divisões de terras, em todo o município da vila de Espírito Santo de Barretos, foi que chegaram os engenheiros Robert John Reid e William Leatherbarrow, a chamado do agrimensor Jesuíno da Silva Melo.

O Dr. Reid, escocês, formado em Engenharia Civil, passa por ter sido entusiasta do Direito, com enorme admiração pelo jurista norte-americano Elihu Root. Seria uma das razões que o aproximaram do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, cearense, que viera de Passos, Minas, para ocupar o cargo de Promotor Público na comarca.

Os laços de amizade que ligavam o engenheiro ao promotor e à sua esposa, D. Maria Isoleta, mais se estreitaram com o convite ao moço estrangeiro para padrinho da menina Maria Olímpia, filha única do casal, nascida em São Paulo, a 2 de fevereiro de 1897. Batizada pela tia D. Mariana Arantes e pelo Dr. Robert John Reid, veio “com menos de quarenta dias” para Barretos, que ainda não tivera o nome assim abreviado, mas fora elevado à categoria de cidade, em 8 de janeiro.

Naquele ano, Antônio Marcolino Osório de Sousa e Joaquim Alves Franco (Quinzote), que haviam adquirido os direitos de antigos posseiros, confiaram a divisão da fazenda Olhos D’Água a Jesuíno da Silva Melo, posteriormente substituído pelo Dr. Robert John Reid.

Somente, em 21 de junho de 1900, teve lugar “a primeira diligência especial para a instalação dos trabalhos divisórios” da fazenda que, a despeito de sua área descomunal, se achava em estado de quase completa decadência. Apenas algumas famílias, ilhadas, vindas nos últimos anos, não eram atingidas pelo marasmo e pela desesperança gerais. O velho casarão, em ruínas — o Taperão — que o engenheiro Reid encontrou, à esquerda do córrego e o cemitério, coberto de mato, a que muitos trilhos conduziam, na margem direita, eram a prova mais aterradora das precárias condições, em que viviam os moradores das cercanias. Houve quem atribuisse, aos “netos dos velhos sertanejos, nascidos e criados no mato”, o aspecto desolador e a devastação das terras, do rio Grande até abaixo dos córregos Olhos d’Água e Palmeiras, mas não seria justo omitir que boa parcela de culpa cabia às administrações municipais. Barretos, distante dois dias a cavalo, daquela parte de seu território, deixava-a em total desamparo e abandono.

Algo aconteceria para arrancar a gente sertaneja da sombria situação. A divisão da fazenda Olhos d’Água, realizada por um homem culto e dinâmico, como o engenheiro Reid, haveria de tornar-se uma iniciativa de elevado alcance, com duradouras e benéficas consequências sociais e outras, ensejada pela evolução dos acontecimentos políticos de Barretos, na época. Vejamos.

Depois da cisão das hostes do P.R.P., o deputado Silvestre de Lima (dissidente), regressou de São Paulo,

em 17 de novembro de 1901 e recebeu a maior demonstração de apreço, que jamais os barretenses haviam prestado a um político local.

No entanto, dias depois a sociedade de Barretos estava “lamentavelmente agitada e dividida”. O Partido Republicano, que era único, cindira-se em duas alas: os *dissidentes* (Antônio Marcolino Osório de Sousa, Silvestre de Lima, João Simplício de Macedo, João Machado de Barros e outros) e os *governistas*, que formavam a União Conservadora. Como do Diretório do P.R.P. (governista) se retiraram José Eduardo de Oliveira (Zeca Vigilato) e Eliseu Ferreira de Menezes, as rédeas da comissão diretora municipal do partido (governista), passaram às mãos de Olavo de Carvalho e outros amigos do Promotor Público, Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira. Este, segundo os rumores que corriam pela cidade, partira para São Paulo, a convite do governo estadual. No dia 8 de dezembro (1901), *O Sertanejo*, única folha local criada e dirigida por Silvestre de Lima, informava: “Está confirmado o boato. O Dr. Antônio Olímpio é o diretor da política governista”. Contrário à Dissidência consolidara-se a União Conservadora.

Realizadas as eleições de 16 de dezembro (1901) para a escolha de vereadores e juizes de paz, o dissidentes saíram vitoriosos. Os governistas nada puderam fazer contra políticos experientes e verdadeiramente prestigiosos. Porém, dias depois as eleições “foram declaradas nulas”.

A primeira experiência política do Dr. Antônio Olímpio não chegou a preocupar os adversários. É que não deixara transparecer o homem sagaz; o político hábil que viria a ser. Quem muito confiava nas suas qualidades extraordinárias e no seu futuro político era o engenheiro Reid. Desde que o amigo e compadre ingressara na política partidária, vinha pensando na criação de um povoado, nas margens do córrego, onde — como vimos — “procedia à divisão da fazenda Olhos d’Água”.

Segundo informações orais, o Dr. Antônio Olímpio ouviu entusiasmado a exposição do engenheiro, comprometendo-se a auxiliá-lo, quando se firmasse como líder político ou tivesse em mão, o leme da administração municipal. Na ocasião, o Cel. Antônio Ferreira de Melo Nogueira deu ao Dr. Reid toda a orientação sobre o sistema de patrimônio, que ele próprio usara ao ajudar na fundação de São Bom Jesus de Avanhandava, origem de Monte Azul, onde tinha fazenda, administrada pelo filho Francisco de Melo Nogueira. Do Cel. Jesuíno da Silva Melo recebeu o maior estímulo. Também ele tencionava construir uma ponte sobre o rio Grande, que de certo traria desenvolvimento e progresso ao empobrecido noroeste do município.

Decidido a pôr em prática o plano que idealizara, procurou, em primeiro lugar, a família Miguel dos Santos, que freqüentemente visitava, desde que começara os



trabalhos divisórios da fazenda. Todos eram realmente seus amigos. "Presenteador incorrigível", consta até que sempre trazia pequenos mimos para D. Maria Generosa de Jesus, mãe de Manuel, Joaquim, Antônio, Francisco e José Miguel dos Santos, bem como de Carolina e Ana Joaquina de Jesus. Estes, por seu turno, muito confiavam no Dr. Reid.

Com pessoas assim, tão íntimas e amigas, não precisou de muitos rodeios. Falou-lhes da sua intenção de fundar um *comércio*, como se dizia, que pudesse desenvolver-se e, com o tempo, trazer os benefícios do progresso, do conforto e segurança das famílias que ali fossem residir. Todos concordaram com a idéia. Joaquim Miguel dos Santos não só foi o primeiro a prometer doar terras para a formação do patrimônio, como atendeu ao pedido do engenheiro Reid, para acompanhá-lo, sempre que fosse falar com outros condôminos da fazenda, pois alguns eram bravos, de trato difícil e obstinados.

Mas enquanto o Dr. Reid prosseguia no seu serviço de agrimensura e se empenhava em persuadir algumas pessoas, ansiava por ver o amigo e compadre firmar-se politicamente. Embora acreditasse na capacidade do Dr. Antônio Olímpio, houve uma ocasião que temeu pelo seu destino político.

Com a anulação das eleições de 16 de dezembro, permaneceu a Câmara antiga. Assim, a partir de 8 de janeiro de 1902, o Dr. Pedro Paulo, que exercera o cargo de intendente, em todo o triênio anterior, continuou no posto interinamente e o Cel. Silvestre de Lima, na presidência da edilidade, conquanto ainda não houvesse renunciado à cadeira de deputado.

Em fevereiro, as paixões políticas deixaram os barretenses mais divididos ainda. Os dissidentes tinham-se desinteressado da eleição para deputados estaduais do dia 12. O Dr. Antônio Olímpio já reassumira a Promotoria Pública, deixando aparentemente o campo livre para os adversários. A oportunidade pareceu excelente para que José Eduardo de Oliveira (Zeca Vigilato) e Almeida Pinto — dois ex-companheiros de lutas do Cel. Silvestre — elegessem, na primeira quinzena do mês, um novo Diretório.

Em 1.º de março, os dissidentes, mais uma vez, não participaram da eleição, em que Rodrigues Alves e Silviano Brandão foram eleitos, respectivamente, presidente e vice-presidente da República. No dia 13, Silvestre de Lima renunciou à cadeira de deputado, no Congresso Estadual e em 14, a Comissão Diretora do P.R.P., em São Paulo, reconheceu o Diretório chefiado por Zeca Vigilato e Almeida Pinto.

No mês seguinte, a cidade teve ocasião de assistir a mais uma demonstração de apreço a um chefe político: "O Cel. Zeca Vigilato, chegando em abril da capital, recebe animada manifestação de seus correligionários, com banda de música, vivas, foguetório, que continuaram em casa do Cel. Almeida Pinto, seu companheiro do novo Diretório" — segundo Osório Rocha.

Imediatamente, O Dr. Antônio Olímpio, deixando o major José Machado de Barros, à frente da Promotoria, partiu apressadamente para a capital do Estado (*O Sertanejo*, n.º 105, de 20 de abril de 1902). Foi ao encontro do Dr. Bernardino de Campos, que no mês seguinte seria eleito para substituir Rodrigues Alves. Regressou a Barretos com todos os trunfos e certo de que levaria os seus partidários à vitória nas próximas eleições municipais. Era uma questão de tempo... Essas notícias animadoras chegadas à fazenda Olhos d'Água fizeram com que os moradores das vizinhanças, tomados de entusiasmo, se reunissem para erguer, em 3 de maio de 1902, o cruzeiro de fundação, feito na fazenda de José Bento de Miranda. O engenheiro Reid, porém, explicou na ocasião, que somente depois de uma viagem que faria ao sul de Minas e após as eleições municipais, poderia, com a cooperação dos condôminos, criar o povoado.

A situação política de Barretos, tornou-se, então, *sui generis*: os dissidentes tinham o governo municipal;

Zeca Vigilato e Almeida Pinto dominavam o Diretório e o Dr. Antônio Olímpio contava com o apoio do Dr. Bernardino de Campos, eleito em 21 de maio (1902), Presidente do Estado de São Paulo.

As mudanças começaram a ocorrer, com a renúncia do Dr. Pedro Paulo de Sousa Nogueira, intendente municipal, em 12 de julho (1902). Até que se procedesse à eleição do novo intendente, o Cel. Silvestre assumiu o cargo, interinamente "de acordo com o Regimento Interno da Câmara".

Em 1.º de agosto, a Câmara elegeu para a intendência municipal, o vereador Joaquim Dias da Cunha, que tomou posse imediatamente. No mesmo dia Zeca Vigilato renunciou ao cargo de vereador e em meado do mês, Almeida Pinto, deixando a sua agradável residência da *Chácara dos Bambus*, transferiu-se temporariamente, com a família para Frutal.

Com o afastamento de Zeca Vigilato e a mudança de Almeida Pinto — os dois chefes do Diretório — ficou o caminho aberto para o Dr. Antônio Olímpio. Fora uma "questão de tempo".

A ocasião pareceu propícia ao Dr. Reid para ir ao sul de Minas Gerais. Dias depois partiu para Caldas, aonde fora à procura de parentes de condôminos de Olhos d'Água, que lá residiam. Regressou a Barretos, em setembro, em companhia do seu patrício Guilherme Leatherbarrow.

Por essa época, os barretenses já haviam apelidado as facções políticas locais, de modo pitoresco: os *dissidentes*, adeptos de Antônio Marcolino Osório de Sousa e Silvestre de Lima, eram os *araras*; os *governistas*, correligionários do Dr. Antônio Olímpio, os *pica-paus*.

Em 26 de janeiro de 1903, sem o comparecimento dos *araras* de Silvestre de Lima realizaram-se as eleições municipais tão esperadas, pois as de 16 de dezembro de 1901, tinham sido anuladas. Obviamente os *pica-paus* do Dr. Antônio Olímpio foram os vitoriosos. Com o triunfo olimpista, a Câmara Municipal elegeu: presidente, Cel. Antônio Ferreira de Melo Nogueira; secretário, Rafael da Silva Brandão; intendente, Domiciano Alves Ferreira.

Com o Dr. Antônio Olímpio vencedor do pleito municipal, estavam criadas as condições para que o Dr. Reid, fundasse o povoado, com os condôminos da fazenda. O engenheiro tudo fez para que esse acontecimento coincidissem com o dia do aniversário de sua afilhadinha, Maria Olímpia (2 de fevereiro). Entretanto, não foi possível. Mas em 2 de março de 1903, os condôminos compareceram ao cartório do tabelião Francisco de Almeida Silves para doar os 100 (cem) alqueires de terras para a constituição do patrimônio. Estava, finalmente, fundado São João Batista dos Olhos d'Água.

O Dr. Antônio Olímpio tinha um modo muito peculiar de surpreender os adversários, com a notícia inesperada, de uma iniciativa qualquer, de ampla repercussão. Assim, dias depois da criação do povoado, os barretenses ficaram sabendo, de repente, de importante conquista do chefe *pica-pau*: "No dia 15, com seu número 154, *O Sertanejo* toma rumo diverso, isto é, passa a ter como redator-chefe Tarciso Filadelfo, e a defender os interesses do Partido Republicano chefiado por seu cunhado Dr. Antônio Olímpio" — escreveu Osório Rocha. Apossando-se do jornal do seu adversário, preparava-se para candidatar-se a representante de Barretos, no Congresso Estadual. Realmente, em 1.º de dezembro (1903), conseguiu eleger-se deputado estadual.

Muito esperava São João dos Olhos d'Água do chefe político e novo representante, no Congresso. Mesmo antes do registro de escritura de doação do povoado, em 9 de julho de 1903, já iam surgindo casas, segundo o alinhamento, pois o Dr. Reid já traçara a sua planta. Nesta, ele reservou para si, "oito datas de terreno foreiro", onde ficava a casa de morada, sólida e rústica habitação de madeira que mandara construir, anos antes, a fim de que servisse de "casa da aposentadoria" para hospedar o juiz,



o escrivão, os advogados, os peritos e outros auxiliares da justiça, por ocasião das diligências. Por outro lado, a Câmara dominada pelos *pica-paus*, vinha tomando medidas para acelerar o desenvolvimento do lugarejo: mandou abrir, com auxílio de seus moradores, a “estrada nova”, ligando-o a Barretos, depois de atravessar Passa-Tempo (depois Itambé e, hoje, Ibitu); transferiu para ele, em 1.º de março (1904), a escola masculina provisória, regida por Francisco de Matos, de Baguaçu; transferiu também de Baguaçu, pouco mais tarde, o distrito policial, sob protesto dos habitantes daquela localidade e fez a abertura, em 20 de junho (1904), da Avenida 15 de Novembro (atual Av. Waldemar Lopes Ferraz). Daí o progresso imediato do arraial, como noticiou *O Sertanejo*, de 27 de março de 1904. O jornal traz inúmeras informações sobre a povoação batizada, no dia 20, com o nome de Vila Olímpia, numa festa presidida pelos “abastados fazendeiros Medeiros, Mirandas e outros”. Vejamos alguns trechos copiados textualmente:

#### Villa Olympia

“Não podia ser melhor e mais bonitinha a festa de São João dos Olhos d’Água, no dia 20 de março”.

“O que era, ha poucos mezes, esse lugar? Nada: e agora està adeantando-se duma maneira assombrosa, devido especialmente aos esforços do intelligente Engenheiro Dr. Roberto John Reid, que trabalha sem descanso pelo progresso commercial, industrial e civil daquele sympathico arraial, que já està suscitando as justas invejas das povoações circumvisinhas?

“O zelo do senhor Dr. R. Reid està valiosamente secundado pelo nosso illustre Deputado, Dr. Antonio Olympio que não deixa um só instante de dar provãs de particular dedicação e amizade (bem merecidas) á povoação de S. João dos Olhos d’Água”.

“Foi com esse nome tão bonito de Villa Olympia que o nosso D.D. Coadjutor P. Ernesto Urbani... baptizou aquelle arraial...”

Após o batismo do lugarejo, a Comissão “encarregada da construção da Igreja de São João” (Manoel Soares de Medeiros, Miguel Antônio dos Reis, Joaquim Miguel dos Santos e Joaquim Antônio Assis) incumbiu João Vieira do Vale de dirigir o serviço dos trabalhadores escolhidos para levantá-la (José de Castro Pena, Pedro José dos Santos, João Arruda, Sebastião José Gonçalves e um operário conhecido por José Pedreiro), mas no final da construção, para rebecá-la, foi pedida a colaboração de todos os vizinhos.

A capela ficou pronta em meado de 1905: “Era de taipa ou pau-a-pique, coberta de sapé sob o qual havia um forro de pano de algodão infestado. No fundo do altar à guisa de reposteiro, havia uma ampla cortina que ia do teto até o chão e que servia para dar um “certo que” de luxo e de beleza aos olhos de quem vinha e via a imagem do Santo Padroeiro” — segundo a descrição de R. Sales.

Convém ressaltar que a partir dessa época, *O Sertanejo* em todas as notícias sobre o lugar; a Câmara Municipal em várias ocasiões e o povo de Barretos sempre, somente empregavam a denominação *Vila Olímpia*, enquanto na própria povoação nascente, ora ainda a chamavam de São João dos Olhos d’Água, ora de Vila Olímpia. Este, portanto, já vinha se tornando o nome consagrado pelo uso, quando o deputado Antônio Olímpio apresentou, em 26 de julho de 1904, o projeto criando o Dis-

trito de Vila Olímpia, em atenção ao pedido do engenheiro Reid, que quis, assim, homenagear a afilhadinha Maria Olímpia.

## II

Em janeiro de 1905, o deputado Antônio Olímpio, deixou o Congresso para eleger-se intendente municipal e, em 2 de janeiro de 1906, com a mudança do título de intendente, tornou-se o primeiro *Prefeito* do município de Barretos.

Nesse mesmo ano, o lançamento do primeiro número do *Correio de Barretos*, em 30 de agosto, marcou o retorno do Cel. Silvestre de Lima à atividade política.

A volta da figura carismática do chefe *arara*, à luta partidária, não deixava de ser preocupante, mas o fim do ano traria ao seu adversário, notícia das mais compensadoras: em 18 de dezembro (1906), o presidente do Estado de São Paulo, Dr. Jorge Tibiriçá, por força da Lei n.º 1 035, criou o Distrito de Paz, cuja sede recebeu, no dia seguinte, o predicamento de vila, com a denominação de *Vila Olímpia*.

O ano de 1907 começou carregado de maus presságios. A inusitada efervescência política aumentava a cada dia. Tal foi a agitação, na época, que o Dr. Antônio Olímpio não pôde sequer instalar o Distrito de Paz de Vila Olímpia. Para aumentar as preocupações do prefeito e chefe *pica-pau*, fomentou-se uma dissidência, em seu partido, à qual aderiu a maioria dos pecuaristas, razão por que a facção independente organizada, ficou conhecida por “partido queijeiro”. Abandonando por vários companheiros, apreensivo com as ciladas da política, devia temer pelo seu futuro. De fato, em 14 de dezembro (1907), nas eleições municipais para vereadores e juizes de paz, a vitória dos *araras* do Cel. Silvestre de Lima foi esmagadora.

Em janeiro de 1908, uma vez eleito pela Câmara, para a Prefeitura Municipal, o Cel. Silvestre de Lima nomeou Ismael Telasco de Miranda e João Batista Soares de Medeiros, respectivamente, subprefeito e subdelegado de polícia de Vila Olímpia e tomou providências para a instalação do Distrito de Paz. Este foi instalado no dia 10 daquele mês, às 13 horas. O cartório ficava localizado numa casa de um dos cantos da Praça da Matriz. Era juiz de paz Emídio de Maceno (Emídio Brás) e escrivão Eleasar de Menezes.

A instalação do Distrito de Paz de Vila Olímpia teve a mais alta significação para os seus habitantes. Não só pelo serviço que o cartório prestava à comunidade, senão pelo entusiasmo que trouxe aos vilolimpienses. Mesmo receoso de omissões imperdoáveis, arriscamo-nos a citar: Francisco de Melo Nogueira, Narciso Bertolino, os Mirandas, Eleasar de Menezes (até 1911), José Soares de Medeiros e os irmãos, José Clemência da Silva, João Aidar e seus primos, Miguel Salim e seus irmãos, Leonardo Possella Segundo... os quais muito contribuíram para o desenvolvimento do distrito. Nesse tempo, entre os estrangeiros prodominavam, na zona urbana, os sírios, no comércio; e na zona rural, os espanhóis, que se dedicavam à pecuária e ao plantio de cereais, principalmente, arroz.

A inauguração, em 25 de maio de 1909, do prolongamento de E. de F. Paulista até Barretos provocou a maior alegria em todos os seus moradores, do mesmo modo que o avanço dos trilhos da São Paulo-Goiás rumo a Monte Azul, vinha enchendo de esperança os vilolimpienses. A partir de 15 de novembro, *O Vila Olímpia*, pequeno jornal dirigido por Eduardo de Oliveira passou a levar para além das fronteiras do distrito e do município, notícias da existência de uma região de terras férteis, ricos mananciais, abundantes madeiras de lei e vastos campos verdejantes. No ano de 1910, iniciou-se o plantio de cafeeiros e começaram a chegar, atraídas pela propaganda, famílias italianas, principalmente, de Sertãozinho, que iriam cooperar decisivamente para transformar o antigo Sertão dos Olhos d’Água, num dos maiores centros de produção de café, além de desenvolver consideravelmente



a pecuária, atividade que sempre existiu ali. Foi também o ano da instalação da Paróquia, em 13 de março e em que o Cap. Francisco de Melo Nogueira, ingressou ativamente na política, elegendo-se vereador, em 30 de outubro, pelo partido *pica-pau*.

A Vila Olímpia com a expansão da lavoura cafeeira, entrou numa fase de acelerado desenvolvimento. Foi o que atraiu o farmacêutico Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade que aqui instalou a tradicional Farmácia Marcondes. Em 1914, o filho Mário Vieira Marcondes, estudante de Direito, em São Paulo, vindo convalescer de grave enfermidade, na casa paterna, enamorou-se da senhorinha Maria Olímpia que — como vimos — era filha do Dr. Antônio Olímpio. Em 11 de julho de 1916, o casamento de Mário e Maria Olímpia foi um acontecimento social de rara repercussão. Casado, abriu escritório de advocacia, em Vila Olímpia, com o sogro e Leonardo Posella Segundo, que fazia serviços de agrimensura, embora fosse adversário político de ambos. Mário Marcondes logo mergulhou nas lutas partidárias, sempre com o seu companheiro, já então coronel Francisco de Melo Nogueira.

Entrementes, houve na política paulista inesperada reviravolta. Na convenção do P.R.P. a 7 de novembro de 1915, Cincinato Braga declarou que o nome de Altino Arantes não tinha prestígio suficiente para unir os paulistas. Pediu o adiamento da convenção para que outro nome pudesse surgir. A proposta de adiamento, uma vez em votação só foi apoiada pelos antigos dissidentes. Estava aberta a segunda dissidência. Os antigos dissidentes abandonaram o plenário da convenção. A candidatura Altino Arantes, foi, assim, aprovada por 72 votos a 1.

Em Barretos, o Cel. Silvestre de Lima também era um antigo dissidente (isto é, de 1901). Foi o motivo por que o Dr. Antônio Olímpio foi chamado para formar o Diretório do partido. Criou-se, desse modo, uma situação de constrangimento para o prestigioso chefe *arara*: detinha em suas mãos o governo municipal, mas o adversário dominava o Diretório.

Por isso, a campanha para as eleições municipais de 30 de outubro de 1916 foi de todas a mais apaixonante, áspera e aguerrida.

Realizadas as eleições, os dois partidos usaram os mais condenáveis estratégias para vencer, porém, a vitória pendeu para os correligionários do chefe *arara*.

Ainda assim, o Dr. Antônio Olímpio, casado com D. Maria Isoleta — também uma Arantes, continuou prestigiado pelo presidente do Estado de São Paulo e conseguiu o que mais desejava no momento que era a autonomia do distrito. Desse modo, a 7 de dezembro de 1917, com território desmembrado do de Barretos, a Lei n.º 1 571, criou o Município de Olímpia e concedeu à sede municipal foros de cidade.

No dia 21 de janeiro de 1918 circulou pela primeira vez *A Cidade de Olímpia*, de propriedade de Fidelcino Pinheiro e cujos redatores eram Mário Marcondes e Lino Vieira.

Naquele mesmo ano, a 7 de abril foi instalado o Município, ocasião em que a Câmara escolheu para prefeito, Mário Vieira Marcondes.

Ainda no governo Altino Arantes foi criada a Comarca, pela Lei n.º 1 689, de 19 de dezembro de 1919. A sua instalação ocorreu em 9 de fevereiro de 1920.

### III

Não dispondo de mais espaço, sentimo-nos, no dever de pelo menos, citar os nomes de todos aqueles que administraram o Município e, de algum modo, contribuíram para tornar Olímpia, o que ela é hoje. Foram seus prefeitos: Mário Vieira Marcondes, Jeremias Lunardelli, José Soares de Medeiros, Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade, José Clemêncio da Silva, Dr. Jerônimo de Almeida, Dr. João Alcides Avelar, Cap. Luís Pereira Leite, Dr. Bianor da Silva Medeiros, Ten. Antônio Leopoldo Cunha, Francisco Zanin, Mário Garcez Novais, Francisco Bernardes Ferreira, Alfredo Augusto da Rocha, Dr. José Lopes Ferraz, Dr. Paulo Furquim, Dorismundo de Almeida Camargo, Lourenço Cavariani, Sudário Braz de Miranda, Dr. Waldemar Lopes Ferraz, Álvaro Brito, Dr. Wilquem Manoel Neves, Paschoal Lamana, Dr. Alfonso Lopes Ferraz, Álvaro Cassiano Ayusso, Erciley Parolim e o prefeito atual, Wilson Zangirolami, eleito em 15 de novembro de 1982.

O Município de Olímpia, poucos anos depois da sua instalação, tornou-se grande produtor de café, com uma expressiva pecuária, como pode ser visto, nas duas excelentes revistas agrícolas, organizadas, em 1925 e 1926, por Gualtiero Mori, que todo bom olimpiense deve guardar carinhosamente.

Nos últimos anos, o plantio da cana-de-açúcar e da laranja, que vem em grande parte substituir a lavoura cafeeira, continuaram a fazer o Município rico, e de Olímpia um lugar com toda a infra-estrutura de uma cidade moderna.

Possui vários estabelecimentos bancários, boas casas comerciais e importantes indústrias. Dispõe, igualmente, de igrejas, hospitais, estação rodoviária, escola de vários níveis, edifícios de muitos andares e residências luxuosas, bem como emissoras de rádio, jornais, casa da cultura, bibliotecas e museu.

Em 1965, o Prof. José Sant'anna criou o primeiro Festival do Folclore, que vem se repetindo a cada mês de agosto, todo ano, atraindo sempre grande número de visitantes, folcloristas, professores, estudantes, cantores ou simples curiosos, de toda parte, e levando, desse modo, o nome da cidade aos mais longínquos recantos do país. Daí ser Olímpia chamada atualmente de *Capital do Folclore*.

Rothschild Mathias Netto

Comissão de História — Olímpia  
Olímpia, 19 de março de 1985



# Deixe o Bradesco acertar as contas por você.



CARTEIRA DE PAGAMENTOS

# BRADESCO



# Noticiário

## CÂMARA DOS DEPUTADOS

BRASÍLIA, 13 DE AGOSTO DE 1984

OF. 171/84

Senhor Prefeito:

Com meus cumprimentos, gostaria de congratular-me com V.S.<sup>a</sup> e com o Prof. José Sant'anna pela realização do 20.º Festival do Folclore em Olímpia.

Impossibilitado de comparecer por motivos que me prendem aqui em Brasília, fiz questão de fazer um pronunciamento sobre essa bonita e importante festa, cuja cópia segue em anexo.

Ciente da acolhida, queira aceitar minhas manifestações de real estima e distinto apreço, extensivas aos organizadores e colaboradores do Festival do Folclore e ao grande povo olimpiense.

Cordialmente,

*Raimundo da Cunha Leite*  
Deputado Federal

Ilmo. Sr.

WILSON ZANGIROLAMI

DD. Prefeito Municipal

OLÍMPIA — SP

Discurso pronunciado pelo Deputado RAIMUNDO LEITE (PMDB — SP) na sessão conjunta do Congresso Nacional de 14/08/1984.

Senhor Presidente

Senhores Congressistas:

Tenho a grande honra e a grata satisfação de deixar registrado aqui o transcurso do 20.º Festival do Folclore de Olímpia, que ora se realiza naquele Município, hoje cognominado de a "Capital Nacional do Folclore". De 12 a 19 deste mês, Olímpia estará oferecendo ao País uma contribuição cultural e artística das mais significativas e valiosas.

No difícil momento em que atravessamos, só mesmo a boa vontade, o estímulo e os esforços dos seus organizadores tornaram viável a realização de mais um Festival do Folclore em Olímpia. Sob a coordenação geral do Professor José Sant'anna, e com o apoio do atual Prefeito Wilzon Zangirolami, essa festa sempre despertou interesse e curiosidade, absorvendo grande número de participantes e visitantes.

É que existe aí uma razão bastante simples para isso. Afinal, ali se apresentam os mais autênticos grupos folclóricos de nossa terra, com suas músicas, cores e ritmos, de tal maneira, que o Festival vem ultrapassando as fronteiras do Estado de São Paulo para alcançar, merecidamente, conotação de nível nacional.

Enfim, Senhor Presidente, Senhores Congressistas, tornou-se tradicional a realização dessa grande festa durante o mês de agosto em Olímpia. Parece até que a cidade fica mais bonita. É como disse o Professor Sant'anna: "Fica mais melodioso o canto das aves, o ar parece mais balsâmico e puro, e há por toda parte um espírito de alegria que anima e atravessa a cidade".

Portanto, gostaria de fazer um apelo às pessoas de um modo geral, no sentido de visitarem Olímpia, duran-

te a realização desse bonito Festival. Lá, encontrarão a expressão maior do nosso Folclore, e aliado ao caráter bondoso e hospitaleiro do povo olimpiense, tenho certeza, jamais haverão de esquecer tal acontecimento!

## ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

São Paulo

Requerimento n.º 2 383, de 1984

Requeremos, nos termos regimentais, seja consignado na Ata dos nossos trabalhos, um voto de congratulações com a população de Olímpia, pela realização do 20.º Festival do Folclore, realizado de 12 a 19 de agosto próximo passado.

Requeremos, outrossim, que desta manifestação seja dada ciência aos organizadores do evento e às autoridades locais.

### JUSTIFICATIVA

Por ocasião da realização do Festival do Folclore, Olímpia torna-se a capital das tradições populares.

Durante uma semana, grupos advindos dos diversos Estados do País apresentam através de danças, cantigas, jogos, ensalmos, ... tudo o que reflete as crenças e os costumes mais arraigados do povo brasileiro..., adentrando na floresta das lendas, dos mitos e das superstições.

É na tradição popular que se encontra o material mais valioso para o conhecimento fiel da sociedade, o verdadeiro repositório da história do nosso povo e de sua evolução cultural através dos tempos.

Nada mais justo portanto, que louvemos este ensejo, que teve a oportunidade de reunir visitantes das diferentes regiões do País. É festa nacional, que demonstra o mais fino sentimentalismo pela terra, e a perpetuação do espírito popular.

Sala das Sessões, em 30/8/84

a) *Edinho Araújo*

\* \* \*

São Paulo, 18 de setembro de 1984

RG. 14.656/84 — AL

Of. n.º 9.950

Senhor Prefeito

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o nobre Deputado Ademar de Barros apresentou o Requerimento n.º 2.505, de 1984, em virtude do qual se consignou na Ata dos nossos trabalhos um voto de congratulações com o povo de Olímpia, pela realização do 20.º Festival do Folclore ocorrido nesse município.

Consubstanciando o pensamento desta Casa, a referida proposição mereceu inserção, nos termos dos inclusos avulsos, no "Diário da Assembléia" de 13 do corrente.

Valho-me do ensejo para apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha elevada consideração.

a) Deputado Vanderlei Macris  
1.º Secretário



A Sua Excelência o Senhor Wilson Zangirolami  
Digníssimo Prefeito Municipal  
Olimpia — SP

\* \* \*

#### ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

São Paulo

Requerimento n.º 2.505, de 1984

Requeremos, nos termos regimentais, seja consignado na ata de nossos trabalhos um voto de congratulações com o povo de Olimpia, pela realização do 20.º Festival do Folclore, de 12 a 19 de agosto.

Requeremos, outrossim, que da manifestação desta Casa seja dada ciência às autoridades do município.

#### JUSTIFICATIVA

Olimpia, Capital do Folclore. Este título foi dado pelo povo paulista em virtude da tradição de manter viva a nossa cultura popular, através do Festival do Folclore, realizado, anualmente, naquele município.

De 12 a 19 de agosto de 1984, Olimpia passou a ser o centro das atenções de quase todo o Brasil. Foi uma semana, onde foram honradas as nossas mais puras tradições: músicas, danças, comidas, artesanato, enfim, todo o lirismo que o povo nos transmite, quando mostra as raízes da nossa cultura.

Graças aos esforços do Prof. José Sant'anna, Olimpia tornou-se a cidade que mais cultiva as tradições brasileiras. Qual outra cidade que, em apenas uma semana, apresentou quarenta grupos folclóricos que vieram de Fortaleza, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas e Sergipe? Assim, podemos ver de uma só vez o Cordão de Bichos, o Fandango de Tamancos, o de Chinelas, as Danças-de-São-Gonçalo, Folias de Reis, Reisados, Catiras, Guerreiros Pernambucanos, Congadas, Capoeira, Samba-Leño, Moçambique, Catupé de Cacunda, Batalhão de Bacamarteiros, etc.

Todos aqueles que tiveram a felicidade de assistir aos festivais folclóricos realizados na acolhedora cidade de Olimpia, como nós tivemos, não só pelo fato de sermos filho daquela terra, mas também, como amantes das mais puras tradições brasileiras, jamais se esquecerão da beleza e da pureza das manifestações tipicamente populares apresentadas nesse 20.º Festival do Folclore.

Por estes motivos, não poderia esta Casa deixar de manifestar-se, levando, em nome do povo paulista, os nossos sinceros agradecimentos à população de Olimpia pelos esforços dispendidos na preservação da cultura brasileira.

Sala das Sessões, em 11/9/84

a) Ademar de Barros

\* \* \*

#### ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

São Paulo

Requerimento n.º 2.666, de 1984

Requeremos, nos termos regimentais, seja consignado na ata de nossos trabalhos um voto de congratulações com a população de Olimpia pela realização do 20.º Festival do Folclore, de 12 a 19 de agosto.

Requeremos, outrossim, que da manifestação desta Casa seja dada ciência às autoridades locais.

#### JUSTIFICATIVA

O folclore é a própria alma do país, é o modo de ser da gente do povo, das suas maneiras de pensar, de

agir, de sentir, é a feição nacional nas suas bases mais profundas e mais características. É a mentalidade do povo, é a lição que nos vem transmitida através de gerações, com todo o saber empírico das gentes humildes que lastreiam a formação da nacionalidade, para a qual contribuíram portugueses, índios e negros, cada um com seus usos, práticas e costumes.

Dentro deste quadro, Olimpia exerce um papel de destaque, em nosso país, na tarefa de preservação da nossa memória, difundindo o folclore e fortalecendo a consciência da unidade nacional. Seu Festival do Folclore, conhecido nacionalmente, atrai turistas de todo o País, fazendo deste município a sede das manifestações da cultura popular brasileira.

Por estes motivos, não poderia esta Casa deixar de se congratular com o povo de Olimpia, levando, em nome dos paulistas os mais sinceros agradecimentos pela participação de todos na tarefa de preservação da cultura e memória nacionais.

Sala das Sessões, em 26/9/84

a) Dalla Pria

## CAIXA LANÇARÁ MOTIVOS FOLCLÓRICOS EM BILHETES LOTÉRICOS

Desde 1784, quando a primeira extração lotérica foi realizada no país, os bilhetes passaram por profundas modificações estéticas, consolidando-se do ponto de vista gráfico a partir de 1962, quando a exploração da Loteria Federal passou a ser exclusiva da Caixa Econômica Federal.

Recentemente os colecionadores brasileiros adquiriram um novo hábito — a *Lotofilia* — que consiste na coleção de bilhetes de loteria.

Anualmente a Caixa contrata um artista plástico para ilustrar as estampas dos bilhetes das grandes extrações da Loteria Federal, enriquecendo a coleção dos *lotofilistas* com reproduções de obras de artistas, além de temas culturais, incluindo-se o *folclore*, que homenageiam personalidades e eventos que contribuíram para enriquecer a cultura brasileira.

Com o propósito de estimular e difundir o hábito de colecionar bilhetes lotéricos e, ao mesmo tempo, registrar o 124.º aniversário de fundação, a Caixa lançou, a partir de 12 de janeiro deste, uma série especial, cujos bilhetes são ilustrados com temas alusivos à história da instituição, que foi criada através de um decreto do Imperador D. Pedro II. São catorze extrações que traçam um cuidadoso perfil de um dos mais significativos capítulos da história sócio-econômica do Brasil.

Na sequência, estão previstas outras séries especiais, voltadas para temas como a ecologia, a preservação do patrimônio histórico nacional e do folclore brasileiro, entre outros temas.

A atual Loteria Federal originou-se da Loteria da Capital Federal, que era explorada, desde 1893. Através do decreto n.º 50.594, de 14 de julho de 1961, a exploração da Loteria foi entregue à Caixa Econômica Federal, que desde a primeira extração, realizada em 15 de setembro de 1962, vem canalizando seus recursos para o desenvolvimento de programa de alcance social.

## O FEFOL NA TV E NOS JORNAIS

O 20.º Festival do Folclore de Olimpia foi mostrado nos canais da R.T.C. — Canal 2 em várias ocasiões, dentre elas: dia 7/10/84 — Domingo — 20 horas; dia 5/5/85 — Domingo; dia 7/5/85 — Terça-feira...



A TV Cultura filmou o 20.º FEFOL, aproveitando a filmagem para a edição de programa de cunho jornalístico e informativo. Comparou a juventude da capital paulistana, presa à cultura importada, que estimula e conduz a geração jovem à aceitação de ídolos, modos e maneirismos, danças, músicas e ritmos alienígenas aos jovens que, em Olímpia, vêem e participam do que há de mais puro e singelo na cultura popular brasileira — o folclore. Apresentou o FEFOL em termos de maior brasilidade e de expressão genuinamente popular mostrando, a todo o Brasil, atingido pela R.T.C., um pouco do que se faz em Olímpia, com o fito de preservar valores culturais que estão sendo esquecidos ou perdidos definitivamente.

Além das apresentações do Parafolclore sob regência e direção de Maria Aparecida de Araújo Manzoli e seu magnífico grupo do Centro de Tradições “Noiva Sertaneja”, programas que foram sucesso na capital e em muitas cidades brasileiras, a R.T.C. continuou dando destaque ao que Olímpia, através do Prof. José Sant’anna vem fazendo em prol da preservação de grupos autênticos do folclore nacional, enfatizando as lutas enfrentadas para que esses grupos, provenientes de todas as partes do Brasil não desapareçam, não sejam transformados em “atrativos turísticos” apenas.

É de se ressaltar, também, o trabalho da TV Globo, Canal 5 que, com ampla audiência nacional mostrou, em horário nobre, cenas do que Olímpia “vivia” durante o festival do Folclore.

Os jornais da região e os da cidade colaboraram grandemente com o FEFOL, especialmente em suas Edições Especiais, o que merece o nosso respeito e perene gratidão.

O Banco Auxiliar — Encarte do jornal Auxiliar n.º 71, setembro-outubro/1984, deu destaque absoluto ao FEFOL, sob o título — OLÍMPIA: 20 ANOS DE FOLCLORE. Belíssimas fotos coloridas complementaram o trabalho de Cida Teixeira e Marisa Carrião. Retrataram com fidelidade a singeleza dos grupos locais no seu dia-a-dia, mostrando o Capitão Ferreira e seu Terno de Congada Chapéu de Fitas, a casa do Sr. Adelis, 1.º capitão, onde ficam guardados objetos e fantasias do Moçambique de S. Benedito, D. Judite, a benzedeira da cidade, Folia de Reis, Caiapós, Samba de Aboio, Dança de Fitas, etc. . .

O Boletim do Interior — SP — cap., n.º 9 — setembro de 1984 apresenta, pág. 25, o título: “FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA: 20 anos de amor à cultura brasileira”, localizando geograficamente a cidade de Olímpia, descrevendo o que se faz em prol do folclore, retratando crianças de diversos grupos, o Conjunto do Sesi — Ceará, o Cordão de Bichos — Tatuí, Caiapós — São José do Rio Pardo, Terno de Moçambique do capitão Protásio e discorrendo sobre os esforços do Prof. José Sant’anna nesses 20 anos de festivais.

À R.T.C., à TV Globo, aos jornais locais, ao Banco Auxiliar, à Secretaria do Interior — SP, a todos que divulgaram e aplaudiram o 20.º FEFOL, os sinceros agradecimentos dos que por ele lutaram e que foram os responsáveis por sua realização.

## CORRESPONDÊNCIAS

1

Prezado amigo Sant’anna, feliz e próspero ano de 1985.

Muito agradeço o Anuário — Olímpia 1984. Belíssimo! Perfeito! meus parabéns. Estou de novo como Presidente da Comissão Mun. de Folclore. Gostaria de receber sua colaboração e ter uma reunião com o amigo quando vier a São Paulo. Será possível?

Abraços da Esther (Baronesa Esther Sant’Anna de Almeida Karwinsky).

2

Ao prezado Sant’anna.

Agradeço aos votos enviados e desejo que tenha passado ótimo Natal em companhia dos seus e que 1985 lhe traga tudo o que desejar.

Recebi a revista. Grata. O Anuário está muito bom. O abraço e as saudades da

Maria Amália Corrêa Giffoni — São Paulo — SP.

3

Prezado Senhor,

Recebemos e agradecemos o Anuário do Folclore, referente ao 20.º Festival do Folclore de Olímpia.

Parabenizamos V.S.ª e equipe pelo excelente trabalho de divulgação da arte do nosso povo.

Sempre gratos, subscrevemo-nos atenciosamente.

Carmen Lúcia T. A. Dantas — Coord. Museu Theo Brandão.

4

Estimado colega e amigo,  
Prof. José Sant’anna.

Acuso o recebimento e agradeço o envio de seu 20.º Festival de Folclore, realizado em Olímpia, sob vossa criteriosa orientação, contendo precioso material sobre as tradições populares de Olímpia.

Parabenizando-me com o estimado colega pela publicação do Anuário que ocupará posição de destaque na bibliografia folclórica brasileira, no ensejo estou remetendo minha última publicação, referente à exposição da Coleção Africana por ocasião da reunião do Pacto Amazônico em Belém.

Agradecendo a gentileza de seu envio, creia-me o mesmo amigo e admirador que o abraça cordialmente.

Napoleão Figueiredo

5

Caro Amigo Sant’anna:

Com os meus votos de um Novo Ano próspero e tranqüilo, os agradecimentos pelas atenções de que fui alvo em 84, especialmente pela remessa da valiosa publicação sobre o 20.º Festival de Folclore de Olímpia. É meu propósito enviar-lhe, oportunamente, um estudo que realizei sobre o Curupira, que simboliza os Festivais que já se tornaram uma tradição brasileira, de há muito ultrapassando os limites de Olímpia e de São Paulo.

Parabenizando-o por mais esse triunfo, abraço-o muito cordialmente,

Luiz Beltrão — Brasília (DF)

6

Meu caro Prof. José Sant’anna,

Magnífico o seu “Anuário do Folclore”, não só pelos assuntos nele tratados para aproveitamento didático, o que considero essencial na divulgação do nosso Folclore, também pela apresentação gráfica das matérias. Novamente, você e sua equipe estão de parabéns.

Com um abraço do seu confrade,

Alcides Nicéas — Olinda (PE)

7

Meu caro José Sant’anna,

Todas as palavras serão poucas para louvar o trabalho que vem sendo realizado aí em Olímpia. O Anuário está uma beleza, refletindo o quanto de produtivo re-



sulta desse Festival que já completou o jubileu de porcelana.

Não fosse Olímpia tão distante eu já teria ido testemunhar o desenrolar das atividades do Festival. Aguça a curiosidade da gente constatar que numa pequena cidade, com força de vontade e amor a uma causa, cresce de ano para ano a importância do Festival. Festival que poderia ser apenas um Festival. Muita festa, muita gente. Apenas isso.

Agradecendo a oferta do Anuário, envio-lhe os meus mais vivos aplausos.

Desejo que o Ano de 1985 traga mais possibilidades de realizações úteis.

*Hildegardes Viana — Salvador (BA)*

8

Prezado Colega Prof. José Sant'anna,

Muitíssimo obrigado pela expressiva homenagem que você e nossos amigos de Olímpia meprestaram nas páginas imortais do 20.º Festival do Folclore.

Parabéns pela posse na Câmara Municipal. A festa que aconteceu na Casa da Cultura no dia em que você reassumiu a edilidade olímpense é uma prova do carinho do povo ao seu vereador.

Aquele abraço do

*Saul Martins — Belo Horizonte (MG)*

9

Prezado Amigo

Com prazer acuso o recebimento da revista "Anuário do Folclore" que você teve a gentileza de nos enviar através do João Fortunato.

Quero parabenizá-lo pela sua feitura, abrangendo as mais variadas composições do folclore, em suas diversas áreas.

Ao lê-la, veio-me à lembrança todas as emoções vividas na Festa dos Santos Reis, da qual fui Festeiro no ano passado, em Palmital. Foi uma realização de sucesso, com amplo comparecimento da população local e das regiões circunvizinhas.

Com meus cumprimentos pelos seus esforços pela preservação cultural e memória de nosso povo,

Cordialmente,

*A. H. Cunha Bueno — Deputado Federal*

10

Caro Professor José Sant'anna,

Sou muito sensível à sua delicadeza presenteando-me com o exemplar comemorativo do 20.º Festival do Folclore em Olímpia, nesse Estado.

Quero dar-lhe os meus parabéns e dizer-lhe que por motivos particulares e de saúde esteja hoje afastado de qualquer movimento nesse sentido, depois de haver dado em idealismo e boa vontade quanto pude ao fascinante assunto, que é a Ciência do Povo; é sempre com alegria que recebo as publicações dessa região. A sua "Revista" constitui talvez o melhor documento em circulação junto a quem se interessa por coisas de Folclore. É bem feita, viva, com um excelente corpo de colaboradores, é de excelente confecção gráfica. Nela escrevem estudiosos e autoridades incontestáveis ao saber popular neste vasto País. Esteja certo de que colabora com inteligência e superior bom gosto pelo progresso do Folclore entre nós. Eu cá estou para aplaudi-lo e desejar-lhe saúde, vida e esperança no ano que começa.

*Rubens Falcão — Niterói (RJ)*

11

Senhor Vereador,

Apraz-me comunicar-lhe o recebimento da Revista "20.º FESTIVAL DO FOLCLORE", editada no último mês de agosto do ano em curso.

Sem querer menosprezar as demais Revistas que circulam pelo nosso imenso Brasil, esta, sem dúvida alguma é uma das melhores, tanto na sua redação como nos temas abordados. Principalmente a ilustração de nossa Cavalhada.

Parabéns, ilustre vereador. Que esta Revista continue sempre nesta linha de bem informar e instruir a todos aqueles que tiverem o privilégio de tê-la em mãos.

Mais uma vez, meus agradecimentos pelo envio da referida Revista e ao ensejo, reitero-lhe protestos de alta estima e distinta consideração.

Fraternalmente:

*Walton Garcia Cardoso — Prefeito Municipal (Palmeiras de Goiás).*

12

Caríssimo amigo

Prof. José Sant'anna: meu abraço.

Acabo de receber a revista comemorativa do 20.º Festival do Folclore de Olímpia — obra sua, atestado indiscutível da sua liderança e amor ao folclore. Meus parabéns pelo acontecimento notável e pela publicação da revista — que está, como diz o velho Cascudo — "dos amores, um cravo"!

Muito grato a você pela transcrição da minha fala sobre a Posição do Folclore como Ciência.

Aqui continuo na direção do Museu "Câmara Cascudo" da UFRN e agora na presidência do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

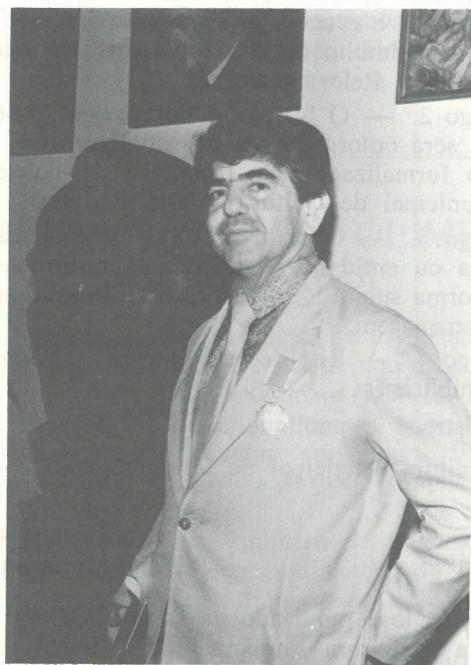
Princípio de janeiro, estarei no Recife, para fazer conferência na Fundação "Joaquim Nabuco", a convite de Gilberto Freyre.

Mando-lhe junto um trabalho, que acabo de publicar no JORNAL DO COMÉRCIO do Recife. Olhe o artigo e, se gostar, divulgue-o no próximo número da sua excelente revista de Folclore.

Sempre seu amigo e admirador.

*Veríssimo de Melo — Natal — RN*

## COMENDA "MARTIM AFONSO DE SOUSA" PARA JOSÉ SANT'ANNA



No dia 25 de janeiro de 1985, data da fundação da cidade de São Paulo, no Pátio do Colégio, capital, nosso



ilustre professor e grande folclorista, Dr. José Sant'anna, foi agraciado com a Comenda "Martim Afonso de Sousa".

A cerimônia revestiu-se de grande pompa, com a presença de autoridades civis, militares e religiosas, bem como da família olimpiense, representada por Antônio (Toninho), Maria de Fátima e Maria Cláudia Clemêncio da Silva que vibraram com o evento.

A referida comenda destina-se àqueles que mais se destacam na defesa da cultura, do patrimônio histórico e artístico nacional e que contribuem, dessa forma, para o engrandecimento da Pátria. É comenda instituída pelo Instituto Histórico e Geográfico Guarujá — Bertioga — SP, oficializada pelo Governo Federal, através do Decreto n.º 52.213, de 02/07/1963.

O ofício enviado ao futuro comendador foi assinado por Lúcia P. F. de Mello Falkenberg — Presidente do Instituto e, sem sombra de dúvida, podemos afirmar que foi merecidíssima, pois José Sant'anna a ela fez jus, por sua incansável obra de preservação do folclore brasileiro, por seus importantes trabalhos de arquivo que retêm fatos da nossa história e, o que mais se destaca, por sua notável batalha pelo aprimoramento da língua portuguesa.

Parabéns ao Instituto Geográfico e a seus dignos representantes.

Parabéns, professor Sant'anna, não apenas pela Comenda "Martim Afonso de Sousa" mas pelas muitas "comendas" a que faz jus, batalhando pelo desenvolvimento de nossa terra, de nossa gente, de nossa cultura, enfim. Parabéns, comendador!

*Iseh Bueno de Camargo*  
(professora, jornalista, folclorista)

## DECRETO N.º 1 730, DE 22 DE AGOSTO DE 1984

### INSTITUI O DIPLOMA DE SERVIÇOS CULTURAIS RELEVANTES

Wilson Zangirolami, R.G. 5.796.274 — SP, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei,

Decreta:

Artigo 1.º — A fim de homenagear aos que contribuem de forma expressiva e significativa para a preservação das artes populares, auxiliando ao Município em suas atividades e eventos promovidos para esse fim, fica instituído, no âmbito do Executivo, o "Diploma de Serviços Culturais Relevantes".

Artigo 2.º — O "Diploma de Serviços Culturais Relevantes" será outorgado por ato do Executivo, mediante indicação formalizada pela Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), desta Prefeitura.

Artigo 3.º — O texto do Diploma indicará o nome da pessoa ou entidade homenageada, informando, ainda que de forma sumária, as razões que inspiraram a outorga da homenagem.

Artigo 4.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1984.

a) *Wilson Zangirolami*  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1984.

a) *Lázaro Roberto Ferreira*  
Diretor Geral

## "EM TEMPO DE FOLCLORE, JOSÉ"

Estamos vivendo o 20.º Festival do Folclore de Olímpia. O tempo passou rápido, assim como os ponteiros de um relógio que marcam os segundos de uma competição, de um novo tempo, de recordes e grandes realizações.

Olímpia está feliz, festiva e preparada para o que der e vier.

Boas vindas a todos que aqui estão chegando. Muitos folguedos estão prontos para serem exibidos nos palcos, praças e ruas, tudo o que existe de mais arrojado: um espetáculo de grandeza, com vozes entoando mensagens puras, evocando a cultura e a tradição de um povo.

As lendas e parlendas, o colorido e a dimensão de tudo isso, fazem de nosso festival algo indescritível. Fantástico!

Os nossos corações estão vibrando de alegria. Crianças e jovens que nasceram junto com o festival, hoje estão quase se emancipando. Nossos pais viram o florescer daquela sementinha que, qual grão de mostarda em solo fértil, foi lançada por mão generosa, em um gesto de amor puro de um moço estudioso e ilustre pesquisador. Hoje merece o respeito de todos os folcloristas do Brasil e do exterior.

Ele está aqui conosco para falar de coisas importantes, daquilo que ele mais gosta: de Folclore com *F* maiúsculo.

Professor, Doutor, Vereador e muitos outros títulos brilhantes lhe são atribuídos. Ele é assim: emociona-se pelas causas do nosso Folclore. É simples como o sorriso afável de uma criança, encantador como as sete maravilhas.

Estamos falando do nosso querido JOSÉ SANT'ANNA, a quem Olímpia tudo deve pelo incansável trabalho em prol do Folclore e, neste momento, quero que todos juntos se levantem para aplaudi-lo de pé.

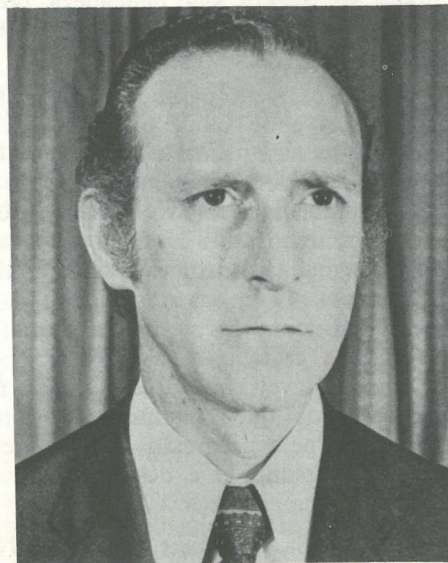
Parabéns, Professor, pelo 20.º Festival do Folclore. Muito obrigado por você existir. Que Deus, nosso pai, lhe dê a vitalidade necessária para que muitos outros festivais se realizem, sempre com a presença de seu criador maior, nosso querido e admirado Prof. José Sant'anna.

Olímpia, 04 de agosto de 1984.

a) *Ivo Martins Cambuí*

Texto lido no dia 13/8/1984, durante a abertura do II Ciclo de Palestras sobre Folclorística, realizado na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno". Na ocasião foi entregue ao Prof. José Sant'anna pelos garotos Rogério e Anali (de Oliveira) uma placa de prata, pelos 20 Anos de Festival, iniciativa da Prof.<sup>a</sup> Cidinha Manzolli e do Prof. Ivo Cambuí.

## SOMBRA QUE VIVE





Dr. Alfonso Lopes Ferraz nasceu em Barra Bonita — SP em 30 de maio de 1925. Formou-se médico pela Faculdade da Praia Vermelha — RJ, em 1950. Passando a residir, definitivamente, em Olímpia, casou-se com a Prof.<sup>a</sup> Djalva Trondi, em 1952, advindo-lhes três filhos: Solange, Alfonso e Icila Maria. Foi vereador da Câmara Municipal de Olímpia (1960-1963). Reeito vereador, foi presidente da mesa de 1964 a 1966. Com o falecimento do prefeito Paschoal Lamana, foi nomeado interventor do Município, no período de 16/12/1966 a 31/1/1969. Foi eleito prefeito do Município para a gestão de 1973-1976.

Na qualidade de interventor do Município, numa demonstração simpática de verdadeiro patriotismo, galgou o merecido conceito de um digno e leal administrador, apoiando e preservando a cultura folclórica através dos nossos Festivais (1967, 1968 e 1969), renovando, com entusiasmo, a mesma colaboração, como prefeito eleito (1973, 1974, 1975 e 1976), numa atitude de muito amor à cidade.

A Comissão que realiza o Festival do Folclore, com a alma envolta no misticismo mais profundo, voa, nas asas da oração, até a presença de Deus, para agradecer o convívio que tivemos com o Dr. Alfonso: médico caridoso, prefeito educado, homem honesto. O céu lhe deu a vida, o céu lhe dê felicidades. A morte não é o fim, mas sim o começo de vida mais agradável e compensadora das virtudes.

Uma lembrança feliz, uma feliz lembrança, é o que de tudo fica entre nós.

## VIAJANDO PELO NORDESTE

José Sant'anna

De 4 a 6 de janeiro realizou-se na cidade de Laranjeiras — SE, o X Encontro Cultural, cujo tema central foi "Conto Popular", abrangendo Manifestações Folclóricas, Mostras, Festejos de São Benedito, Simpósio e Feira Livre, promoção do Governo do Estado, MEC/FUNARTE e Prefeitura Municipal da cidade. Para tal evento fomos convidados e lá estivemos.

Localizada a 22 km de Aracaju, Laranjeiras conserva tradições culturais ligadas ao ciclo da cana-de-açúcar e é ponto de atração turística, com seus famosos contadores de histórias (estórias de Trancoso), seu rico artesanato e manifestações folclóricas.

Lá estivemos por três dias — Antônio Clemêncio da Silva (Toninho) e eu; tivemos a felicidade de ver e participar de festejos jamais imaginados pela grande maioria dos brasileiros. Assistimos à apresentação de danças e folguedos, tais como: *Taieira*, *Cacumbi*, *Lambe-Sujo*, *Zabumba*, *Chegança*, *São Gonçalo*, *Cavallhada*, *Reisado*, *Bacamarteiros*, *Parafuso*, *Guerreiro*, *Samba de Coco*, *Batalhão*. Magníficos espetáculos. O que mais nos chamou a atenção, pelo inédito, foi o fato de os Festejos de São Benedito envolverem a tradição religiosa da Chegada dos Reis Magos.

Em Laranjeiras hospedados pelo Prefeito Municipal, Sr. José Monteiro Sobral, pudemos sentir o clima hospitaleiro que caracteriza o nordestino. Participamos de todos os eventos culturais e as solenidades culminaram com os Festejos de São Benedito, quando se homenageavam os Santos Reis.

No dia 6, na parte da manhã, a convite do vereador de Carmópolis, Sr. Ildefonso Cruz Oliveira, fomos assistir à festa de *Japarutuba* — festejos de São Benedito, em louvor aos Santos Reis. Apresentaram-se, durante os festejos, três grupos de *Guerreiros*, um de *Xangô*, um de *Taieiras*, um de *Maracatu* e um *Batalhão*. Todos os componentes dos grupos e a população em geral, com sua vestimenta apropriada, acompanharam a procissão e a missa, rezada pelo Bispo da Diocese e diversos sacerdo-

tes. Somente depois das cerimônias religiosas, os grupos folclóricos deram seu espetáculo de rara beleza e colorido, em praça pública. Além da perfeição das danças e folguedos, algo que jamais esqueceremos, foi a "Guerra das Cabacinhas" — toda a população "lutando" com cabacinhas de parafina, cheias de água. Nós, desconhecendo o costume, estávamos desarmados e levamos "peia", isto é, apanhamos sem poder revidar. A fuga para o carro foi nossa salvação.

Regressando, ainda de manhã, passamos pelo povoado de *Aguada*, também em festa e lá vimos as evoluções dos famosos Bacamarteiros sergipanos.

No dia 7 fomos para Maceió — AL para um dia de descanso.

No dia 8 visitamos, graças ao Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos, membro do Conselho Estadual de Cultura de Alagoas, a cidade de Chã-Preta (que já trouxe para Olímpia grupo folclórico que deixou saudades), cidade da qual somos, com muito orgulho, *cidadãos honorários*. Lá fomos recepcionados no "Engenho Bonsucesso", do Sr. Eudálio Holanda.

Estivemos em Capela, de onde nos trasladamos para a "Fazenda Bento Moreira", município da Boca da Mata e nossa surpresa foi grande. O casal, Jorge Tenório Maia e D. Maria Nazareth Maynarte Tenório, proprietários da belíssima e rica fazenda, demonstrou que ali estão os verdadeiros esteios da preservação do folclore alagoano. Homenagearam Olímpia como Capital Nacional do Folclore apresentando, com elementos da própria fazenda, folguedos de rara beleza. Vimos grupos de *Taieiras*, *Baianas*, *Coco-de-roda* e *Reisado*. Na cidade de Capela tivemos o prazer de assistir à apresentação de um dos mais ricos e belos *Pastoris* alagoanos ou, talvez, o mais belo Pastoril que o Brasil preservou.

No dia 9 seguimos para Fortaleza — CE, onde ficamos até o dia 19, visitando museus, casas antigas que foram tombadas, recantos históricos, estudando o rico artesanato cearense, hóspedes da Prof.<sup>a</sup> Myriam Câmara Pereira Lopes. Assistimos à apresentação de grupos folclóricos e de grupos Parafolclóricos do SESI que tão bem conhecemos e a quem respeitamos. Tivemos oportunidade de visitar a casa de Juvenal Galeno e a de José de Alencar, Pinacoteca e Museu de Mecejana.

Foi perfeita a viagem para o Nordeste; nossos objetivos foram atingidos e oxalá encontremos novas oportunidades de rever aquela gente hospitaleira, tradicionalista e verdadeiro repositório da cultura popular brasileira, do folclore brasileiro.

Para demonstrar nossos agradecimentos pela simpatia com que nos receberam, apresentamos às autoridades das cidades nordestinas visitadas, requerimentos de aplausos pelo acendrado amor que devotam às gentes e às coisas do Brasil.

## ARTESANATO DE OLÍMPIA NO ANHEMBI

Sob inspiração da primeira dama do Estado de São Paulo, D. Lucy Montoro, realizou-se, no mês de maio, de 7 a 11, a 1.<sup>a</sup> Feira do Artesanato paulista. Foi, como era de se esperar, um autêntico sucesso, quer em termos de frequência popular, quanto em termos financeiros, desde que a mostra objetivava angariar fundos para serviços assistenciais.

Olímpia, como grande número de cidades paulistas lá compareceu, com a presença dinâmica de D. Zuleira Zangirolami e seus ideais voltados para o FOSAC (Fundação Olimpiense de Serviços Assistenciais e Comunitários), interligado ao Fundo Social de Solidariedade. O estande olimpiense, colocado bem ao fundo do amplo salão, perto do palco, revelou-se, de pronto, atração, por apresentar peças riquíssimas de puro artesanato. Eram



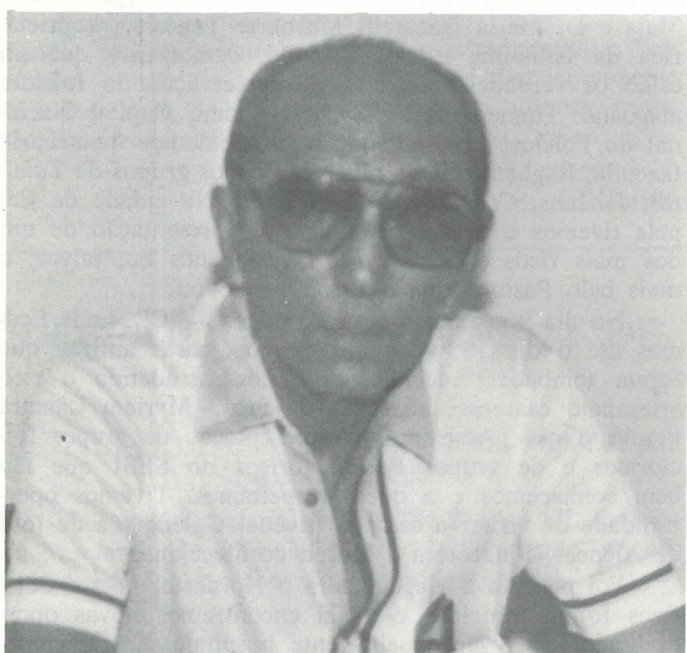
finos trabalhos rendados, colchas e jogos de belo crochê e tricô, ricos panos de copa e cozinha, bonecas, peças de cerâmica, corda, etc... Não é preciso ressaltar que foi um sucesso e que os objetivos das primeiras damas foram alcançados. Parabéns a D. Zuleica e a todas as senhoras que lá estiveram, expostas ao frio e ao vento, à chuva, num elevado espírito de solidariedade e amor aos carentes.

O Grupo Parafolclórico, liderado por Cidinha Manzolli e Jônatas, seu filho, deu um magnífico espetáculo de danças brasileiras, num esfusante colorido dos trajes das belas meninas e garbosos jovens. Os aplausos foram calorosos e, posso afirmar, por alguns instantes a "Feira" parou para ver nossas crianças dançando.

Parabéns a vocês todos!

## REGISTRO

### FOLCLORISTA VERÍSSIMO DE MELO



Nasceu em Natal (9/7/1921), RN. Estudou no Ateneu Norte-Rio-Grandense e no Colégio Universitário, no Rio de Janeiro. Tendo feito o primeiro ano de Direito, na PUC, no Rio, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife, onde se formou na turma de 1948. Foi juiz municipal em Natal, durante dez anos, ingressando como professor de Etnografia do Brasil, na antiga Faculdade de Filosofia de Natal. Fundada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi o primeiro professor de Antropologia Cultural, tendo fundado, juntamente com outros professores, o Instituto de Antropologia da UFRN, hoje Museu "Câmara Cascudo", do qual é atualmente diretor.

Veríssimo de Melo escreve há mais de trinta anos em todos os jornais de Natal e tem colaborado, no Recife, no "Diário de Pernambuco" e atualmente colabora no "Jornal do Comércio" da capital pernambucana.

É autor de numerosos livros e plaquetes, entre os quais destacamos: *"Folclore Infantil"*, reunindo ensaios sobre cantigas de ninar, adivinhações, jogos populares, parlendas e cantigas de roda. No campo do folclore, publicou ainda *"Superstições de São João"*, *"Gestos Populares"*, *"Cantador de Viola"*, *"Contos Populares do Brasil"*, etc., etc.

Veríssimo de Melo é discípulo de Luís da Câmara Cascudo e tem desenvolvido, no Rio Grande do Norte e Estados vizinhos, larga atividade cultural, proferindo

palestras, ministrando aulas, colaborando em revistas e jornais do Nordeste.

É detentor de várias medalhas culturais, entre elas a Medalha "Imperatriz Leopoldina", do Instituto Histórico de São Paulo, a Medalha "Alberto Maranhão", do Governo do Rio Grande do Norte, e a Medalha "Acyliano de Leão", do Conselho Estadual de Cultura do Pará.

Participou do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, em 1951 e representou o Brasil, ao lado de outros folcloristas, no 1.º Congresso Ibero-Americano de Folclore, realizado na cidade de Santiago del Estero, na Argentina. Visitou dezenas de museus norte-americanos, atendendo convite do embaixador norte-americano no Brasil, em 1967. Redigiu o texto sobre Contos Populares do Brasil para a Enciclopédia *des Marchen*, publicada em Berlim-Nova Iorque.

Pertence a inúmeras academias de letras e institutos históricos de mais de duas dezenas de Estados brasileiros, além de instituições de cultura ligadas ao folclore na Espanha, Argentina, Peru, México, etc.

É atualmente presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, pertencendo, ainda, aos quadros da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Entre os seus livros mais recentes, lembramos *"Humanismo e Tradição"*, reunindo ensaios e conferências pronunciados em instituições do Nordeste; *"Patronos e Acadêmicos"*, síntese da história e dos membros da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras; e *"Folclore do Rio Grande do Norte"*, publicado na série sobre "Folclore Brasileiro" do Instituto Nacional do Folclore.

Acrescentamos que o eminente professor Veríssimo de Melo, além de amigo e admirador do folclorista José Sant'anna, tem prestado relevantes serviços aos nossos trabalhos escritos sobre o folclore brasileiro, com esclarecimentos e oportunas observações, além de colaborar entusiasticamente para o maior brilhantismo dos festivais olímpicos.

Veríssimo de Melo, altamente conceituado nos meios culturais nacionais e internacionais tem, nos corações olímpicos, um lugar de destaque. Oxalá o tenhamos entre nós, em breve, para uma palestra ou para um simples bate-papo informal, o que só viria aumentar aquilo que já sabemos sobre Folclore, o que já conhecemos sobre Brasil e brasilidade.

Nossos respeitos ao emérito professor, jornalista, escritor e folclorista de Natal — RN e ao seu amigo, professor, folclorista, comendador, Dr. José Sant'anna.

## 1985 — ANO NACIONAL DA CULTURA

A massificação da cultura, através dos meios de comunicação, está aos poucos fazendo desaparecer suas manifestações mais autênticas, aquelas que tornam o homem dinâmico, senhor do seu destino, consciente da realidade que o cerca. A imposição de modelos importados, principalmente através da televisão, sufoca a cultura regional, criando uma uniformidade maléfica para todos nós. A realização do 21.º FEFOL, quando se comemora o Ano Nacional da Cultura, é uma boa oportunidade para analisar a cultura popular, que tem um caráter de resistência à dominação.

## 1985 — ANO DA JUVENTUDE

A ONU escolheu 1985 como o Ano Internacional da Juventude com três lemas: participação, desenvolvimento e paz.



É tarefa dos homens maduros, mas é também ofício dos jovens mesmos, que na ânsia de buscarem as verdades que estão embutidas nas coisas e nos fatos comuns, devem perseguir a paz, o amor e a justiça, que são fundamentos éticos da existência.

Por isso depositamos na juventude de Olímpia toda a nossa credibilidade para que ela esteja segura a respeito de sua potencialidade e ampare o Festival de Folclore, para não deixá-lo cair.

## AGRADECIMENTOS

A Comissão do FEFOL vem, com todo respeito, agradecer às seguintes pessoas ou entidades que, de um modo ou de outro, colaboraram e colaboram para o maior brilhantismo dos festivais de agosto sabendo, porém, ficarem muitos no anonimato, por falta de espaço e... porque "esquecer é próprio do ser humano":

1 — Grupo Parafolclórico do SESI — CE que, por toda uma semana encantou a todos que foram ao Centro Comunitário.

2 — Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli e grupo de danças parafolclóricas pelo magnífico desempenho perante o público, bem como através da televisão e atuação em inúmeras cidades brasileiras.

3 — Prof.<sup>a</sup> Antonia Maria de Camargo e Delegacia de Ensino de Olímpia pela participação efetiva no festival, através de curso bem orientado sobre Folclore, fazendo retrospectiva sobre festivais anteriores, teatro, dramatizações, maratona folclórica, pesquisas, estudo sobre plantas e seu uso popular.

4 — Prefeito Wilson Zangirolami e D. Zuleica, primeira dama, por todo esforço dispendido durante o 20.º FEFOL bem como pelo incansável trabalho junto a grupos folclóricos e recepção a muitos.

5 — Zeca Scura, pelo magistral e luxuoso desfile de fantasias, parte muito apreciada no FEFOL.

6 — Rádios locais — Difusora de Olímpia e Me-nina S. A. pela ampla cobertura dada ao 20.º FEFOL.

7 — Maria Jesus de Miranda por seu eficiente trabalho junto aos grupos, desde a confecção de trajes à alimentação e alojamento.

8 — Destacamento Policial e Tiro de Guerra pela manutenção da ordem no recinto do festival, no estacionamento, no desfile final.

9 — Grupos que compareceram, às suas expensas, com o fim único de incentivar o prof. José Sant'anna e a cidade de Olímpia.

10 — Pessoas que contribuíram com frutas, leite e outros alimentos para grupos presentes.

11 — Prof. Ivo Cambuí, SENAC e SESC pela atuação constante na Casa da Cultura, durante a semana do 20.º FEFOL, responsável pela exposição de artesanato lá apresentada.

12 — Escolas Estaduais de 1.º e 2.º Graus que permitiram alojamento a grupos folclóricos e ornamentaram belíssimos carros alegóricos.

13 — Comerciante Sílvio Luís Bachega por sua preciosa colaboração quanto ao alojamento de grupos folclóricos.

14 — Comércio e Indústria olimpienses pela colaboração incontestada e participação no desfile final.

15 — Gilberto Schalch por sua espontânea colaboração na difícil arte culinária, cozinhando para grupos folclóricos.

16 — Vereador Vanderley Dario Forti, "cozinheiro" nato que aos grupos agradou e à equipe de auxiliares femininas que deu o toque final na alimentação dos grupos.

17 — Centro Gráfica, responsável pelo opúsculo "Conjunto Folclórico do SESI" — Fortaleza — CE, com comentários do Prof. José Sant'anna (págs. 8-19) sobre a música Assum-Preto.

18 — Secretarias do Estado de São Paulo: do Trabalho, do Interior, do Turismo e da Cultura pela cobertura que dão aos festivais olimpienses, pelo estímulo e apoio constantes ao FEFOL.

## AGRADECIMENTO AO BRADESCO

A Comissão Executiva do Festival do Folclore visitou, a convite de sua Diretoria, a Organização BRADESCO, no dia 29 de maio deste ano.

A Cidade de Deus — sede da Organização — em Osasco, apresenta uma paisagem admirável, cuja impressão ficará eternamente gravada em nossa memória, como a reminiscência agradável de um sonho de fantasia. Seu aspecto é risonho, agradável e bonito acima de tudo. É um dos painéis sublimes que o engenho humano traçou para mostrar a todos a grandeza de suas criações, onde a vida é muito ativa, próspera e florescente.

Agradável e franco é o tratamento de seus dirigentes: amigos e confiantes, sinceros, respeitadores e comunicativos, cujo trato seduz e encanta, provando que a polidez é uma das formas mais delicadas de expressarem a consideração pelos semelhantes. Úteis e agradáveis a todos, emitem pensamentos de bondade para aqueles que os cercam.

Os visitantes se demoram horas inteiras, a contemplar, cheios de admiração, a mais perfeita organização bancária da América Latina, que a todos deslumbra pelo progresso que vem desenvolvendo com muita eficácia.

O Brasil inteiro, o Estado de São Paulo e nele a cidade de Olímpia principalmente, se orgulham da Organização BRADESCO, não só pelas suas grandiosas realizações, como pelos elementos de prosperidade que contém em si.

Justo é que se faça especial menção à Diretoria do BRADESCO e aos integrantes de sua Gerência de Marketing — possantes soldados de defesa da cultura folclórica — que com denodo e abnegação honram as tradições deste ingente País.

Sem a ajuda e disposições bradesquinas o Festival do Folclore de Olímpia perderia, em muito, o seu brilho, porque deram a essa grande obra todo o calor do seu coração e toda a vibração do seu entusiasmo, forrando, com seu apoio, o chão abençoado de nossa cidade, por onde desfilam os folguedos folclóricos brasileiros.

O BRADESCO traz-nos com sua presença o concurso de sua solidariedade e da sua simpatia para honra e glória do nosso Festival. Devemo-lo, sobretudo, à serenidade, à cultura e à retidão do espírito liberal dessa preclara administração bancária, que nos trouxe um ambiente de paz, de segurança e de demonstração de respeito à sabedoria popular.

Deixamos transcorrer os melhores anos da existência, sem tempo para apreciarmos outros encantos que nos rodeiam, a sacrificar-nos por um ideal. Nunca pretendemos ir além de nossas forças e inteligência nos empreendimentos para evitarmos o fracasso.

Por isso, não poderíamos terminar, sem faltar ao cumprimento de um dever, se deixássemos de consignar, neste Anuário, os inestimáveis serviços prestados pelo



Banco Brasileiro de Descontos no desempenho de sua atuação.

A gratidão é um dos sentimentos raros neste mundo imperfeito. Mas nós somos gratos pela participação e integração do BRADESCO na promoção do 21.º Festival do Folclore de Olímpia, realizado no período de 11 a 18 de agosto, da qual resta a evidência, para todos nós, de que essa organização bancária efetivamente foi parte, e parte importante, das festividades deste ano. Não nos referimos apenas aos aspectos promocionais que antecederam ao Festival e à divulgação desse evento que já possui âmbito nacional, mas também ao próprio desenrolar da festa, integrando-se o BRADESCO, juntamente com a população local e com os visitantes provindos de

todas as regiões do País, no esforço comum para o retumbante sucesso.

Difícil se torna descrever o compromisso de gratidão que devotamos ao querido BRADESCO.

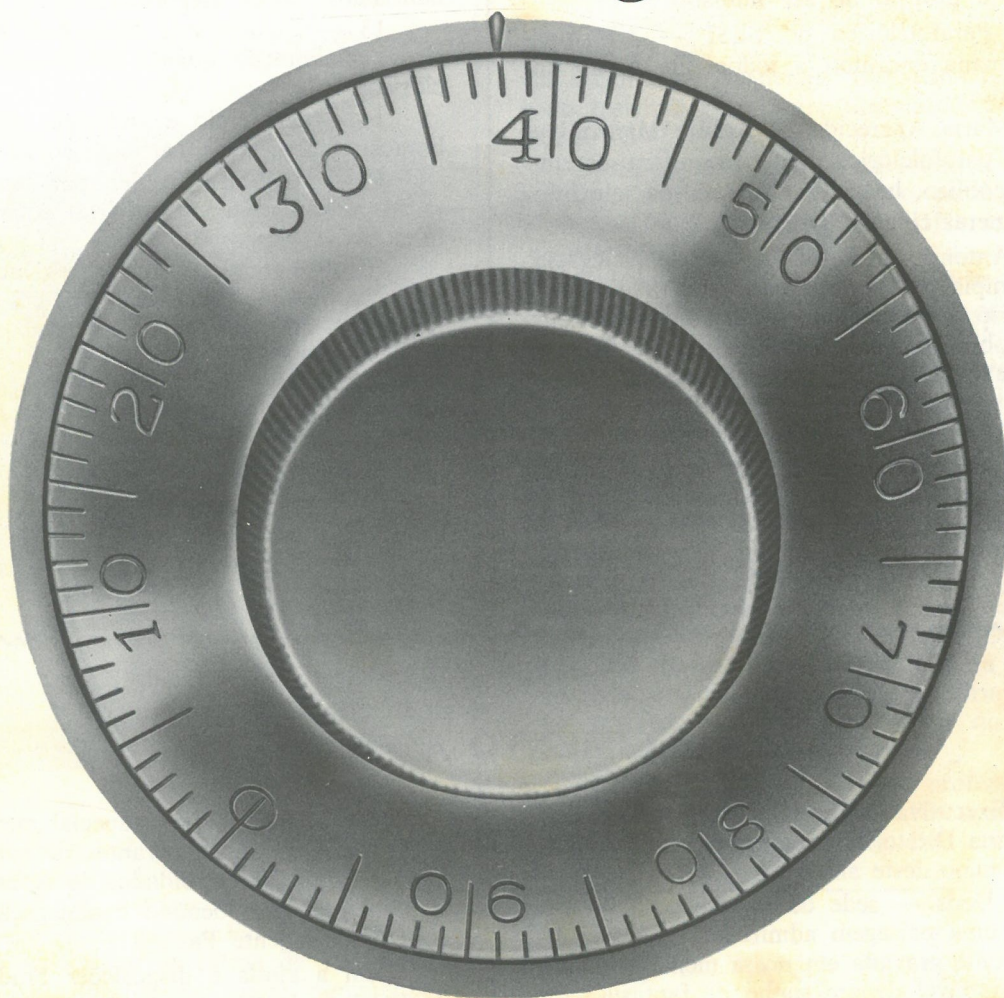
Olímpia, 22 de agosto (Dia do Folclore) de 1985

WILSON ZANGIROLAMI  
— Prefeito —

JOSÉ SANT'ANNA  
— Coordenador —

JOSÉ FERNANDO RIZZATTI  
— Presidente —

## Qual é o segredo?



**O segredo é poupar.  
Caderneta de poupança  
Bradesco.**

Seu bom negócio de todo dia.

# BRADESCO



# BRADESCO

## *Sempre com Você*

Para o Bradesco, você é o que existe de mais importante. Por isso o Bradesco tem tudo o que você precisa de um banco. Tem todos os serviços, mais de 1.700 agências em todo o Brasil. E o Cartão Bradesco Instantâneo que torna você cliente de todas as Agências Bradesco Instantâneo, do Banco Dia e Noite e paga suas compras através do Telecompras.

O Bradesco tem mais de 130 mil funcionários trabalhando para você e um atendimento cheio de calor humano.

Por isso o Bradesco está sempre com você. Deposite no Bradesco. E receba em troca tudo o que um banco pode fazer de melhor.

398

19329

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

Revista do

310. Festiva

39

39

18356



Folclore: Um pouco  
da nossa terra  
e nossa gente.



**BRADESCO**  
o banco brasileiro